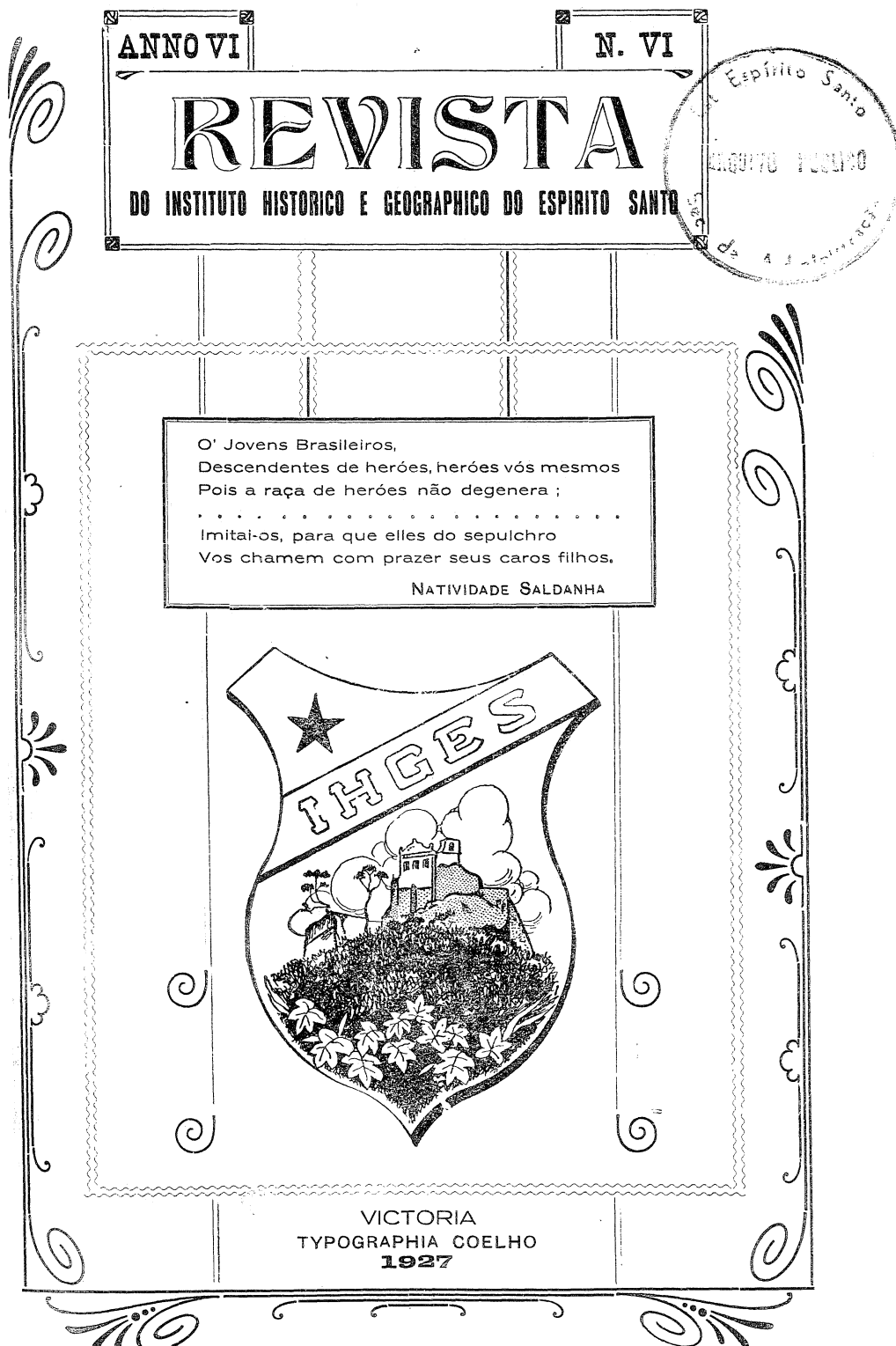




GLORIA AO HEROI



DOMINGOS JOSÉ MARTINS

O Patrono do Instituto



Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia

O que foi o scientifico certamen

Sob os auspícios do Governo do Estado e do Instituto Historico do Espirito Santo, reuniu-se, de 24 a 30 de novembro do anno passado, nesta Capital, o Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, consoante fôra accordado, quando do Setimo Congresso, no Estado da Parahyba.

Cabendo a presidencia de honra, do Congresso, ao dr. Florentino Avidos, Presidente do Estado, s. exa. procurou dar ao Instituto todo o apoio moral necessario, afim de que á reunião do scientifico certamen não faltasse o brilho preciso para maior realce do nome do Espirito Santo.

A Commissão Organizadora, composta: Presidente, desembargador Carlos Xavier; vice-presidente, dr. Antonio Francisco de Athayde; secretario geral, dr. Arthur Lourenço de Araujo Primo; 1.º secretario, dr. Marcondes A. de Souza Junior; 2.º secretario, professor Heraclito A. Pereira e thesoureiro, dr. Arnulpho Mattos, foi incansavel, cercando de verdadeiro carinho a organização do programma que foi executado.

A Commissão Technica, composta: Presidente, dr. Archimimo Mattos; vice-presidente, dr. Alarico de Freitas; 1.º secretario, pharmaceutico Adolfo Fraga e 2.º secretario, capitão dr. Octavio Araujo, tudo envidou para que os trabalhos do Oitavo Congresso alcançassem o brilhante exito que logrou.

Deliberou essa Commissão que pertencessem a Commissão Geral, por parte do Instituto, todos os socios aqui domiciliados das categorias — Fundadores e Effectivos — e mais os — Honorarios e Correspondentes — que concorressem com theses ao Congresso.

O programma das festas

Em conferencia do desembargador Carlos Xavier com o exmo. sr. Presidente Florentino Avidos ficou combinado o seguinte programma para as festas do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.

24 de novembro — Quarta-feira

8 horas. — Passeio pela bahia e visita ás Obras do Porto, Hospital de Isolamento, ao Reservatorio do Abastecimento d'agua e Itaquary

13 horas. — Sessão solenne de abertura do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, presidida pelo exmo. sr. Presidente do Estado. Falarão o presidente da Commisão Organizadora e oradores inscriptos.

25 de novembro — Quinta-feira

9 horas. — Sessão plenaria de eleição da mesa e das Commisões, no Palacio do Congresso Legislativo. — Trabalhos das Commisões.

13 horas. — Assistencia á inauguração do Mercado Publico e do edificio do «Grupo Escolar».

13 ½ — Inauguração da Exposição Estadual, na Avenida Capichaba.

15 ½ — Visita á Fabrica de Tecidos.

20 ½ — Recepção em Palacio, em homenagem aos Congressistas.

26 de novembro — Sexta-feira

8 horas — Passeio de automovel á Praia Comprida.

13 horas — Trabalhos das Commisões.

14 horas — Visita ao tumulo de Anchieta, onde falarão os drs. Aristoteles da Silva Santos e Misael Seixas.

14 ½. — Visita ao Tribunal Superior de Justiça, ao Forum, ao Juizo Federal, aos Collegios, Imprensa, Bibliotheca e Archivo Publico.

19 horas. — Cinema com fitas locais em homenagem aos Congressistas.

27 de novembro — Sabbado

8 horas. — Visita á Gruta Pedro Palacio e ao Convento. Falará o dr. Carlos Xavier.

13 horas. — Visita á Piratininga e á Penitenciaria, onde falará o dr. Archimimo Mattos.

19 horas. — Trabalho das Commisões. — Festa na Escola Normal. — Falará o dr. Arnulpho Mattos.

22 horas. — Baile no Club Victoria.

28 de novembro — Domingo

13 horas. — Sessão preparatoria do Congresso de Esperanto. Eleição e posse da Directoria.

15 horas. — Inauguração do Jardim de Palacio e da Praça Costa Pereira. Visita ao Parque Moscoso.

19 ½. — Sessão no Instituto, em homenagem aos Congressistas. — Falará o dr. Alarico de Freitas.

20 ½. — Trabalhos das Commisões.

29 de novembro — Segunda-feira

8 ½. — Visita á Serra.

13 horas. — Sessão plenaria do Congresso de Geographia. — Approvação de moções.

20 horas. — Banquete em Palacio, em homenagem aos Congressistas.

30 de novembro — Terça-feira

8 horas. — Visita á Santa Casa e aos Orphanatos.

10 horas. — Trabalhos das Comissões.

13 horas. — Sessão solenne de encerramento do Congresso de Geographia, presidida pelo sr. Presidente do Estado. Falarão o dr. Archimimo Mattos e o Presidente do Congresso de Geographia.

16 horas. — Palestra de 15 minutos em Esperanto e Portuguez.

20 horas. — Colação de gráo na «Escola Normal Pedro II».

*Theses apresentadas para aprovação do 8º. Congresso
de Geographia*

- 1 — Feriados do Brasil. — 3 volumes: — Carlos Xavier.
- 2 — O Territorio do Espirito Santo: — Carlos Xavier.
- 3 — O Ensino de Historia: — Carlos Xavier.
- 4 — Apontamentos historicos, geographicos do Espirito Santo: — Carlos Xavier.
- 5 — Resumo geographico e historico do municipio do Rio Formoso: — Carlos Xavier.
- 6 — Historia da propaganda republicana no Espirito Santo: — Desembargador Affonso Claudio.
- 7 — Factores Geographicos da autonomia Nacional: — Thomaz Pompeu Sobrinho.
- 8 — A Amazonia, das grandes possibilidades e infinita grandeza: — Candido Costa.
- 9 — Geographia economica, commercial, agricola e industrial: — Marcilio de Lacerda.
- 10 — As raias do Matto Grosso: — V. Corrêa Filho.
- 11 — Hydrographia fluvial do Espirito Santo: — Lima Campos.
- 12 — O uso dos metaes na America prehistorica: — Dr. Carlos Studart Filho.
- 13 — Contribuição para o estudo do conceito de limites e fronteira: — Padre Geraldo Pausrels.
- 14 — Duas Geographias: — Padre Geraldo Pausrels.
- 15 — O conceito da região natural e uma tentativa de estabelecer as regiões naturaes do Brasil: — Padre Geraldo Pausrels.
- 16 — Itamaracá: — Mario Mélo.
- 17 — Cariacica: — C. Schwab.
- 18 — Linhares: — Joaquim Castro.
- 19 — O Jalapão: — Urbino Vianna.
- 20 — Historiographia do municipio de Santa Cruz: — Bittencourt Junior.
- 21 — O Busio encantado: — Elpidio Pimentel.
- 22 — O municipio de Ourem: — Palma Muniz.
- 23 — Questões de limites do Amazonas — Pará: — Palma Muniz.
- 24 — Delimitação Obidos — Alenquer: — Palma Muniz.
- 25 — O municipio de Parintins: — Palma Muniz.
- 26 — O Ensino Primario no Brasil: — Carolina Pickler.
- 27 — O Problema da siderurgia nacional: — Nelson Senna.
- 28 — Reforma do systema tributario mineiro: — Nelson Senna.

- 29 — A Terra Mineira: — Nelson Senna.
- 30 — Um nome para a futura Capital: — Moreno Brandão.
- 31 — Recordações mineiras: — João Duarte.
- 32 — A vida de Januario Garcia: — José Teixeira de Meyrelles.
- 33 — A divisão territorial do Brasil e sua importancia no ponto de vista da Unidade Nacional: — Ewerardo Backheuser.
- 34 — A theoria geopolitica da reimplantação das capitães. A Capital do Brasil: — Ewerardo Backheuser.
- 35 — Nota sobre o valor psycho social da toponymia, applicada ao caso brasileiro: — Ewerardo Backheuser.
- 36 — Rapidos traços da paisagem cultural e politica do Estado do Rio de Janeiro: — Ewerardo Backheuser.
- 37 — O hypertyroidismo: — Areobaldo Lellis.
- 38 — Estudo Geographico da Ilha da Trindade: — Roberto M. Costa Lima.
- 39 — A descoberta da America: — Antonio Athayde.
- 40 — Immigração e colonisação no Brasil e especialmente no Espirito Santo: — Araujo Aguirre.
- 41 — A Imprensa no Espirito Santo: — Heraclito Amancio Pereira.
- 42 — Geographia do Espirito Santo: — Carlos Mattos.
- 42 — Um capitulo da Geographia do Ceará: — Froes Abreu.
- 43 — Um capitulo da Geographia do Espirito Santo, Economia e Estatistica: — Dr. Archimimo Mattos.
- 44 — Modificações actuaes da superficie terrestre: — Heraclito Amancio Pereira.
- 45 — Factores Economicos do Espirito Santo, Economia e Estatistica. — Dr. Archimimo Mattos.
- 46 — Geographia e Historia do Estado do Espirito Santo, do professor Amancio Pereira (fallecido) offerecido por seu filho Heraclito Pereira.
- 47 — Almanak do Estado do Espirito Santo: — 1918 — 1919, item.
- 48 — Homens e Cousas Espirito-santenses, item.
- 49 — O Parnahiba no Maranhão: — Desembargador Benedicto de Barros e Vasconcellos.
- 50 — Cruzeiros do Mar: — Dr. Misael Seixas.
- 51 — Revolvendo o passado: — Vasco Coitinho — o desventurado; Espirito Santo — Um erro de nossos historiographos; Linhares — a rainha; Capitães-mores, duvidas que desaparecem; A Ilha de Santo Antonio — Coitinho calumniado: — Dr. Aristoteles da Silva Santos.
- 52 — Os municipios de Tijucas e Nova Trento: — Pelo congressista almirante Henrique Boiteux.
- 53 — A Ilha de Santa Catharina: — Pelo Desembargador José Boiteux.
- 54 — O municipio de S. Bento e a Nesographia de Santa Catharina: — Pelo Capitão de corveta Lucas Boiteux.

Sessão solenne de installação do Congresso

A's 12 horas começaram a chegar ao Theatro Carlos Gomes os Congressistas e convidados para a solenne sessão de installação do Congresso, os quaes iam sendo recebidos e localizados pela respectiva comissão.

O theatro apresentava um aspecto magnifico, caprichosamente ornamentado e se achava literalmente cheio de familias e cavalheiros de todas as classes sociaes.

A sessão foi presidida pelo exmo. sr. dr. Florentino Avidos, Presidente do Estado, ladeado pelos srs. d. Benedicto Paulo Alves de Souza, bispo diocesano e general Candido Rondon, representante do Ministerio da Guerra e a seguir os srs. cel. Eugenio Pinto Netto, vice-Presidente do Estado; dr. Antonio Athayde, d. Manoel Gomes de Oliveira, bispo de Goyaz; desembargador Carlos Xavier Paes Barretto, dr. Arthur Primo, dr. Marcondes Junior, presidente e secretarios da Comissão Organizadora do Congresso de Geographia; desembargador Lopes Ribeiro, secretario do Interior; cel. Alziro Vianna, secretario da Fazenda; dr. Ubaldo Ramalhetes Maia, secretario da Instrucção; dr. Bemvindo de Novaes, secretario da Agricultura; dr. Aristeu Aguiar, secretario da Presidencia; dr. Mirabeau Pimentel, procurador geral do Estado; dr. Alarico de Freitas, orador official do Instituto Historico e Geographico do Estado.

Discurso do Presidente Florentino Avidos

O sr. Presidente do Estado dr. Florentino Avidos, ao abrir a sessão proferiu o seguinte discurso.

“O Governo do Estado vem trazer a expressão de seus applausos, os sentimentos de sua solidariedade, ao 8.º Congresso Brasileiro de Geographia, que, sob tão bons auspícios, ora se installa.

O Estado do Espirito Santo considera uma obra de verdadeiro patriotismo esse certamen, em que congregamos os valores dos outros Estados do Brasil, para o estudo e a divulgação da geographia nacional. Além da honra de hospedar aqui os embaixadores do talento brasileiro, nesse congregarmento de idéas, concorreremos para o engrandecimento da patria, com o estudo do Brasil, que, debaixo de varios aspectos, ainda é desconhecido de nós mesmos.

E o nosso Estado srs., como uma das mais antigas capitánias,

entra tambem com o seu modesto, mas efficiente concurso, para o estudo de nossas glorias passadas e os elementos actuaes, para um futuro promissor.

Vós vos encontraes, srs. Congressistas, na vetusta donatária de Vasco Fernandes Coutinho, sobre a qual, em 1551, dizia Affonso Braz: "é esta terra onde eu presente estou, a melhor e mais fértil do Brasil."

Aqui foi o berço da literatura nacional, porque o mais antigo poeta do Brasil — José de Anchieta — escreveu no Espirito Santo, a melhor de suas obras.

Desta terra sahiu Ararigboia, á frente de seus índios, para a tomada de Villegaignon.

Nós concorremos para a defesa da integridade territorial com a expulsão de inglezes, francezes, hespanhoes e hollandezes.

Nas luctas internas não foi pequeno o contingente prestado na revolução de 17, na Confederação do Equador, nos combates em prol da independencia, na propaganda republicana e na campanha contra a escravidão.

E, sob o aspecto material, encontrareis aqui, tambem, a grandeza de nossas terras.

Srs. Congressistas: deixando a cargo do presidente da Comissão Organizadora a exposição dos fins da reunião para que nos achamos congregados, eu declaro installados os trabalhos do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, tendo a maior satisfação de, como cidadão e como Governo, commungar convosco nesta grande obra de confraternização e de futuro.

Está aberta a sessão."

Discurso do Desembargador Carlos Xavier

Em seguida s. exa. deu a palavra ao presidente da Comissão Organizadora do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, desembargador Carlos Xavier Paes Barretto, que pronunciou substancioso discurso, que callou bem no espirito dos srs. Congressistas e de todos os presentes.

Disse que desvanecido e civico orgulho sentia o Espirito Santo, reunindo, em sua Capital, os embaixadores da cultura dos Estados brasileiros. Mostrou a necessidade de sem quebra do amor á solidariedade humana, despertar, cada vez mais, o interesse pelos destinos nacionaes e conhecer o Brasil, sob o ponto de vista ethnico, politico, literario. Mostrou a superioridade do Brasil e a conveniencia dos centros scientificos que proporcionam aos estudiosos do Paiz o estimulo para o estudo da Geographia Nacional. Fez ver quaes os resultados dos Congressos Brasileiros de Geographia, anteriormente realizados e quaes os intentos do 8.º, ora reunido.

Dirigiu sua saudação aos representantes dos Estados ali presentes, destacando as glorias de cada um. Na pessoa dos respectivos delegados, dirigiu-se ao — Rio Negro majestoso, o paiz el dourado, para onde se alongaram os olhares cubiçosos de Pinzon, referindo-se ao suicidio de Ajuricaba, o stoicismo de Marahu e aos encantos de Pajema; ao Grão Pará, que obrigou Agassaiz e Martins, adherir, antes dos outros,

ás Cortes Constitucionaes e teve vultos como os Possidonios, B. Ventura Ferreira, os Vasconcellos e os heróes de Andorinha do Tejo; ao Maranhão, ninho de historiadores, jornalistas e poetas e terra onde os Sampaio e os Bechiman deram a vida pela liberdade, — ao Piahy, das scenas de Oeiras e da resistencia contra Fidié, — ao Ceará, de Alencar, Tristão, Rabello e Ibiapina, a terra da luz, — ao Rio Grande do Norte, dos Maranhões e Albuquerque antigos e os Augustos Sevéros actuaes, a terra de Miguelinho, — a Parahyba, do Quebra Kilos e Ronco das Abe-lhas, dos heróes de Cabedello, a Phelippéa dos hespanhoes e Fredericka dos hollandezes, — a Pernambuco, da Guerra Hollandeza e dos Mascates, da revolução de 17 e Confederação do Equador, a donataria da gente limpa de Duarte Coelho, — a Alagôas, de Mathias de Albuquerque, Floriano e Deodoro, — a Sergipe, dos Aperipés e Sumhy, da resistencia contra os Andréas e os Nassaus, — a Bahia, das scenas de Cabrito e Puapá, da Sabinada, terra de Paraguassú, Moema, Soror Angelica e Maria Quiteria, — ao Rio de Janeiro e Districto Federal, debaixo de cuja superioridade administrativa vemos, cujas glorias são nossas, berço de Mont'Alverne, Silva Jardim e Pedro II, — a Minas, notavel pela resistencia aos Assumares, Rezendes e Barbacenas, com seus Felippes dos Santos e Tiradentes, — a São Paulo, o leader dos bandeirantes, leader do imperio, leader nos destinos da Republica, — a Santa Catharina, a Jururemirim dos Carijós, berço de Annita Garibaldi, — ao Paraná, dos esforços de Gabriel de Lara, — a Matto Grosso, nobre no seu desbravamento na guerra do Paraguay, na Odysséa de Ricardo Franca, — a Goyaz, dos esforços de Sebastião Martins, terra reservada para a futura Capital, e — ao Rio Grande do Sul, valente para formar as reduções, para a defesa contra os hespanhoes e a revolução dos Farrapos.

Referiu-se aos srs. ministros que honraram o Congresso com a sua nobre representação, ao Instituto Historico Brasileiro e á Sociedade Brasileira de Geographia, ás aggremações scientificas e literarias e aos que passoalmente adheriram. Entregou aos Congressistas os destinos do Oitavo Congresso, esperando que dos trabalhos surgissem novo vigor, nova phase, novo estímulo para o conhecimento do corpo e da alma do Brasil: a Geographia e a Historia.

As suas ultimas palavras foram dirigidas em voto pela união do Brasil.

Discurso do Dr. Ewerardo Backheuser

Seguiu-se com a palavra o sr. dr. Ewerardo Backheuser, lente cathedratico da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e representante da Sociedade de Geographia Brasileira.

Preliminarmente, saudou á Commissão Organizadora do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, salientando, dentre os seus membros, o sr. desembargador Carlos Xavier que, na sua expressão, representava a alma do Congresso e incarnava o espirito de alta cultura a qual todos os representantes do Governo e sociedades scientificas re-

Ao illustre desembargador, por conseguinte, transmittia os agradecimentos de todos os Congressistas.

Falou depois o sympathico orador, da Sociedade de Geographia, da qual veiu como representante. As suas palavras foram, então, arroubadas, eloquentes, sinceras.

Referiu-se ao primeiro Congresso Geographico Brasileiro e disse que, em face do Oitavo Congresso de Geographia, ora reunido nesta Capital, não se poderia, absolutamente, desinteressar a Sociedade de Geographia, porquanto, foi nas suas salas venerandas, que nasceu e partiu a idéa que, no momento, vinda de poucos annos, interessa aos estudiosos de hoje.

E disse, entre outras cousas, o sr. dr. Ewerardo Backheuser :

«Ella não podia, absolutamente, desinteressar-se de tal assumpto.

Acompanhando o estudo da geographia, sciencia natural e social, na sua perfeita evolução, a Sociedade de Geographia visa, sobretudo, o progresso intellectual do paiz.

Mais adiante, o illustre cathedratico da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, referindo-se ao estudo da geographia, citou a phrase notavel de erudito scientista :

«O estudo da geographia resume-se em tres pontos principaes : «o solo, o clima e o homem.»

Repetiu, após algumas palavras brilhantes, a phrase de Penck : «o estudo da terra é o estudo da transformação da paisagem natural para a paisagem cultural».

Falou depois, do *homo geographicus*, após se ter referido, em termos eloquentissimos, á sciencia e ao estudo da geographia.

E disse, depois de outras referencias, que sentia que o verdadeiro *homo geographicus*, no nosso paiz, estava incarnado no engenheiro, aquelle, verdadeiramente, que traçava e construía, devastava e erguia, abrindo cidades, erguendo monumentos, levantando pontes, construindo estradas, devastando horizontes novos, realizando, em summa, uma obra de grandeza e de progresso.

Accentuou, então, o prazer que sentia ao ser informado de que o exmo. sr. dr. Florentino Avidos, Presidente do Estado, tambem era engenheiro.

Falou do começo da sua vida, em S. Felipe, neste Estado, dizendo que, naquellas mattas, naquelle tempo immenso cafezal, «bebera a sua primeira caneca de café e comera a sua primeira marmitta de feijão».

Proseguindo, disse que o «Espírito Santo é um pequeno Estado da Federação Brasileira, mas que isso nada importa, nada significa, porque, entre irmãos, não ha ricos, nem pobres».

Rememorou, então, a obra de colonização dos portuguezes, falando sobre a fé.

E affirmou, num dos seus arroubos maravilhosos de eloquencia :

«O que os estimulava, não era somente a ambição, ou melhor, não era a ambição de ganho, de interesses, de conquistas do seu paiz.

Era a fé, a fé que se não podia conter dentro dos estreitos limites do horizonte que circumdava a terra heroica de Portugal.

Eu admiro a alma portugueza, disse o dr. Ewerardo Backheuser — e admiro-a pela fé de que se possuiu, desejando propagar a religião

christã, envidando todos os sacrificios e pugnando pela propagação dessa fé, inspirada pelo espirito de Deus que eu peço e que eu espero que illumine o espirito de todos os deste Congresso de Geographia, para que realizem, assim, a maior grandeza, o maior progresso e o maior conceito e renome do Espirito Santo.»

Discurso do Desembargador José Boiteux

Logo após, o desembargador José Boiteux, representante de Santa Catharina, falou em nome dos Estados;

S. exa. pronunciou o seguinte discurso, que causou optima impressão :

«Exmo. sr. Presidente do Estado. Exmos. e revdms. srs. Bispos do Espirito Santo e de Goyaz. Exmos. srs. Presidente e membros da Comissão Organizadora do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia. Srs. Congressistas. Minhas senhoras. Meus Senhores.

Honrado, a poucas horas, com a distincta incumbencia de, em nome dos representantes dos Estados, exprimir, nesta grande assembléa, os sentimentos dos governadores que adheriram a este certamen scientifico — cellula de sciencia alliada ao crysol de patriotismo que a todos os anima —, os sentimentos que lhes vão nalma, sabendo da inauguração, nesta bella Capital, do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, eu me approximo de vós, meus illustres companheiros, como o portador de uma palavra desautorizada, mas quente e calorosa e vibrante, que a tanto me faz dizel-o o meu amor patrio, para significar-vos a profunda satisfação de todos elles por tão grato e auspicioso motivo.

Bemdita a hora em que, em 1903, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, com a reconhecida autoridade que lhe dava um quarto de seculo de estudos sobre os assumptos de sua especialidade, attinentes á nossa Patria, prestigiou, por uma enaltecedora unanimidade, a proposta do menos competente dos membros, no sentido de se organizarem os Congressos Brasileiros de Geographia.

Do primeiro partiu uma forte, e cada vez mais apreciada, corrente que vae ligando as unidades da nossa Patria commum, approximando os valores intellectuaes, que são bem um apreciavel patrimonio a enriquecer o paiz, cujo conhecimento é o escopo principal das nossas reuniões.

Sim, que como bem graphou uma das excellentemente aparadas pennas desta bella e florescente Capital, os trabalhos dos Congressos Brasileiros de Geographia, bem revelam uma série de estudos menos frequentados, menos communs que as vulgares inclinações nacionaes pelas coisas da intelligencia.

E para apoiar-me na autoridade de um distincto patricio, que no Ministerio das Relações Exteriores conquistou, a golpes de talento e de proficuo trabalho, logar de destaque, e que nos honra com a sua presença, representando aquelle importante departamento dos serviços da Republica, eu vos direi que as vantagens desses certamens são multiplas, porquanto promovem, alem de melhor o maior desenvolvimento das relações inter-estaduaes, a mais accentuada e intensa approximação intellectual de um Estado com outros centros do Brasil.

Meus senhores, representante do Estado de Santa Catharina, membro permanente de quantos Congressos Brasileiros de Geographia se têm promovido, e em nome dos demais da União, eu tenho a subida honra de saudar, ao lado do eminente Presidente desta linda e rica unidade da Federação, a benemerita Comissão Organizadora deste Oitavo Congresso, estendendo os meus cumprimentos a quantos aqui se congregam para uma obra de paz, de ordem, de união, pelo nosso estremecido Brasil, que queremos — e com que entusiasmo eu vos digo estas palavras, meus patricios, tal a certeza de que nos nossos peitos palpita o sagrado amor da Patria — Brasil que queremos cada vez mais unido, mais forte e, no concerto geral das Nações, cada vez mais querido pelos nobres, pelos elevados intuitos que o norteiam, quaes sejam o respeito a todos os direitos, a união e a fraternidade como labaro sagrado, envolvendo todas as Patrias.

Discurso do Dr. Honório Sylvestre

A seguir usou da palavra o dr. Honório Sylvestre, que proferiu o seguinte discurso :

«Exmo. sr. dr. Presidente do Estado do Espírito Santo. Exmos. srs. representantes Federaes. Exmos. srs. representantes dos Estados. Srs. membros da Comissão Organizadora. Srs. representantes das Associações Scientificas. Meus senhores e minhas senhoras

Quizeram a sorte e a ordem imperativa dos meus illustrados collegas do Congresso de Geographia que eu viesse falar neste momento augusto da vida mental do nosso caro Brasil, crystalizado nesta nobre assembléa de homens que se congregam num amplexo sincero, cortez e duradouro de confraternização.

Obedecendo, pois, a estas carinhosas intimativas que, somente o coração bondoso dos meus collegas de representação e a minha designação como delegado do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, poderiam ter influido na escolha, venho pois falar em nome das autoridades federaes, que souberam desde muito comprehender o alcance extraordinario, eminentemente patriotico, dos Congressos de Geographia que se têm reunido em diferentes capitães dos Estados da Federação.

Aos preclaros estadistas que têm dirigido os destinos levantados da Nação brasileira, não têm sido indifferentes os Congressos de Geographia, que têm tido a função de reunir num abraço fraternal todos os que na terra santa do Brasil estudam os assumptos pertinentes á Geographia.

Unil-os pelo trabalho util e fecundo fôra sem duvida a estrellá norteadora dos que em bôa hora organisaram estas reuniões de caracter elevado e que não se prende por nenhum élo aos interesses mesquinhos.

Trabalhadores modestos de todos os cantos são gigantes do pensamento e do saber, quando face a face com os operosos conhecedores de outras partes, porque com os seus trabalhos intellectuaes, com as suas documentadas monographias, com os seus livros exhaustivos sobre a geographia patria, concorrem para um me-

lhor e mais seguro conhecimento das nossas cousas, das nossas riquezas e das nossas possibilidades economicas.

Ha muito que ouço dizer que pouca cousa conhecemos da nossa terra. Ha quem diga que até ignoramos tudo.

Espiritos ponderados e reflectidos que somos é bem de ver que não batemos palmas aos espiritos exclusivistas, aos espiritos negativistas.

Já conhecemos muita cousa e precisamos conhecer mais, visto que o Brasil, grande como é, não podia se revelar num abrir e fechar d'olhos, num perpassar rapido e fugaz.

Devemos muito aos portuguezes, que desbravaram as nossas terras e firmaram sobre architectura solida e impecavel a base deste Brasil immenso, glorioso e de futuro incalculavel.

Devemos muito aos bandeirantes, que como continuadores das estradas bahianas nos ministraram conhecimentos seguros, quanto ao interior do Brasil, afastaram os hespanhoes das margens do Paraná e descobriram o ambicionado ouro e o fulgurante diamante nas terras tradicionaes das Minas Geraes.

Não podemos olvidar a obra dos abnegados jesuitas, que pela sua catechese tradicional trouxeram ao âmago das aldeias os indios senhores da terra, que, por uma fatal má comprehensão da oscillante época, estavam desprevenidos e á mercê da ambição desenfreada dos colonos agricolas, dos mineiros que de alvião em punho e a bateia rodopiante rompiam as terras virgens das montanhas agrestes ou lavavam a areia dos ribeiros, dos brumados e das grupiáras.

Sob pena de faltarmos á dignidade historica não podemos esquecer os chronistas de Gandavo, Simão Vasconcellos até os modernos, que vão arrancando da poeira dos archivos as bellissimas contribuições que ora enriquecem a nossa literatura de feição nacionalista, patriotica e de elevado alcance moral.

Nos nossos dias vemos as explorações para o assento das vias ferrreas o que trazem para um melhor conhecimento do nosso solo.

Vejamos as explorações botanicas culminadas na pessoa do sempre lembrado professor Barbosa Rodrigues; vejamos ainda quanto de fartas achegas de incomparavel valor scientifico nos tem proporcionado as bellissimas contribuições de ouro puro, que hoje possuímos desta vasta, desta gigantesca Mesopotamia do Araguaya ao Rio Javary, da Serra do Maracajú á Santarem, graças os proficuos trabalhos deste novo evangelizador do Matto Grosso, o general Rondon, que na nossa historia terá um capitulo imperecivel de alcance moral incalculavel.

Mas, senhores Congressistas, peço perdão por me haver estendido bastante e ter esgotado a vossa paciencia, falando um pouco mais sobre o nosso passado, embora o que predomine hoje seja o futurismo, que sem attentar nas formulas consagradas, procura resolver tudo.

Mas para falar do nosso passado não poderia ter procedido de outro modo, visto que eu, como representante das autoridades

federaes, eu me permitto a ousadia de resaltar o valor dos Congressos de Geographia, que recebendo este patrimonio de conhecimentos seguros e basicos, o tem desenvolvido e particularisado por todas as regiões, donde apenas tínhamos conhecimentos geraes, embora seguros de honestidade incontestaveis.

Deante do que ousou afirmar e que está na mente de todos os que estudam e meditam sobre as nossas cousas, não ha a menor duvida que aos sabios Congressos de Geographia, pela cooperação efficaz e patriótica dos seus membros, cabe a função gloriosa de tomar conhecimento e, com a sua autoridade, sancionar os ensinamentos, que nos virão do estudo minucioso de todo o Brasil, de todos os Estados, de todos os municipios, enfim, de todos os recantos do fecundo solo patrio.

E destarte teremos com o correr dos annos e com o passar das gerações e das elites, um conhecimento seguro do que é nosso, do que é nosso patrimonio, em que sejam, quaes foram os nossos pontos de vista, quer religioso. quer politico, não ha odios não ha intrigas que nos afastem do caminho aberto na senda esperançosa de 7 de setembro de 1822 e reafirmada na jornada gloriosa de 15 de novembro de 1889.

Por isso, senhores, é com o coração aberto, e com a maxima franqueza e sinceridade, que eu em nome das autoridades federaes, com séde no Rio de Janeiro e aqui nas pessoas dos seus dignos delegados, venho nesta reunião sabia em que a cortezia se irmana á bondade, afirmar que o Governo Federal vê nos Congressos função de alto valor patriótico.

A primordial função está em concorrer para o conhecimento da nossa terra, das nossas cousas, como que a preparando para o dia de amanhã, para a aurora dum futuro brilhante em que o Brasil será rico, populoso, poderoso, numa época de paz, de concordia e de pacifismo.

Reunidos que somos neste augusto recinto, desaparece a noção de que somos filhos das diferentes circumscripções politico-administrativas da União, porque acima de tudo somos brasileiros, unidos que somos pelos laços do patriotismo e mais a mais estreitados agora pela fraternização intellectual de homens norteados por um só ideal.

Trocadas as nossas impressões fraternaes, com a leitura que todos iremos fazer dos trabalhos intellectuaes apresentados, ficamos conhecendo os valores mentaes, com os quaes póde a Nação contar nos diferentes centros do Brasil.

Dando conta em pallidas palavras do que me incumbiram os meus collegas de representação, cabe-me em nome dos srs. representantes federaes, dar os parabens á Comissão Organizadora do Congresso de Geographia, agradecimentos effusivos a sua excellencia o sr. Presidente do Estado do Espirito Santo, dr. Florentino

Avidos e cumprimentos affectivos aos srs. Congressistas representantes dos Estados e associações scientificas e á digna assistencia que neste momento representa e glorifica as nobres tradições de acolhedora e hospitaleira terra espirito-santense.— Tenho dito».

O orador foi cumprimentado e muito applaudido.

A's 15 horas o sr. Presidente declarou encerrada a sessão.

Notas

— Em frente ao edificio do Theatro Carlos Gomes formaram, para prestar continencia ás altas autoridades, a Força Publica do Estado, o Batalhão do Gymnasio do Espirito Santo, a Escola Normal Pedro II e Collegio N. S. Auxiliadora que após, desfilaram com garbo merecendo vibrantes palmas de todos os presentes.

— O Governo do Estado em homenagem á installação do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, declarou facultativo o ponto nas repartições estaduaes.

— A Comissão Organizadora do Congresso de Geographia solicitou do commercio desta praça a fineza de cerrar as portas dos estabelecimentos, ao meio dia, para que a sessão inaugural adquira com a presença dos srs. commerciantes ainda maior realce.

— A sessão de installação será aberta pelo exmo. sr. Presidente do Estado. Em seguida falará o desembargador Carlos Xavier, presidente da Comissão Organizadora. Depois do desembargador Carlos Xavier, haverá apenas mais tres discursos, um dos representantes dos poderes publicos federaes, um dos representantes dos Estados do Brasil, e o ultimo dos representantes das corporações scientificas do paiz.

— A distribuição dos logares obedecerá á seguinte ordem :

— no palco, a Mesa do Congresso ; na platéa, Congressistas (primeiras filas) e convidados ; nos camarotes, as altas autoridades e representantes dos municipios ; nas frisas, as exmas. familias ; nas galerias nobres, as escolas.

Sessão Plenaria do Congresso

Conforme estava annunciada, realizou-se ás 9 horas, a primeira sessão plenaria do Oitavo Congresso de Geographia, a qual, pelo methodo adoptado nos trabalhos e iniciativas suggeridas, ccorrou-se de um exito abundante de optimos resultados.

Precisamente áquella hora encontravam-se na Sala das Sessões do Congresso Legislativo do Estado, gentilmente cedido para o Oitavo Congresso de Geographia, os seguintes Congressistas:

Do Ministerio da Marinha: capitão de mar e guerra Thiers Fleming, capitão de corveta Lucas Alexandre Boiteux e major Alipio di Primio; do Ministerio da Guerra: general Candido Rondon; do Ministerio da Viação: desembargador José Arthur Boiteux; do Ministerio do Interior e Justiça: capitão de mar e guerra Thiers Fleming e dr. Honório Sylvestre; do Estado de Santa Catharina: desembargador José Boiteux; do Estado do Rio de Janeiro: dr. Ataliba Lepage; do Estado do Rio Grande do Norte: dr. Nestor dos Santos Lima; do Estado da Parahyba do Norte: dr. Barbosa Rodrigues Junior; do Estado do Pará: dr. Alcides Bezerra; da Sociedade Geographica do Rio de Janeiro: drs. Randolpho Chagas, Ewerardo Backheuser e desembargador José Boiteux; do Instituto Historico e Geographico Brasileiro: capitão de mar e guerra Thiers Fleming; do Instituto Archeologico, Historico e Geographico de Pernambuco: dr. Pedro Celso de Uchôa Cavalcanti; do Club de Engenharia; dr. Ewerardo Backheuser; do Instituto Historico e Geographico do Estado do Rio: dr. Antonio Carlos Simoens da Silva; da Brasila Ligo Esperantista: dr. Ewerardo Backheuser; do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina e do Gymnasio Catharinense, desembargador José Boiteux; do Archivo Nacional: dr. Alcides Bezerra, e dr. Luiz Estevão e commendador Candido Costa representantes do Pará.

Do Espirito Santo estiveram presentes todos os socios do Instituto Historico e Geographico do Estado.

Assentados todos nas cadeiras que se infileiram em duas alas, occupavam a mesa da presidencia a mesma Commissão Organizadora do Congresso constituída: presidente, desembargador Carlos Xavier Paes Barretto; 1.º e 2.º secretarios, respectivamente, srs. drs. Araujo Primo e Marcondes Junior.

Ao lado do presidente assentou-se o dr. Aristeu Aguiar, secretario da Presidencia, representando o sr. Presidente do Estado.

O desembargador Carlos Xavier, usando da palavra, reiterou o seu grande contentamento pelo início dos trabalhos do Oitavo Congresso de Geographia, bem como o seu desvanecimento por ter sido o Espírito Santo o lugar escolhido para a sede.

S. exa. referiu-se aos vultos de grande valor de cada Estado e disse que o Espírito Santo se sentia feliz por ver reunidos em sua Capital os mais eminentes espíritos da hodiernidade brasileira, que nos vieram trazer as suas luzes e a fraternidade dos demais Estados.

O seu discurso foi breve, mas ponderado, suasorio, calando bem no espírito de todos os presentes.

Terminou dizendo que naquella occasião ia entregar os destinos do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia á directoria que deveria ser eleita.

Pediu á casa que se pronunciasse sobre a eleição.

Com a palavra o dr. Marcílio de Lacerda apresentou, então, os seguintes nomes: para Presidente, general Candido Rondon; para vice-Presidentes, D. Manoel Gomes de Oliveira, commandante Thiers Fleming, desembargador José Boiteux, drs. Ewerardo Backheuser, Luiz Estevão e Pedro Celso; para Secretarios, drs. Bernardino de Souza, Alcides Bezerra, Mario Mello e Fróes de Abreu.

Usou, então, da palavra, o dr. Archimimo Mattos e disse que em virtude de não estar presente o dr. Bernardino de Souza, indicava para o seu lugar o dr. Marcílio de Lacerda.

O resultado da eleição foi recebido com uma prolongada salva de palmas.

O desembargador Carlos Xavier declarou que a aclamação unanime com que foram recebidos os nomes indicados bem demonstrava a opinião da casa. Considerava-os, pois, eleitos e convidou o general Candido Rondon — o desbravador dos nossos sertões — a occupar a presidencia.

O discurso do General Rondon

Assumindo a direcção dos trabalhos s. exa. pronunciou o seguinte discurso:

«Srs. membros do 8.º Congresso Brasileiro de Geographia.

Seja-me permittido ao receber a investidura de tão alto cargo, expressa pela aclamação soberana dos nobres embaixadores da intellectualidade nacional neste Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, evocar a memoria de todos os grandes servidores de tão alevantada idéa em nosso Paiz, á frente dos quaes forma o venerando Marquez de Paranaguá, guião maximo que foi por muitos annos da benemerita Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, — para não cair ao fundo de tão grande abysmo, que á minha frente se abre neste momento, em que se antoja á mente difficuldade maior, o presidir esta Assembléa, que de commandar homens em campo de batalha!

Na sessão de abertura deste esperançoso Congresso, todos os oradores, representantes das associações scientificas aqui congregados, dos Estados e dos Poderes Federaes, mostraram em palavras quentes e fluentes o fim da reunião que nos trouxe e esta victoriosa Capital.

Aqui nos achamos para dar o balanço da produção nacional no terreno das iniciativas culturais, officiaes e particulares, do povo brasileiro e colher as esperanças que se nos apresentam diante da perspectiva da evolução dos nossos costumes, do nosso gosto pelo estudo da nossa terra, do nosso povo, e, porque não dizer? do nosso melhoramento moral, quando o mundo cambia para a anarchia e para a degenerescencia dos severos costumes inaugurados pela gloriosa civilização latina e pregados pelos Evangelizadores da Doutrina que governou a Terra na Edade Media.

No entrelaçamento das relações inter-estadaes e na reunião dos cultores da sciencia, que constitue objecto deste Congresso, vão todos os votos e esperanças do Brasil para que o estudo do nosso territorio, do nosso meio e do nosso povo, seja feito com maior estímulo e inabalavel fé no futuro desta gloriosa Patria.

Conhecer a terra para melhor servil-a, deve ser a aspiração de todo brasileiro.

Para conhece-la, porém, torna-se necessario que o Paiz seja cortado de vias de communicação e linhas de transmissão.

Essas vias de communicação e essas linhas de transmissão são os instrumentos mais necessarios para que os Estados se conheçam entre si e melhor sentimento da unidade nacional possam ter.

Ellas são indispensaveis para que o estudo da nossa flora, da nossa fauna e do nosso solo e sub-solo seja levado ao maximo gráo.

E não poderemos ter uma idéa precisa da nossa geographia nacional si não pudermos integrar esse conhecimento da Terra, do meio e do homem no espirito e no sentimento da nossa gente pelas escolas que diffundirão taes conhecimentos.

Aos Congressos de Geographia, de recente actuação em nosso meio social, devemos, pois, em bôa parte o estímulo aos estudos mais aprofundados da Geographia, abandonando os methodos antigos da simples nomenclatura fastidiosa ou da vulgar Toponimia, em que os Didacticos se mantiveram até bem pouco tempo.

Agradecendo a magnanimidade dos meus caros collegas Congressistas, declaro que me esforçarei por bem conduzir os trabalhos desta Assembléa, dentro do Regulamento que foi organizado para por elle se guiar este Congresso, cuja presidencia a generosidade dos senhores embaixadores quiz me commetter, sagrando-me cavalleiro desta Cruzada.

Prometto, pois, cumprir o meu dever.»

Essa bellissima peça oratoria foi ouvida, todos de pé.

Terminado o discurso o general Rondon convidou os d^{rs}. Marcilio de Lacerda e Alcides Bezerra para assumirem os logares de secretarios.

Diversas propostas durante a sessão

Com o palavra o dr. Ewerardo Backheuser propoz um voto de agradecimento e louvor á Comissão Organizadora do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, na pessoa do seu presidente, pelo



Presidente do Estado
DOUTOR FLORENTINO AVIDOS
Presidente de honra do
Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia



grande interesse por elle revelado e pelo muito que fez para o brilhantismo de tão importante certamen.

O dr. Archimimo Mattos pediu a palavra e disse que na qualidade de presidente da Comissão Technica propunha as seguintes.

Commissões :

1ª.— Regras didacticas sobre geographia. Ensino da geographia nacional. Terminologia geographica.

Dr. Nestor Lima, presidente ; dr. Raphael de Mayrinck, dr. Thomé Bezerra, dr. Aurino Quintaes, prof. Elpidio Pimentel.

2ª.— Estudo da terra considerada como astro. Geophonetographia e noções geodesicas e topographicas. Cartographia.

Major Alipio di Primio, presidente ; commandante Nelson Desouzart, dr. Ataliba Lepage, dr. Ceciliano de Almeida, dr. José Sette.

3ª.— Geologia, paleogeographia e mineralogia. Physiogeographia. Aerologia. Oceanographia. Hydrographia terrestre. Potamographia. Limnographia. Phisiographia das terras. Aerographia. Vulcanographia. Aerographia e nesologia.

Senador Valladares Ribeiro, presidente ; dr. Fróes de Abreu, commendador Candido Costa, dr. Antonio Athayde, prof. Heraclito Pereira.

4ª.— Climatologia. Geographia, medica do Brasil.

Dr. Misael Seixas, presidente ; dr. Cassius Berlinck, dr. Eurico Aguiar, pharm. Wlademiro da Silveira, dr. Mario Mello.

5ª.— Phytogeographia e zoogeographia.

Dr. Randolpho Chagas, presidente ; commandante Lucas Boiteax, dr. Misael Seixas, dr. Affonso Lyrio, prof. Eduardo Andrade Silva.

6ª.— Anthropogeographia. Ethnologia e Ethnographia. Geographia economica, commercial, agricola e industrial. Geographia historica. Geographia politica e social. Geographia Militar. Demographia e Estatistica.

Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, presidente ; dr. Barbosa Rodrigues, dr. Nelson Monteiro, capm. Octavio Araujo, dr. Aristoteles da Silva Santos.

7ª.— Monographias regionaes.

Dr. Honorio Sylvestre, presidente ; dr. Clovis Cortes, dr. Aluysio Menezes, desembargador José Batalha, dr. Ubaldo Ramallete.

O sr. presidente pediu que os srs. Congressistas se manifestassem a respeito da proposta, a qual foi acceita por unanimidade de votos.

Por proposta do desembargador Carlos Xavier e acceitação do Congresso ficou deliberado que os Presidentes dos Estados e Ministros da Republica, que se fizeram representar no importante certamen, fossem considerados presidentes honorarios do Congresso, bem como o bispo do Espirito Santo, os presidentes da Camara dos Deputados, do Instituto Historico Brasileiro e Sociedade Brasileira de Geographia.

Propoz ainda s. exa. um voto de agradecimento aos mesmos pelo interesse dispensado ao Congresso.

A casa unanime votou pela approvação das duas propostas, ouvindo-se, então, calorosa salva de palmas.

O sr. desembargador José Arthur Boiteax, representante do sr. Governador de Santa Catharina e do ministro da Viação, requer que essa deliberação tão justa quanto opportuna do Congresso seja communicada, por telegrapha, aos srs. ministros da Republica e aos Presidentes e Governadores dos Estados pela mesa directora dos trabalhos.

Usa da palavra, mais uma vez o desembargador Carlos Xavier e propõe a inserção, na acta dos trabalhos, de um voto de pezar em homenagem á memoria dos srs. Solon de Lucena e Manoel Dantas.

O desembargador José Boiteux, applaudindo a justa homenagem contida na proposta do seu illustre confrade, desembargador Carlos Xavier, a qual acabava de ser tão brilhantemente justificada, requer seja essa manifestação extensiva ao dr. Domingos Jaguaribe e ao coronel Ludgero de Castro, membros que foram da Comissão Organizadora do 2º. Congresso Brasileiro de Geographia, recentemente fallecidos em S. Paulo, onde graças aos esforços desses saudosos companheiros, se realizou com o concurso do dr. Alfredo de Toledo, aquelle certamen scientifico.

O dr. Nestor Lima, delegado do Rio Grande do Norte, disse que secundando a proposta do desembargador Carlos Xavier e addendo do desembargador José Boiteux, sobre a homenagem á memoria dos srs. Solon de Lucena, Manoel Dantas, Domingos Jaguaribe e coronel Ludgero de Castro e agradecendo na parte referente ao seu eminente coestadoano desaparecido, propunha que a Assembléa Geral fizesse essa homenagem de pé, em silencio, durante um minuto.

A Assembléa approvou unanimemente esse requerimento e, durante um minuto, todos os Congressistas se conservaram de pé e em silencio, na forma proposta.

O dr. Misael Seixas, propoz um voto de congratulações ao Presidente Florentino Avidos pela sua dedicação e grande interesse pelo successo do Congresso.

Em seguida levanta-se o dr. Raphael Mayrinck, representante do Ministerio das Relações Exteriores, que produziu o seguinte

Discurso do dr. Raphael Mayrinck

Sr. presidente.

A documentação exacta, catalogada e archivada forma a base necessaria para qualquer estudo, pesquisa, trabalho scientifico ou literario. No dominio da geographia essa base é mais do que necessaria, ella se torna imprescindivel. Temos que recorrer ás bibliothecas e collecções publicas e particulares, sempre que pretendemos fazer obra de alguma importancia.

Mas, a melhor documentação é, por assim dizer, inexistente,

desde que lhe falte um catalogo minucioso, ou que as peças componentes não se achem cuidadosamente archivadas, pois, não raro se dão como perdidos documentos guardados em Archivos e Bibliothecas, por causa das numerosas, quasi insuperaveis, difficuldades que surgem quando se deseja compulsal-os, ou por figurarem em catalogos de difficil accesso e manuseamento, ou, ainda, porque a falta da sua localização não permite uma consulta indispensavel dentro de um prazo relativamente limitado. Emfim, impõe-se, como complemento natural, o órgão central, que oriente rapidamente e de modo seguro os estudiosos.

Nessa ordem de idéas, é característico o facto occorrido com Duarte Pontes Ribeiro, que descobriu, por accaso, no Archivo Publico o «Diario da Demarcação de Limites», redigido de 1784 a 1789, pela Comissão Mixta Luso-Castelhana, de que eram principaes commissarios portuguezes, Sebastião Xavier da Veiga Cabral e João Francisco Roscio, e hespanhoes D. José Varella y Ulloa, e D. Diego Alvear. Esse «Diario» era considerado perdido, o que motivou a compra, em Buenos-Aires, de um resumo do mesmo, coordenado pelo coronel José Maria Cabral, que havia sido chefe de algumas divisões daquella Comissão Demarcadora; entretanto, esse «Diario» fôra recolhido ao nosso Archivo Publico e lá ficára esquecido.

O facto pôde repetir-se, embora hoje em dia mais difficilmente.

De outro lado, o acurado conhecimento das nossas riquezas cartographicas nos pouparia pequenas humilhações, tão dolorosas para o amor proprio nacional, como a que soffreu ainda Ponte Ribeiro.

Com effeito, esse illustre scientista foi encontrar, tambem em Buenos Aires, alguns mappas e levantamentos topographicos originaes da Capitania do Pará, levantados pela Comissão Demarcadora de Limites durante os annos de 1781 a 1800, os quaes haviam sido procurados em vão, em 1833, na respectiva Secretaria daquelle Governo, pelo presidente da então Provincia do Pará.

Em apoio da nossa proposta, não podemos deixar de citar as palavras do erudito e incansavel historiador Affonso de Taunay, que assim se exprime no seu ensaio sobre a «Carta Geral das Bandeiras Paulistas», de que o «aprofundamento do exame das peças archivadas, que de alguns annos para cá se avolumam constantemente, revelou os feitos por vezes memoraveis de sertanistas ainda, ha pouco, desconhecidos...»

Parece, portanto, que os cultores da geographia e da cartographia patrias teem o dever inilludivel de concorrer dentro do seu raio de acção para enriquecer o nosso acervo technico, organisando, catalogando e archivando todos os documentos geographicos e cartographicos que apparecerem sobre o Brasil.

Tambem em relação ás questões de limites inter-estadaes, julgamos ser util a todos aquelles a quem cabem responsabilidades politicas e administrativas, possuirem um guia seguro que lhes indique a existencia e a localização de documentos proprios para os nortear nas difficuldades, e os auxiliar a formar um juizo certo nas deliberações que se vejam obrigados a tomar, e cujas consequen-

cias são por vezes nefastas, porque, imprudentemente, crêam-se precedentes, dos quaes é quasi impossivel libertar-se nas discussões ulteriores.

E' portanto, levada por essas considerações, e renovando, sob uma feição especial, o emprehendimento da Bibliotheca Nacional, quando, em 1851, organizou o seu monumental «Catalogo da Exposição de Historia do Brasil, que tão relevantes serviços ainda hoje presta aos estudiosos, que a Delegação do Ministerio das Relações Exteriores tem a honra de submeter á alta apreciação dos exmos. senhores delegados a seguinte moção :

Moção

O 8º Congresso Nacional de Geographia, reunido na cidade de Victoria, resolve organizar uma Cartographia Brasileira ou Repertorio de toda a documentação cartographica existente nas Repartições officiaes, Institutos technicos, bibliothecas e collecções particulares que desejarem cooperar nessa obra tão meritoria, com a sua localização nesses archivios officiaes e particulares, por meio de uma contribuição minuciosa em verbetes, consignando todas as observações que suggerirem os referidos documentos para a instrucção, tão perfeita quanto possivel, de quem os consultar.

Essas observações constarão dos seguintes itens :

- a) — Informações subsidiarias que identifiquem as peças relativamente á sua possivel repercussão technica, artistica e politica, quer internacional e inter-estadual, quer regional ;
- b) — Indicações especiaes relativas ao estudo das estradas, bandeiras e demais explorações, desde a Descoberta do Brasil até á época contemporanea ;
- c) — Relação das construcções civis, militares e religiosas ; das vias de communicação, etc., que se relacionarem com a geographia da historia ;
- d) — Declaração si o documento é inedito, quando se tratar de manuscrito, ou qual o seu processo ;
- e) — Si sua proveniencia é official ou particular e data certa, ou não sendo possivel, approximada, da sua redacção ou publicação ;
- f) — Enumeração dos mappas e annexos que acompanharem quaesquer manuscritos, e publicações com a indicação clara, ainda, que concisa, do seu assumpto.

O Congresso elegerá uma Comissão Especial e Permanente, encarregada de receber, organizar, catalogar e mandar imprimir todos os documentos acima referidos, de accôrdo com o melhor systema, archivando cuidadosamente os originaes, ou devolvendo-os depois de tirar copias fieis, si assim o exigirem os remmettentes, os quaes poderão tambem enviar copias fieis, devidamente authenticadas por um delegado especial incumbido desse trabalho pela referida Comissão.

No intuito de tornar mais clara a idéa acima mencionada, a Delegação do Ministerio das Relações Exteriores tem a honra de en-

tregar, annexo a esta Moção, um exemplar da 1.^a Parte do Catalogo da Mappotheca do Ministerio das Relações Exteriores relativo a limites internacionaes do Brasil.»

O desembargador Carlos Xavier lembrou que a casa deveria acceitar a valiosa proposta do dr. Raphael de Mayrinck para ser discutida na proxima sessão, visto como aquella não visava approvação de moções.

Fala o Senador Valladares Ribeiro

Pediu a palavra o senador Valladares Ribeiro, representante de Minas Geraes. S. exa. teve palavras de elogios ao nosso Estado e ao Congresso e disse que aproveitando-se da circumstancia de se achar na tribuna offerecia ao Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, em nome do Presidente de Minas, dr. Antonio Carlos, todos os trabalhos mineiros sobre geographia que no curto espaço de quinze dias conseguiu colligir; pedia a attenção do Congresso para a carta topographica do Estado de Minas, que representava o esforço e trabalho de trinta e cinco annos; carta que infelizmente ainda não estava terminada, mas que espera em Deus será um dia levada a termo, por ella se integrando o Estado entre os povos de geographia civilizada.

Suas palavras causaram excellente impressão.

Um agradecimento do Dr. Nestor Lima

O dr. Nestor Lima agradeceu, em nome do Governo da Parahyba, a homenagem prestada pelo Congresso á memoria de Solon de Lucena.

S. exa. leu, em seguida, um telegramma que acabava de receber do seu Estado, communicando que já estão em viagem os annaes do 7.^o Congresso de Geographia, que se reuniu na Parahyba em 1925.

Annaes do 8.^o Congresso

O desembargador Carlos Xavier fez sentir á Casa, não por jactancia, mas para mostrar o carinho com que o Governo vem cuidando do 8.^o Congresso de Geographia, que os annaes do mesmo Congresso já se acham publicados, com todas as occurencias, até o dia 23 do corrente.

O representante do Chefe do Estado

Em nome do exmo. sr. dr. Florentino Avidos, Presidente do Estado, o sr. dr. Aristeu Borges de Aguiar, secretario da Presidencia, agradeceu as referencias feitas pelos srs. Congressistas a s. exa.

A contribuição do Dr. Carlos Xavier e a questão de limites

Bahia — Espirito Santo

O desembargador Carlos Xavier offereceu ao Congresso varias de suas valiosas obras sobre Geographia e Historia e outros as-

sumptos de real valor e aproveitando do ensejo de estar na tribuna communicou aos seus collegas que já estava resolvida, felizmente, a nossa questão de limites com o Estado da Bahia.

O desembargador José Boiteux disse que tão promissora noticia, recebida com tão profunda emoção pelo Congresso, deve ser, como está sendo, applaudida, mas todos de pé, saudando effusivamente os dois Estados, bellas e brilhantes unidades da Federação Brasileira.

O General Rondon dá um viva ao Espirito Santo

Nesse momento o general Candido Rondon, emocionado, deu um «Viva o Espirito Santo!», que foi correspondido pelo desembargador Carlos Xavier com outro «Viva a Bahia!».

Offerecimento de trabalhos ao Congresso

Os drs. Simoens da Silva, Misael Seixas, Aristoteles da Silva Santos e Commendador Candido Costa, depois de pronunciarem ligeiras, mas significativas palavras sobre o Congresso, fizeram entrega ao mesmo de seus valiosos trabalhos.

O commandante Lucas Boiteux tambem usou da palavra, tendo se referido carinhosamente ao Espirito Santo, ao seu Governo e ao seu povo e fez entrega dos trabalhos de sua autoria.

O discurso do Dr. Backheuser

Falou em seguida o dr. Ewerardo Backheuser.

S. exa. communicou á casa que trazia varias contribuições.

Disse que o trabalho sobre geologia do Districto Federal havia sido organizado com o concurso de seus alumnos da Polytechnica entre os quizes, elle tinha o prazer de citar o dr. Sylvio Fróes Abreu, presente áquelle certamen, representante do Ministerio da Agricultura, hontem seu alumno, hoje seu brilhante collega

A publicação daquella obra, de difficil execução, fôra levada a effeito devido á bôa vontade dos drs. Paulo de Frontin e Alaor Prata, ex-prefeitos do Districto Federal.

O major Alipio di Primio, num aparte, communicou ao dr. Backheuser que o trabalho teria sido executado nas officinas do Serviço Geographico Militar caso lhe fosse solicitado.

O dr. Backheuser agradeceu lamentando não se ter aproveitado de tão valioso auxilio.

Em seguida, com o colorido que sabe dar ás suas palavras, o dr. Backheuser prestou alguns esclarecimentos sobre a orientação do seu trabalho «Structura Geopolitica do Brasil», que tinha a honra de submeter á apreciação do Congresso. Mostrou que a obra era uma applicação ao caso brasileiro, das theorias do notavel scandinavo Kyellén, cujos trabalhos têm imprimido uma feição muito especial aos methodos da alta politica.

Kyellén apresenta cinco divisões para a Política que póde ser comparada á mão com seus cinco dedos; esses cinco ramos foram chamados Geopolítica, Ethnopolítica ou Demo-política, Antarcopolítica, Cenopolítica e Crato ou Dynamopolítica.

Cada ramo, estuda as questões sob um aspecto novo. Assim, a Geopolítica tem uma feição um tanto differente da antiga Geographia, a Antarcopolítica tem algo de Economia Política mas approxima-se mais da Geographia Economica.

O quarto ramo, a Ceno-política é uma Sociologia bastante modificada e finalmente a Crato-política ou Dynamo-política corresponde ao que vulgarmente se denomina Política, isto é, as questões ligadas á administração do Paiz. Nessa obra, sahida ao lume ha menos de um mez, trata das questões filiadas a cada um dos grupos da Política de Kyellén salientando o papel que a Africa do Sul representa hoje no mundo civilisado e fazendo um paralelo entre o Brasil e a Africa.

As ultimas palavras de sua ligeira exposição foram abafadas por uma longa salva de palmas.

O dr. Sylvio Fróes Abreu pediu a palavra e communicou á casa que tinha a satisfação de submeter á apreciação do Congresso um trabalho de sua lavra intitulado — “Um capitulo da Geographia do Ceará” — e que opportunamente faria distribuir pelos Congressistas alguns exemplares de seus trabalhos “Schisto betuminoso da chapada do Araripe”, “Alguns aspectos da Bahia” e “Industria do couro na Bahia”, que se referiam á Geographia Economica.

Fez ver á casa que as referencias do prof. Backheuser á sua pessoa eram manifestações da grandeza d'alma do seu mestre e amigo, eriginavam-se mais dos laços de affeição que os uniam do que mesmo do merito intellectual do antigo alumno.

A recepção em Palacio

Sem receio de errar pode-se garantir que em magnificencia, gosto e delicadeza, poucas têm sido as festas elegantes desta Capital, capazes de rivalizar com a recepção offerecida em Palacio, pelo exmo. sr. Presidente do Estado aos Congressistas e á alta sociedade victoriense. O que Victoria possui de heraldico esteve reunido nos amplos salões do edificio presidencial. Justamente á hora prefixada, o sr. Presidente recebia os cumprimentos de seus convidados, e ás 22 horas as dansas se iniciavam.

No intervallo das dansas, as senhorinhas Barbosa Rodrigues, Indá Soares e poeta Nilo Brüzzi declamaram maravilhosamente, lindos versos.

O requinte fidalgo das «toilettes» femininas, e a severidade da indumentaria dos homens ressaltavam harmoniosamente no ambiente luxuoso de Palacio, de que a exma. familia Avidos fazia as honras.

O dia dos Srs. Congressistas

A 26, pela manhã, os srs. Congressistas e exmas. familias percorreram a nossa bahia, em lanchas espedies, tendo saltado na ilha do Principe, onde examinaram as obras que ali estão sendo executadas.

Os srs. Congressistas, dentre os quaes se contam alguns engenheiros dos mais competentes que possui o Brasil deixaram transparecer a boa impressão que tiveram de tudo que lhes foi mostrado tendo palavras de applausos ao Governo.

O dr. Clovis Cortes, director da Comissão dos Serviços de Melhoramentos de Victoria e o dr. Augusto Barata, engenheiro daquelle Comissão, que tambem tomaram parte no passeio, fizeram uma exposição clara da marcha dos serviços.

Os srs. Congressistas mostraram-se admirados quando o dr. Clovis Cortes, respondendo a uma pergunta que lhe foi feita, declarou que todos os melhoramentos de Victoria têm sido realizados exclusivamente com a renda ordinária do Estado.

Alguns dos srs. Congressistas que visitaram Victoria ha mais de dois annos e voltaram agora á visitá-la notaram a grande transformação que elle passou.

A's 11 horas, regressavamos ao Majestic Hotel.

Em visita ao General Rondon

Afim de agradecer ao general Rondon, que ora nos visita, o espontaneo interesse que o mesmo vem tomando pela approvação do projecto n.º 450 que beneficia a classe dos funcionarios dos Telegraphos esteve, hontem, ás 14,30, no Majestic Hotel, uma comissão dos mesmos funcionarios, composta dos srs. Joaquim Falcão, Arthur Garcia, Bernardino Rios e Ayrton Machado.

Attendidos com a gentileza e amabilidade proverbiaes do general Rondon, usou da palavra o telegraphista Ayrton Machado, preferindo o seguinte discurso:

«General: Com a devida venia, faço uso da palavra para agradecer ao valoroso Soldado brasileiro o interesse desusado que vem tomando em prol da melhoria da nossa desprotegida classe.

Não nos trouxe aqui, general, o desejo de ambição descommedida e sim o clamor de nossas familias que nos calamitosos tempos que correm, jamais receberam o conforto que necessitam.

Reconhecemos em v. exa., além do militar brioso que na guerra sabe elevar ao apogeu da gloria o nome do nosso caro Brasil, tambem o espontaneo protector de uma classe sobejamente conhecida pelos incalculaveis serviços que tem prestado á Nação. Vimos, general, em nome dos nossos chefes, não só trazer a v. exa. os nossos votos de boas vindas, como tambem pedir permissão para darmos á publicidade ao telegramma enviado ao deputado Julio Prestes, pedindo approvação do projecto que, no horizonte de nossa existencia, representa a formosa miragem que, transformada em realidade, nos trará dias menos augustos.

Amanhã, no recesso do nosso lar, neste templo onde procuramos ensinar as virtudes recebidas dos nossos antepassados, os nossos filhos saberão repetir cheios de contentamento o nome do destemido Soldado e do prestimoso amigo que tem sido v. exa.

Termino, levando em o meu espirito a fagueira esperanza de ter cumprido o meu dever.

Ao dispor de v. exa. estão os fracos e humildes prestimos dos funcionarios do Telegrapho de Victoria. Tenho dito».

Em seguida, usou da palavra o general Rondon que, emocionado, num timbre familiar, com phrases repassadas de carinho, agradeceu a gentileza da visita, dizendo outra coisa não ter feito a não ser o cumprimento de um dever que lhe tinha sido imposto pela dedicação, amor e patriotismo com que os seus companheiros do Telegrapho vêm servindo ao Governo do Paiz, elevando bem alto a classe que, infelizmente, até agora não tem sido recompensada pelos seus esforços.

Relatou minuciosamente e com verdadeiros arroubos de eloquencia, diversos episodios occorridos na lucta contra os rebeldes, procurando em todas as passagens citadas, realçar o valor e brio dos telegraphistas que em seus postos foram verdadeiras sentinellas avançadas da legalidade.

Ao terminar falou sobre o momento em que, indo se despedir do Director Geral dos Telegraphos, afim de seguir para o Paraná, este lhe recommendou aos seus subalternos do sul, nos seguintes termos:

«Segue para ahi o general Rondon, que tambem é o marechal do Telegrapho».

Autorisou a publicação do seu aviso endereçado ao deputado Julio Prestes e prometteu, em occasião opportuna, retribuir a cordial visita com a qual se achava bastante emocionado.

A commissão dos funcionarios despediu-se levando a melhor impressão possivel e o grande incentivo que colheram através do phraseado brilhante do general Rondon.

Damos abaixo o aviso já mencionado:

«Sr. doutor Julio Prestes. Deputado *leader* da maioria da Camara dos Deputados Rio.— Queira, meu iminente patricio, desculpar este importuno, praticado defesa, justa causa dos bravos e ardorosos telegraphistas e funcionarios Telegrapho Nacional, collaboradores imperterritos do nobre Governo da Republica na defesa da ordem legal e do proprio Governo, nos momentos mais dolorosos por que tem passado a nossa cara Patria. Conheço de viso, sr. deputado, o ardor, a dedicação e o desprendimento do telegraphista no cumprimento do seu dever. Elle só retira do seu posto quando o sacrificio não é exigido para salvar causa maior. Elle procede como o soldado, que morre no campo da honra defendendo a Lei e a Nação. Sou testemunho de mais de um caso na campanha do Paraná. Sob balas do inimigo da Lei o telegraphista transmittia as ultimas communicações aos postos da vanguarda e só se retirava com o apparelho ás costas para assental-o mais adiante e continuar a cumprir o seu dever. Isso que aconteceu no Paraná, terá succedido por toda parte por onde os inimigos da Ordem e da Lei tenham campeado na faina de tudo destruir e tudo violar. Em nome daquelles benemeritos e abnegados servidores appello para o patriotismo do digno representante da Nação em favor do projecto n.º 450 que a Commissão de Finanças terá de dar parecer. Será praticar justiça e erguer, amparando, tão abandonada classe de servidores, dignos da attenção dos Legisladores e da protecção da Republica, Em nome delles venho pedir-lhe o seu apoio para o projecto em causa e a justiça para

a laboriosa classe em que a defesa do Governo se apoia directamente, antes que a Força desempenhe o seu dever maximo. Dos senhores representantes da Nação depende a reparação que peço por tão justa e edificante equidade. — General *Rondon*».

Visita ao Tribunal Superior de Justiça

Precisamente ás 14 horas os srs. Congressistas e autoridades locais visitaram o Tribunal Superior de Justiça, sendo recebidos na escadaria interna do Palacio por uma comissão de srs. desembargadores e pelo sr. Procurador Geral do Estado.

O desembargador Manoel dos Santos Neves, presidente do Tribunal, pronunciou bellissimo discurso de saudação aos srs. Congressistas, agradecendo lhes a visita.

Esse discurso deixou optima impressão.

Em nome dos srs. Congressistas o desembargador Carlos Xavier, em inspirado improviso, agradeceu as referencias que lhes foram prestadas pelo desembargador Santos Neves.

Pediu a palavra o dr. Mirabeau Pimentel e disse que, como chefe do Ministerio Publico do Estado, não podia calar o seu entusiasmo naquelle momento em que via o templo augusto da justiça do Estado do Espirito Santo receber a visita honrosa dos illustres membros do Congresso de Geographia.

Referindo-se ao grandioso certamen intellectual, disse s. s. que a sua realização nesta Capital era motivo para enthusiasmar-o e commovel-o, porquanto traduzia uma demonstração de que a sua terra se engrandecia, exaltava se no concerto da União, impondo-se como nucleo de intellectualidade que já attrahe as vistas de eminentes figuras de subido merito nas letras, nas sciencias e nas artes.

Em seguida, s. s. declarou que o seu coração de patriota se ufana de assistir a esse congraçamento de idéas, que estreitam os laços da união brasileira, assegurando-lhe o mais formoso e deslumbrante futuro pela cohesão de sentimentos, pela identidade de aspirações, pela esperança commum e fervorosa nos destinos do Brasil.

Perorando, s. s., pediu permissão para destacar a figura brilhante e homérica do general Rondon, alma forjada nos mais crystallinos sentimentos patrióticos, desbravador dos sertões inhospitos do grandioso Estado de Matto Grosso, intemerato Soldado que desvenda aos olhos brasileiros uma grande porção dessa terra grandiosa, arrostando difficuldades innumeradas, tendo apenas a animar-lhe o intimo com uma confiança absoluta no futuro da Patria, sentindo pulsar-lhe no coração os mais acrysolados propositos de exaltar a maravilhosa terra brasileira, cuja grandesa se resalta no eterno verde de suas planuras meridionaes, na magnificencia de seus rios, no deslumbramento de suas cachoeiras exuberantes de força, esplendentes de belleza, nos seus inextinguíveis veios de ouro e ainda na magestade insuperavel do scintillante Cruzeiro do Sul.

No tumulo de Anchieta

A's 15 horas realizou se a visita ao tumulo de José de Anchieta.

Depois de um minuto de silencio absoluto deante do tumulo que durante muitos annos guardou as cinzas do grande apostolo, o dr. Aristoteles da Silva Santos pronunciou o seguinte discurso:

«Ordenaram-me meus illustres companheiros do Instituto Historico e Geographico deste Estado que alguma coisa dissesse ante este tumulo, cuja lapide nos lembra a decomposição da materia daquelle que, em vida, estava já nos braços de Deus.

E por que não?

Descendente de uma familia nobre de Guipuzcoa, sacrificada por motivos politicos por Carlos V., por pertencer aos *comuneros*, motivo por que se transportou de Hespanha para Tenerife, aos 14 annos, estava Anchieta em Lisboa a se preparar nos estudos, tendo nos livros os olhos attentos e coração aos céos alçado, nas supplicas fervorosas de ser util á pesôa creada, o que significa ser escravo do Creador.

Em breve, seus mestres insignes e austeros comprehenderam que aquella verdadeira vocação religiosa nascera para servo da egreja, já pela sua vontade eril, já pelo seu extraordinario talento, já pelo seu espirito de obediencia, e, já, finalmente, o que é tudo: pela sua humildade! Humildade que não era fantasia, humildade que não era disciplina, humildade innata, que se não finge, que se não educa, mas que o homem aprende olhando as rubras chagas de Jesus, contando as espadas que ferem o coração amantissimo de Maria!

Aos 20 annos vinha Anchieta para o Brasil, desembarcando em S. Salvador, noviço ainda.

Chamado a Piratininga, capitania de S. Vicente, em 1553 pelo vice-provincial dos jesuitas, Manoel da Nobrega, deixava aquella Capital, escalando por este Estado, onde imaginara, siquer, teria que dormir o eterno somno.

Grande, tremendo mesmo, foi o temporal que a embarcação em que viajava, com seus superiores, apanhou nas alturas dos Abrolhos...

Esse temporal, meus senhores, foi um aviso de Deus a lhe experimentar o animo, tão grandes teriam de ser dali por avante os trabalhos e as labutas, as preocupações e os desabores por que deveria passar, como passou.

Em S. Vicente, enfrentando os purús, guaycurús e guaranys, domesticou-os com a palavra facil, doce e clara dos grandes evangelizadores.

Dominou os tamoyos, tendo a seu lado Tibiriçá. Com Manoel da Nobrega, na enseada de Ubatuba, negociou a paz com aquella tribu aguerrida.

Não conhecia o descanso...

Padre jesuita, formou ao lado dos maiores de seu tempo e a Anchieta, e aos jesuitas muito deve a civilização brasileira, cabendo ao amado *Payéguassú*, como o denominavam os filhos das nossas selvas, a honra augusta de ser o fundador da literatura nacional.

O poema da Virgem Santissima por elle escripto na areia, ás horas em que a natureza toda se prepara para dormir, e que o guar-

dou inteiro na imaginação, é a prova inconcusa de que jamais o seu pensamento se affastava das coisas divinas, embora envolto no afanoso convívio dos homens.

No Espirito Santo, nessa nossa terra querida, que tanto amamos e tanto oramos pela sua grandeza, pela felicidade de seus filhos; no Espirito Santo, essa terra tantas vezes atacada pelos holandeses, francezes, nunca vencida, graças á protecção incomparavel daquella que, do alto da Penha, nos guarda á entrada da barra, nossos lares protege e ao nosso corpo dá animo, seríamos ingratos se não trouxéssemos os illustres confrades desse certame intellectual e scientifico, á beira do tumulo de Anchieta, o fundador das aldeias de Apiuputanga, Iriritiba, Cricaré e tantas outras, o extremado amigo de nossos legítimos irmãos.

Anchieta, illustre varão, aqui estamos á beira de vosso tumulo, na attitude mesquinha de devedores insolvaveis! Em resgate da divida, gratidão eterna! »

O dr. Misael Saixas leu um estudo sobre o padre José de Anchieta, estudo esse que impressionou bem a todos os presentes ao acto.

Finalmente o general Candido Rondon pronunciou as seguintes palavras: «Salve desbravador das Selvas!»

Collegio Nossa Senhora Auxiliadora

As alumnas desse acreditado educandario formaram em duas alas, ao longo da escadaria de entrada, acclamando os visitantes, que foram recebidos á porta principal por todas as irmãs percorrendo as dependencias do Collegio acompanhados da irmã superiora Josepha Hosannah de Oliveira.

Foi excellente a impressão que todos tiveram do Collegio Nossa Senhora Auxiliadora.

Ao se retirarem as alumnas cantaram varios hymnos patrioticos, vivendo o Brasil, o Espirito Santo e o general Candido Rondon.

O illustre Congressista dirigiu, então, algumas palavras de estímulo ás jovens educandas.

As meninas, enthusiasmas com aquellas palavras que tão bem cahiram-lhes n'alma, acclamaram com delirio o bravo militar.

S. exa. ao se retirar deu um viva ao Collegio, ás educadoras, ás alumnas e finalmente ao «Grande Espirito Santo!»

No Cine Central

Do Collegio Nossa Senhora Auxiliadora foram ao Cine-Central onde assistiram diversos films naturaes do Estado do Espirito Santo.

Passeios pela cidade

Às 15 horas, em automoveis os srs. Congressistas percorreram as nossas principaes ruas, indo depois á Praia Comprida.

A volta foi feita pela estrada que liga a capital á cidade da Serra.

Os illustres hospedes não deixaram de manifestar o seu encanto pelas nossas bellezas naturaes e pelo progresso que notavam nos nossos arrabaldes.

Obras offerecidas ao Congresso

O revmo. d. Manoel Gomes de Oliveira, bispo de Goyaz, offereceu ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, as seguintes obras :

De Olegario Pinto — «O Estado de Goyaz e a falta de meios de transportes», «Catechese e civilisação do indio», «As Thermas de Caldas Novas».

De Americano do Brasil — «Pela terra Goyana» (Discurso 1922), «Pela terra Goyana» (Discurso 1923).

De Carlos Sainte Foy — «Vida do veneravel padre José de Anchieta», «Missões Salesianas no Amazonas».

De frei Reginaldo — «Mappa do Estado de Goyaz».

Os nossos estabelecimentos de ensino

Causou a melhor impressão no espirito do publico a formatura, do Gymnasio do Espirito Santo, em homenagem ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.

Os jovens gymnasianos marcharam com garbo e as suas evoluções nada deixaram a desejar.

Estão, pois, de parabens, o director, professores e alumnos do importante educandario.

— Tambem o Collegio do Carmo não deixou passar despercebida a grande data e desse modo as suas alumnas em numero superior a 400, devidamente uniformisadas e acompanhadas das irmãs professoras, tomaram parte nos festejos, concorrendo e muito para o bom nome do antigo e conceituado estabelecimento de ensino.

Os srs. Congressistas na Prefeitura

Estiveram hontem no gabinete do sr. prefeito municipal, em visita de retribuição, o capitão de mar e guerra Thiers Flemming, capitão de corveta Lucas Alexandre Boiteux, desembargador José Arthur Boiteux, drs. J. Barbosa Rodrigues, Raphael Mayrinck e Cassius Berlink, membros do Oitavo Congresso de Geographia.

Os visitantes percorreram todas as dependencias da Prefeitura, demorando-se em amistosa palestra com o prefeito Octavio Indio do Brasil Peixoto.

Os drs. Cassius Berlink e Raphael Mayrink offereceram ao sr. prefeito um Catalogo de Mappotheca do Ministerio das Relações Exteriores.

As inaugurações do Mercado, do Grupo Escolar e da Exposição Estadual

Estava annunciada, como uma das partes do programma

para as festas attinentes ás commemorações do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, a inauguração, ás 13 horas, do novo Mercado Publico, cujo edificio, sito á Avenida Capichaba, empresta, hoje em dia, a uma das mais movimentadas e das mais modernas arterias da nossa capital, um coefferiente valioso de arte e de belleza architectonicas.

Foi assim observado á risca o programma e áquella hora, o exmo. sr. dr. Florentino Avidos, Presidente do Estado, acompanhado dos seus dignos secretarios, dos exmos srs. Bispos Diocesanos, d. Benedicto Paulo Alves de Souza e d. Manoel Gomes de Oliveira e de grande massa popular, chegava á porta principal do Mercado Novo, onde foi recebido pelo sr. Alvaro Mattos, que o saudou calorosamente, em concisas e eloquentes palavras, ás quaes respondeu, em inspirada allocução, o eminente chefe do governo espirito-santense, que terminou por declarar inaugurado o mercado.

Este é um bello edificio, espaçoso e bem dividido, nelle havendo as necessarias accomodações para todos os misteres a que se destina.

Inaugurado o mercado, foi elle visitado por todos os presentes, que dali sahiram excellentemente impressionados e tendo palavras de espontaneos elogios sobre o melhoramento importante em cuja posse acabava de entrar a nossa capital.

Em seguida ao acto solenne, encaminharam-se s. exa. o sr. dr. Florentino Avidos e comitiva para o edificio do Grupo Escolar, onde se deveria proceder á solennidade da inauguração annunciada para ás 13 1/2 horas.

O illustre Presidente do Estado fazia-se acompanhar ainda dos secretarios do Interior, Fazenda, Instrucção e Agricultura e de todos os Congressistas, delegados e representantes de associações e institutos scientificos ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, bem assim de consideravel numero de pessoas gradas do meio social victoriense, de altas autoridades civis e militares, de representantes de nações estrangeiras, jornalistas e pessoas outras.

Entrando no saguão do luxuoso e lindo edificio, foi o sr. dr. Florentino Avidos saudado pelo secretario da Agricultura, dr. Bemvindo Novaes, que, num bello discurso, discorreu sobre a prosperidade industrial do Espirito Santo, da qual poderia dar uma idéa perfeita e significativa a exposição para a qual se abriam, naquella instante as portas do Grupo Escolar.

Foi este o discurso do sr. secretario da Agricultura :

«Exmo. sr. Presidente.

Impossivel seria traduzir o enthusiasmo que ora experimento, vendo aqui reunidas as mais altas autoridades estaduaes, eminentes representantes do clero, doutos emissarios da sciencia brasileira e gradas pessoas da sociedade espirito-santense para a cerimonia de duas inaugurações, ambas importantes pela sua opportunidade e de natureza a influirem poderosamente no desenvolvimento do Estado.

Tenho, sr. Presidente, o dever gratissimo de levar a v. exa. o convite para dar execução a esses actos : Recebi do illustre e di-

gno director da C. S. M. V. a honrosa incumbencia de fazer entrega a v. exa. deste edificio, agora concluido e em que funcionará o Grupo Escolar de Victoria.

A Commissão de Melhoramentos apresenta a v. exa. uma das mais importantes obras de que cogitava o programma de v. exa. nesta capital, e sente-se ufana de fazel-o, contribuindo para que aqui fique um attestado eloquente da operosidade que se vem verificando neste periodo administrativo em que o Espirito Santo tem a felicidade de ver á testa dos seus destinos um dos seus maiores bemfeitores.

Eu, interprete fraco do sentir desse grupo de jovens, cuja actividade, competencia e honestidade, mais do que ninguem tem v. exa. sabido apreciar, apresento a v. exa. as felicitações por elles formuladas e as suas congratulações pelo exito que vem tendo as realizações do governo de v. exa. que, reclamadas por inadiaveis necessidades, representam a satisfação das mais legitimas aspirações do povo.

Cabe-me o grato dever de solicitar de v. exa. a abertura da Exposição Estadual de Victoria, cuja organização estava a cargo da Secretaria da Agricultura.

Foi-lhe determinada esta data, em commemoração do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.

Abracei a idéa deste empreendimento e, sem hesitar, comprometti-me a promovê-lo, movido pela convicção da justiça do seu objectivo e de confiança em sua real utilidade.

Tal objectivo, elevado, era o de commemorar a reunião, nesta capital dos representantes da sciencia que aqui vinham congregar novos elementos para ampliação e fortalecimento de uma das principaes columnas em que repousa a nacionalidade — a historia patria.

Os espirito-santenses deviam corresponder á grande distincção conferida ao Espirito Santo pela assembléa do 7º. Congresso Brasileiro de Geographia, e nada podia ser mais significativo do que a apresentação dos resultados de sua actividade na agricultura, nas industrias, nas artes e nas riquezas naturaes deste pedaço de territorio patrio.

O Congresso de Geographia representa a cooperação cordeal dos Estados estreitando mais ainda os laços da união brasileira e dahi a força necessaria á ordem e ao progresso; o Espirito Santo, que soube sempre trabalhar para essa união, e que, embora pequeno concorre com energia para o progresso da Patria, offerece aos colendos Congressistas a demonstração de como sinceramente luctam pela prosperidade nacional os 500 mil brasileiros, que nelle vivem.

Sr. Presidente.

Tomado sob outro ponto de vista, o certamen que hoje se inaugura, representa uma das mais louvaveis iniciativas, e não faltarão justos applausos a v. exa. por tel-o realizado.

E' de todos conhecida a importancia das exposições como meio de propaganda commercial e de estímulo ao aperfeiçoamento da

produção. Confio em que os resultados finais não de consagrar este empreendimento ao governo de v. exa. e contribuir para maior prosperidade deste abençoado torrão».

Falou, em seguida, o chefe do governo espirito-santense, que agradeceu as expressões com que o distinguiu, no seu discurso o dr. Bemvindo Novaes e declarou inaugurada a Exposição Estadual.

Teve, então, a palavra o professor Corlumbo Ferreira da Silva, que leu um longo e bem elaborado discurso, conquistando, ao terminar, palmas entusiásticas.

Desprendendo o sr. Florentino Avidos o laço de fitas auri-verde que fechavam a entrada para o interior do vasto edificio do Grupo Escolar, foi este franqueado aos visitantes, que encheram literalmente as suas amplas e arejadas salas, occupadas com os diversos grupos de duas secções da exposição e que assim foram dispostos :

1ª SECÇÃO

Productos espirito-santenses

- 1º. Grupo — Café, cacau.
- 2º. Grupo — Productos agricolas em geral.
- 3º. Grupo — Fructicultura, floricultura.
- 4º. Grupo — Fibras.
- 5º. Grupo — Resinas, plantas oleoginosas e medicinaes.
- 6º. Grupo — Madeiras.
- 7º. Grupo — Zootechnia.
- 8º. Grupo — Mineraes.
- 9º. Grupo — Ceramica.
- 10 Grupo — Varias industrias.
- 11 Grupo — Economia geral do Estado.
- 12 Grupo — Pedagogia, Hygiene.

2ª SECÇÃO

Propaganda industrial e agro-pecuaria

- 1º. Grupo — Machinas agricolas.
- 2º. Grupo — Machinas de beneficiamento.
- 3º. Grupo — Agricultura.
- 4º. Grupo — Zootechnia.
- 5º. Grupo — Construcções ruraes.
- 6º. Grupo — Industrias em geral.

1ª SECÇÃO

Productos espirito-santenses

1º Grupo — Café

Mostruario dos diversos typos

- 1º Typos mais communs no Estado.

341



General Candido Mariano da Silva Rondon
Presidente do Oitavo Congresso Brasileiro
de Geographia



- 2º Mostruario das variedades cultivadas no Estado.
- 3º Mostruario de café beneficiado (pelos diversos processos).

Cacau

- 4º Mostruario das variedades cultivadas no Estado.
- 5º Mostruario dos typos.
- 6º Mostruario dos productos e sub-productos.

2º Grupo

- 1º Mostruario de cereaes das diferentes zonas do Estado.
- 2º Mostruario de outros productos.

3º Grupo

- 1º Mostruario de floricultura.
- 2º Mostruario de fructicultura.

4º Grupo

- 1º Mostruario de algodão cultivado no Estado.
- 2º Mostruario das variedades de algodão.
- 3º Mostruario de outras fibras textéis.

5º Grupo

- 1º Mostruario das diversas resinas.
- 2º Mostruario de plantas medicinaes.
- 3º Mostruario de sementes oleoginosas.

6º Grupo

- 1º Collecção das variedades de madeiras.
- 2º Mostruario de madeiras toscas.

7º Grupo

- 1º Gado vaccum.
- 2º Gado cavallar.
- 3º Gado muar.
- 4º Animaes de outras especies.
- 5º Mostruario de productos de origem animal (couros, etc.)
- 6º Mostruario de passaros e aves selvagens.
- 7º A secção de propaganda exporá junto ao 7º grupo uma collecção de annimaes de raças puras que melhor se possam adaptar ao regimen de criação do Estado.

8º Grupo

- 1º Mostruario dos diversos mineraes.

9º Grupo

- 1º Mostruario dos productos em ceramica.

10 Grupo

- 1º Mostruario da industria dos tecidos e de fiação.
- 2º Mostruario da industria de cordoalha.
- 3º Mostruario da industria de madeira.
- 4º Mostruario da industria agricola.
- 5º Mostruario de productos de origem animal (couros etc.).
- 6º Mostruario de productos chimicos e pharmaceuticos.

11 Grupo

Este grupo está representado em monographias, noticias, publicações diversas, graphics, mappas, planos, desenhos estatísticos, cartas economicas, tendo como elementos elucidativos, photographias, vistas, panoramas, etc., e abrangerá os seguintes assumptos :

- 1º Desenvolvimento economico do Estado de 1915 a 1925.
- 2º Apreciação desse desenvolvimento, probabilidade da sua continuação, indicação dos factores internos e externos que o determinam.
- 3º Situação economica presente do Estado perante os factores interno e externo.
- 4º Perspectiva da expansão economica futura do Estado e exame de orientação a que elle deve ser submettido em vista de suas riquezas naturaes e sua capacidade de attracção e assimilação dos agentes de que mais necessita para o seu progresso, vias de comunicação, braços e capitaes. Estudo de outros agentes que possam influir na riqueza economica do Estado.
- 5º Delimitação das zonas agricolas, pastoris. Estudo economico dos principaes productos do Estado, abrangendo : indicações estatísticas, custo dos productos, tendencia de cruzamento, de cada um, seu consumo no mercado interno e externo.

2ª SECÇÃO

- 1º Publicação para distribuição aos lavradores.
- 2º Mostruario de plantas agricoltiveis no Estado.
- 3º Mostruario de productos agricolas de outros Estados, que possam ser produzidos no Estado.
- 4º Animaes de varias espécies (raças puras) mais adaptaveis ao regimen de criação do Estado.
- 5º Mostruario de productos industriaes de outros Estados, cuja manufactura possa ser incrementada no Estado.
- 6º Machinas agricolas.
- 7º Machinas de beneficiamento.
- 8º Collecção de plantas de casas ruraes.
- 9º Construcções ruraes em geral.

Ascende a mais de 3.000 o numero de expositores, que concorreram ao brilhante certamen que é, sem duvida alguma, uma das mais pujantes e das inilludiveis demonstrações do progresso e do desenvolvimento agricola, industrial e commercial do nosso futuro-estado.

Dos 41 municipios do Espirito Santo, poucos foram os que não concorreram á Exposição e dos que nella tomaram parte destacaram-se na quantidade e variedade de productos que expuzeram, os que aqui citamos, na ordem do seu maior coeficiente e que são : — Cachoeiro do Itapemirim, Victoria, Itaguassú, Collatina, Pau Gigante, Serra, Villa Velha e S. Pedro do Itabapoana.

Coube, como se vê, o primeiro logar ao municipio de Cachoeiro do Itapemirim, que assim se impõe e sobresahe pelo formidavel desenvolvimento do seu solo, da sua industria manufactureira e fabril e do seu intenso e animador movimento commercial, o que vale por collocar-o em posto de incontesteste destaque entre os restantes municipios espiritosantenses.

O dia dos Congressistas

Os srs. Congressistas á 27, pelas 8 horas partiram em 14 automoveis, destino á Serra. No trajecto, ao desenrolar-se a larga estrada que une os dois municipios, elles não occultavam a sua satisfação quer deante da exhuberancia da natureza optima, quer deante da obra dos homens, modificando e aproveitando a natureza.

Às 12 horas, regressaram todos da Serra, um tanto cansados, mas sentindo ufamar-se-lhes a alma de justo orgulho patriotico.

A visita ao Orphanato Santa Luzia

Os membros do Congresso Brasileiro de Geographia visitaram o Orphanato Santa Luzia. Recebidos no edificio do morro de Santa Clara pelo provedor da Santa Casa e irmã Amelia, directora do estabelecimento, detiveram-se os Congressistas em longa contemplação da cidade, que do alto se descortina imponente. O general Rondon e seus companheiros tinham palavras de enthusiasmo, pela cidade maravilhosa, estendida nos morros, nas varzeas, nimbadas de raios de sol.

Após terem gosado do panorama fascinante, os Congressistas percorreram detidamente o estabelecimento ; ao penetrarem no salão de estudo, cem orphãs de pé entoaram as notas vibrantes do Hymno Nacional, que foi religiosamente ouvido pelos illustres visitantes.

Os membros do Congresso cercaram de carinhos as creancinhas, e apresentaram felicitações á directora.

Então, o dr. José Sette, provedor da Santa Casa, agradeceu a honra que ao estabelecimento concediam os Congressistas, frisando que a assistencia publica no Brasil não podia dispensar a cooperação efficaz das religiosas, e assegurou tambem que entre nós a assistencia depende exclusivamente do Estado, e no momento presente da boa vontade permanente, prompta e vigilante do sr. Presidente Florentino Avidos. Pediu aos Congressistas levassem de Victoria uma impressão sua — a de que procuravamos trabalhar pela Patria.

O general Rondon, presidente do Congresso, disse que se sentia feliz em visitar o Orphanato Santa Luzia, que formava seres uteis á sociedade e á Patria, outros tantos nucleos de elementos nobres e dignos que trabalhariam pelo engrandecimento do Paiz.

A's 15 horas, os visitantes se retiraram, manifestando o seu contentamento pelo que haviam observado.

A visita ao Externato Julia Penna

Uma commissão do Congresso de Geographia, composta dos srs. drs. Ewerardo Backheuser, Lepage e Ceciliano Abel de Almeida, lente da Escola Polytechnica, director da Escola Normal do Estado do Rio, e lente do Gymnasio do Espirito Santo, respectivamente, vistou, hontem, ás 14 horas, o Externato Julia Penna, acreditado e importante educandario proficientemente dirigido pela dedicada professora Julia Lacourt Penna.

Levados á sala principal do estabelecimento os illustres Congressistas e mais o sr. João Bastos, director do Expediente da Secretaria da Instrucção, representando o titular dessa pasta; senhores Lepage e Ubaldo Ramalhet e Maia; pharmaceutico Hercules Penna e a directora e professoras do Externato, foi pelos educandos entoado com garbo e entusiasmo o Hymno Espirito Santense. Em seguida, d. Julia Lacoure Penna pronunciou a seguinte formosa saudação:

«Exmos. srs. membros do Congresso de Geographia. Sr. representante do sr. secretario da Instrucção. Meus senhores. Minhas senhoritas.

O sentimento de egoismo que me levou a vos convidar para uma visita ao meu Collegio só tem a sua desculpa no alto valor das consequencias da vossa honrosa presença nesta casa.

Ha momentos, na vida dos luctadores, que compensam plenamente as canceiras, os desanimos, os soffrimentos que a vida sem usura lhes têm offerecido. Este que passa, fugaz e luminoso, é um delles. Entretanto eu quero ir além do presente — eu quero na vossa visita, que nos enche de immenso jubilo, beber coragem para o futuro; eu quero no vosso exemplo fortificar o meu já tão intenso amor pelo Brasil e fazer fructificar este sentimento, espalhando-o nos corações que nos são entregues, plasmas vivos em que procuramos, em melindrosa tarefa, fazer os homens de amanhã.

Eu quero tambem que as minhas creanças se encorajem com a vossa presença e recebam de vós o animo, a força que vos fez vencer...

Permittam-me que dentre todos que attenderam ao nosso convite eu destaque aquelles cuja trajectoria de vida tem algum contacto anterior com a nossa — o dr. Lepage, que foi meu director da E. N. do Estado do Rio, e dr. Backheuser, lente da Polytechnica a quem as idéas transpuzeram os limites da sua cathedra, da sua cidade, do seu estado e pelo Brasil inteiro germinam uma independencia de espirito e uma vibratilidade entusiasta que são o brado sadio das reformas Moraes necessarias.

A estes e aos mais nós rendemos os mais carinhosos agradecimentos e saudamos com amizade, bemdizendo o bem que nos fize-

ram, pois que a vossa visita ao emvez de vos promover mais uma homenagem, foi uma dadiva preciosa para nós pequeninos e modestos, iniciados hontem na labuta de todo o dia, aspera e dolorosa sempre, mas por vezes magnifica e risonha.

A todos eu saúdo em nome do meu Collegio!»

O dr. Lepage fez-se ouvir, em seguida, agradecendo, pelos Congressistas, louvando os esforços e a competencia da directora do Collegio e externando a boa impressão que lhe causaram a sua organização e instalação sob os pontos de vista pedagogico e hygienico.

A todos foram servidos finos doces, refrescos, licores e aguas mineraes.

O film Catharinense

A's 14 1/2 horas foi passado no Cine Central o film natural do Estado de Santa Catharina, que causou optima impressão a todos aquelles que o assistiram.

O Presidente Florentino Avidos compareceu, acompanhado do dr. Aristeu Aguiar, secretario da Presidencia e major Barbeta da Rocha, seu ajudante de ordens e dos srs. secretarios do Governo.

O salão do Cine estava repleto de pessoas, representando todas as classes sociaes.

Na Escola Normal

Pelas 20 horas, a Escola Normal Pedro II apresentava deslumbrante aspecto. O preto das severas vestimentas dos homens casava-se admiravelmente ás multicores toilettes femininas.

A's 20 1/2 horas, os srs. Presidente do Estado, bispo diocesano, secretarios do governo, e Congressistas penetraram no amplo salão de festas, ao som do Hymno Espirito Santense, sendo introduzidos pelo dr. Arnulpho Mattos e uma commissão de professoras.

Feito o necessario descanso, o sr. dr. Ubaldo Ramalhete, digno secretario da Instrucção proferiu o seguinte discurso :

«Exmo. sr. Presidente do Estado. Exmo. sr. bispo diocesano. Exmos. srs. delegados ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia. Exmas. senhoras. Meus senhores.

Jamais me sentirei tão elevado, na tribuna, raras vezes terei a emoção de subir tão alto como agora, falando a uma assembléa, cujo prestigio refulge pela magnificencia de sua imponente expressão de cultura e de culminancia social.

Desta eminencia, a que me alçou a captivante eleição da directoria da Escola Normal, vejo aqui a representação conspicua da autoridade, que é a expressão da ordem social, das letras e da sciência, fonte creadora das grandes conquistas do espirito humano, da egreja, a guarda vigilante e propagadora da fé robusta dos nossos antepassados, fé que illumina, fortalece e vivifica, da justiça e do magisterio, do jornalismo, do que ha de mais nobre na nossa sociedade.

Aos illustres delegados ao Oitavo Congresso de Geographia, aqui presentes, nossos hospedes eminentes, representantes da cultura

nacional, verdadeiros embaixadores da confraternidade brasileira, dirijome, em commovida saudação, falando pela mocidade das escolas, deste cimo luminoso em que se conquistam triumphos e celebram victorias, que a eloquencia e o patriotismo dos nossos grandes homens tanto dignificaram, emancipando, formando, organizando e defendendo o Brasil, de tradições liberaes e democraticas, a nossa estremecida Patria, onde a liberdade, como talisman bemdicto de sua supremacia, foi a deusa dos sacrificios, a aspiração, o anhelos dos gloriosos martyres da historia nacional, a propria força creadora da nacionalidade, a directriz da Nação Brasileira, reflectindo na sua evolução triumphante, atravez de seculos de continuado labor, as aspirações altruisticas, os impulsos generosos, os sentimentos nobres da alma brasileira.

De quantas homenagens vos sejam devidas, senhores Congressistas, nesta terra, que se sente jubilosa de vos hospedar, nenhuma, de certo, vos será mais grata á alma de brasileiros, que esses momentos de contacto com a alma das creanças das escolas, onde se pratica a politica da instrucção, que é a politica do civismo, da formação do brasileiro, do culto ao patriotismo, pala educação dos cidadãos de amanhã.

Porque educar não é reduzir o coefficiente de analphabetos, ensinando apenas a escrever e a ler — a missão da escola tem uma finalidade de relevancia fundamental, interessando profundamente a propria existencia nacional.

«A escola, nas nações fortes, é a officina da nacionalidade. E' nella que se forja a tempera de aço dos povos guias da civilização», porque ella é que forma, desenvolve e dirige as aptidões individuaes, melhora, corrige, orienta a formação do character, desperta os impulsos generosos e altruisticos, infunde o culto do patriotismo e do amor da Patria.

Como na vossa missão de embaixadores da intellectualidade brasileira, sois tambem empenhados na patriótica cruzada do fortalecimento da nossa união, pelo conhecimento do Brasil pelos brasileiros, não é demais que vos venha dizer em synthese ligeira de como aqui nos interessamos pelo relevante problema nacional da educação popular.

Organisada sob um systema de methodos racionais, a instrucção do primeiro gráo é aqui distribuida por grupos escolares, escolas reunidas e escolas isoladas, em programmas de ensino limitados aos conhecimentos imprescindiveis, á vida do cidadão, ao lado dos preceitos da educação moral e civica, instituido em cada escola um verdadeiro culto á Patria e a sua bandeira, pelas commemorações das datas historicas do Brasil e dos seus grandes filhos.

Com uma população de 457 mil habitantes, segundo o ultimo recenseamento, e uma população escolar approximada de 57.212 creanças em idade de frequentar escolas (7 a 12 annos), conforme o recenseamento levado a effeito pela Secretaria da Instrucção, dispõe o Estado actualmente de 570 escolas primarias officiaes e 52 particulares e municipaes subvencionadas pelo Governo estadual, accusando a matricula de 23.384 creanças de ambos os sexos e uma frequencia de 18.266.

Vê-se que quasi metade da nossa população escolar se acha matriculada nas escolas que o Estado mantem ou subvenciona, quociente que, certamente, elevar-se-á muito com os resultados que esperamos co-

lher da
sua prin
pratica

mos um
giu nest

com qu

intellige
menage
s eu retr
progres

ção, val
ticam a
gnando
do, a di
qual nã

vanecim
palavra,
ção de
annos d
e materi
periodo

vella o
em uma
tense e
graphia
cidade
nossos
cada ve
Brasil!

sidente

secretar
tino Av

Estellin
Irene C
froy, Ju
Silveira
marães.
e music
pela ali
Guimar

lher da execução do ensino obrigatorio, instituido no Estado desde a sua primeira organização constitucional, já regulamentado e posto em pratica no corrente anno.

Temos feito pouco, ainda não fizemos tudo, mas já conseguimos um grande passo, elevando a frequencia escolar á cifra a que attin-giu nestes ultimos annos.

Senhores. Já me alonguei demais e vos vou cançando a tolerancia com que me ouvis.

A' oportunidade feliz desta brilhante reunião, em uma festa da intelligencia, quiz a Escola Normal Pedro II associar uma justissima homenagem ao senhor Presidente Florentino Avidos, com a apposição de s eu retrato, nesta sala, entre os daquelles que se têm esforçado pelos progressos da instrucção publica no Espirito Santo.

Bem louvaveis são, senhores, gestos como esse, de consagração, valendo como applausos á acção dos homens de Governo que praticam a politica, bem entendida, na sua sã e legitima accepção, propugnando ao lado das iniciativas e emprehendimentos materiaes do Estado, a disseminação do ensino, o desenvolvimento da instrucção, sem a qual não ha progresso.

Disobrigo-me, pois, com orgulho patriotico e com grande desvanecimento da honrosa incumbência de celebrar tambem com a minha palavra, a homenagem aqui prestada ao eminente cidadão que, na direcção dos destinos da minha terra, tem realizado, em pouco mais de dois annos de administração, uma grande e valiosa obra de progresso moral e material, que, vale pela execução do brilhante progrmma de todo um periodo constitucional de Governo.

Ao descerrarem, estas jovens educandas, o augusto pavilhão que vela o retrato do senhor Presidente Florentino Avidos, eu quero reunir em uma só, as saudações ao eminente chefe do Governo espiritosantense e aos nobres delegados ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, erguendo com o mais fremente enthusiasmo, nesta festa da mocidade estudiosa, um voto ardente, fervoroso, com as nossas almas, os nossos corações de brasileiros, pelo futuro radioso, pela prosperidade, cada vez maior, da nossa grande Patria, una, cohesa e forte. Viva o Brasil!»

Descerrou-se então o velario que envolvia o retrato do sr. Presidente do Estado, ouvindo-se então o Hymno Nacional.

Seguiu-se a outra parte que obedeceu ao seguinte programma:

PRIMEIRA PARTE — Discurso pelo dr. Ubaldo Ramalhette Maia, secretario da Instrucção, inaugurando o retrato do exmo. sr. dr. Florentino Avidos, Presidente do Estado.

SEGUNDA PARTE — Barcarola — pelas alumnas Celisa Ribeiro, Estellina Borges, Georgette Bumachar, Elsa Nascimento, Iracema Silva, Irene Q. Souza, Jacyra Santos Pinto, Luiza Loureiro, Maria Luiza Joffroy, Jurema Coutinho, Ruth Maciel, Maria Buzatto, Olga Carloni, Lilia Silveira, Alda Pereira. Dansarina — cançoneta pela alumna Odette Guimarães. Minha filha — cançoneta pela alumna Nair Moreira Nery, letra e musica do dr. Arnulpho Mattos. Tristezas do Jeca — (toada sertaneja), pela alumna Aracy Botelho. A Floreira — cançoneta pela alumna Odette Guimarães, musica do dr. Arnulpho Mattos e letra de Dulce Carneiro.

Ao cair da Noite — (melodia), letra e musica do dr. Arnulpho Mattos, cantada pela alumna Maria Busatto. A Geischa — cançoneta pela alumna Alayr Guimarães.

TERCEIRA PARTE — Thereza ou Judith? — Opereta pelas alumnas Celisa Ribeiro, Maria Luiza Jouffroy, Maria Ramos, Alda Guimarães, Iracema Silva e Côro pelas alumnas da Escola Modelo. Letra de... e musica do dr. Arnulpho Mattos.

Estrugiram palmas prolongadas ao terminarem as jovens e intelligentes artistas, os trabalhos. Uma das meninas, Odette Guimarães, recebeu de Mme. Alipio di Primio lindo collar, como recordação dos momentos de arte que proporcionara. As interpretes excederam a geral expectativa e de toda a parte se ouviam commentarios elogiosos ao feliz desempenho dos papeis.

No Club Victoria

Os elegantes salões do «Victoria» estavam repletos do que de mais selecto possui a nossa sociedade, fazendo-se animadas dansas até alta madrugada.

Falou o dr. Thiers Velloso, em nome do Club, do qual é digno presidente, offerecendo a festa aos membros do VIII Congresso de Geographia, tendo o general Rondon, em nome do Congresso, agradecido aquella delicada homenagem.

Visita á gruta Pedro Palacios

Conforme estava annunciado os srs. Congressistas foram ao Convento da Penha, em visita á Excelsa Virgem.

O transporte foi feito em lanchas especiaes postas á sua disposição pelo governo do Estado.

Acompanhando os srs. Congressistas foram os membros do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, autoridades federaes, estaduaes e municipaes e familias.

No caes da vizinha cidade receberam os srs. Congressistas os membros da Camara Municipal e elevado numero de pessoas representando todas as classes sociaes.

Em frente á gruta Pedro Palacios estavam os alumnos das tres escolas da cidade do Espirito Santo, devidamente uniformizados, que acclamaram, com delirio, os visitantes.

O desembargador Carlos Xavier, usando da palavra, falou sobre a vida de frei Pedro Palacios.

O desembargador José Boiteux, em nome dos seus collegas, agradeceu a manifestação que acabavam de receber, referindo-se especialmente á mocidade espirito santense.

No Convento da Penha

Ahi, depois de um ligeiro descanso, penetramos no templo da Virgem.

A's 11 horas o revmo. padre José Ludwin, capellão do Convento, offereceu aos visitantes uma lauta mesa de doces e bebidas finas.

Fez, então, uso da palavra o sr. d. Benedicto Paulo Alves de Souza, bispo diocesano, que, com o sr. d. Manoel Gomes de Oliveira, bispo de Goyaz, acompanhou os srs. Congressistas até aquelle templo.

O sr. d. Benedicto de Souza fez a apresentação do capellão do Convento aos visitantes, convidando-nos em seguida para o lanche.

Após, o desembargador José Boiteux convidou o dr. Ewerardo Bachkeuser, para, em nome de todos os presentes, agradecer aquella homenagem que acabavam de receber.

As palavras do dr. Ewerardo Backheuser ainda estão gravadas no espirito de todos. Foi, como se esperava, um bellissimo discurso, no qual s. exa. revelou conhecimentos profundos de todas as religiões.

As ultimas palavras do dr. Backheuser, foram referentes ao nosso illustrado bispo.

O orador enalteceu a grande obra de d. Benedicto de Souza, que tudo vem fazendo para elevar, bem alto, no Espirito Santo, a religião catholica, apostolica, romana.

Agradeceu o padre Ludwin aquella demonstração de apreço.

Discurso do padre José Ludwin

«Exmo. sr. bispo Diocesano. Exmos. srs. Congressistas. Exmas. senhoras e senhoritas.

Bem sei que não deveria falar neste momento, especialmente depois de ter ouvido oradores tão eloquentes, como os que me precederam, que com palavras faceis e vibrantes, em phrases maviosas acabam de deleitar este selecto e culto auditorio.

Sou no entanto obrigado a proferir algumas palavras, porque devo agradecer aos srs. Congressistas a honrosa visita que acabam de fazer a este Santuario da Penha.

Ha dez annos que tenho a felicidade de dirigir este Santuario e durante este tempo tenho visto romeiros de todas as posições sociaes, de todos os Estados do nosso grande Brasil, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, prostrarem-se diante do throno da Virgem da Penha para implorar benções e graças e para agradecer os favores que a Nossa Senhora da Penha tem prodigalizado a todos.

Mas que vos devo dizer neste instante?

Falar-vos sobre sciencia, sobre geographia? Não! porque eu vejo diante de mim representantes de muitos Estados do Brasil, homens eminentes na sciencia, profundos conhecedores da geographia.

Devo apenas agradecer-vos, srs. Congressistas a visita que fizesdes a este Santuario tão querido do povo espirito-santense, gloria do passado, admiração do presente, orgulho de todos os tempos.

Ha mais de tres seculos este monumento historico e de fé christã, no alto da montanha, em cima deste penhasco está desafiando as inclemencias do tempo.

Senhores! Ha quasi quatro seculos, num Convento de Arrabida, em Portugal, um irmão leigo da Ordem de São Francisco, teve um sonho mysthico, cujo sentido não soube decifrar e que no entanto está se realisando até os nossos dias.

Via em alto mar uma nau contra a qual debatiam-se as ondas furiosas tentando sossobral-a e quando os passageiros viam diante de si o tumulto que lhes abria o oceano um anjo estendendo as suas azas sobre os naufragos salvou a todos, um por um.

Contra este rochedo sobre o qual está edificado este Santuario tambem se chocam violentamente as ondas furiosas das paixões humanas e quando os verdadeiros crentes estão em perigo de serem sepultados no oceano immenso das paixões e dos vícios a Santissima Virgem, que estabeleceu o seu throno de misericordia no alto desta montanha, salva a todos, um por um.

Pois bem, um dia Pedro Palacios depois de muita insistencia, conseguiu afinal licença dos seus superiores para embarcar com destino ao Brasil.

Numa linda tarde do anno de 1558, quando o sol já começava a desaparecer no longinquo horizonte e com os seus ultimos raios doirava a pittoresca vegetação do morro da Penha, um humilde religioso desembarcou no povoado de Villa Velha e volvendo os olhos para o nascente, no cume da montanha avistou duas palmeiras frondosas, cujos ramos eram agitados pelo vento que soprava mansamente.

Mais tarde, no meio destas palmeiras edificou a primeira Capella chamada a «Ermida das Palmeiras».

Annos depois os successores de Pedro Palacios edificaram este Santuario que é hoje uma das reliquias mais preciosas dos nossos antepassados.

O tempo que tudo destroe não conseguiu destruir este monumento historico.

E' verdade que, quando o ultimo frade sobrevivente da Provincia brasileira da Immaculada Conceição, frei João do Amor Divino Costa transferio a sua residencia para o Convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro, este Santuario ficou abandonado por longos annos e era natural que a acção demolidora do tempo já se fizesse sentir.

Era preciso salvar esta reliquia preciosa dos tempos coloniaes.

A Egreja preferida pelo povo capichaba devia ser conservada e tratada com carinho, eis porque o primeiro bispo desta Diocese, Dom João Nery, de saudosa memoria, pedia a Santa Sé a transferencia do Convento da Penha para a Mitra diocesana.

O seu successor Dom Fernando de Souza Monteiro, tambem de saudosa memoria, durante treze annos de episcopado fecundo empregou os seus melhores esforços para restabelecer as tradições gloriosas desse Santuario.

Porem é preciso que vos diga que esse Santuario começou uma vida completamente nova depois que tomou posse desta Diocese Dom Benedicto Paulo Alves de Souza, nosso amado Bispo Diocesano.

S. exa. desde que chegou a Victoria, tem feito tudo para que a Penha progrida e prospere.

Desde então as festas são celebradas com todo o esplendor.

Romarias constantes são promovidas.

Quantas e quantas vezes o sr. Bispo Diocesano tem subido esta montanha acompanhado de Irmandades religiosas, Vicentinos e pelo povo entoando canticos em louvor da Santissima Virgem !

Mas não é somente na parte espiritual que se fez sentir a influencia benéfica de s. exa.

O sr. Bispo Diocesano tem-me proporcionado todos os recursos para a realização dos importantes melhoramentos introduzidos nestes últimos annos neste tradicional Convento.

A reforma do Santuario e do Convento annexo, a instalação de agua, a reconstrucção da casa dos romeiros que ha meio seculo estava em ruinas e muitos outros melhoramentos, são provas eloquentes do grande cuidado e carinho com que o sr. Bispo trata esta reliquia preciosa dos nossos antepassados.

Senhores! por occasião do Oitavo Congresso de Geographia mais um importante melhoramento devia ser inaugurado.

O sr. Bispo mandou reproduzir na tégua os principaes acontecimentos deste Santuario desde a chegada de frei Pedro Palacios até os nossos dias.

Este trabalho de alto valor religioso e historico foi confiado ao conhecido pintor paulista, Benedicto Calixto, que com inspiração de verdadeiro genio artistico soube representar magistralmente na tégua os grandes prodigios operados pela Santissima Virgem.

Exmos. srs. Congressistas! Terminando esta allocução quero mais uma vez agradecer a honrosa visita que fizestes a este Santuario e vos convido a levantarmos um viva entusiastico a Virgem da Penha.

Viva Nossa Senhora da Penha!

Fala o dr. Antonio Athayde

Usou da palavra, em seguida, o deputado Antonio Athayde, que pronunciou substancioso discurso demonstrando as difficuldades encontradas para a construcção do Convento e relembrando os nomes daquelles que trabalharam na construcção do mesmo.

Disse s. exa. mais ou menos o seguinte:

«Nós que com alguma fadiga, desde o portico da Penha, experimentamos em galgar as ladeiras deste monte, lembremo-nos tambem como uma piedosa prece, dos humildes obreiros que representando a massa anonyma de homens guiados pelo amor de N. S. da Penha traziam até aqui para a construcção do templo, todo o material necessario: tijolo, cal, agua e oleo para as argamassas, para consolidar esta fortaleza inexpugnável da fé dos nossos antepassados.

Lembremo-nos daquelles pobres homens, desde o pequenino operario até o mais graduado; e vemos que todos elles cooperaram tambem, com grande amor, pela construcção desta reliquia, deste magestoso Convento da Penha, que é um fóco de luz benéfica do veneravel catholicismo.

Incorporemos tambem esses humildes operarios na gloriosa obra deste monumento de Fé que hoje o Congresso de Geographia visita e presta a sua respeitosa homenagem.

Saudemos, pois, o nosso querido bispo D. Benedicto de Souza; a elle o preito de nossa gratidão e veneração».

O dr. Athayde foi grandemente complimentado.

Terminado o lanche os srs. D. Benedicto de Souza e D. Manoel de Oliveira gentilmente nos mostraram todas as dependencias do Convento.

Foi optima a impressão que todos tivemos dessa visita.

Em Piratininga

A's 14 horas chegavamos á Piratininga, onde os srs. Congressistas e demais pessoas foram recebidos pelo commandante e officialidade do 3º Batalhão de Caçadores.

Introduzidos na sala de recepção do quartel, ali nos demoramos em amistosa palestra com a briosa officialidade do 3º de Caçadores.

Com o commandante interino dessa unidade do nosso Exercito, capitão dr. Octavio Alves de Araujo, os visitantes percorreram todas as dependencias do quartel, sendo-lhes então offerecido uma mesa de finissimos doces, fructas e bebidas.

Ao champagne usaram da palavra o desembargador José Boiteux e dr. Luiz Estevão.

O desembargador Boiteux agradeceu á officialidade do 3º o modo por que foram recebidos e o dr. Luiz Estevão pronunciou eloquente discurso que deixou a melhor impressão no espirito de todos os presentes. S. exa. falou demoradamente sobre a missão do militar.

As suas palavras eram a cada momento interrompidas por calorosas salvas de palmas.

Em nome do Exercito e especialmente do 3º de Caçadores falou, commovido, o major Alipio di Primio cujo discurso callou bem no espirito dos seus collegas e demais pessoas presentes.

Conferencia do General Rondon

Desde ás 19 horas já o vasto salão do Cine-Central estava literalmente cheio de pessoas representando todas as classes sociaes, ansiosas de ouvir a palavra vibrante do valoroso soldado.

S. exa. deu entrada no Cine ás 8 20, debaixo de uma prolongada salva de palmas.

Aberta a sessão pelo exmo. sr. Presidente Florentino Avidos, que estava ladeado dos srs. bispos do Espirito Santo e de Goyaz, foi dada a palavra ao deputado Antonio Athayde, que fez a apresentação do conferencista, pronunciando o seguinte brilhante discurso :

«Exmo. sr. Presidente do Estado. Exmos. srs. bispos do Espirito Santo e de Goyaz. Exmo. sr. presidente do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo. Carissimos confrades. General Rondon. Minhas senhoras e meus senhores.

A honra insigne que nos foi conferida da comparencia no douto Congresso Brasileiro de Geographia, do eminente compatricio general Rondon, nos empolgou da mais viva alegria, pelo exito dos nossos trabalhos, inspirados nos ensinamentos do seu brilhante espirito, educado nos sãos principios de sua orientação republicana, ao serviço altruistico da Patria amada.

Temos diante de nós neste selecto recinto onde estão condignamente representados grandes valores intellectuaes do nosso paiz, um homem extraordinario no saber, no sentimento e no character.

O homem não aprende sómente para saber com egoismo, ostentando vaidosa sabedoria, e sim, aprende para melhor e bem servir, com altruismo, os reaes interesses das collectividades.

Rondon é o grande apostolo do Brasil selvagem.— Desfraldando a bandeira da concordia, da hospitalidade e da justiça, elle transpõe perigos inenarraveis, embrenhando-se pela vastidão inexplorada dos invios sertões do nosso prodigioso Brasil, e vae na defeza dos indios bravios, levar-lhes, com doçura e prudencia, o balsamo beneficiador da assimilação civilisadora.

Muitas vezes, sitiado pelas tribus aguerridas, elle, com seu admiravel estoicismo, consegue com exito strategico, dominar com amor e inexcédível paciencia, aquella formidavel situação de graves consequencias, para si e seus detemerósos companheiros da cruzada pacificadora, sem comtudo aggredil-as um só instante.

Serenados os impetos de bravura e de odio tradicional daquella pobre gente, Rondon chama á fala os caciques e lhes diz no glosario sonico do tupy que elles entendem, com palavras de verdadeira amizade e carinho que logo elles comprehendem, estar ali o seu maior amigo bemfeitor e não os seus algozes bandeirantes de outr'ora. Faz reparar as injustiças que os conquistadores lhes commetteram — na dizimação de suas hostes, na deshonna de suas tabas e na usurpação criminosa de seus legítimos dominios.

O gentio é menino em todas as edades e em todos os lugares. Responsabilizal-o pelo que faz de mal, inconscientemente, é supina ignorancia de quem o incrimina.

Retiral-o abruptamente das selvas, do seu meio fetichista, para adaptal-o immediatamente aos habitos occidentaes, é por certo um insuccesso que fatalmente se obtem, ainda por ignorancia de quem o faz. Rondon é o general em chefe do Serviço de Protecção aos Indios, no amparo material e no apoio fraternal que elle presta honestamente, com prudencia e paciencia inegualaveis a essa pobre raça, já em destroços, tão barbaramente explorada e sacrificada desde o descobrimento, até os nossos dias.— Não coube a ella a felicidade de ter nascido e gozado a doce tranquillidade e alegria das trinta aldeias risonhas, que a vigilancia dos bons padres segregou do mundo, lá no Paraguay, conforme descreve o padre Charlevoix, da *Republica Christã*. Chateaubriand no seu *Genio do Christianismo*, chama a esse reinado de doçura — o pacifico refugio das populações devastadas pelos hespanhões, portuguezes e bandeirantes, que lá ficou na fragrancia suavissima das mattas.

Vem desde o Brasil colonial a humilhante situação dos nossos aborigens, perseguidos, escravizados e sequestrados dentro de sua propria terra !

Nem se diga que elles nunca produziram typos superiores de bravura, de bondade e de amor.— Fala a Historia mais alto que a nossa humilde e desautorizada palavra, narrando os brilhantes feitos patrio

ticos, cantados nas odes dos nossos poetas, de Camarão (os dois), Tabira, Ararigboia, Tibiriçá, Cunhambêbe, Jaguaré e muitos outros emulos que elevaram e dignificaram os sentimentos de sua raça.

Bemdicto o governo que instituiu o relevantíssimo serviço de pacificação e protecção aos índios ! Não ha no nosso paiz, serviço de tanta benemerencia como esse. Effectivamente, os selvicolas já tiveram ardorózos defensores, do quilate do Marquez de Pombal, José Bonifacio, Azeredo Coutinho ; bem assim, dos dignos padres — Nobrega, Anchieta, Pedro Palacios, Luiz da Gran, Figueira, Affonso Braz e muitos outros paladinos de sua redempção ; porém, a maldade dos colonisadores neutralisava, por algumas vezes, os beneficios que lhes proporcionava a catechese religiosa ou leiga.

Meus senhores.

Ha approximadamente trinta e três annos que Rondon, este abnegado servidor da Patria e da Humanidade, vive internado nas selvas, fóra do convívio das grandes cidades, em um trabalho solidario e continuo no laboratorio da nossa exuberante natureza physica — observando os seus elementos, estudando os seus phenomenos, os seus variados systemas orographicos e hydrographicos, a sua fauna, a sua flora, o valor therapeutico de suas plantas, como tambem abrindo ao trafego, milhares de kilometros de linhas telegraphicas, executando rigorózos trabalhos topographicos e geodesicos, levantando plantas estrategicas e mappas descriptivos de regiões ignoradas, actualmente incorporadas ao patrimonio nacional, finalmente, tudo mais que a sua grande capacidade de acção deseja conhecer, para tornar ainda maior o nosso querido Brasil.

A par dos meritos de seus multiplos trabalhos profissionaes, elaborados em plena matta virgem, entretanto onde Rondon torna-se admiravelmente personalisado, é no seu denodo patriotico de pacificador das tribus, tendo o amor por principio.

Na solitaria vereda das florestas virgens, o seu fadario glorioso já o immortalisou, como um benemerito.

Já pacificou os Bororós do rio das Garças, uma tribu dos Chavantes, a nação Nhambiquara, os Kepikiry-uats, os Barbados, os Caingangs de S. Paulo, os Pathachós e Camacans da Bahia, os Jauaperys do Amazonas, os Javahés de Goyaz, como tambem os Gíporocas, os Nacnanues e Nac-hereré do Espírito Santo, em cujo serviço muito cooperou o illustrado compatricio engenheiro Antonio Estigarribia. Aggremiou os Guaranyes paulistas e os Bororós de S. Lourenço, enfim estendeu o manto fraternal de seu amparo material e moral, sobre todos os selvicolas que precisassem de sua assistencia protectora.

Meus senhores.

Ha um facto flagrante em plena floresta, que comprova a bravura altruistica e o valor inexcédível do Serviço de Protecção. Rondon tendo aviso do assassinato do coronel Cornelio Chaves e sua esposa, em 1912, pelos índios, em represalias aos ataques soffridos, e tambem do rapto feito por elles de suas cinco filhas, providenciou immediatamente com seus dedicados companheiros afim de que todos descobrissem o paradeiro da tribu e libertassem as raptadas. Caminharam durante sessenta dias de soffrimento, numa

peregrinação de terríveis revezes, até penetrarem no acampamento dos índios Cunibas e lá estavam as pobres mocinhas presas ; mas, cumpre-nos dizer, com todo respeito e considerações próprias do seu sexo. Foi admirável esse testemunho de moralidade dos nossos aborígenas, o que aliás não é raro, os exemplos de castidade espontânea, entre elles. Temos a historia da *Donzella das Ilhas*, e o *Casamento Casto*, vivendo ambos como irmãos, conforme comprometteram-se em Itaquam, nas missões paraguayas, como relata o padre Montoya.

Rondon com seus methodos de paciência e bondade, pôz termo ás constantes correrias e perseguições de que eram victimas os pobres selvícolas, por todo o interior do Brasil.

O Serviço de Protecção já estabeleceu tambem as linhas demarcadôras das tribus, abrandando assim os impetos de aggressão invasôra entre ellas ; entretanto, facto surpreendente entre nós, no Brasil civilizado, ainda não obtivemos uma formula pacificadôra para resolvermos as nossas pendencias seculares de divisas interestaduaes. Ha sempre um egoismo regional, apaixonado e execravel na cubiça da area limitrophe do maior Estado contra o menor, que nos faz recuar até o selvícola, não obstante os nossos apregoados fóros de civilisação !

Meus senhores.

Ha um primoroso repositório de originalidades e de factos scientificos muito debatidos pelo emerito desbravador dos nossos sertões, aliás interessantissimos, que concorrem para illustrar brilhantemente as paginas da Historia.

Na MEMORIA, *A descoberta da America* que apresentamos ao douto Congresso Brasileiro de Geographia, fizemos referencias de alguns dos factos, cuja divulgação constitue incontrastavelmente um successo para as nossas pesquisas gentílicas.

Citemos, pois, o mencionado trecho da alludida MEMORIA pag. 19 — que passamos a lêr :

«Felizmente, graças ao trabalho abnegado de Rondon, o incomparavel desbravador dos nossos sertões, a sciencia ethnica tem feito grandes lances de verdade sobre muitas coisas dvidosas entre nós : quer divulgando a nomenclatura dos índios ; quer divulgando a divisão das tribus no Amazonas, Pará, Mato-Grosso e Goyaz. — Na conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico do Brasil, a 30 de novembro de 1917, o naturalista e illustre engenheiro Barbosa Rodrigues, demonstrou cabalmente, com os recentes trabalhos de Rondon, que somos nós, e não o índio, como se suppunha, o verdadeiro guarany. Esta revelação ethnica produziu, como era natural, uma verdadeira sensação sobre o selecto auditorio que o ovacionou freneticamente. O illustrado conferencista depois de citar varios factos interessantes sobre os nossos índios, a traduzir todos os nomes das tribus apresentadas pelo Rondon, provou que o *guarany* não é o índio, como até agora se dizia. O verdadeiro *guarany*, o authentic, é o conquistador das terras brasileiras, é em ultima analyse, o colonizador. Disse mais, que a palavra *Karahyba* foi a designação dada a Colombo quando desembarcou

nas Antilhas, como chefe dos conquistadores e, bem assim, que os índios não eram mais que *Améeycos* (chefes que custam a entregar a cabeça ás injuncções da civilisação).— Dahi a procedencia da denominação dada á America, sendo por consequencia desfeita a opinião do padre Jean Basin, acceita pelo mundo inteiro, quando affirmou ter a designação de America, provindo de Americo Vespucio, cujo verdadeiro nome do destemido navegador foi *Alberico*».

A verdade triumphava sempre — vae á Posteridade, sem nada obstar-lhe a marcha gloriosa.

Rondon é o nosso grande geographo, por excellencia.— Dentre outras manifestações do seu espirito privilegiado, ha um facto importantissimo em sua vida que o exalta sobre-modo, glorificando tambem a nome do nosso querido Brasil.

Tendo o ex-Presidente dos Estados Unidos da America do Norte, comprehendido uma excursão scientifica em sua companhia, pela região do Amazonas, voltou á sua patria encantado por tudo que viu. Já em New York, os jornaes o entrevistaram frequentemente sobre o que elle admirou em nossa terra, Theodoro Roosevelt disse então : Venho maravilhado pela superioridade do Brasil. Tudo ali bello, magestoso e exuberante ; mas, não foi só a natureza physica que me encantou, foi tambem a grandeza moral do meu companheiro Rondon, homem modelar no saber e nas virtudes.

Esse juizo insuspeito e autorizado de Theodoro Roosevelt, e saudosa memoria, uma gloria de sua Nação, constitue nobremente uma auréola dignificadora da capacidade intellectual e moral do nosso querido evangelizador das selvas.

Meus senhores.

Coordenada esta resenha dos valiosissimos e notaveis feitos do general Candido Rondon, ao serviço da Patria e da Humanidade, temos por alvo prestar-lhe, nesta feliz oportunidade, em nome do douto Congresso de Geographia, e especialmente do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, na qualidade de seu egregio socio honorario — uma significativa e affectuosa homenagem por sua incomparavel conducta civica e humana nos destinos gloriosos do nosso Brasil. Manifestamos assim verdadeira sympathia e respeitosa admiração pelo brilho de sua fecunda cooperação scientifica, esta memoravel e selecta assembléa de homens cultos e reputados valores nas letras da nossa Patria.

Salve, o inclito general Candido Rondon, por esta excelsa honra, já consagrada pela aclamação unanime dos illustrados membros deste Congresso, entre vibrantes applausos á sua veneranda pessoa, para presidir os seus trabalhos !

RONDON é o insigne lapidario do Brasil selvagem, dentro do Brasil civilisado !

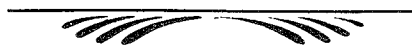
Confraternisemo-nos carissimos confrades, em torno do glorioso Soldado da Republica.

Viva o General Rondon !

Viva a Patria Brasileira !



Desembargador Carlos Xavier Paes Barretto
Presidente da Comissão Organizadora
do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia



Um momento de atenção e levanta-se o general Candido Rondon, que com entusiasmo e eloquencia lê a seguinte conferencia :

Unidade Nacional

Por mais que queiramos encarecer os louvores que merecem os benemeritos concidadãos que promovem entre nós reuniões do genero e dos fins deste VIII Congresso Brasileiro de Geographia, nunca o faremos na altura do valor real do serviço que elles assim prestam ao engrandecimento e progresso da nossa Patria. E assim é porque, na immensa vastidão do nosso Brasil atenuam-se e apagam-se, antes de chegar a todos nós, os rumores levantados nos pontos longinquos pelo incessante labutar dos obreiros que vão erigindo pedra a pedra o edificio da nossa gloriosa nacionalidade. Torna-se, pois, necessario e altamente meritorio, que de tempos a tempos, nos busquemos uns aos outros, em fraternal approximação para retemperar o nosso enthusiasmo e reacender a nossa fé na prosecução da obra commum, mediante a visão directa do andamento que ella vae tendo por toda a parte. Só assim, separando pelo trato immediato as lacunas e os deliquios do nosso imperfeito commercio intellectual, podemos nos elevar ao conhecimento das acquisições já realizadas no sentido de melhor conhecermos a nossa terra e o nosso povo, e tambem ficarmos ao corrente das esperanças que aviventam e propulsam cada uma dessas almas irmãs da nossa pela mesma alta idealidade de proseguir na grandiosa construcção iniciada pelos nossos antepassados.

O Exercito Nacional participe desta grande obra, exulta sempre que se lhe depara uma tão propicia occasião como a presente para reafirmar a sua plena communhão de sentimentos e de pensamentos com todos quantos trabalham hoje para o nosso Futuro com afinco identico áquelle com que os nossos paes trabalharam para nós. Eis porque elle recebeu desvanecido o convite para tomar parte neste Congresso, onde para corresponder á vossa gentileza comparece na personalidade brilhante do meu distincto camarada major Alipio Virgilio di Primio, Chefe do Serviço Geographico Militar, e no prestigio dos esforços por mais de um terço de seculo continuados em longinquos sertões por devotados companheiros e amigos que eu aqui represento.

Felizmente posso ter a certeza de não falhar á missão que gostosamente acceitei de aqui representar com fidelidade as aspirações e opiniões civicas do Ministerio da Guerra. Porque, onde e quando quer que se reunam brasileiros para cogitar de assumptos atinentes á Patria commum não correrá risco de errar quem disser que o pensamento dominante e director de todos seus cuidados é o proseguimento, em busca do necessario remate, do programma politico do Patriarcha da nossa nacionalidade, o grande José Bonifacio de Andrada e Silva.

Ora, esse programma consta de duas partes intimamente en-

trelaçadas e tão connexas que nenhuma solução parcial será possível, como não seria satisfactoria nem duravel caso se realizasse. Ambas referem-se á unidade patria, mas não se confundem, porque uma diz respeito á séde onde existe e de onde tira a seiva de que se nutre o grande organismo da nacionalidade, e a outra entende com a propria structura desse organismo. De um lado é a unidade territorial, obra prima de sabedoria politica a que se referia o Patriarcha quando falava na «famosa peça inteiriça» do Brasil, e d'outro lado é a unidade ethnica do povo brasileiro, a que o grande estadista alludiu dizendo que o seu pensamento era — «formar em poucas gerações uma Nação homogenea, verdadeiramente livre, respeitavel e feliz.»

Todo o esforço de conservação e de crescimento do Brasil no seculo já decorrido de sua existencia autonoma, tem consistido, em ultima analyse, na criação de meios para tornar cada vez mais satisfatoria a realização desse bello programma. No periodo imperial a preocupação foi despertar por toda a parte o sentimento e a noção dessa unidade, exagerando a subordinação dos membros ao cerebro para criar e realçar nelles a consciencia do todo.

Na Republica a descentralização tem por fim eliminar o excesso de semelhante dependencia, que já ia ameaçando de atrophia os elementos periphéricos e compromettia a harmonia, o consenso mutuo delles entre si, e de todos para com o centro. Na verdade, em organismos tão complexos como o de uma nacionalidade é preciso saber evitar que um órgão absorva os demais, por ser isso não menos attentatorios da vida collectiva do que a autonomia levada até á cessação do concurso. — A Republica veio assegurar a possibilidade de prolongar-se por tempo indefinido este concurso necessario, mediante o estabelecimento de condições favoraveis a conciliar-se a ligação com a independencia, de modo a estabelecer a união onde antigamente havia o dominio de um elemento sobre os outros.

Não basta, porém, que a ordem politica seja sabiamente construida para ficar assegurada a unidade de um povo. A verdade é que a acção puramente politica não crêa semelhante unidade, só o que devemos pedir e esperar della, quando esclarecida e bem orientada, é que não contrarie, não deforme nem destrua os germens que de taes laços por acaso já existam, mas que, ao contrario, estabeleça situações propicias ao seu desabrochamento e á plena expansão de todas as suas forças. Destes germens tão numerosos quanto variados, só me referirei aqui ao relativo á communhão de interesses economicos por ser aquelle sobre o qual a acção politica se póde exercer mais directa, mais segura e mais rapidamente. Nesse terreno ha providencias a adoptar, de effeitos certos e efficazes, sempre proveitosos e inteiramente realizaveis pelos governos temporaes.

Eu quero referir-me particularmente ás vias de communicação interna, destinadas a estreitar nos laços de permanente intercambio de sentimentos, de idéas e de productos, os diversos nucleos da população brasileira, que por varios titulos, ainda vivem tão alheios entre si. Neste particular a parte Sul do Paiz acha-se mais bem aqui-

nhoada ; ahí as arterias mestras já se encontram em plena actividade, e graças á maravilha do engenho mecanico da Humanidade, que é o automovel, as relações de character viceral irradiando das estações dessas linhas, corresponderão, por muito tempo aos reclamos mais urgentes das necessidades reaes de taes regiões.

Mas, já o mesmo não podemos infelizmente dizer da vastidão immensa que constitue o Norte e o Noroeste da Republica. Em muitos desses elementos da nossa nacionalidade encontramos linhas ferreas, constituindo ás vezes um esboço já apreciavel de rêde. São systemas parciaes, cuja existencia não modifica a apreciação anterior. Parece até que do ponto de vista geral, da brasilidade integral, como surge do programma de José Bonifacio, semelhantes rêdes parciaes tendem a transformar-se em perigo tanto maior quanto mais tempo perdurar o estado de isolamento em que ellas existem. Porque se deve admittir que ellas vão formando quadros restrictos dentro dos quaes se desenvolve os elementos da vida social na direcção de entre si se bastarem, situação que, si fôr attingida, as tornará, não só indifferentes, mas tambem hostis aos centros exteriores ao respectivo systema, pela visão de que as relações com elles serão, ao menos no principio, perturbadoras do equilibrio estabelecido.

Tal estado de cousas deve, pois, cessar quanto antes. Nisso estão empenhados os mais vivos interesses da nossa nacionalidade. Já não seria pouco que a falta de vias de communicações regulares e permanentes entre todos os membros do organismo brasileiro, retardasse apenas o pleno desabrochar do sentimento da nossa unidade ; mas ha receio, como vemos, de effeito mais pernicioso, qual seja esse de se engendrarem inclinações infensas ás mais vastas aspirações do nosso civismo.

Outra consideração existe que nos faz encarar com iguaes, si não com maiores apprehensões essa falta de communicações de que está soffrendo o Brasil. Certamente a classe a que pertenço, por nella me ter alistado desde a idade em que tive forças para ser aceito como servidor da Patria, solicita-me a examinar situações hypotheticas em que, infelizmente, não seria impossivel encontrarmo-nos, ainda que a nosso contragosto. Basta que tal suposição represente um caso possivel para que eu e outros o examinemos, embora não haja indicio nenhum que o tire da região das cousas vagas e indeterminadas.

Mas, si tal fatalidade se manifestasse, como coordenaria o governo central a acção, que para ser efficaz deverá ser commum, do Norte com o Sul ? Como reunir e empregar num extremo do Paiz, os recursos em homens e em materiaes fornecidos pelo outro ? Fazendo depender tudo das communicações maritimas ? Mas isso seria privar a nossa gloriosa Marinha de tomar livremente a iniciativa das suas operações ; ella teria de subordinar os seus movimentos ao pensamento de assegurar as communicações ao longo do vastissimo littoral.

Não me deterei a examinar este quadro ; as suas tonalidades sombrias são tão evidentes que basta indical-as : percorrer pausadamente os seus contornos seria assumir a apparencia de querer terrificar as imaginações. Não é essa a minha intenção, mas sim afrontar um mo-

tivo, tão forte quanto verdadeiro, de decidir os brasileiros que realmente estremecem a sua Pátria, a verem e sentirem a urgência da construção dessas grandes vias de ligações internas do Brasil.

Não é um pensamento novo, e muito menos original. Mas é um problema cuja solução se torna tanto mais urgente, de necessidade tanto mais premente, quanto mais velho fica. Mais de dois lustros já se passaram depois que uma das maiores glórias da nossa engenharia civil, o dr. Paulo de Frontin, creou aquelle admiravel projecto de levar os trilhos da Central até Belém do Pará, e no emtanto até hoje nenhum novo passo se deu no sentido de realizal-o. Seria uma linha continua de 3.553km, 105, dos quaes se acham construidos e em trafego a parte que vae do Rio de Janeiro a Pirapora, na extensão de 1.005km, 940, e o restante, no total de 2.547km, 165, em estudos e reconhecimentos. Transposto o S. Francisco, por uma ponte que ha annos está entregue ao transito, o traçado atravessa o Paracatú, passando da direita para a esquerda, e vae acompanhando pela vertente septentrional até entrar na bacia do Paraná. Segue este Rio pela margem direita em toda a sua extensão, passa por Palma, e depois da confluencia do Maranhão, entra a margear o Torantis, num percurso de 900 kilometros, ao longo dos quaes encontra Porto Nacional, Pedro Affonso, Carolina, Porto Branco e Imperatriz. Ao deixar o Tocantins, penetra no valle do Gurupy pela garganta do contraforte deste nome, originario da Serra da Desordem. Atravessa o Gurupy, ainda nas cabeceiras, e entra a percorrer a região comprehendida entre o Guamá e o Capim, transpõe o primeiro destes rios a 100km^{ms}. a leste de Belém, e termina por fim o seu curso pela vertente septentrional do Guajará.

A profunda revolução que esta estrada operará na vastissima região do seu percurso, no dia em que fôr construida, constituirá um dos maiores avanços do nosso Paiz na senda do progresso tão desejado por todos nós brasileiros, nos nossos melhores sonhos de grandeza futura da nossa Pátria. O poder civilizador e acção unificadora que exercerá sobre tão numerosos e esparsos nucleos da nossa população sertaneja, será de valor inestimavel e por si só ella fará em mezes, pela educação, pela instrução e pelo enriquecimento desses nossos patrios e dessas paragens de solo patrio, o que o desenvolvimento espontaneo dellas, no seu vagaroso movimento, não realizaria em cem annos.

Tal estrada representaria, ou antes, ha de representar no systema politico, economico e administrativo do Brasil, o papel de grande arteria encarregada de garantir a circulação dos elementos de vida dos Estados Centraes e litoraneos, cujos territorios abrangem a profundidade do nosso planalto : Minas, Goyaz, Bahia, Piauihy, Maranhão e Pará. Mas, embora seja a de maior relevancia immediata no conjuncto dos meios de que devemos lançar mão para propulsionar o progresso e assegurar a unidade territorial e ethnica do Brasil, não é, comtudo, a unica chamada a representar na nossa existencia de povo consciente do seu papel nos destinos da Humanidade, influencia decisiva e benefica. Ao lado della, é preciso imaginar uma outra que atravesse o territorio de Matto Grosso e o do Pará, lançando ramaes para a fronteira occi-

dental. Nesse sentido, ha projectado o traçado da Estrada de Ferro Norte de Matto Grosso para ligar um ponto da Noroeste do Brasil, no km. 608, com Cuyabá. De uma parte ella se prolongará para o sul pelo vale do Rio Verde até entroncar-se na Sorocabana, quando esta atravessar o Paraná em Porto Epitacio, e de outra parte ella subirá para o Norte, em demanda das povoações de Santa Rita do Araguaya e Rondonopolis, antes de chegar á lendaria Capital do meu Estado natal, atravéz das sub-bacias do Verde e do Sucuriú ; dos divisores entre Taquary e o Araguaya ; o S. Lourenço e o Itiquira, e ainda o S. Lourenço e o Cuyabá. Do seu ponto de chegada ella se prolongará para a Chapada, tomando o rumo de Santarém, onde terminará depois de atingir o actual Posto Simões Lopes, de protecção aos indios Bacaherys, na margem direita do Telles Pires, a povoação de Ponte Alta, e percorrer os divisores do Telles Pires com o Ronuro e com o Xingú, e o de Jamanchim com o Iriri, um contribuinte do Tapajós e o outro do Xingú.

De Cuyabá, irradiam outras linhas, taes como a de Leste para atravessar Goyaz e ligar-se com a rêde goyana, paulista, mineira e tambem com a grande arteria Rio-Belem, na qual entroncaria por um ramal que passasse por Jaraguá, Pirinopolis, Planaltina e Formosa. A de Oéste, que tocara em S. Luiz de Caceres, em busca da fronteira boliviana, onde fica a antiga séde do Governp dos Capitães Generaes da Capitania de Matto Grosso, que jaz na sua triste decadencia, ruminando o sonho da grandeza passada á sombra das suas ruinas magnificas.

A realização destas obras representará o coroamento do esforço que no regimen republicano o Brasil tem desenvolvido para tornar effectivo o dominio do solo pela Nação. Ella tratará de entrar na posse real do seu admiravel patrimonio depois de ter desvendado todos os mysterios que envolvem certas regiões nas nevoas das cousas desconhecidas.

E' uma parte da sua missão civilisadora que a Republica tem vindo desempenhando com firmeza e pleno bom exito. Só na região Centro-Oeste do nosso territorio patrio as areas geographicamente estudadas, reconhecidas e descobertas, sobem a cerca de 1.177.500 kilometros quadrados. De tão grande extensão, achavam-se em estado de completa selvageria ainda em 1909, nada menos de 176.700 kilometros quadrados, que formam o territorio a que um esforçado e eminente scientista patricio, o dr. Roquete Pinto, propoz denominar-se de «Rondonia» para lembrar, pelo nome do conjuncto, cada um dos mais dedicados brasileiros, militares e civis, que se consagraram de corpo e alma á realzação de obra tão ingente na qual muitos perderam a vida e quasi todos a saude. Outra parte, no valor de 300.800 kilometros quadrados era de terras semiselvaticas, nas quaes nunca dantes se haviam operado levantamentos geographicos ; e os restantes 700 000 kilometros quadrados formam as zonas em que os novos levantamentos e outros trabalhos technicos introduziram apreciaveis correcções, melhorando o augmento dos dados anteriormente conhecidos.

O esforço, como se vê, foi grande e vasta foi a realização que conseguiu levar a cabo. Contudo não attingiu a todos os pontos desconhecidos do nosso territorio, porque ainda ha 308.000 kilometros quadrados á espera do primeiro contacto com o homem civilizado. Esta superficie inexplorada, é formada de áreas destacadas, das quaes duas existem de um lado e outro do Xingú, alongando-se a primeira até ao Araguaya e a segunda até ao Tapajoz. Outra jaz entre o Juruena e o Roosevelt, e ainda uma quarta entre as cabeceiras deste mesmo Roosevelt e o Gy-Paraná. Esta enumeração completa-se com as faixas dos divisores que separam as aguas do Guaporé, primeiro das do Juruena e por fim do Gy-Paraná.

Aos acurados estudos dos devotados pesquisadores geographicos do periodo republicano, devemos o pleno conhecimento dos grandes rios do systema fluvial matto-grossense, originarios do planalto central, detalhadamente esquadrihados ao longo dos respectivos cursos desde as suas mais altas cabeceiras. Só se exceptuam deste vasto e grandioso inquerito as cabeceiras do rio das Mortes, principal affluente do rio Araguaya, cujos cursos medio e inferior, foram levantados, pelo capitão Pedro Dantas; as do Guaporé; do Jaurú, do Juruena e do Aripuanã, emulo do Roosevelt.

Na ordem chronologica, a ultima série de esforços empregados no sentido destes descobrimentos coube ás expedições chefiadas pelos capitães Ramiro Noronha e Vicente de Paula Teixeira Vasconcellos. Ellas destinaram-se á determinação dos principaes formadores do Xingú, ultimo remate que faltava á obra de Von den Stein e por este mesmo indicada á bôa vontade de algum seu futuro collaborador.

O capitão Noronha, explorou e levantou o Culuêne, e o capitão Vasconcellos, a bacia do Ronuro, principaes galhos formadores do Xingú.

Da comparação dos dados e informações colligidas nesses estudos parece que o papel preponderante em tal formação cabe ao Culuêne, já porque conserva a symetria geral em relação ao tronco já por ser o mais extenso; já por admitir maior volume e finalmente pela condição authropogeographica. Elle contraverte com as cabeceiras do S. Manoel e do Manso do Cuyabá, e o Ronuro com os ribeiros Vermelhos e Azul, tributarios do Telles Pires, antigo Paranatinga. As mais remotas fontes do Culuêne descem até ao parallelo de 15° pelos rios Conceição e Mutum, cujas mais altas cabeceiras presume-se que tenham sido contornadas no anno de 1897 pelo então tenente-coronel Francisco de Paula Castro, que por ordem do Presidente de Matto Grosso fazia pesquisas para descoberta das celebres minas de ouro dos Martyrios, que os roteiros localisam, na região enquadrada entre Xingú e rio das Mortes.

A principal cabeceira do Ronuro, que é a denominada da Pompa pouco adiante de 14° alcança.

Desde que entramos a discorrer sobre sertões, srs. Congressistas, está a vossa mente, povoada de perguntas relativas ao seu

habitante natural, o Índio. Felizmente podemos falar nelle sem sahir do campo das nossas cogitações deste momento, pois continuamos a seguir o nosso guia subjectivo—José Bonifácio.

Está hoje inteiramente vulgarizado entre nós o conhecimento da memoria em que elle condensou os seus pensamentos e conselhos a respeito do que cumpria ao Governo brasileiro fazer para promover a civilização das tribus brasilicas. E' que José Bonifácio imaginou a Patria brasileira construida de forma a ser a Mãe carinhosa de todos quantos nascessem no seu solo abençoado, á sombra da sua bandeira gloriosa, e não para goso de uma parte da população e em detrimento e damno da outra. O pensamento do veneravel patriarcha apparece claro e nitido aos nossos olhos quando lemos os seus dois trabalhos offercidos á Assembléa Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil; uma para abolir a escravatura dos africanos e a outra para promover a civilização dos indios, porque em ambas o que elle procura é estabelecer as condições fundamentaes da dignificação e da irmanação de todos os elementos do povo brasileiro.

«Os meios de que se deve lançar mão para a prompta e necessaria civilização dos indios» — disse o Patriarcha — «e que a experiencia e a razão me tem ensinado e eu vou propôr aos Representantes da Nação, são os seguintes :

“1.º — **Justiça**, não esbulhando mais os indios, pela força, das terras que lhes restam, e de que são legitimos senhores ;

2.º — **Brandura, constancia e soffrimento de nossa parte**, que nos cumpre como a usurpadores e christãos ;

3.º — **Abrir commercio com os barbaros**, ainda que seja com perda da nossa parte ;

4.º — **Procurar com dadivas e admoestações** fazer pazes com os indios inimigos ;

5.º — **Favorecer por todos os meios possiveis** os matrimonios entre os indios, brancos e mulatos.”

Ora, percorrendo estes cinco meios propostos por José Bonifácio, sentimos levantar-se de todos elles um largo sopro do espirito de fraternidade e do cuidado de proteger o indio em sua vida, em sua familia, em sua propriedade e mesmo em suas instituições sociaes, sem que a applicação de tal assistencia dependa da mudança de opiniões, de adhesões e alguma doutrina ou da pratica de algum rito ou culto.

Talvez pareça, á primeira vista, que com semelhante programma, José Bonifácio rompe de cima abaixo com as tradições estabelecidas pela legislação reinante sobre o assumpto. Um golpe de vista, porém, sobre essa legislação mostrará como foi sempre ella dominada pelo sentimento e pelo desejo de amparar a população indigena em tudo quando interessa a sua existencia e bem estar material. Assim, a Lei de 10 de novembro de 1647, começa por estes termos peremptorios: «Eu, El-Rei, faço saber aos que este Alvará virem... que Hei por bem mandar declarar que os gentios são livres». E desenvolvendo esse pensamento, manda publicar por editaes — «os sobreditos indios livres e isentos de toda a escravidão, capazes de disporem das suas pessoas e bens como melhor lhes

parecer, sem outra sujeição temporal, que não seja a que devem ter as minhas leis, para á sombra dellas viverem em paz..... e na sociedade civil em que procuro manter os povos, nos quaes ficarão incorporados os referidos indios sem distincção, ou excepção alguma, para gosarem de todas as honras, privilegios e liberdades de que os meus vassallos gosam actualmente».

El-Rei parece seriamente empenhado na execução dessa sua vontade, pois é com certa emphase que diz: «Pelo que: Mando ao Governador, a todos os mais Ministros, da Justiça, da Guerra e Fazenda, e aos officiaes das Camaras que nesta conformidade cumpram e guardem este Alvará». Não obstante, trinta e tres annos depois, nova Lei, a de 1º de abril de 1680 teve de estipular sobre a mesma materia, e no mesmo sentido, nos seguintes termos: «D. Pedro, Principe Regente de Portugal..... Ordeno e mando que daqui por diante se não possa captivar indio algum em nenhum caso: E succedendo que alguma pessoa, de qualquer condição e qualidade que seja, captive e mande captivar algum indio publica ou secretamente por qualquer titulo ou protesto que seja, o Ouvidor Geral o prenda e tenha a bom recato.....; e com os autos que formar, o remetta a este Reino entregue ao Capitão ou Mestre do primeiro navio que para elle vier, para nesta cidade o entregar (no limoeiro della) e me dar conta para o mandar castigar como merecer».

O que ahi fica é na verdade categorico e rigoroso; mas nem assim conseguiu a bôa vontade real extirpar os abusos e oppressões de que eram victimas os indios. Pelo que, volta o Governo da Metropole, com a Lei de 6 de junho de 1755, assim concebida: «Dom José, por Graça de Deus, Rei de Portugal..... E porque o tempo foi cada dia fazendo mais notaveis e mais demonstrativas as justissimas causas em que se estabeleceu esta Lei (isto é, a de abril de 1680) para restituir os indios á sua antiga e natural liberdade, fechando as portas ás impiedades, e ás malicias com que, debaixo do pretexto dos casos em que antes e depois della se permittiu o captivoeiro, se fazem escravos os referidos indios sem mais razão que a cobiça e a força dos que o captivam, e a rusticidade e fraqueza dos chamados captivos; — Sou servido..... derogar e annullar..... todas as Leis, Regimentos, Resoluções e Ordens que desde o descobrimento das sobreditas Capitánias... até o presente dia permittem ainda em certos casos particulares e escravidão dos referidos indios».

Pouco antes desta Lei, a de 4 de abril do mesmo anno de 1755, havia Dom José baixado um Alvará notavel pela esclarecida intenção que revella de fortemente incentivar a fusão das raças existentes no Brasil e assim promover a unificação e a homogeneidade do povo brasileiro, tão desejada mais tarde, por José Bonifacio, são estes os termos do Alvará em questão: «Eu, El-Rei..... Sou servido declarar que os meus vassallos deste Reino e da America, que casarem com indios não ficam com infamia alguma, antes se farão dignos da minha real attenção..... e que seus filhos e descendentes serão habéis e capazes de qualquer emprego, honra ou dignidade..... E outrosim prohibo que os ditos meus vassallos casem com indias, ou seus descendentes sejam tratados com o nome de

Caboucolos, ou outro semelhante, que possa ser injurioso. O mesmo se praticará a respeito das portuguezas que se casarem com indios; e a seus filhos e descendentes, e a todos concedo a mesma preferencia para os officios que houver nas terras em que viverem; e quando succeda que os filhos ou descendentes destes matrimonios tenham algum requerimento perante mim, me farão saber esta qualidade, para em razão della mais particularmente os attender.»

Toda esta legislação mostra como foi sempre pensamento dos governos proverem á protecção e segurança natural dos aborigenes, procurando supprir com a força do seu braço a fraqueza e rusticidade que o feria de incapacidade para promoverem a propria defesa contra os assaltos e desregramentos dos sanhudos invasores das suas terras.

A tal respeito, a successão das leis e actos prova que se encontravam todos num terreno de opiniões pacificas e universalmente aceitas neste assumpto, de que ao Governo politico competia dispôr e decidir sobre as relações e a situação social dos indios e sobre elles velar pelas autoridades civis, governadores e ministros da Justiça, da Guerra, da Fazenda e das Camaras Municipaes.

E' verdade que a tal acção, juntava-se mais a tendente a forçar o ingresso desses povos na egreja catholica; mas semelhante facto longe de abalar o que vimos dizendo, mais o confirma, porque tudo resulta da concepção que na época havia acerca das attribuições normaes do Governo temporal. Por isso a linguagem dos Reis era sempre a mesma: «o meu principal intento, diz am elles, é dilatar a pregação do Santo Evangelho, procurar trazer ao gremio da egreja aquelle numeroso paganismo». E para isso conseguir, dispunham: «Hei por bem que os indios sejam aldeados, levantando-se egrejas e convocando-se missionarios, que instruaem os ditos indios na Fé e os conservem nella». Para bem se comprehender o espirito que dirigia então os homens, basta attentar a linguagem de que usam os Alvarás— De um lado, dizem elles dirigindo-se ás autoridades civis; «Hei por bem que o governador e capitão general apliquem um exacto cuidado na instrucção civil dos referidos indios, que forem aldeados nos sertões, fazendo-lhes conservar as liberdades das suas pessoas, bens e commercio, e não permitindo que este lhes seja interrompido ou usurpado debaixo de qualquer titulo ou pretexto, por mais especioso que seja», e doutro lado, dirigindo-se ás autoridades eclesiasticas — «Mando que o Bispo, e os prelados das Religiões, e os parochos das aldeias dos indios, me dêem conta pelo conselho ultramarino e junta das Missões». — Vê-se que não varia, nem muda o tom de commando usado com as autoridades das duas cathegorias. — E' que ambas são tidas como simples ministros do poder real, o qual provê tão legitimamente á actividade temporal quanto á espirital. O Governo dos povos reside todo nos reis: elles o exercem por delegados adequados, mas não abdicam, nunca, da menor parcella delle.

Embora atenuado, é ainda este o pensamento que vigora entre nós no tempo do Imperio, e foi elle que presidiu a confecção do Decreto de 2 de julho de 1845, que regula as missões de catechese e civilisação dos indios. Dispõe elle, no seu artigo primeiro: «Ha-

verá em todas as provincias um director geral dos indios, que será de nomeação do imperador. — Compete-lhe:

§ 7.º — Inquirir onde ha indios, que vivam em hordas errantes,..... e mandar missionarios, que solicitará do presidente da provincia, quando já estejam á sua disposição, os quaes lhes vão pregar a Religião de Jesus Christo, e as vantagens da vida social.

§ 19.º — Empregar todos os meios licitos, brandos e suaveis, para atrahir indios ás aldeias, e promover casamentos entre os mesmos, e entre elles e pessoas de outras raças.

§ 20.º — Esmerar-se em que lhes sejam explicadas as maximas da Religião Catholica, e ensinada a doutrina christã, sem que se empregue nunca a força e violencia, e em que não sejam os paes violentados a fazer baptisar seus filhos, convindo atrahil-os á Religião por meios brandos e suasorios.

A estas disposições, podiamos juntar muitas outras proprias a mostrarem quanto no espirito do legislador de 1845 estava o pensamento de subordinar a funcção e o funcionario catechista á autoridade temporal, não só do director geral da provincia, mas até do director e do thesoureiro da aldeia, de cujo estado espirital o missionario só daria parte ao seu Bispo Diocesano por intermedio daquelle director geral; mas nem a este podia representar sinão por intermedio do director da Aldeia.

A Republica, pela sua admiravel separação entre a egreja e o Estado, restituiu a independencia de acção ao governo espirital e vedou qualquer especie de relações entre as autoridades dos dois poderes de que possam resultar a subalternisação de umas ás outras. Com semelhante instituto ficam eliminados simultaneamente os riscos de toda tentativa retrograda para a theocracia ou de restabelecimento da oppressão regalista. Efeito d'elle na solução do problema indigena, é separar a *Catechese da Protecção*. A' primeira cabe, e só pode caber ao sacerdocio; a segunda é da inteira competencia do Governo politico, por ser atinente a interesses de ordem puramente temporal.

Si o Governo tivesse a veleidade de querer absolver de novo a funcção catechista, certamente não encontraria missionarios que de boa vontade se conformassem com a sujeição correspondente; mas que os encontrasse, a egreja não daria o seu consentimento á volta desse regimen em que ella perde a sua independencia e a sua dignidade. Si, ao contrario, fossem os órgãos legitimos da catechese que quizessem absorver o Governo temporal das tribus, tentariam com isso obra não menos chimerica, porque nunca os nossos governantes assistirão em que parte da população brasileira passe a ser dirigida e administrada, com os seus bens e a parte do solo nacional em que estiver radicada, por autoridades que escapem á fiscalisação e ao imperio da nossa Constituição politica e das nossas leis. A cisão do povo brasileiro em duas porções, uma governada, como até aqui, pelas autoridades civis, e outra constituída de nucleos organizados e dirigidos segundo o regimen theocratico constituiria monstruosidade sociologica de impossivel realisacção.

Si pois, disto nos afasta um obstaculo intransponivel teriamos então de voltar á situação regalista anterior á Republica, na qual os funcionarios e a função catechista eram considerados e tratados como simples ramo secundario do poder temporal? Foi a esta pergunta que deu resposta cabal a organização republicana do Serviço de Protecção aos Indios, installada em nossa Patria a 7 de setembro de 1910 e até hoje em plena actividade na quasi totalidade do nosso territorio, onde ha tribus indigenas. Por essa organização as duas partes do problema do aborigene brasileiro, que encontramos sempre superpostas e ligadas, embora não confundidas, na legislação da Colonia e do Imperio, são nitidamente separadas, e ao passo que o poder temporal toma a seu cargo, como lhe compete, o que se refere ás garantias das pessoas e á administração das propriedades, deixa livre o campo da catechese para que nelle se exerça a acção espirital de quem para ella tenha capacidade e a necessaria investidura.

Esse Serviço de Protecção aos Indios, estende actualmente a sua acção pelo interior de onze unidades differentes da Republica. Montou e sustenta em plena actividade cincoenta e nove estabelecimentos diversos, muitos delles installados em remotissimos sertões da nossa Patria, em paragens que eram, antes delle, tidas e havidas como inacessiveis.

Distribuem-se esses centros da actividade civilisadora da nossa raça, da seguinte forma; quatorze existem no Estado do Amazonas; quatro no Maranhão; um em Pernambuco; quatro no Estado da Bahia; um no Espirito Santo; um em Minas Geraes; quatro no Estado de S. Paulo; oito no de Paraná; um em Santa Catharina; um no Rio Grande do Sul; dezenove em Matto Grosso; e um no Territorio do Acre.

A população indigena que encontra nelles protecção, incentivos e recursos para aperfeiçoamento e accrescimos dos seus meios de vida, de producção e de subsistencia, estímulos moraes para encarar o futuro com confiança, vislumbrando nelle dias de alegria, cheios de conforto e de paz; apresenta todas as gradações que realmente existem nos descendentes dos primitivos habitantes da nossa Patria.

Ha nessa vasta e variada população, desde a tribu nomade, que ainda manejava instrumentos de pedra e vivia em guerra com os civilizados, até os agrupamentos semi-civilizados a respeito dos quaes o que havia a fazer era ajudal-os a sahir da abjecção do alcoolismo, da prostituição e do profundo despreso que lhes votava o homem civilizado.

Do fundo de suas florestas seculares, dos seus sertões ainda virgens de beijo fecundante da civilização, os devotados obreiros dessa Grande Cruzada republicana, evocaram definitivamente para o convivio da nacionalidade brasileira, os Nhambiquaras, os Kep-Keri-Uata, os Pauntês, os Arikêmes, os Barbados, ou Iranches, os Parintins, os Urumys, os Cabixis, os Corôados ou Caingangs paulistas, os Botucudos catharinenses, os Cajabis e outros muitos.

Dentre os semi-civilizados lembrarei os Guaranyes de S. Paulo; os Corôados do Paraná e do Rio Grande do Sul; os Parecis, os Terênas, os Uômos, os Purús-Borás, os Borôros, os Bachaherys, e Ca-

diuêos de Matto Grosso; os Tymbiras, os Conellas, os Guajajaras do Maranhão; os Carnjos de Pernambuco; os Uapixanas, Macuchys do alto Rio Branco, no Amazonas; os Cayuás do Paraná e sul de Matto Grosso; e tantos outros que seria longo numerar. Mais variada multidão do que essa com que o Serviço de Protecção aos Indios mantem relações seguidas e directas, por meio dos seus cincoenta e nove estabelecimentos, é impossível imaginar-se. E' uma população de elementos essencialmente moveis e instaveis, ao lado de outros que, pelo contrario, já attingiram notavel gráo de sedentarismo. Em torno de cada estabelecimento fervilha um povo inteiro, ora muito, ora pouco numeroso, que o visita, vindo das suas aldeias, com frequencia, porque nelle encontra agasalho benevolo, assistencia solícita e commercio largo e generoso.

Do ponto de vista numerico, é difficil, no meio dessa versatilidade toda, chegar a indicações precisas. Enormes são as variações estatísticas: Ha casos em que os numeros ascendem a milhares, como nas tribus do alto Rio Branco, nas do Cayuás, dos Terênas, para descer noutros casos a poucas dezenas, como nas resumidas populações do Espirito Sante e Minas Geraes. Mas, pelas melhores estimativas, é certo que os empregados do Serviço de Protecção têm estado em relações com uma população indigena superior a cem mil individuos. Pois, no meio desta multiplicidade, desta enorme diversidade de povos, de civilisação, de costumes, o que podemos, nós os encarregados pela Republica da protecção fraternal aos filhos primitivos e autoctonos do solo abençoado da Patria, é affirmar bem alto e solenemente, depois de uma experiencia que se prolonga por mais de dezeseis annos, que o indio brasileiro é de indole affavel, bôa e leal; constante nas suas amizades, fiel ás suas promessas; confiante, sofredor e paciente. Ha tanto tempo que tratamos com elle e nunca tivemos necessidade de nos apoiarmos na força, nas ameaças ou no mêdo. Longe de os temermos, entre elles nos sentimos tão seguros na nossa vida e nos nossos bens como si só nos cercassem irmãos de coração limpo de malicia.

Donde este milagre, que depois de tantos annos de estreitas e ininterruptas relações com quasi todas as tribus do Brasil nós não tenhamos sinão que nos louvamos d'elle? Só numa condição podemos encontrar a explicação de facto tão admiravel: é em termos sido fieis aos conselhos do Patriarcha da nossa nacionalidade, usando para com elles de *justiça, brandura, constancia e soffrimento*. Disse alguém: poeta; por poetas, sejam lidos.

Affirmo, pois, que o Brasil e os brasileiros, só por corações brasileiros serão realmente amados e comprehendidos.

Esse amor que nos reúne, senhores, nelle encontramos a força de que precisamos para levar a bom termo a tarefa que nos veio dos nossos maiores,— de transmittirmos aos nossos filhos, a nossa Terra e o nosso Povo mais unidos, mais fortes, mais bellos e melhores do que os recebemos.

Prolongadissima salva de palmas cobriram as ultimas palavras do illustrado conferencista, a quem o Brasil deve incontestavelmente uma grande somma de relevantes serviços.

Pelas graciosas meninas Ely Paes Barretto e Hondiny Fraga foram oferecidos lindos bouquets de flores naturais ao emerito conferencista, general Rondon.

Terminada a conferencia, foi focalizado um film referente ás explorações do Ronuro, Xingú.

Manifestação ao General Rondon

Após a conferencia produzida no Cine-Central pelo exmo. sr. General Candido Rondon, varias pessoas de alto destaque inclusive familias fizeram significativa manifestação de apreço ao emerito desbravador nos nossos sertões.

Em nome dos manifestantes falou o dr. Carlos Xavier que em ligeiras palavras mostrou o valor do Grande Soldado que passou sua vida a pacificar os nossos irmãos.

Agradecendo o manifestado a saudação, narrou sua vida na mata brasileira em convicio com nossos aborigenes e terminou mostrando-se grato á sociedade espiritosantense e saudando e madame dr. Carlos Xavier.

Sessão extraordinaria

Realizou-se ás 8 horas, a sessão extraordinaria convocada pelo sr. Presidente para terminação dos trabalhos do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.

Nessa sessão foram ainda votadas algumas moções e lidos os pareceres das respectivas commissões sobre os trabalhos apresentados.

A sessão foi presidida pelo dr. Pedro Celso de Uchôa Cavalcanti e secretariada pelos drs. Mario Mélo e Marcilio de Lacerda.



O ENCERRAMENTO DO CONGRESSO

Após sete dias de fecunda operosidade encerrou os seus trabalhos o Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, aqui reunido sob o patrocínio do exmo. sr. dr. Florentino Avidos, eminente Presidente do Estado e do Instituto Historico.

Constituiu para todos nós, motivo de grande jubilo a presença, em Victoria, dos representantes de quasi todos os Estados, dos Ministerios, de municipalidades do Espirito Santo, de altas autoridades, personalidades illustres e de varios Institutos Civicos e Scientificos do Paiz.

Tudo fizemos para que os nossos illustres hospedes de tão breves dias levassem a melhor impressão da nossa cordialidade, da nossa estima, da nossa consideração e certo estamos de que se houve alguma falta que não poudes a nossa vigilancia supprir, os srs. Congressistas saberão desculpar, levando para os seus Estados; para as autoridades que representam; para os Institutos de que fazem parte a expressão do nosso reconhecimento pelo interesse que tomaram, fazendo-se representar neste importante certamen que ficará para sempre gravado no coração do povo espirito santense, pois esse mesmo certamen veio concorrer e muito para estreitar os laços de amizade entre os filhos deste e de outros Estados da Federação.

Os resultados obtidos com os trabalhos do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia foram excellentes.

Todos os conhecimentos referentes á terra e ao homem — a geographia, a historia, a ethnographia e a ethnologia — mereceram dos srs. Congressistas muita attenção, tendo sido estudadas com cuidado todas as theses que lhes foram presentes.

Essas theses, algumas bastante volumosas, foram examinadas meticulosamente, discutidas e approvadas, na razão do merecimento de cada obra.

Tambem foram aventados varios assumptos de natureza sociologica e votadas moções de applauso e solidariedade ás autoridades que bem mereceram essa deferencia dos nossos distinctos e illustres visitantes.

— A's 14 ½ horas achavam-se reunidos na sala das sessões do Congresso Legislativo para a annunciada sessão de encerramento todos os srs. Congressistas que tomaram parte na sessão de installação do Congresso, menos os srs. commandante Thiers Fleming, major Alipio de Primio e drs. Cassius Berlinck e Raphael Mayrinck, que por motivo de força maior foram obrigados a regressar á Capital Federal.

Tambem ali estavam os srs. secretarios de Governo, presidente e membros do Tribunal Superior de Justiça, procurador geral do Estado, Governador da Capital, chefe das Repartições Federaes, Estaduaes e Municipaes, membros do nosso alto commercio e da industria e grande numero de senhoras e senhorinhas da nossa alta sociedade.

A sessão foi aberta pelo general Candido Rondon, presidente do Congresso, sendo suspensa depois de nomeada uma commissão para receber o sr. Presidente do Estado.

O exmo. sr. Persidente do Estado deu entrada na sala das sessões ao som do Hymno Espirito-Santense executado pela banda de musica do Regimento Policial Militar e debaixo de calorosa salva de palmas, tendo o general Rondon dado a presidencia de honra a s. exa.

Na mesa assentaram-se ainda os srs. D. Benedicto Paulo Alves de Souza e D. Manoel Gomes de Oliveira e os drs. Mario Mélo e Marcilio de Lacerda.

Dando inicio aos trabalhos o general Candido Rondon conse-deu a palavra ao sr. desembargador José Antonio Lopes Ribeiro, que leu o seguinte discurso:

Discurso do Dr. Lopes Ribeiro

Foi com muita satisfação, srs. Congressistas, que recebi de sua excellencia o sr. Presidente do Estado a honrosa incumbencia de, ao encerrardes os trabalhos deste Oitavo Congresso de Geographia, apresentar aos dignos brasileiros que vieram continuar aqui uma obra de grande patriotismo, com manifesto sacrificio de suas commodidades as despedidas officiaes de sua excellencia.

Não vos temos podido offerecer, com immenso pesar nosso, durante o tempo de vossa permanencia nesta cidade, todo aquelle conforto e assistencia que certamente encontrarieis nas grandes metropolis do Paiz e cujas faltas, contamos, nos relevareis, porque, como vêdes, estamos em meio á lucta, que travamos, para transformar a nossa velha cidade colonial — não somente numa cidade moderna, mas, no grande emporio commercial que lhe destinaram a sua privilegiada situação geographica e a dependencia em que se acha, de seu porto, a fertil área de irradiação agricola, pastoril e mineralogica do valle do Rio Doce e que se abre, amplissima, como um gigantesco leque, pelo territorio deste Estado e do de Minas Geraes.

Ides agora voltar aos vossos lares, levando o resultado dos vossos estudos, em commum num ramo de conhecimentos que tanto interessa á nossa Patria, e tendo realizado o objectivo, apparentemente principal, permitti que vol-o diga, desta reunião.

Realmente, srs. Congressistas, ao meu espirito se me afigura igualmente principal essa approximação e convivencia periodicas de uma porção de notaveis brasileiros — élite intellectual de meu Paiz — na esperança de que, trazendo como consequencia immediata um conhecimento mais completo de cada um de nossos Estados e de seus habitantes, das causas reaes que hão embaraçado a marcha ascencional de nossa gente para um progresso e civilização mais apurados, ha-

bilite-nos, afinal, a reagir contra a injustiça clamorosa de uns tantos estrangeiros e, o que é mais grave, de uns tantos brasileiros, que propagam pela imprensa e pelo livro, com invocação infeliz a pretendidas observações scientificas da climatologia — de que habitamos um Paiz em que, pelo facto de estar situado entre o 5° e 10' da Lat. N. e o 33°, 46' e 10" de Lat. S., pelo meridiano do Rio de Janeiro, nelle se definham e se definham as raças do privilegiado hemisferio norte, que o conquistaram e para onde ainda hoje emigram, tornando por esta razão os seus habitantes, a nossa gente incapaz de acompanhar e attingir o surto de progresso economico e civilizador que foi e será o apanagio daquelles povos emigradores, como se, mesmo pondo de parte a gleba quente e humida da orla costeira, nos antiplanaltos e planaltos que a ella se succedem em altitudes que variam de 300 até mais de 1.000 metros e entre temperaturas medias, primaveris, que variam de 20 a 25° e 10 a 20° C., respectivamente, ao Centro e ao Sul do Brasil — não fosse possível a actividade intensa da mais alta civilização.

E' de lastimar que aquelles escriptores, num assumpto de causas tão complexas, que o sr. Oliveira Vianna com visão segura vae tão proficientemente nos indicando, explorem até o exaggero o factor — clima e lancem, no espirito da mocidade brasileira — os falsos e deprimentes elementos de fatal descrença nos nossos destinos.

Bem poderiam, no emtanto, aquelles escriptores, demorar por alguns instantes o seu olhar sobre o hemisferio que elles têm por privilegiado e inquerir: se as causas da differença de progresso que se nota entre as raças que povoam o Centro-Norte da Europa e o Norte da America, de um lado, e as que povoam a bacia do Mediterraneo, de outro lado — devem levar-se á conta de um maior indice thermico desta ultima, culpado directo de supposta diminuição no vigor e energia das raças que a povoam, ou ao facto de possuirem as primeiras em seu solo o ferro e o carvão, emquanto que as segundas, sem as alternativas e por conseguinte mais infelizes que o ferreiro da maldição — se têm tido ferro, nunca tiveram carvão.

E, certo que demanda vigor e energia arrancar-se das entranhas da terra o minerio e o carvão; mas, tambem é certo que, uma vez transformado o minerio em machina e posta a machina em movimento, uma e outra coisa pela indispensavel collaboração do carvão, houve, para o afortunado homem dessas plagas, ao lado de facilidades sem conta para a invenção e creação de milhares de industrias necessarias ou uteis á expansão da vida humana, uma formidavel poupança no emprego da energia physica, deslocada desde então do braço do homem para a machina, num potencial que passou a ter por unidade — não a força de um homem, mas — a força de um cavallo.

Aos felizes donatarios das terras do ferro e do carvão foi, pois, possível — centuplicarem, num mesmo horario, o resultado do trabalho geral, ao mesmo tempo que economisavam no organismo calorías que na razão directa da menor temperatura, lhes roubava, de um lado — o meio ambiente e, de outro lado — os cuidados e o grande esforço physico que, em semelhante meio, foram obrigados, outr'ora, a empregar; emquanto que a nossa gente, se pela generosidade do meio



Doutor Archimimo Mattos
**Presidente da Comissão Technica
do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.**



ambiente não perde calorias; todavia — as perde pelo maior esforço no manejar o machado, a foice e a enxada, e no transportar para os mercados em longas caminhadas por asperas, escabrosas, invias picadas, o resultado noventa e nove vezes menor de seu afanoso trabalho.

Vêde, como o ferro e o carvão, centuplicando num mesmo espaço de tempo a produção — centuplicou a riqueza; como essa riqueza permittiu o saneamento das glebas palustres, o combate aos agentes pathogenicos que aggridem a humanidade, a organização de completos serviços de hygiene alimentar e das habitações, a construção de esplendidas estradas e de grandes navios mercantes para o transporte dos mais variados productos, a construção de poderosos vasos de guerra peçados de immensos canhões, de innumeras esquadrilhas de aviões..... Como permittiu a diffusão do ensino primario e profissional, a criação de ricas Universidades e de mil outras coisas que dão aos Nordicos — boas cores, conforto, a alegria de viver e essa impressão de força e de enganosa superioridade de raça!

Vêde, ao inverso, como produzindo somente um contra noventa e nove, a nossa gente — com toda a pobreza dahi decorrente e assim maltrapilha, tendo ainda necessidade de comprar o aço do machado, da foice, da enxada e dos trilhos, não pôde deixar de aparentar, mas só aparentar, pois que a realidade é muito outra — estar decahindo de sua vigorosa progenitura!

E se, para resolver a questão da pretendida superioridade de raças, como função do maior ou menor gráo de temperatura do meio ambiente, fosemos pedir a pre-historia, atravez da antropologia, e a historia alguns dados que nos habilitassem a proceder ao definitivo cancellamento da questão odiosa, penso que elles nos offereceriam estes tres exemplos surprehendentes:

1º — No mappa da repartição, approximativa — dos indices cephalicos das populações da Europa, com que o sr. Eugene Pittard illustra o seu precioso livro — «As raças e a historia», vê-se, por um lado — que os Brachicephalos, numa marcha victoriosa do Sudeste e Sul para o Norte da Eurora, realisando um verdadeiro cerco aos Dolicocephalos, pertencentes á raça Nordica, os encantonaram afinal numa nesga de terra relativamente estreita de mar Baltico e do mar do Norte.

Ora, esses Brachicephalos — e sua marcha para o norte claramente nol-o denuncia — fixaram as suas qualidades de intelligencia, impulso, arrojo e resistencia que, no dizer de Pittard — «transformaram profundamente a velha civilização, modificando as condições de existencia de caçadores e pescadores para as de agricultures e educadores de animais domesticos», fixaram, repito, aquellas qualidades num anterior *habitat* mais conforme á vida desagasalhada daquella civilização primitiva e onde as perdas de calorias deviam ter sido as menores possiveis;

2º — E' interessante notar, de outro lado — que as obras immortaes do espirito humano, daquelles que se chamaram, Homero, Platão, Aristoteles, Virgilio, Dante, Petrarcha, Miguel Cervantes, Saavedra e Camões, e as grandes epopéas de vigor e energia que se inscreveram na historia com os nomes de Salamina e Marathona, de con-

quistas de Alexandre, de guerras punicas, de formação do Imperio Romano, de conquista Arabe, de descoberta da America por portuguezes e hespanhóes e outras e outras — hajam sido escriptas pela intelligencia, impulso, arrojo e resistencia dos homens que viviam justamente sob as linhas isothermicas mais quentes do sul da Europa, da parte occidental da Asia banhada pelo Mediterraneo e o Mar Vermelho, e do norte da Africa ;

3º — E tenho para mim, finalmente, como resposta directa aos que nos consideram, por motivo do clima, feridos de incapacidade, que dentro dessa ainda tão curta historia da nossa actividade productora já podemos apontar realisações, que serão bem os indices de maravilhosa energia de uma raça que se tem minerio de ferro ainda não teve carvão que o transformasse, abundantemente em chapas, vergalhões e trilhos de aço para as machinas, os navios, as estradas de ferro, os arados, os semeadores e os cultivadores, por meio dos quaes pouparia, como á gente dos climas frios, tempo, vigor e energia.

O vigor, a energia e a resistencia dos brasileiros..... como não reconhecê-la, formidável, na conquista dos seringaes da Amazonia pelos nossos nordestinos?!

Como qualificar, se não igualmente com o mesmo adjectivo — a immensa riqueza que o braço nacional, exclusivamente elle, vae continuamente augmentando com os cacauaes do sul da Bahia?!

Como qualificar, senão de admiravel — a energia com a qual um relativamente pequeno numero de agricultores no Espirito Santo (a nossa população total não ascende a 500.000 habitantes), nessa nesga de terra que vae do Rio Doce ao Itabapoana, consegue elevar-nos á posição de 6º ou 7º Estado exportador?!

Srs. Congressistas.

Já vão por demais longas as palavras de nossas despedidas.

Tendes, que dar os ultimos retoques aos vossos trabalhos.

Destes, durante estes seis dias, uns aos outros e a nós, noticias dos Estados e das instituições que aqui representaes.

Trocastes, uns com os outros e connosco, idéas e impressões sobre assumptos que devem altamente interessar a nossa grande Patria.

Ides em seguida voltar aos vossos Estados, ao convívio, al guns dentre vós, dos que fazem parte daquellas Instituições e se apresentarem, outros, aos chefes dos Ministerios que nos deram a honra de enviar suas Delegações.

Os vossos conterraneos, os vossos associados, os Ministros de Estado vos perguntarão, curiosos, o que colhestes desta reunião, o que vistes por aqui e quaes as vossas mais fundas impressões.

Dir-lhes-eis, Senhores, que os descendentes da raça conquistadora que atravessou o Atlantico nas Caravellas de Pedro Alves Cabral e de seus successores — os Mesaticephalos de Lusitania —, que galgou em seguida esse penedão hostil da Serra da Mar; que pretendu escravizar os bravos, orgulhosos e altivos Brachicephalos donos desta terra e que voou, desenganada de conseguil-o, ao outro lado do Atlantico para trazer, escravizados, os doces e affectivos Brachicephalos da Africa e se fundir, afinal, aqui, integrando-se — quem sabe? —

depois de uma separação milenaria, á alma primitiva da raça brachicephala, não sei se de Cham, Sem ou Japhet, ... dir-lhes-eis, srs. Congressistas — que os descendentes desse consorcio de valores do mesmo tempo — energicos, democraticos e affectivos, continuam ainda aqui, no rincão espiritosantense, a realisar, pela força do braço musculoso e da agil e aguda intelligencia, apesar das hostilidades que lhes cream a insufficiencia de meios para a lucta, o empinado das montanhas e a braveza das mattas seculares — a obra de seus maiores pela grandeza do Brasil.

Uma coisa, sobretudo, eu desejo que não vos esqueçaes, srs. Congressistas, de transmittir aos nossos irmãos — os vossos conterraneos, aos socios das Instituições, que aqui representaes, aos Ministros de quem sois eminentes Delegados, ao povo brasileiro, ao estrangeiro que vive convosco, e esta é: a convicção, que certamente tereis formado, pelo que vistes, em vosso espirito, de que o nosso trabalho pela grandeza do Brasil — é efficaz: de que a fé, que temos, em que Deus não desampará o povo brasileiro — é profunda... e tão grande como a do Poeta, quando orava:

«Que a vossa ascensão, oh ! Patria,
Praza aos Céos seja sem fim !
E ainda eu acho que é pouco
Meu pedir, pedindo assim ! » (1)

Pediu a palavra o dr. R. M. Costa Lima e, depois de fazer as melhores referencias ao desembargador José Arthur Boiteux, o organizador dos Congressos de Geographia, propoz que o 9º. Congresso Brasileiro de Geographia se reunisse no glorioso Estado de Santa Catharina.

O dr. Mario Mélo, depois de algumas considerações, disse que deveria votar contra, pois entendia que o proximo Congresso deveria ir para um Estado do norte ; entretanto, em attenção ao desembargador José Boiteux, aos grandes serviços por elle prestados aos Congressos geographicos, votava a favor da proposta do seu collega dr. Costa Lima.

Bastante commovido levantou-se o desembargador José Boiteux.

S. exa. disse mais ou menos o seguinte :

«O representante do Estado de Santa Catharina, sente-se profundamente commovido pela manifestação unanime do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, escolhendo Florianopolis, a bella capital do seu Estado natal, para séde do Nono Congresso.

Corre-lhe o imperioso dever de manifestar, em nome do governador dr. Adolpho Konder, cordeaes agradecimentos pela honrosa distincção conferida de modo tão significativamente penhorante.

Não desconhece a responsabilidade que lhe vae pesar sobre os hombros, promovendo, como determina a moção, ha instantes approvada, o novo certamen, que, espera, se realisará de 7 a 16 de setembro de 1928.

E diz 7 de Setembro porque foi essa a data em que se inaugurou, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso, que resolveu fosse ephemeride nacional a registradora dos certamens que se fossem realisando.

(1) «versos á Patria» de Roberto Correla.

Quanto a 1928, porque faz-se mister tempo sufficiente para a elaboração de memorias, de monographias que, em menos dilatado praso, não poderiam ser devidamente elaboradas.

Ao representante do Estado de Santa Catharina, porque conta com o valioso auxilio de bons companheiros do Instituto Historico e Geographico, com séde em Florianopolis, compete dizer que, seguindo o exemplo da illustre Commissão Organizadora do Oitavo Congresso, metterá hombros, com coragem e decisão, á empreza, de modo a corresponder á enaltecedora manifestação do certamen que ora se encerra.

Do que viu e apreciou nesta bella e florescente cidade de Victoria, cujas portentosas obras de remodelação tanto elevam e dignificam a elevada visão de estadista do preclaro dr. Presidente do Estado, e da operosidade, dedicação e patriotismo dos membros deste Congresso, o representante do Estado de Santa Catharina extrahirá a lição necessaria a conduzi-lo, santelmo brilhante a guial-o, para a conveniente organização do novo Congresso Brasileiro de Geographia.

E Florianopolis, naquella data, de braços abertos, receberá a pleiade illustre de brasileiros que ali irão fundir mais um élo que nos ligue nessa obra grandiosa a que nos impuzemos de conhecer, de amar e de defender a grande e querida Patria Brasileira».

Com a palavra o dr. Ewerardo Backheuser elogiou o gesto dos srs. Congressistas manifestando-se a favor da moção e lembrou que o 10.º Congresso deveria se reunir no Pará.

Após o dr. Archimimo Mattos pronunciou o seguinte brilhante discurso :

Discurso do Dr. Archimimo Mattos

Exmo. sr. Presidente do Estado. Sr. general Presidente do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia. Illustres Congressistas. Exmas. senhoras. Meus senhores.

Sómente por força das funcções que venho exercendo no Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, me foi dada a honra de vos dirigir a palavra neste momento em que outro, que não eu, mais superiormente armado nas justas de pensamento deveriam fazel-o com o brilho que não posso infelizmente dar, embora mantendo o mais ardente desejo de bem desincubir-me deste penoso porém gratissimo encargo.

Penoso, pela falta de autoridade de quem vos fala ; gratissimo por me julgar, só por isso, fartamente compensado do desgosto que vos causará ouvir o mais desautorizado dos representantes do pensamento e da alma espiritosantense.

Dizer-vos srs. Congressistas, a impressão gratamente duradoura que deixastes em cada um dos habitantes desta terra, capaz de bem comprehender a vossa patriotica missão actual, seria cahir no logar comum, tantas e tão repetidas são as vezes que, pela bocca de seus representantes, pela voz de seus oradores mais eminentes, pelos mais autorizados órgãos da imprensa capichaba, tem sido affirmados e repetidos os nossos sentimentos para com todos vós, representantes das diversas circumscricções do nosso Paiz, que aqui viestes para trazer a nós a luz do

vosso saber, a consciencia da grandeza do pensamento dos vossos povos, a affirmação do patriotismo dos governos de que sois honrados e dignos mandatarios.

Antes de entrar em outras considerações, permitti-me, confrades illustres, que vos signifique a nossa satisfação e o nosso orgulho por hospedarmos tão illustres e dignos representantes do pensamento e das sciencias no Brasil, satisfação e orgulho justificados sem duvida, porém como que velados por densas nuvens no céu das nossas cogitações, pela consciencia da nossa propria humildade, das proprias reduzidas proporções do que temos em relação com o que deveríamos ter, digno de ser visto por quem, não se satisfazendo com ficções, desejaria ver a prova provada dos nossos valores imperativos no concerto dos Estados da federação brasileira.

Aquém, muito aquém dos nossos desejos, ficaram até agora as demonstrações de carinhoso affecto com que vos deveriam homenagear; aquém muito aquém vossos merecimentos como collectividade bem como dos vossos valores individuaes, tem ficado as demonstrações de nosso affecto.

Do que vistes e do que por isso podeis concluir, verificareis as aspirações que nos invadem as nossas almas de capichabas, sempre e eternamente encantados com as opulencias da terra que não temos sabido ou não temos podido afeiçoar de modo a que pudessemos, sem nos humilharmos, tomar parte no grande festim do progresso da terra commum.

Ainda assim, meus srs., e máo grado as difficuldades innumerás resultantes da nossa propria incapacidade para lapidarios de tão preciosa gemma, resta-nos o consolo de termos feito, até aqui, tudo o que, dictado pelos nossos ardores patrioticos, tem se enquadado dentro das nossas possibilidades.

Num rapido golpe de vista atravez o Estado do Espirito Santo, vamos encontrar no extremo norte os municipios de Conceição da Barra e S. Matheus, outr'ora centros de abundante cultura, mas posteriormente decadentes pela desorganisação resultante da perda de trabalho escravo, que vão de novo se erguendo com a entrada de uma continua corrente immigratoria expontanea, além de ser este ultimo o ponto inicial de uma estrada de ferro em construcção que nos ligará ao norte do Estado de Minas, zona abundantemente productora que se servirá futuramente de um porto neste Estado; ainda ao norte o municipio de Collatina, crescendo de dia para dia, cada anno dobrando as suas rendas, multiplicando as suas actividades, como faz certo o desenvolvimento de seu commercio e de sua agricultura, pois ha dez annos possuindo menos de 30.000 cacaueiros, tem hoje para mais de 2.000.000 da preciosa theobrome cacáo que nos dará dentro em poucos annos lugar de destaque nesse ramo de exploração agricola.

E mais além Itaguassú, constituindo-se em nucleo de trabalho intenso, é Affonso Claudio, uma das mais mimosas estrellas da constellação espiritosantense; e ao sul, S. João do Muquy, em pouco menos de 20 annos elevado de simples districto a municipio, hoje dos mais ri-

cos e prosperos do Estado ; é Itabapoana, é Calçado, é Alegre, este exemplo de crescimento rapido á moda Yankee, pois desde que se estenderam até elle, os trilhos da E. F. Leopoldina tem ido em augmento a sua população e, na propria cidade num periodo de 3 lustros fazendo-se uma media de 90 construcções novas por anno ; é, finalmente Cachoeiro de Itapemirim, cujo progresso verificastes na Exposição de seus productos agricolas, extractivos e fabris ; sem duvida, provas eloquentes da operosidade de seu povo.

E' o interior do Espirito Santo, srs., que vos deveriamos mostrar, não fora a exiguidade do tempo de que dispondes para dar-nos a vossa benefica assistencia de conhecedores e estudiosos dos grandes problemas economicos, cuja applicação resultaria em novas utilidades proveitosas para o nosso futuro.

E' das luzes do vosso saber, da vossa experiencia nas cousas que de perto condizem com a grande finalidade que devemos attingir, talvez em futuro não mui remoto, que confiariamos a nossa orientação no affeiçoamento da pedra em que vimos trabalhando com amor e dedicação, é verdade, porém com as falhas e lacunas oriundas da nossa propria inexperiencia.

Certos do vosso interesse e da vossa dedicação pelo que é particularmente nosso, pois que o é, também da grande Patria a que todos nos consagramos com igual amor e dedicação, vos homenageamos nestes dias em que vos achastes no nosso meio com as mais risonhas flores dos jardins do nosso affecto, com as mais fulgurantes perolas que pudemos colher nos mares do nosso carinho.

E em vos homenageando, a alma capichaba como se sente desobrigada de um sagrado dever para com os hospedes dignos e illustres, portadores das considerações e do interesse dos nossos irmãos de outras plagas, em prol do engrandecimento de nossa terra querida.

Que por igual vos fizestes credor das nossas mais elevadas, carinhosas, sinceras, affectuosas e melhores homenagens, é o que vos torno a reafirmar em nome do povo espiritosantense, em nome do Instituto Historico e Geographico deste Estado, em nome das commissões encarregadas de dar effectivação ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, pois, illustres confrades, dou o testemunho mais convincente, o depoimento mais sincero de vossa acendrada dedicação, do vosso sincero interesse por todas as questões ora focalisadas na nossa assembléa.

De como vos desincubistes da missão que vos commetteram os vossos governos, é espelho fiel o registro nos annaes do Congresso, em que ficarão gravados para o historiador do futuro a vossa proficua e benefica actuação.

Por isso mesmo, nessa hora em que passo em registro as phases dos nossos trabalhos, julgo injustiça das mais clamorosas se aqui viesse destacar um ou mais nomes dentre os de todos que compuzeram o Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.

Impossivel mesmo de fazel-o, pelo sensivel embaraço que teria o chronista de agora, tantas e tão repetidas foram as provas dadas por todos e individualmente por cada um de vós.

Neste momento em que se avizinha a hora da separação deixae que vos diga, ter passado o Espirito Santo nesta ultima semana, uma das

melhores phases da sua historia, um periodo dos mais felizes de sua vida social; dias que se registraram como os em que, pela primeira vez entre nós, se reúne um Congresso Scientifico, trazendo-nos a oportunidade feliz de aqui abraçarmos illustres e festejados cultores das sciencias geographicas, além de lidimos representantes da brilhante mentalidade de diversos Estados do Brasil.

De passagem vos devo affirmar que embora com as divisões que por necessidades organicas da propria nacionalidade tivemos de adoptar, não reconhecemos no Espírito Santo, fronteiras que nos impeçam de cultivar a intelligencia onde ella se encontre, como de fazer sempre e cada vez mais, desaparecidos sentimentos outros senão aquelles que interessam directamente a grandeza da Patria commum.

E' daqui, da terra de Domingos Martins e de Maria Ortiz que desejamos leveis para os vossos lares, a certeza de que não ha aqui meus senhores, senão brasileiros; e brasileiros sempre e sinceramente devotados a grandeza futura do nosso sempre querido Brasil.

E esses sentimentos senhores, devemos ver esposados por todos quantos vivem sob o céu azul de nossa Patria, sob a protecção dos nomes sagrados dos nossos maiores de que herdamos esse grande acervo de civismo, de que recebemos a immensa e encantadora organização moral que é todo o nosso orgulho, que é o patrimonio benedicto que devemos transmitir aos nossos vindouros, intacto, senão accrescido aos que vierem depois de nós.

Dentro dos mais rigidos principios de moral social, devemos, nos inspirando nas lições do passado procurar manter sempre unido e coheso o sentimento da grande Patria, esforçando-nos para a fixação de uma forte mentalidade patriotica de modo a impedir os importunos, descabidos, impatrioticos e condemnaveis pruridos de separatismo.

Unidos e fortes, conscientes de nossa força, aproveitando-nos das condições naturaes de nossa terra, explorando-lhes convenientemente as possibilidades de seu solo, as riquezas do sub-solo com a productividade de seus homens num ambiente de paz, de serenidade e justiça, atingiremos sem duvida os grandes destinos que nos estão reservados no concerto geral das nações.

Organismos politicos sociaes, as nações nem por isso deixam de se subordinar ás leis biologicas que presidem a organização, e desenvolvimento dos seres em geral.

Tambem as nações se constituem, vivem, decahem e morrem; é o exemplo de que está prenhe a historia da humanidade.

Pois bem, fadados a uma decadencia aliás já caracteristicamente esboçada, vemos se debaterem na resistencia á agonia que se aproxima velhas nacionalidades que nos costumamos encarar como *leaders* mundiaes, no commercio e nas industrias como igualmente nos prelios scientificos.

As civilisações, e com ellas, as riquezas materiaes, se vão desde tempos immemoraveis deslocando do oriente para o occidente, de modo a nos fazer prever não se acharem distantes os dias, em que o Brasil venha se collocar no lugar que lhe está assignalado no futuro.

Para que elle preencha porém, com proveito para a humanidade os fins a que se encaminha, como movido por uma força supe-

rior e occulta, preciso se torna que o homem, interpretando as leis que presidem os destinos dos povos, procure não entrar a marcha do phenomeno ora em plena actuação.

Para que ella attinja a meta desejada sem vacillações preciso é que, esquecendo os nossos pequeninos interesses regionaes, abafando os nossos sentimentos de mal entendido regionalismo, abrandando o agitado pulsar dos nossos corações inflamados por esse sol ardente dos tropicos, recalcando os nossos proprios pendores naturalissimos nas nossas almas de meridionaes, nos esforcemos sinceramente, propaguemos sem desfallecimentos, com a coragem civica dos nossos maiores, a grande crença na pujança de nossa raça, o grande amor pela grande Patria de que somos humildes servidores.

Sob este céu bemdicto do Brasil não haverá dissídios, separações, rivalidades de qualquer natureza, e muito menos ainda por pequenos pedaços de terra que pretendem os mais fortes abocanhar dos mais fracos, se nos convencermos todos que acima dos interesses regionaes, acima das nossas vaidades pessoas deve pairar um só e unico pensamento o da mais estreita solidariedade, o da mais intima união, o da mais sincera estima, o da mais cordeal lealdade entre os Estados da federação, sem distincções de território, de representação politica, de valores administrativos.

São esses os votos que fazemos, meus senhores, neste momento em que é forçosa a separação, depois desse convívio amigo de alguns dias, que fazemos todos nós que aqui ficamos; mesmo dentro dos dictames do nosso mais acendrado patriotismo não seria nem mesmo justo que nos deslumbrassemos pela nossa grandeza, esquecendo-nos dos grandes principios de solidariedade universal que devem ser sempre o apanagio das nações bem orientadas e dirigidas.

Já me vou alongando e demasiado abusando da vossa complacencia pelo humilde orador que veio quebrar com a monotonia de sua phrase insulsa, os accordes harmoniosos até aqui modulados.

Perdoai senhores as expansões apaixonadas que venho de fazer confiado na vossa generosa bondade.

Deixai porém, que vos diga antes da partida que se avizinha, que o Espirito Santo vos agradece de modo especial a honra que lhe conferistes vindo trazer-nos a solidariedade amiga de vossa presença em nossa terra; deixae que vos repita aqui as expressões de carinhoso affecto que tendes presenciado desde que aportastes ás nossas plagas; deixai ainda que vos peça de todo o coração e com o mais decidido empenho, que, ao retornardes aos vossos lares onde vos esperam os carinhos das esposas, dos filhos e das irmãs queridas, leve as vossas terras, signifiqueis aos governos, ás associações scientificas que vos commissionaram, ao povo enfim das circumscripções que representaes aqui, a convicção de que a alma espirito santense sente tambem comvosco as vossas dores, rejubila-se tambem comvosco com as vossas alegrias, se enthusiasma com os vossos triumphos.

Levai-lhes confrades, a noticia de que a alma capichaba é a alma brasileira; dizei-lhes meus amigos que nesta terra bemdicta, procu-

ramos cultivar o dever para com a Patria estremecida, repeti-lhes que entre nós, o amor ao rincão de nosso berço não nos obscurece o amor, a dedicação, a ternura, o carinho, a paixão pelo Brasil.

Affirmai-lhes meus confrades illustres, que neste bocado de terra que nos foi dado por berço, sabemos bem comprehender que, acima dos nossos interesses, collocamos o da Patria commum; que, finalmente, senhores, acima, muito acima de espirito santenses, somos também brasileiros.

Aqui meus senhores, pensamos que acima de tudo está o Brasil. Levai-lhes por isso o nosso osculo de paz e de amizade, o nosso abraço de irmãos — confundidos num só pensamento, irmanados num só affecto: o da grandeza immensuravel do Brasil.

Viva o Brasil unido!

O dr. Carlos Xavier propoz um voto de applausos ao general Candido Rondon e um voto de louvor aos srs. D. Manoel Gomes de Oliveira e dr. Pedro Celso de Uchôa Cavalcanti que presidiram os trabalhos.

Essas propostas foram muito bem recebidas pela Casa.

Depois de um minuto de attenção levantou-se o nosso confrade dr. Aristoteles da Silva Santos, que em vibrante improvisado, disse:

Venho denunciar a esta augusta assembléa que ha uma profunda desintelligencia no seio do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo. O Instituto está revolucionando, tendo por armas o coração.

Archimimo Mattos e Carlos Xavier, aquelle presidente da Comissão Technica e este da Comissão Organisadora do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia não se conformam, diga este Instituto, pela voz de um de seus membros, que as palmas lhes cabem na victoria desse certamen intellectual e que flores lhes devem ser jogadas! A maioria venceu, contra o voto dos dous grandes servidores do nosso Instituto, motivo por que, nesta tribuna, me encontro como representante dos vencedores!

Mas... treguas! Carlos Xavier e Archimimo Mattos tornam para nossas fileiras e o Instituto coheso vem dizer, com o testemunho dessa assembléa de illuminados que as glorias todas cabem ao exmo. sr. Presidente do Estado, a quem hypothecamos, neste momento, todo o nosso apoio, toda a nossa gratidão pelo tudo que fez, facilitando-nos em bem servirmos ao nosso Estado, ao nosso querido Brasil!

— O general Candido Rondon, depois de agradecer a moção apresentada pelo desembargador Carlos Xavier, pediu que esse seu agradecimento fosse consignado em acta.

Pronunciou depois, o bravo militar, o seguinte:

Discurso do General Rondon

Ao encerrar os trabalhos do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, que presidi por nimia gentileza dos meus collegas Congressistas, praz-me, neste momento, proclamar a valia das multiplas e empolgantes contribuições geographicas apresentadas á consideração deste Congresso pelos senhores delegados das Instituições scientificas, representantes dos Estados e dos Poderes federaes.

Essas contribuições enriquecerão de certo o já volumoso acervo, nesse genero, das nossas conquistas intellectuaes.

Como os anteriores Congressos, num dos quaes, o Sexto que se installou em Bello Horizonte, tive a distincção de representar o meu Estado natal, foi este igualmente feliz pela brilhante concorrência das theses e monographias offerecidas; todas ellas intimamente ligadas aos estudos da Geographia e da Historia da Geographia do Brasil.

Assim foi que a mesa recebeu e as Comissões estudaram e julgaram cento e dez trabalhos. Todos são dignos dos seus respectivos autores.

Revelam elles accendrado amor ao estudo da terra e das cousas da nossa Patria.

São expressões vivas da intelligencia nova do nosso povo; não desse futurismo destruidor das tradições que preparam e consolidam o Presente em que se apoia o Futuro, que é resultantes de todas as forças convergentes do Passado. Mas sim, essa esperança cristalina da grandeza intellectual das gerações contemporaneas guiadas pela sabedoria do Passado, que o Presente desenvolve e consolida. Todos gravitam em torno do programma moderno do estudo da Geographia, de que trataram com excepcional e emotivo enthusiasmo os brilhantes professor polytechnico Backheuser, e desembargador Carlos Xavier, ambos gloria do saber nacional, e ambos fortes esteios deste Congresso. Muitas moções foram apresentadas, todas ellas significativas de homenagens aos vultos nacionaes que passaram gloriosamente para a subjectividade ao culto serêno do Presente e julgamento da Posteridade. Destaca-se dessas moções a doce homenagem prestada pelo jovem e ardoroso engenheiro Frós de Abreu ao vulto da Geologia Nacional, Gonzaga de Campos, o fecundo accionador das energias do subsolo do Brasil, que viveu tão modestamente quanto foi grande e efficiente a vida que dedicou á grandeza da sua Patria.

Não foi só geologo esse filho brilhante da Escola de Ouro Preto; como engenheiro, está o Brasil e especialmente S. Paulo a dever-lhe o estudo que realizou, com a capacidade que lhe era peculiar, do ramo final da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil ao chegar ao magestoso Paraná, fronteiro a cachoeira do Urubú-Pungá na confluencia do famoso rio das Monções e dos Bandeirantes.

Devo não só por gratidão, como por justa, embora tardia homenagem, pedir que seja incluído no numero dos benemeritos geographos homenageados por aquella Moção, o nome do jovem, distincto e competente geologo que foi Cicero de Campos, vindo a fallecer ao chegar a S. Luiz de Caceres, quando buscava alivio ao cruel impaludismo que apanhou ás margens do cristalino Juruêna, quando me acompanhava na travessia que o saudoso e benemerito Affonso Penna ordenou-me que fizesse, sertão a dentro, de Matto Grosso ao Amazonas.

Não seria tambem demais, senhores, que incluíssemos nessa relação o nome benemerito do operoso catharinense Lauro Muller, o estadista de escol que a Republica formou, e que tantos e bons serviços prestou á Nação como ministro que duas vezes foi, e em cujo posto concorreu para realizações importantes ligadas intimamente á Geographia Nacional. Refiro-me á resolução que no Governo do saudoso

conselheiro Rodrigues Alves, ordenou a construção da Estrada de Ferro para Cuiabá, partindo de Baurú na direcção do noroeste, de cujo rumo sahiu a denominação daquela Estrada, que em 1907 mudou infelizmente o seu traçado, rebatendo o arco de 45,0) daquela capital para Corumbá.

O mesmo estadista quando então Ministro do Exterior favoreceu de um modo fecundo a exploração do rio primitivamente da Duvida, cabeceira principal do antigo Aripuanã e hoje do caudaloso Roosevelt, garantindo á Expedição Scientifica Roosevelt — Rondon o exito do seu arrojio.

Justo é igualmente, meus dignos confrades, que associemos o nome do famoso ex-presidente americano, que foi o propulsor daquela exploração ao escolher o celebre itinerario desconhecido, quando poderia seguir outros mais commodos e conhecidos que lhe foram offerecidos, na homenagem brasileira á memoria daquelle grande amigo do Brasil, que como geographo amator, quiz participar das grandes sensações das descobertas dos bravios sertões da minha Terra.

Todas as Moções foram approvadas.— E por ter sido uma delias motivo sensibilizador da minha humildade, eu peço a este magestoso Congresso que acceite o meu profundo reconhecimento pela honra que elle quiz conceder-me mandando inserir nos seus annaes a modesta contribuição que aqui trouxe com a conferencia que realizei no dia 28 como mais, uma pedrinha a addicionar á construção patriótica que visam os benemeritos Congressos de Geographia.

Dentre as theses: memorias e monographias, seja-me permittido destacar pela sua originalidade as monographias apresentadas pelo cathedratico da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, o emerito professor Backheuser, sob os titulos:

1ª «O valor psycho-social da toponymia».

2ª «O principio da equipotencia, applicado á divisão territorial do Brasil.

3ª «Theorias geopoliticas da localisação das capitales — A capital do Brasil.

4ª «Rápidos traços da paisagem politica e cultural do Estado do Rio de Janeiro.— Estudos que esboçam um vasto programma do estudo philosophico da Geographia Geral, applicada ao Brasil. Trabalho de logica, amoldado na concepção de Kiellen, que resume as concepções de Erich Obst e Penck, estão estes trabalhos fadados a despertar no nosso meio estudioso, o mais vivo interesse que eu auguro de salútaes reacções na orientação nova do estudo da Geographia em nossa Patria.

Merecedor da mesma admiração, pela sua originalidade apparece a opulenta obra em tres volumes que Carlos Xavier apresenta a este Congresso, como a joia e obra prima das suas lucubrações sob o titulo: «Feriados do Brasil».

Dois nomes nacionaes de valia inconfundivel apresentam a obra ao publico.

Nada mais se poderia accrescentar ás opiniões dos dois escriptores, que apadrinharam a vibrante e patriotica producção daquelle espirito de selecção.

Clovis Bevilacqua e Rocha Pombo são dois mestres da verdade historica do Brasil. As opiniões que emitiram recommendam dignamente o autor desse estudo moderno, que Carlos Xavier — faz da pantosophia nos seus "Feriados do Brasil".

A obra merece aprofundado exame.— Do pouco que podemos apreciar, resulta evidentemente o valor da mentalidade do autor, que através do seu magnifico patriotismo esboçou esse grande plano de estudo historico-geographico da nossa Terra e da nossa Gente.

Todos os outros trabalhos são dignos da attenção do Congresso — impossivel porém, me seria falar de cada um de per si.

Tomei esses que apresentei, para synthetisar a especifica capacidade deste Oitavo Congresso de Geographia.

Felizmente para o Brasil foi nelle, como no de Bello Horizonte, retomado o problema nacional dos Limites interestadaes, de tão relevante interesse para a solução administrativa dos Estados federados, secularmente manietados nas suas relações politicas das quaes depende francamente a vida administrativa de cada um delles.

O nosso distincto compatricta capitão de Mar e Guerra, Thiers Fleming, campeão da confraternisação dos Estados pela solução amigavel das respectivas raias physicas, escudado na grandeza patriotica que o caracteriza, evoca pela moção que apresentou, de felicitações ao Presidente Avidos, ao Governador Góes Calmon e dr. Carlos Xavier, pela celebração do accordo «Bahia Espirito Santo», dirimindo a questão de limites entre estes dois Estados; a conveniencia do proseguimento daquellas negociações, muitas dellas já bem encaminhadas; outras ainda em simples expressão de sympathia patriotica dos respectivos presidentes e governadores. O bravo paladino do Problema Nacional dos Limites interestadaes, salienta o dever dos estadistas favorecerem a solução do Problema Maximo, por condizer a sua solução com a harmonia interna da Nação, com a fraternidade dos povos que constituem a Nação, sendo ella a unica garantia segura da *Unidade Nacional*.

Os Congressistas ora aqui reunidos sob a bandeira do sentimento uno e forte da brasilidade que nos argamassa na vastidão deste Paiz sem par, façamos votos para que os governos estaduaes sob o laço moral da Federação, num gesto sublime de harmonia e belleza dos melhores pendores nacionaes, apanagio do nosso povo; evocando os idéaes patrioticos do eterno Patriarcha Fundador da Patria brasileira, se decidam a resolver os dissidios que prejudicam mais á Nação que aos Estados.

O complicado estudo juridico em que se emmaranham essas divergencias, difficilmente permitirá uma solução e uma sentença a cada caso, dentro do praso que o aneio patriotico almeja para a consolidação do valor moral e politico do Brasil.

Só a boa vontade de cada um, escudada na edificante transigencia patriotica de cada Governo, poderá facilitar e accelerar a solu-

ção do problema; porque, a vontade é o resultado directo de todo impulso affectivo, approvado pela intelligencia como devendo dirigir a conducta.

Ao separarmo-nos desta convivencia fraternal, tão curta, mas de infinita satisfação do amor, levemos cada um de nós, filho de Estado litigioso, a sagrada incumbencia de appellar ao sentimento brasileiro dos nossos patricios no sentido de influirem por actos e palavras, sob a egide da Patria grande e unida, para que as lindes estadoaes sejam traçadas não pelo interesse de maior ou menor venda; de maior ou menor brilho regional; de maior ou menor vaidade de possuir maior vastidão de terras pelo simples luxo de satisfação do orgulho bairrista.

Mas, senhores Congressistas, tão somente pelo divino interesse da *Unidade Nacional*, que só será uma realidade quando essas divergencias cessarem e a confraternidade estadual traçar com o *fogo sagrado do patriotismo*, os limites physicos das Unidades federativas, calcados nas rais moraes indicadas por José Bonifacio para formar uma Nação homogenea, verdadeiramente livre, respeitavel e feliz que o Bom senso e a Razão estão a aconselhar a cada um de nós.

Senhores Congressistas, são esses os meus mais ardentes votos; essa a minha motivada esperança.

Ao dizermos o adeus saudoso a esta cidade hospitaleira e bella, deixemos, senhores Congressistas, gravados nos annaes deste Congresso os nossos mais caros e profundos agradecimentos ao senhor Presidente Florentino Avidos pelo apoio moral e material, decidido e franco, que nos dispensou para levarmos a bom termo a nobre missão que a Patria nos confiou; ao bravo e ardoroso desembargador Carlos Xavier pelos inestimaveis esforços que despendeu para nos entregar esta tarefa quasi acabada, e pela fidalguia e infinita paciencia com que, ao lado da sua nobre esposa, nos cumulou de amabilidades que jámais poderemos pagar; a este povo capichaba, que abriu o seu coração para nos receber, espargindo carinhos por onde quer que passassemos, quer nos salões e nas ruas da cidade, quer nos seus verdejantes e encantadores arredores onde iamos buscar linitivo á saudade dos entes ausentes; finalmente, meus caros confrades, peço queiram dar-me poderes bastantes para agradecer com todo coração a divina bondade com que fomos tratados pelo excellentissimo e reverendissimo senhor Bispo Diocesano, D. Benedicto, o Pae carinhoso da Pobresa, o infatigavel e bondoso Pastor das ovelhas que protege e acaricia na Graça que representa na Terra.

A sessão foi encerrada ás 16 horas.

O sr. Presidente do Estado retirou-se com suas casas civil e militar, sendo acompanhado até a sahida do Congresso por todos os Congressistas.

O Banquete

No Palácio do Governo realisou-se o banquete que o exmo. sr. Presidente Florentino Avidos offereceu aos srs. Congressistas.

A's 20 ½ horas, assentaram-se á mesa as seguintes autoridades:

Presidente Florentino Avidos, general Candido Rondon, D. Benedicto Alves de Souza, D. Manoel Gomes Oliveira, senador Manoel Monjardim, desembargador Santos Neves, prefeito Octavio Indio, desembargador José Batalha, deputado Antonio Athayde, dr. Ewerardo Backheuser, dr. Nelson Monteiro, capitão Octavio Araujo, dr. Bemvindo Novaes, dr. José Duarte Badaró, dr. Mirabeau Pimentel, comte. Lucas Boiteux, coronel Alziro Vianna, dr. Josias Soares, dr. Porto Carreiro, dr. Aristeu Aguiar, tenente Vicente Rondon, deputado José Pedro Aboudib, sr. Julio Pinto Junior, coronel Matheus Vasconcellos, capitão Agenor Abreu, tenente Miranda Rocha, deputado João de Deus, dr. Marcondes Junior, dr. Thiers Velloso, dr. Carlos Domingues, dr. Misael Seixas, dr. Augusto Barata, commendador Candido Costa, dr. Arnulpho Mattos, dr. Raymundo Thomé Bezerra, professor Heraclito Pereira, major Barbeta da Rocha, dr. Aristoteles Silva Santos, sr. Orlando Bomfim, dr. Arthur Primo, dr. Archimimo Mattos, dr. José Moreira Gomes, dr. Ceciliano de Almeida, dr. Argeu Monjardim, sr. José Vieira Machado, dr. Honorio Sylvestre, dr. Ubaldo Ramallete, dr. Pedro Celso, dr. Barbosa Rodrigues, dr. Nestor dos Santos Lima, dr. Simões da Silva, professor Andrade Silva, dr. Costa Gama, dr. Ieorne Menescal, sr. Constancio Espindula, sr. Alfredo Krammer, dr. Nilo Bruzzi, dr. Clovis Côrtes, dr. Gaudino Faria, coronel Affonso Faria Simões, coronel John Brunk, deputado Alarico de Freitas, dr. Randolpho Chagas, dr. Marcilio Lacerda, dr. Sylvio Frós Abreu, dr. Walter Siqueira, dr. José Boiteux, dr. Ataliba Lepage, dr. Mario Mélo, dr. Couto Fernandes, sr. Alberto Oliveira Santos, dr. Sergio Aquino.

Foi servido o seguinte

MENU'

POTAGE — Crème d'asperges.

POISSON — Filet á la diplomate.

ENTRÉES — Tournedo á la brésilienne. Dindon á la brésilienne. Salades de leitue.

ENTREMENTS — Gateau St. Honoré. Glacés. Crème Chantilli. Fromages et fruits.

Ao champagne levantou-se o dr. Aristeu Aguiar secretario da Presidencia que em nome de sua exa. o sr. Presidente do Estado dr. Florentino Avidos, fez o offerecimento da festa, proferindo bellissimo discurso:

Respondendo, o general Candido Rondon pronunciou o seguinte discurso:

Senhor Presidente.

Vossa excellencia mandou que o seu digno secretario saudas-

se em seu nome os membros do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, que funciona nesta cidade de Victoria, em termos summamente honrosos para todos nós Congressistas;

Vossa excellencia por essas palavras alludiu aos inestimaveis serviços que esse Congresso terá decerto prestado ao congressamento da familia brasileira, nesse convivio de filhos de todos os Estados, onde trocam ideias, conjugam sentimentos pela grandeza do Brasil uno e forte;

Vossa excellencia terá mandado mencionar os grandes serviços que o Congresso moral, intellectual e pratico da nossa Patria, pelos variados trabalhos que nesta semana de acção intensa, tem elle desenvolvido no estudo e julgamento das memorias e monographias apresentadas á apreciação da douta corporação;

Vossa excellencia quiz, emfim, ser gentil para conosco dando-nos tão grande prova de apreço e attenção no offercimento deste honroso banquete de despedida, em que a finura e elegancia do gesto do seu Governo, bem se casam com a simplicidade e a bondade do estadista de acção firme, serena, decidida e energica, protector do povo, que governa com sabedoria, previdencia e edificante honestidade.

De certo que os sentimentos patrioticos de todos nós se exaltarão diante da distincta menção do mais alto Poder deste formoso Estado.

Nós aqui viemos, senhor Presidente, de longinquas paragens e do seio de povos irmãos, render carinhosa homenagem ao povo que empolga a attenção do Brasil pela sua capacidade pratica, pela energia do seu character, pela fé do seu alevantado patriotismo:

Povo lutador, que nascendo pequeno, aspira as mais elevadas posições no conceito da nacionalidade para melhor servir a Patria bem amada:

Povo de heroes, meus senhores, este em cujas tradições, o Passado nos aponta como destemido defensor do sagrado solo, — o glorioso e formidavel — Ararigboia:

Povo de aspirações crystalinas da mais pura Liberdade, esse que produziu o Patriota sem par, o grande Cidadão que formou na legião dos libertadores, como o mais arrebatado e legitimo representante da nossa raça, no seculo da construcção das Patrias Americanas —

Domingos Martins, levanta-te do Pantheon da gloria, onde guardas a honra e a fé deste povo que cultúa a tua imperecivel memoria, e vem com a tua alta suggestão dar-nos vida civica de que carece o enthusiasmo nacional e o nosso ardor republicano; neste momento dos mais tristes desfallecimentos, de descrença e de carencia de fé nos destinos da Republica do teu amor!

Venha, formidavel batalhador com a tua incomparavel energia, com o teu potencial civico que levantou e conduziu os legionarios de 1817, ás innaccessiveis glorias do destino deste divino Brasil, venha, nos amparar e mais energia dar ao nosso espirito, e ao estro do nosso amor maior vigor para melhor servirmos a causa pela qual te sacrificaste! Salve martyr da liberdade!

Agradecendo em nome do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia e 8º Congresso de Esperanto a carinhosa hospedagem e distincção de toda ordem com que Vossa excellencia nos tem cumulado; coefferiente moral e material importante com que o nobre Governo do Espirito Santo concorre para a consecução integral do ideal daquelles Congresso, tenho a honra de manifestar a Vossa excellencia, em nome de todos nós, o enthusiasmo que nos tem despertado o progresso da cidade, a educação civica e moral deste altivo e carinhoso povo, que a nossa permanencia aqui nos tem permitido observar e sentir.

A remodelação da cidade lembrará sempre a visão segura do Estadista, a quem o Espirito Santo confiou a suprema direcção da sua administração.

Apreciamos, Senhor Presidente, na Exposição que assistimos em companhia de Vossa excellencia, e nas visitas que fizemos aos Estabelecimentos de Ensino, o progresso do Estado na sua industria na sua agricultura e na instrucção moral e civica do seu povo.

E si a grandeza de um Estado se mede pelas suas escolas, pela sua industria e agricultura, e pela cultura moral da sua gente, está bem claro, que ninguem pode regatear ao glorioso Espirito Santo o titulo de — prospero, adiantado e culto.

Vossa excellencia, Senhor Presidente, tem a felicidade de governar um povo homogeneo, patriota, culto e ardorosamente enthu-siasta do seu Presidente.

E' o maior titulo de gloria que um estadista poderia aspirar.

Ergo a minha taça, Senhor Presidente, pela felicidade pessoal de Vossa excellencia, de sua Excellentissima Familia e pela continua prosperidade desta Terra e desta Gente.

O brinde de honra feito pelo Presidente Florentino Avidos :

Disse S. Exa.

Meus Senhores.

Numa festa como a nossa em que o Governo do Espirito Santo rende justa homenagem a todos os Estados e poderes da nação Brasileira, aqui em sua maioria representados pelos conspicios membros do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, não podemos deixar de render o nosso preito de admiração e inteira solidariedade a um dos mais eminentes homens de Estado, hoje o depositario de todas as esperanças da nação.

Quando requintamos em estreitar a cordialidade de todos os Estados irmãos, que nos distinguiram com a representação de seus homens de mais cultura, timbrando em estudar as nossas questões de interesses geraes, é um suave dever, assignalar a gratidão que já devemos a esse grande estadista pela sua cooparticipação no progresso do Paiz, quando exerceu o mais alto posto do Estado de S. Paulo e quanto nos sentimos confiantes e tranquilllos na certeza de sua acção decisiva, na posição culminante que ora occupa e onde será sem duvida o continuador seguro da grande obra do benemérito Presidente Arthur Bernardes.



Monumento do heroi e martyr
espirito santense
Domingos José Martins



Assim meus senhores é com viva satisfação que vos convido a levantarmos o nosso brinde de honra ao sr. Presidente da República dr. Washington Luis.

Viva o Presidente dr. Washington Luis.

A collação de gráo na Escola Normal Pedro II

Revestiu-se de desusado brilho a cerimonia da collação de gráo das professorandas da Escola Normal «Pedro II». Assistiram-na o dr. Aristeu Aguiar, representando o exmo. sr. Presidente do Estado, o dr. Ubaldo Ramalheite Maia, secretario da Instrucção, o sr. bispo diocesano, os illustres membros do Congresso de Geographia, autoridades e grande e selecto numero de pessoas de destaque social.

Abrindo a sessão, o dr. Ubaldo Ramalheite convidou o general Candido Rondon a collocar-se ao lado do representante do sr. Presidente do Estado e começaram então a ser chamados, um a um, pelo director da Escola os jovens professorandos aos quaes o sr. secretario da Instrucção fez entrega do diploma de normalistas.

Feita a entrega dos diplomas, usou da palavra a paranymphe professora Stella de Novaes.

Discurso de D. Stella de Novaes

Ilmo. sr. representante do exmo. sr. dr. Presidente do Estado. Exmo. e revmo. sr. bispo diocesano. Exmo. sr. dr. secretario da Instrucção. Exmo. sr. general Candido Mariano Rondon. Exmo. sr. dr. director da Escola Normal. Presados collegas. Minhas senhoras e meus senhores. Distinctos afilhados.

O dia em que se sagram novas sacerdotisas do Bem, em que se commemora uma victoria da instrucção, em que saudamos novos professores é de gloria e de esperanza para o Estado, para a sociedade e para a mocidade em flor.

Por isso, esta festa não vos pertence somente, queridas afilhadas e prezados afilhados, e sim a todos os que formam esta selecta assistencia, aos que vos auxiliaram na realização do vosso curso, aos que comprehendem que o professorado primario é o factor indispensavel ao progresso de um povo e avaliam que uma nacionalidade só se firma quando tem a modelar-lhe a fusão das raças e das indoles o trabalho seraphico da instrucção.

Todos aqui presentes vos contemplam como novos elementos que hão de despertar no coração da criança o amor da virtude e o amor da Patria; que, ensinando as primeiras noções scientificas, hão de ensinar, igualmente, a reunir as 25 letrinhas e cantar os feitos dos nossos heroes, e guardar as tradições dos nossos antepassados, a cultivar com pureza o nosso idioma, a prezar com sinceridade o trabalho que enobrece a raça e a oppor-se á indolencia e ao vicio que a depauperam.

Envidastes todos os esforços para que o termino dos vossos estudos tivesse condigna solennidade; luzes, flores, arte, sorrisos, tudo concorre nesta noite, para elevar nossas almas aos páramos da alegria;

amigos, entes queridos, eminentes representantes dos poderes temporal e espiritual e das associações scientificas do paiz compartilham do vosso contentamento.

Quizera que minha contribuição, nesta noite, correspondesse á imponencia desta solennidade, realçada com a presença dos illustres membros do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, e traduzisse fielmente a sinceridade que firmou a nossa elevada estima desde o dia em que nos compreendemos : Vós meu interesse em incutir em vossa mente a intuição do valor da sciencia, a admiração das cousas bellas, o amor de Deus pelo conhecimento da natureza, onde se encontra tudo o que Elle criou para a nossa felicidade.

Eu, igualmente, vos compreendi.

No curto espaço de tempo em que frequentastes minhas aulas, pude verificar o desvelo que empregaveis no cumprimento do dever, o interesse que tinheis de enriquecer vosso espirito de conhecimentos uteis; pela vossa applicação e pelo exemplar procedimento vos tornastes credores de elevada estima. Através dos vossos sorrisos, da vossa alacridade nunca prejudiciaes ao estudo, porque soubestes aliar a jovialidade ao trabalho, observei a simplicidade e a bondade dos vossos corações, em vossas distracções, vi a inexperiencia dos vossos actos. Condemnar-vos por isso ? Nunca ! Não se despreza o diamante pelo facio de não estar completamente lapidado, nem a perola, si a mão do ourives não lhe houver despojado da imperfeição do bysso. Lapida-se o diamante e eil-o demonstrando a todos o seu valor, dê-se á perola escriptorio appropriado e eil-a, soberana entre as joias raras, attrahindo a todos com a sua belleza.

Guiar-vos, investigar vossa capacidade de trabalho e vossas predilecções, criar-vos um ambiente de affeição e de carinho onde pudesseis encontrar o conforto que só a amizade bem comprehendida sabe dar aos que trabalham, foi a tarefa que a exemplo dos meus collegas, empreendi e, hoje, vendo-vos sorver na prece a ventura que Deus concede aos bons, orei : «Senhor ! Fazei os felizes, fazei os valorosos ! São gemmas preciosas que terão de ornar o magisterio espirito santense e cujo brilho ha de despertar em muitos corações sentimentos virtuosos e attrahil-os para corresponderem aos ideaes da Patria !

Queridas professoras.

Guardei sempre com especial carinho as flores que, muitas vezes, me offertastes ; eram symbolos da vossa bondade, reflexos da delicadeza dos vossos sentimentos. Com os livros, foram minhas companheiras nas horas do trabalho silencioso, ignorado e arduo em que se empenham todos os que se dedicam ao magisterio. Vendo-as, recebendo as caricias do perfume que espargiam eu me distrahia do estudo e me transportava em espirito para junto de minhas alumnas afim de alentar-me com o encanto dos seus sorrisos e antever, nas amiguinhas de então, collegas de amanhã.

Já vae longe, prezados professores, o tempo em que ao lado das Filhas de S. Vicente de Paulo, leccionei a cadeira de pedagogia. Hoje, vivo para outros estudos e só, rapidamente, levada pela attracção que sempre exerceu sobre o meu espirito tudo o que se refere ao ensino e á educação, posso observar o impulso tomado por novos sys-

temas educativos, o carinho que se dispensa, nalguns paizes, ás escolas maternas, as falhas da nossa educação physica, a importancia da cadeira de economia domestica e arte culinaria inda não introduzida em nossos educandarios e cujos ensinamentos se reflectem indiscutivelmente em beneficio da criança e do lar.

Não poderei dissertar sobre o concurso que varias sciencias prestam na elucidação dos problemas educativos, entrar em altas questões de psychologia applicadas á pedagogia nem falar sobre as vocações artisticas, tantas vezes, reveladas nas nossas escolas, e que se perdem sem estímulo e meios de orientar-se. Não me adeantarei em considerações sobre o que podeis e deveis fazer ao transpordes os humbraes desta casa. Irei apenas transmittir-vos o que tenho compilado e concluido, desfolhar-vos o canhenho de alguns registos relativos á realização dos nossos ideaes, á utilização das nossas faculdades, ao desenvolvimento das nossas energias em proveito da Patria.

Falei-vos de Patria, palavra que, por si, basta para avivar em nossa mente a imagem deste Brasil querido, desta vasta região de exuberante belleza ; palavra que noutros desperta a lembrança de uma faixa de terra que ficou além guardando tradições, deslumbrando o mundo com a bravura de seus filhos, com o seu singular aspecto topographico, com a riqueza de seu solo e abrigando, não raro, em seu seio pedaços de corações !

Desde a infancia, ouvistes enaltecer o amor da Patria, cantastes hymnos ao seu lábaro glorioso, sentiste o coração pulsar de entusiasmo lendo as narrações dos feitos valorosos de Pedro II, Caxias, Barroso, Teffé e outros ; vendo Santos Dumond e Edú Chaves emprehenderem meios de unir-nos em amplexos ás nações amigas e elevar o nome do Brasil no conceito dos povos ; ou ante os versos de Durão, Castro Alves, Bilac e tantos dentre os quaes resalta Gonçalves Dias, «o mais brasileiro dos nossos poetas».

Nas commemorações civicas em que comparecestes, certamente, ao lado do ideal de felicidade pretendeis realizar na vida, tivestes o desejo de corresponder ao sorriso de carinho e de esperança da Patria, synthetizada no governo, que vos proporcionou meios de valorizar vossa intelligência e consolidar as bases do vosso character, na multidão que vos acompanhava e vos admirava, no solo que pisaveis, na bahia formosa, em tudo emfim que podies perceber ou contribuia para despertar em vossa mente uma lembrança querida.

Lembraste-vos ainda de que em vós estava, igualmente, uma parcella da Patria e, com a perspicacia de moças e de moços avaliastes, acredito, o meditastes : «Quão mal interpretado é, ás vezes, o patriotismo!»

Fostes absorvidos então pelo desejo immenso de corresponder ao sorriso da Patria.

O vigor da juventude, o gosto pelo estudo, a pureza do vosso character vos segredavam a resolução de empregar todas as vossas energias para vos tornardes dignas filhas do Brazil e filhos illustres, devotados e nobres, de engrandecer a porção da Patria que palpita em vós. Sim, porque o verdadeiro patriotismo manifesta-se em qualquer época da vida e tem tantas modalidades quantas são as condições sociaes dos individuos. Não consiste em pronunciar discursos entusias-

ticos sem o attestado do proprio exemplo ; não é galgar posições com o fito de preparar-se um futuro de inercia, não é enfraquecer o desenvolvimento natural da raça com a depravação dos costumes, com a indolencia ante a introdução de principios tendentes á dissolução da familia, alarmantes attestados ou prenuncios da decadencia moral de um povo.

Serve á Patria o jovem que se esforça em illustrar a intelligencia, fortalecer-se moral e physicamente afim de, no futuro, conhecer, valorizar e mostrar aos povos o que ha de bello, util e rico no Brasil querido ; o magistrado intelligente e integro, guarda avançada da harmonia e da paz social ; o que dirige, com elevação de vistas o destino do povo ; o que batalha com a penna afim de defender a pureza do idioma contra a intromissão de estrangeirismos adoptados pela falsa elegancia. Nossos poetas, oradores e chronistas attestam sobejamente que se pode saudar a natureza, descrever as agruras do martyrio, cantar trovas de amor com o «rude e doloroso idiomal...»

.....
 «Que tem o tom e o silvo da procella
 «E o arrolo da saudade e da ternura !»

A lingua dos nossos paes e, continua Bilac,
 «E em que Camões chorou no exilio amargo,
 «O genio sem ventura e o amor sem brilho.

.....
 A bravura das nossas forças armadas, a resistencia dos nossos sertanejos, a abnegação de tantos que, rasgando estradas e transpondo torrentes, vão pesquisar as riquezas naturaes do solo patrio e impulsionar as industrias revelam efficaçmente que a nacionalidade brasileira originou-se da coragem do selvicola, da paciencia do africano e do genio empreendedor do lusitano e fundiu-se ao sol dos Guararapes com Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias.

E' patriota o saneador dos nossos sertões, que se dedica ao combate dos agentes morbidos que infelicitam a raça ; todo aquelle que procura honrar e defender o symbolo da Patria e o que respeita o principal factor da nossa civilisação — a Fé dos nossos antepassados, representada por vultos eminentes que, de frei Henrique de Coimbra a Dom Sebastião Leme, vêm influindo sempre em beneficio do Brasil, «nas sciencias e nas artes, na historia e na lenda, na poesia e na eloquencia, no altar e na cathedra, quer nos dias de jubilo, quer nos de dôr».

(1)

Senhores.

Surprehendeu-vos, talvez, o facto de tratar eu de patriotismo ante uma turma de professores formada, na maioria, de moças.

Poucos jovens sentem-se fascinados pelos attrativos da infancia e preferem o convivio das crianças aos lucros de outras profissões ; não vos esquecesteis, porém, que todos os patriotas se curvam gratos e reverentes ante aquella que, no primeiro beijo, lhes segredou as notas maviosas da nossa lingua — *meu filho*, ou perante essa que lhes

(1) Carta pastoral por occasião do Centenario da Independencia.

ensinou a escrever — *Brasil* ; o lar e a escola foram os mananciaes onde sorveram energia e amor, amphoras sagradas onde encontraram a mira dos seus destinos e seus elementos de acção.

A mulher, senhores, não tem, no Brasil, o direito de eleger os futuros dirigentes do povo, não elabora projectos e não dirige pastas ; desempenha, alias, a tarefa muito mais nobre e liberal em consolações — a de ser a formadora e a meiga companheira dos nossos estadistas e dos representantes da nossa cultura ; amparo nas horas negras, em que sentem vacilar ou destruir-se o pedestal da gloria ; guarda vigilante e sincera da sua memoria !

Lêde as entrevistas dos expoentes da mentalidade brasileira, os diarios das campanhas pela guarda do nosso solo, ou as paginas rubras das guerras civis ; procuraes nos registos scientificos, ide as paragens da catechese ou volvei aos factos mais bellos e humanitarios de nossa historia, encontrareis sempre o heroismo do coração feminino ou um nome de mulher !...

Queridas afilhadas.

Si aos vossos collegas, nas horas em que o horizonte brasileiro cobre-se de densos nimbos, pela exaltação de animos proveniente de interesses contrariados, de sêde ou abuso de poder, de falta de civismo e de crença, conforta a lembrança de que o solo patrio guarda como verdadeiras reliquias os despojos de filhos como Rio Branco e Affonso Penna ; si os vossos collegas, repito, podem orgulhar-se ao depositar uma corôa de goivos nos tumulos de Alexandrino, Ruy Barboza e Oswa'do Cruz, nós igualmente emolduramos com a nossa veneração — Isabel no lar e no poder, Maria Quiteria na lucta e Joanna Angelica no claustro.

Bem disse o publicista inglez, «o homem morre e desaparece, porém, seus pensamentos e seus actos sobrevivem e imprimem na raça um signal indelevel.

O seu grande exemplo torna-se a herança commum de um povo ; suas grandes obras e seus grandes pensamentos são os legados mais gloriosos feitos á humanidade. E assim o espirito de sua vida vae-se perpetuando, amoldando o pensamento e a vontade, contribuindo para formar o character do porvir». (2)

O brasileiro não pode, não deve se entregar á indifferença e á inercia quando tem a lhe estimular a vontade alquebrada pela confusão de ideas, a lembrança daquelles que deram á Patria o amor de verdadeiros filhos.

Senhores.

O Brasil confia na mocidade ; porém, a mocidade para ser valorosa precisa possuir uma intelligencia cinzelada a serviço de um character integro.

O valor da mocidade depende do cultivo dos sentimentos elevados na terra virginal do coração infantil.

Do berço ao tumulo o homem se instrue e se aperfeiçoa. Educar e instruir é, portanto, trabalho patriotico ao alcance de todos : do

(2) Smiles — O character.

ancião pelo exemplo, do jovem pela actividade e da mulher pelo coração. Amparar a criança é ensinar-lhe a conhecer a mensagem que Deus lhe confiou para ser útil na vida, é cultivar os louros mais preciosos que terão de ornar o futuro da Patria.

Diffundir a instrucção é consolidar as bases da grandeza moral, politica e economica do paiz. Entretanto, Senhores, a criança, cujo sorriso é um balsamo, cujo olhar é uma esperança, jaz ás vezes, olvidada e incompreendida, qual gemma preciosa entre cascalhos ou flor delicada em terreno esteril! A candura, a simplicidade, o atractivo inexplicavel da infancia e que se reflectiam no adolescente de outr'ora, offuscam-se na atmospherá das ruas, nas secções cinematographicas, onde se corrompem a imaginação e os habitos!...

Onde as recreações infantis, orientadas e escolhidas, meios propicios para o desenvolvimento da intelligencia, da sociabilidade e formação de amizades que não mais se esquecem?!...

Quantas recordações não temos das festinhas escolares adequadas ás datas nacionaes, carinhosamente dirigidas e que tanto concorreram, ha tempos, para elevar a criança espirito-santense, criar-lhe verdadeira fascinação pela Escola e despertar-lhe a compreensão nítida dos deveres moraes e cívicos!...

Distinctos afilhados,

Ides ingressar nas lutas da vida, levaeis a saudade dos dias despreoccupados que aqui passastes e durante os quaes recebestes elementos necessarios para vos guiarem na realização dos vossos ideaes. Tendes a amizade dos vossos mestres e dos collegas que ficam formulando votos para vosso futuro.

No adeus que vos dirige, vossa madrinha vos diz: «Dedicae á criança uma parcella das vossas energias e alcançareis uma lembrança feliz para o declinar da vida».

Moços! consolidae e ampliae vossa cultura. Em todos os ramos de actividade podereis collaborar nos problemas que se referem á educação, tarefa mais sagrada do mundo, e prestareis o mais relevante serviço á Patria.

Moças! consideraes as palavras de Gina Lombroso, a admiravel conhecedora do coração feminino: «A verdadeira paixão da mulher é a vida que palpita e vibra, que se alegra e sofre!» (3)

Dedicar-se, prezadas professoras, é a synthese dos roseos sonhos em que se embala o ideal feminino.

No alto posto que soube manter até o fim do periodo regulamentar, nos momentos de grandes dissabores para a Nação brasileira, o eminente dr. Arthur Bernardes poudé verificar as consequencias de uma educação sem ideaes, de uma educação sem Deus. O appello que dirigiu aos chefes do governo, e que foi, mais ou menos, repetição da mensagem de maio de 1925, calou profundamente em todos os corações que de muito avaliam que os ensinamentos recebidos pela criança, no lar, precisam revigorar-se quando o adolescente se inicia no convívio das letras e das sciencias, quando se lhes descortina a visão do mundo e do futuro.

(3) Gina Lombroso — L'ame de la femme.

Si aos chefes do governo foi pedido intensificar a educação moral: «como elemento de felicidade, e de progresso, de disciplina, de civismo e de solidariedade para qualquer povo», a mulher brasileira devia ser feito o appello de intensificar a instrução religiosa dos filhos, meio de uniformizar — a interpretação dos deveres moraes, refrear as paixões, dar ao homem a intuição da magestade da sua natureza e criar-lhe o sentimento da felicidade intima e da esperança no meio dos maiores desalentos !

Porque, Senhores, a simples educação moral jamais poderá substituir o conforto sublime dado pela idéa de Deus ; jamais nos fará presenciar o quadro encantador da primeira manifestação de real felicidade na criancinha que reúne as mãos na primeira prece !

Queridas afilhadas,

Dae uma parcella das vossas energias em proveito da Patria cultivando intelligencias e formando corações.

Ensinae as sciencias, ensinae as artes ; dae aos vossos filhos e aos vossos alumnos elementos de criarem um futuro independente ; ensinae-lhes a temer a Deus ; porém, ensinae-lhes, principalmente, a amal-o, porque só o amor é força capaz de dar ao homem energia bastante para converter espinhos em rosas, lagrimas em sorrisos e encontrar o balsamo sagrado da paz entre as agruras da inveja e da perfidia.

Dedicae toda a vossa ternura á criança.

No lar, sêde formadoras energicas e meigas dos futuros servidores do Brasil e na escola, sêde verdadeiras mães !

Seguidamente leu o seu bello discurso a oradora da turma,

Professoranda Adília Muniz Freire

Exmo. sr. Presidente do Estado. Exmo. sr. bispo diocesano. Exmo. sr. secretario da Instrução. Presados mestres. Caras collegas. Meus senhores. Minhas senhoras.

Eis-nos chegadas ao fim desta jornada de risos, de festas e de alegrias, que foi a nossa vida escolar !

De risos, de festas e de alegrias porque passamol-a toda nessa convivencia feliz do estudo, das aulas, dos recreios alacres, nessa descuidosa existencia collegial, que imprime na nossa retina uma saudade indelevel desses tempos ditosos.

Agora, como marco de transição dessas duas vidas oppostas, temos essa festa, que nos reúne e congrega.

Este ambiente perfumado de flores, inundado de luz, cheio de cabeças que se inclinam risonhas no antegoso das festas, essas cortinas buliçosas, que vôam como a aza branca das nossas phantasias — é o ultimo reducto das nossas illusões, é o remate final das nossas chiméras, sonhadas nos bancos dessa casa, de onde nios apartamos para sempre.

E que differença da estrada perlustrada para a que vamos palmilhar !...

A que ficou, tão cheia de encantos, de risos crystalinos, lisa, sombreada, sem um seixo que perturbasse a caminhada suave dessa trajectorya.

As flores debruçavam-se pelo beiral da estrada, viçosas, trescalando perfumes balsâmicos, numa eterna, risonha e encantada primavera.

A que vamos trilhar — todo mysterio, solidão. Os espinhos povoam as suas margens numa ameaçadora expectativa de um pequeno desvio; o chão é arestoso e ingreme.

Como se um verão rigoroso houvera desfolhado as arvores e despetalado as flores, a estrada é deserta e as arvores são nuas.

A canícula é ardente, a caminhada monotona — é a estrada do dever, da vida real, é a estrada do magisterio.

As sensações que, sem comprehender, despertámos nos nossos mestres, vamos sentir-as agora, na tortura inaudita de não as poder passar aos nossos discipulos.

Verdadeiros papeis que se invertem para a perfeita comprehensão do sagrado ministerio a que nos vamos votar.

Hontem fomos alumnas, amanhã seremos professoras.

Não nos esqueçamos do papel nobilitante e alevantado que vamos desempenhar na vida social.

A nossas mãos vae ser confiada a tarefa ardua de instruir a mocidade, de quem a Patria espera o seu futuro promissor e grandioso.

E não olvidemos que do nosso trabalho bom ou máo dependerá todo o resto da existencia desses entesinhos confiados á nossa guarda e ao nosso zelo.

Não é, pois, caras collegas, perante o mundo official, que presamos o nosso juramento de preceptoras, mas sim deante do altar da Patria, deante desse soberbo pavilhão auri-verde, que juramos, com fé e patriotismo, servir-o na sua obra de engrandecimento.

E para que possamos attingir esse grande ideal, para que possamos galgar esta escarpa sinuosa, accidentada e nua, é preciso que façamos da proffissão um verdadeiro sacerdocio.

E' preciso que lhe não poupemos esforços para não ver por erra o castello encantado dos nossos sonhos.

Não busquemos fóra de nós incentivos á nossa obra, nem nos iludamos com os falsos ouropéis do meio ambiente. Elle nos será sempre hostile e odiento.

A educação domestica brasileira estertoriza numa agonia de norte, periclitando a sorte da vida escolar.

O cinema com todo o seu cortejo de maldades, os bailes, os passeios e todos os prazeres mundanos estragam e inutilisam a mocidade das escolas.

A creança mal que começa a comprehender a vida, na estreita concepção dos verdes annos, é iniciada nos ardores da existencia rofana, muita vez levada pela criminosa complacencia dos paes.

Entregues aos assomos da tenra idade, charfurdam-se nessa vida pernicioso obstinam-se, reincidem, persistem e desviam para sempre os olhos do estudo de que só se deveriam occupar.

A obra do professor, insana, infatigavel, multiplicando-se em seus esforços para poder desviar a do máo caminho, é baldada com a tieza e indifferença do lar, que não a secunda.

Do regimen da brandura e do conselho, desce o mestre ao esilão do rigor e do castigo.

E, coisa dolorosa, — o mesmo resultado...

Escôa-se o anno lectivo, a creança volta ao recato do lar, rude, ignorante, sem a menor sombra de preparo, sem ter conseguido a promoção ao anno seguinte.

Chovem então, sobre os mestres, as invectivas e os apêdos dos paes.

Incentivando a vadiaria dos proprios filhos, de que são os únicos culpados e responsaveis, pela somma incalculavel de liberdade em que os abandonaram, cobrem ao professor de péchas malsans, acoimando-os de vadios, de relapsos, de desleixados e até de injustos na distribuição da justiça escolar, no tocante ás notas e promoções.

Este é o verdadeiro estado em que vamos encontrar a escola e essa a recompensa que fatalmente havemos de receber do nosso trabalho mal remunerado, mal recompensado e mal aquilatado.

Não desanimemos, porém, caras collegas, com todos esses embates da vida.

Que nos importa o conceito dos maus se cumprimos o nosso dever e se servimos á Patria com a obra regeneradora do ensino?

De que nos valem palmas e flores de quem não tem senso para comprehender e julgar a sagrada missão que talhamos na vida?

Marchemos para deante. Façamo-nos surdas ao vozerio e á grita dos descontentes, continuemos a nossa empresa de instruir, convencidas de que a justiça terrena só é verdadeira, quando é posthuma e que só ha uma justiça perfeita — é a divina.

Quanto maior é a lucta, maior é a victoria. Luctemos, pois, com ardor, em prol do ensino; procuremos combater, com fervor, os defeitos da educação moderna, façamos por incutir no espirito da creança a noção do dever para com o proximo, a necessidade da instrucção, o respeito ás leis, o amor á Patria.

Só assim conseguiremos realizar o idéal que conduzirá á meta de seus grandes destinos essa terra grandiosa de nosso berço, esse querido e idolatrado Brasil.

Falando, em feliz improviso sobre a cerimonia que se acabava de realizar, o dr. Ubaldo Ramalhette, terminou convidando o dr. Ewerardo Backheuser, presidente da Associação Brasileira de Educação e que ora representa, no Congresso de Geographia, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro a abrilhantar a festividade com a sua palavra eloquente e autorizada. Subindo á tribuna, o dr. Backheuser empolgou o auditorio, dissertando, com enthusiasmo, sobre a maneira mais pratica e efficiente de exercer as funções de professor publico, dizendo que cumpria não apenas instruir, mas principalmente educar, tornar o brasileiro apto para concorrer para a prosperidade e grandeza da Patria pelo trabalho e pela pureza do character. Foi generoso ao referir-se á intellectualidade e ao lar espiritosantenses e terminou saudando a nossa sociedade tão distinctamente representada naquella cerimonia. A bella oração do dr. Ewerardo Backheuser foi applaudida com enthusiasmo.

Usou ainda da palavra o dr. Arnulpho Mattos, director do collegio que leu o seguinte discurso :

Discurso do dr. Arnulpho Mattos

Exmo. sr. dr. Presidente do Estado. Exmo. sr. dr. secretario da Instrucção. Exmo. sr. bispo diocesano. Exmos. srs. Congressistas do Oitavo Congresso de Geographia e Esperanto. Meus distinctos companheiros de trabalho. Exmas. senhoras. Meus senhores. Meus jovens collegas.

Confesso que não era meu desejo quebrar a bella harmonia produzida pelas brilhantes palavras tão bem concatenadas das oradoras que me precederam nesta festividade. Mas, vencido e excitado pela voz imperativa da minha consciencia, eis que, deitando de lado o natural temor que até então procurava escravisar o meu espirito, e ainda fazendo tombar por terra os preconceitos heterogeneos, vim trilhando, mui cautelosamente, percorrendo uma estrada, para mim, assaz penosa, em demanda a esta tribuna, no sentido de tomar por algumas minutos apenas, o vosso precioso tempo e a vossa attenção.

Devo dizer-vos, porém, que foi sob um estado verdadeiramente receioso de vos descontentar que tomei essa resolução, visto que, acostumado a me dirigir com simplicidade aos pequenos entes escolares, por certo a minha palavra será como um conjuncto desharmonioso, incompativel, pois, com as intelligencias que neste momento brilham neste recinto. Convicto de que bem sabereis comprehender a minha difficil situação, dando o desconto a esta minha falta, filha da minha continua e longa convivencia entre os pequenos seres, futuros factores de uma sociedade digna no dia de amanhã, espero receber, de todos vós, as desculpas pelas faltas que haveis de notar em meu modo de expressar.

Aqui cheguei, não para me tornar saliente nesta festa onde noto que de todos os corações jorram as mais sinceras alegrias, mas unicamente para resgatar as obrigações impostas pelo cargo que modestamente venho exercendo nesta tenda de trabalho, onde procuramos carinhosamente, caldear e fortalecer as almas infantis, modelando-as de fôrma a bem preencherem os fins impostos pelas leis divinas e sociaes.

Não podia, jamais, silenciar-me diante dos factos que venho apreciando desde alguns dias em nosso meio, e que tão bem se vão casando com os que dizem respeito a esta solennidade. Refiro-me pois ao Oitavo Congresso de Geographia e ao Oitavo Congresso de Esperanto, que nos trazem um futuro ditoso, representados aqui neste momento, por figuras de destaque pela alta competencia intellectual de que são portadoras.

Tudo isso, pois, e ainda a satisfação que tive de ver sahir desta colmeia humana mais um grupo de obreiras, que por certo saberão honrar as tradições e valorisar o diploma conquistado durante alguns annos de estudo, espalhando em todos os recantos do nosso pequeno mas florescente Estado, os conhecimentos aqui adquiridos, despertaram-me uma alegria natural, dando pois occasião para que, esquecendo-me de que poderei proporcionar sensações desagradaveis com esta mi-

nha palavra sem estylo e de reconhecida pobreza vocabular, aqui me apresentasse para dizer o quanto me sinto feliz neste momento e o quanto sou grato á esta nobre assistencia que nos honra no dia de hoje.

Ao exmo. sr. dr. Presidente do Estado e ao exmo. sr. dr. secretario da Instrucção, o nosso grato reconhecimento pela demonstração de carinho que vêm dispensando á causa da instrucção.

Ao exmo. sr. bispo diocesano, os nossos sinceros agradecimentos pelas confortadoras palavras com que sempre nos vem distinguindo, como ainda as de hoje pronunciadas por occasião da missa mandada celebrar por essas jovens em agradecimento ao feliz remate da vida escolar.

A' vós exmos. srs. Congressistas, as minhas mais sinceras homenagens e um abraço de despedida cheio de admiração pelos proveitosos trabalhos que aqui haveis produzido em beneficio da nossa grande patria unida e vinculada sempre por esses Estados que se acham espalhados de norte a sul e de leste a oeste, sob o Cruzeiro do Sul, symbolo da nossa fé, e ainda illuminados por este sol causticante, mas bemdicto, que nos tosta a pelle caracterizando a raça brasileira.

Jovens collegas.

O dia de hoje representa uma gloria e ao mesmo tempo uma prova dos vossos esforços. Esta gloria vos afastará do nosso meio e amanhã não mais ouvireis as exigencias dos vossos professores, e nem tão pouco sentireis os effeitos da disciplina imposta pelo vosso director. Mas ficaes bem certas de que tudo isso, foi sempre empregado em beneficio do vosso bem estar e ainda pela necessidade que temos de manter o espirito da ordem, base de todo o progresso.

Mais tarde, então, quando tiverdes uma comprehensão mais perfeita dos factos que se ligam á vossa personalidade, é que haveis de verificar o quanto fomos vossos amigos, evitando sempre os vossos modos algumas vezes exagerados.

Antes, porém, de haverdes partido, desejo presteis attenção ás minhas ultimas e sinceras palavras, como complemento das minhas modestas palestras pronunciadas em aula.

Ha pouco recebestes o premio de vossos esforços, levando como symbolo da profissão que haveis de abraçar, o diploma de normalista.

Mas antes de acceitardes uma nomeação para reger uma cadeira, deveis estudar a vossa vocação, visto que nem sempre o ser portador de um diploma de normalista confere o titulo de professor.

Ser professor, minhas jovens collegas, é ser pai, mãe, juiz e ainda medico. Quero dizer, portador das qualidades indispensaveis para estimar, julgar e curar as enfermidades das almas infantis.

O professor deve estimar os seus alumnos como si fossem os seus proprios filhos, julgal-os como si fossem innocentes e desprotegidos da sorte e finalmente cural-os como si fossem um enfermo da sua propria familia.

Quando, porém, tiverdes comprehendido que a missão do professor não se coaduna com os vossos sentimentos, é preferivel que deixeis adormecido sobre o fundo da vossa mala de papeis, esse diploma

que aqui conquistastes, e que agora tendes entre mãos, acariciado pelo contacto dessa pelica clara que vos cobre as formosas mãos — ainda maguadas pelo uso diário dos instrumentos escolares.

Sim, porque sem a necessaria vocação, todo trabalho é sempre improficuo e ainda intoleravel, irritante e até odioso, para aquelles que o praticam.

Assim pois, é sempre preferivel e honroso, abraçarmos unicamente a profissão para a qual temos uma verdadeira vocação, e desprezar aquellas que se nos offerecem por conveniencias materiaes.

Qualquer que seja a creança que vos seja entregue, jovens collegas, deveis nivelal-a com as demais, pois todas ellas merecem o mesmo carinho, a mesma vigilancia e a mesma consideração.

Não deveis, jamais, deixar que os vossos corações se inclinem affectuosamente para uma determinada creança, pois isso importaria em uma desobediencia imperdoavel aos preceitos pedagogicos e ainda ás leis divinas que collocam as almas infantis como anjos do Senhor.

São todas, pois, iguaes.

Ide pois, jovens collegas, espalhar sem desanimo a educação em todos os recantos onde forem reclamados os vossos serviços profissionais, sem esquecerdes o ensinamento que aqui haveis adquirido, ensinamentos de amor, de verdade e de justiça.

Aos vossos discipulos deveis ensinar tudo aquillo que aqui tendes aprendido e dizer-lhes sempre que a nossa Patria será tão grande quão grande for a nossa dedicação, e ainda o nosso preparo moral, physico, intellectual e religioso.

Ensinae a amar a nossa Patria e respeitar sempre os poderes constituidos, para honra e gloria daquelle auriverde pendão, que neste momento ali se acha como para testemunhar esta sublime solemnidade.

Ide e amparae a mocidade, levando do vosso humilde director um respeitoso amplexo de saudade.

Ide, pois, jovens collegas, e sede felizes.

Encerrada a sessão seguiram-se animadas dansas, que se prolongaram até á madrugada.

Damos a seguir os nomes dos jovens que receberam o diploma de professor :

Amelia Xavier da Penha, Maria Muniz, Derly Souza, Diva Padilha, Clotildes B. S. Couto, Aurora Nunes Barbosa, Carmen Sá, Arminda O. Lacourt, Dallila Neves, Maria Xavier da Penha, Cecilia Souza, Anacleto Schneider, Nathalina Maria da Silva, Leonor Feitosa Dantas, Tazir Pinto Bandeira, Maria Diva Faria de Mattos, Adilia Muniz Freire, Alcina Souza, Dulce Batalha, Maria Ramos Nascimento, Maria Pimentel, Carolina Pimentel, Georgina da Silva Loureiro, Jurema Ribeiro dos Santos, Ruth Alves de Carvalho, José Monteiro Peixoto, Newton Brandão e Ayres Xavier da Penha.

A sessão solenne do Instituto Historico

Em homenagem aos membros do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia e Oitavo Congresso Brasileiro de Esperanto realizou-se uma sessão solenne na séde do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo.

A sessão foi presidida pelo desembargador Carlos Xavier, tomando parte na Mesa que presidiu os trabalhos o dr. Aristeu Borges de Aguiar, representando o sr. Presidente do Estado, e os srs. Bispos do Espirito Santo e de Goyaz e o general Candido Rondon, secretariados pelos srs. Adolfo Fraga e Heraclito Amancio Pereira.

A assistência foi a mais selecta possivel, vendo-se no bello edificio os srs. secretarios do Governo, desembargadores, deputados, governador da Capital, altos funcionarios federaes, estaduaes e municipaes e elevado numero de senhoras e senhorinhas.

O desembargador Carlos Xavir em breve e empolgante discurso expoz o fim da solennidade, dando a palavra ao dr. Alarico de Freitas, que produziu a seguinte bellissima oração:

Exmas. Senhoras. Exmos. Senhores. Illustres Confrades:

Ainda não nos separámos do convivio que o commercio das nossas idéas estabeleceu entre nós e já vos sentimos distanciados desta casa, pela sensação da saudade que vamos experimentando ainda antes mesmo de haverdes deixado de palpitar connosco, como nestes dias de tão intensa quão carinhosa communhão espiritual.

Dominastes a população desta cidade, que já vos cita os nomes; contam-se no vosso numero favoritos envolvidos num halo de tão brilhante prestigio, que o favor da popularidade, vos acena, escolhendo dentre vós, como numa constellação de luzeiros faiscantes, a estrella mais sympathica pela magestade do brilho ou pela superstição do augurio.

A vossa passagem pela nossa Capital foi uma estação ligeira de apóstolos propagando a religião do civismo com uma constancia e pertinacia que evocam na grandeza da obra e no vigor da convicção, o peregrinar incenssante daquelles mandatarios ao Homem-Rei — levantando pela serenidade da predicação no meio das turbas atonitas o fulgor da Nova Idéa, no sentimento galhardo do amor á Patria, pela força de sua unidade consolidada em bloco.

Dentre vós, na Cruzada em que consiste o segredo de vossa seducção, não se destacam nomes: — todavia a affinidade espiritual

que nos prendeu, nasceu do primeiro dia em que começámos a comunicação dos nossos pensamentos e aspirações, alimentando chimeras, cambiando impressões, medindo emoções, olhos fitos na contemplação dessa empresa portentosa que ha de ser amanhã, a nacionalidade livre de suas táras, assegurando ao espirito do povo brasileiro a liberdade de sua opinião, a garantia de seu voto, o exito de suas idéas em torno a vontades que saibam mover-se.

Um dentre vós, nessa ordem de factos, cuja perquirição é uma cruciante imprecação do meu espirito — me fascinou e prendeu—.

Em lhe citando o nome, vos presto tambem, na emoção da minha sinceridade, uma justa e radiante homenagem: Ewerardo Backheuser !

Ouvindo o seu Evangelho os discipulos estremecem palpitantes.

Bebi suas idéas, quando as prégava no seio augusto da vossa multidão e me levantei nas pontas dos pés para vêr dentre vós, os seus passos firmes no Sahara em que elle predicou plantando a Belleza pela semente da palavra imperecível.

O sol que requeima a terra adusta guardará ainda em eclosão os grãos que hão de fecundal-a ; e então, quando as primeiras folhas espontarem, as pégadas que elle deixou de sua passagem impressas, serão seguidas, e, como S. Francisco de Assis no Oriente, verá das dunas que percorreu surgirem apostolos que hão de propagar ao crepusculo vespertino da vida novas sementes de ouro das suas idéas.

A minha missão, srs. Congressistas, é, neste momento, a de vos transmittir em nome dos meus Confrades, as saudações do Instituto H. do Espirito Santo.

Tudo quanto temos no escritorio de nossa riqueza quize-mos que visseis, para que levasseis desta terra a sensação indelevel da nossa amizade, a impressão do contacto com a sua natureza magnifica de pompas, a visão da riqueza que móra no recondito do seu sólo e que, ou esplenda da gloria magnifica de suas selvas, na mès-se farta dos seus fructos bemdictos sazouando aos beijos quentes do sol — ou brilhe na miragem seductora e faiscante de suas gemmas, ha de ser pelo valor dos seus filhos firmado no trabalho fructificador e na esperança de uma remuneração sempre corôada de bençãam, — como o cinzel esculpiu em legenda no escudo de sua vida autonoma — que queremos leveis de nós a duradoura impressão da nossa acolhida fraterna.

A preocupação da Patria commum é a idéa substancial, em torno a qual, gravitam as nossas cogitações neste ambiente em que o patriotismo é a religião prégada com zêlo apostolar.

Nessa idéa — substancia, todos vós, meus patricios e irmãos, estaes contemplados na mesma communhão de affecto, na mesma solidariedade dos sentimentos que nos exaltam e nos abatem, no contraste das emoções provocadas pelos espectaculos que se desenrolam no scenario da vida dos povos. —

Ainda assim considerada a terra em communhão de solidariedade, vereis aqui a verdade que a theoria de Penck encerra — ha

pouco exposta memoravelmente por um dos mais fulcres luzeiros da vossa constelação espiritual — apoiada na triade do solo, do clima e do homem.

Não fôra a concorrência de factôres tão decisivos agindo um sobre o outro, não teríeis na harmonia desses sentimentos em que vos abro a alma do povo desta terra, toda a doçura e belleza e encantamento de que ella se exórna para externar nessa expansão affectiva de tanta cordialidade, os intimos refolhos de sua grande emoção vibrando ao contacto de vossas idéas pela sympathia de vossa presença, na alegria em que se espelha o présto encanto de sua hospitalidade.

E' a natureza, ora risonha a se entremostrear no rosicler de suas auróras, alegre rebuçada no alvo manto das manhãs orvalhadas sobre os campos alcatifados de flores, óra triste mergulhada na pompa sanguinea e veludosa dos seus poentes magestosos illuminando na moldura das serras os valles azues e longinquos, nimbando de fogo a aurea coma dos cumes pedrentos.

Alegre ou taciturno o homem que se agita neste scenario augusto é, fatalmente, um producto em harmonia com a natureza ambiente, de que tivestes a prova, agora, na concorrência de nossos valores mais idoneos, como nas épocas de mais intensa vibração emocional e mental, pela palavra escripta e falada, agitando as opiniões e consolidando as crenças no apostolado da abolição e na propaganda da Republica entre nós.

Fusão desses elementos naturaes percebestes, como — na concepção de *Ratzel*; — ella age sob o nosso céu na vitalidade poderosa de sua harmonia sobre a *pysché* infantil, determinando-lhe no estadio ainda brumoso do desenvolvimento, uma precocidade que é um alento e uma esperança no descortino dos homens das gerações de amanhã.

Na educação mental e civica, certo, havereis surpreendido que se preparam, entre nós, pela instrucção official obrigatoria, que recebem, — cidadãos efficientes em cujo character e no coração — arde a flamma do orgulho, que incendiava no amor pela terra do berço, os coêvos de Cezar e Cicero no apogêo do mundo romano.

Reflectindo todo o encantamento dessas forças elementares reconditas, agindo da periphéria para o centro, na bondade em que se espelham todas as virtudes femininas desde a bellezãa noção dos deveres civicos que a irmanam, na vibração emocional, comnosco, a mulher vos deparou, no scenario da nossa natureza em festa, os dois typos, em que culmina, como antípodas, toda a graça que de sua lindeza fulcra resuma.

A função do clima cinzelou caprichosa e artistica o *facies*; determinou-lhe os dois typos somaticos distinctos e inconfundiveis, sem approximações, sem mescla de fusão exotica em prejuizo do amalgame da raça.

Trigueira e negros os cabellos, ostenta na pompa oltomana das fórmas, a floração exquisita dos tropicos, desabrochando numa flóra rica de seiva, cujas pétalas, de assetinado rosa, vivem crestadas pelos beijos cariciosos e cálidos do sól.

Clara, os cabellos negros, parece, tomam feição de cúmplice, que em noite de treva nos espreita, na encruzilhada da vida, uma cilada temerosa; — ou loura, dá-nos a impressão de fios tecidos em aurea filigrana fundida ao contacto das scentelhas do sol, que deram o pollen dourado de sua fulva cabelleira, sacudida nervosa pelos espaços infinitos, e, como chispas candentes sob fulgores de uma poalha imponderavel de cambiantes, tingiu de ouro suas testas corôadas de flores!

Si assim o *facies* que reproduz na subjectivação estética a paisagem cultural, com a transplantação da moldura natural do mundo physico geographico conforme o determinismo de Ratzel, os encantos maravilhosos que o scenario da nossa natureza portentosa offerece, actuando na indole, no character, influindo enfim sobre o homem, geo-psychologicamente, si assim permittis expressar-me, heis de concordar então que neste trecho do Brasil, a Belleza é um ideal que sopra caricioso e benefico na terra formosa que encerra, como um escriptorio, — na pequenez territorial um thesouro de riqueza.

Natureza de contrastes e mysterios, que acorda sob o pallio do deslumbramento de magnificas auroras, dominou um vasto mundo vegetal que exaltou a sabedoria de homens quasi deuses na elevação espiritual da cultura humana, pela ascensão prodigiosa dos troncos gigantescos em demanda das scentelhas nas noites de calmaria, varando o espaço, no arrojo das alturas, como as torres esguias das egrejas. Terras banhadas por veios crystallinos formam uma rede hydrographica tão bem distribuida, que imprime na urdidura colleante dos seus leitos a impressão de um rendilhado paciente de crivo.

Aqui, parece, senhores, a paciencia humana soprada pelo affago divino installou sua Cathedral; sob a calma das vagas mansas do mar mordendo cariciosamente a orla das praias, aportaram caravelas de sabios e guerreiros; sobre os penhascos mais ingremes de sua moldura construiu-se aquelle modelo de pertinacia que, ha mais de dois séculos, as gerações successivas genuflexas, contemplam, como a séde de sua fé na ardente escalada de ascensão ao regaço de Deus!

Contemplastes do alto desta montanha, em dia claro, na plenitude de seus horizontes interminos e amplos de luz, campos que se perdem no infinito e florestas que se entrelaçam na eternidade das sombras!

Ides, muitos de vós, contemplar ainda a magestade do Rio Doce; rios que se despenham na vertigem fragorosa de suas aguas; serras alcantiladas, valles verdejantes, terra florida.

E tudo cantante e marulhoso na orquestração de suas aguas correntes em cachôpos, rolando sobre seixos, a movimentar os moihos que pilam os grãos para o alimento sadio, como premio do céu ás actividades poderosas do homem no trabalho de fecundar a terra para a resurreição das flores e dos fructos.

Mas, o Espirito Santo, meus senhores, é nosso, é vosso, é uma pequenina estrella a scintillar na magestade do Cruzeiro.

E' a mesma terra que todos vós palmilhaes, distendida e alargada pelo vigor dos seus filhos; a obra do progresso é vossa é da civilisação dos nossos dias!

E' um formoso trecho componente das vinte e cinco leguas de costa que Pero de Caminha mal contou em narrativa ao Rei, e que se estende hoje em mais de mil e duzentas que o Oceano beija na doce volupia de seus affagos: — é a nossa Patria, iniciativa e esforço de Brasileiros!

Não ha distincções de região ao contemplarmos a magnificencia do nosso céu cuja amplidão são reticencias de fogo a crepitar numa cupola de turqueza, para que nós, os nossos filhos, as gerações vindouras aprendam a comprehender o Brasil, olhando as alturas, a enormidade aterradora de suas selvas, a vastidão amplissima dos mares que beijam a alvura immaculada de suas areias!

Formemos sob o apanagio dessa grandeza o pallio de nossa nacionalidade; e quando a nossa civilisação conseguir formar uma mentalidade superior pela energia do character, elevemos o Brasil no conceito universal, como a civilisação dos nossos dias escreveu, na arrancada pelos sertões a epopéa maravilhosa das estradas e descobrimentos, que implantaram o coração da Republica no seio das selvas, de onde chamámos ao convívio fraterno irmãos errantes na eternidade das sombras!

Essa obra é do Brasil novo, é fructo da civilisação brasileira, é o concurso de todos vós, meus Irmãos, repetindo a audacia de Fernão Dias quando entrou o sertão á cata das pedras verdes, encerrando com a morte o cyclo das aventuras destemerosas, aprofundando a terra brasileira até ás encostas dos vice-reinados de Espanha: — foi este valor que se transmittiu por atavismo a Rondon e seus pioneiros na gloriosa Cruzada dos que cinzélam em letras de ouro, na historia republicana — a jornada da Rondonia!

E' sob a impressão alentadora e forte dessa emoção que eu vos saúdo, srs. Congressistas: — si me é difficil dentre vós destacar meritos, contudo, eu ousou synthetisar num dos vossos mais legitimos expoentes dentre os que definem o momento da nacionalidade na sua gloriosa ascensão — um que receba na oblata da sinceridade que destas palavras resuma, a ternura da minha prece no brilho desta festa entre irmãos.

A victoriosa carreira a que culminastes, scintillante de gloria, como nos symbolos das estrellas de vossos punhos — illuminada por uma restea de luz — estende-se sobre a amplidão do Brasil que vos acclama e bemdiz como obreiro principal e indefesso da grande apothese que hoje encerramos, em mais restricto scenario, da unidade nacional!

Eu vos desejo sr. general Rondon na vehemencia da admiração que me exalta pelo apreço desta homenagem a que, como brasileiro e patriota, vos impuzestes, como derradeiras palavras desta tribuna, o nosso sentimento de alegria por contar-vos dos nossos; da nossa tristeza pelo resaibo da saudade, no vácuo que deixaes pela vossa partida; de jubiloso e justificado orgulho — pelo vosso devotamento ao culto imperioso do dever, sobre todas as cousas, a cujo

cumprimento, sem reticências, não vos recusastes nunca, por entre os mais duros sacrifícios, e de que é prova — a mais recente missão militar, donde, glorioso tornastes, por amor da Republica, a que, com fanatismo servis, o que vos assegura essa paz de consciencia tranquilla, que é, na alma do homem, como que um raio de pureza de Deus!

O dr. Marcilio de Lacerda pronunciou, sobre Maria Ortiz, o seguinte discurso:

Discurso do Dr. Marcilio de Lacerda

Exmo. sr. Presidente do Oitavo Congresso de Geographia.

Exmo. sr. Bispo Diocesano. Sr. representante do exmo. sr. Presidente do Estado. Exmas. senhoras. Meus senhores.

Sr. Presidente do Instituto Historico.

Illustrados Consocios.

Comquanto eu me honre de ser um dos fundadores desta douta aggremação votada ao estudo systematico da Historia e da Geographia, maximé no que diz respeito a nossa gente e a nossa terra entendi que me não era licito occupar pela primeira vez uma cadeira entre vós, sem vos apresentar, com os meus reverentes saudaes, as minhas escusas sinceras, pela ausencia involuntaria, e, ao mesmo tempo, vos dar uma prova evidente de que, apesar de afastado, ou talvez por isso mesmo, eu tenho a alma sempre voltada para este pequeno rincão da nossa grande Patria, e ao qual, ainda que sem efficiencia apreciavel, tenho dado a melhor das minhas energias, procurando competir com os seus maiores servidores, e exceder aos que mais o amem.

Baldado esforço! Ingenua simplicidade! Bem o sei.... Mas, que fazer? E' esse o meu feitio moral, e não sei como corrigil-o. E por isso aqui me tendes, disputando um logar modesto nesse abysmo insondavel de pretensões grotescas, que vae desde o gesto allucinado de D. Quixote, fazendo-se cavalleiro andante de causas imaginarias, até o da pulga da fabula, alijando-se piedosamente de cima da alimaria sobrecarregada, para, com o seu peso quasi imponderavel, lhe não augmentar o soffrimento atroz.

Cabendo ao Estado do Espirito Santo a honra excelsa de abrigar na sua rejuvenescida Capital o Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, convenci-me de que era um dever patriotico concorrer para augmentar, si possivel, o brilho deslumbrante desse certamen scientifico; e, certo de que as manchas escuras da esphera solar servem para lhe tornar mais intenso o poder illuminativo, e a sombra realça a paizagem, dando-lhe as tonalidades cambiantes dos effeitos de luz, venho projectar a mancha sombria da minha insignificancia mental sobre este scenario estupendo mas incompleto por falta dessa antithese chromatica.

Nesse proposito irreverente, escrevi uma desconchavada dissertação acerca de um dos pontos do questionario, e, como si isso não bastasse para satisfazer o meu designio despropositado, aqui estou de corpo presente, a importunar-vos ainda com esta arenga mas-suda e da qual vos peço misericordioso perdão.

Senhores, quando foi por ocasião do Primeiro Congresso de Historia Nacional, tive intuito de lhe apresentar um trabalho minucioso sobre os feitos heroicos dos dois vultos culminantes dos fastos espiritosantenses; Maria Ortiz e Domingos José Martins. Para isso, entrei de frequentar assiduamente os archivos e as bibliothecas, no proposito religioso de disputar ao pó e ás traças os despojos remanescentes daquellas figuras lendarias. Mas a escassez insuperavel de tempo e as difficuldades oppostas a uma pesquisa meticulosa me não permittiram concluir a empresa planejada, e fui forçado a sacrificar a primeira em proveito exclusivo da segunda personagem.

A minha *memoria* a respeito de Domingos Martins, é do dominio publico e mereceu uma referencia muito lisonjeira do dr. Oliveira Lima, pouco affeito aliás a essas demonstrações, e reconhecimento infenso ao mallogrado martyr da nossa independencia politica, como se pode verificar do seu notavel livro, sobre D. João VI.

De feito, senhores, digo-o com justificado orgulho, tive a gloria emocionante de conseguir a resurreição historica do inclito espiritosantense. *Resurreição* é bem o termo que melhor traduz o meu acto, porquanto Domingos Martins, era realmente um morto moral, que, havia quasi um seculo arrastava a grilheta infamante de negociante fallido fraudulentamente, e de ambicioso vulgar, que não tinha trepidado em se servir do cargo de chefe da Revolução, para exigir do pae da sua eleita o beneplacito necessario ao seu casamento.

Destruí com documentos irretorquiveis essas ignominias engendradas pelos seus inimigos coevos, repetidas pelos continuadores acerrimos do odio reinol, e acceitas sem discussão critica, pela má fé ou pela incuria criminosa dos nossos historiadores. Rehabilitei-o perante a posteridade, e, para que a sentença redemptora da Historia não ficasse registrada somente nas paginas dos livros, e assim ignorada pela grande maioria da Nação, trabalhei denodadamente afim de que a sua terra natal lhe prestasse a devida homenagem, erigindo-lhe um monumento imperecivel que, ensinando ao povo quem fora o heroe sublime e quaes os seus feitos benemeritos, servisse, ao mesmo tempo de escarmento constante aos futuros sultões, e exemplo perenne de coragem civica ás victimas porvindouras, como elle, condemnadas tambem a lutar e morrer pela Liberdade. Hósannas, pois, á sua memoria sacro-santa!

Senhores, agora venho falar-vos de Maria Ortiz.

Infelizmente, porém, quanto á esta, apesar dos meus esforços com que compulsei velhos alfarrabios, nada obtive além do que já conheceis atravez das narrativas de Braz da Costa Rubim, Carvalho Daemon, José Marcellino, Misael Penna e tantos outros que se têm occupado da chronologia espiritosantense. Trouxe, todavia, desse estudo exhaustivo a certeza inabalavel de que o episodio attribuido áquella heroína é perfeitamente veridico apesar de não figurar nos canticos populares, como o da celebre padeira de Aljubarrota.

Affirmam-o Francisco de Britto Freire, frei Giovanni Gioseppe di S. Teresa e Alfonse Beauchamp. O primeiro era escriptor e marinheiro portuguez estivera no Brasi!, por ocasião das guerras holandezas, como commandante de uma das esquadras lusas, e assim pode

recolher o facto bellico, na sua pureza primitiva, narrando-o com a mesma simplicidade, em 1675, na sua obra intitulada — «Nova Lusitania:» «uma mulher portugueza escolhe Perez, por singularisar-se na differença do trajo e logar da pesssôa, para lançar-lhe do alto da casa um tacho d'agua fervendo sobre a cabeça» (pag. 95). O segundo, natural da Italia, pertencia á Ordem dos Carmelitas Descalços, escreveu e publicou em 1697 a *Istoria delle Guerre del Regno del Brasile*, onde se lê: «desdenhado pela fortuna (refere-se ao almirante hollandez) e summamente envergonhado pela desfeita que então lhe fizera uma senhora portugueza, atirando-lhe á cabeça, um caldeiro (caldaio) d'agua fervendo, que, com grande galhofa dos asediados e tambem dos seus, o molestou em extremo, retirou-se immediatamente para a esquadra e fez-se em seguida, de viagem para a Hollanda» (pág. 66). O terceiro escriptor é francez e publicou em 1815 uma *Histoire du Bresil* em que narra o feito alludido, do seguinte modo: «Elle mesmo (o almirante) dirigia o assalto á frente dos seus, quando uma mulher de cima da muralha lhe atirou á cabeça uma chaleira d'agua quente. Transformado em objecto de riso dos sitiados, e pouco respeitado pela sua tropa, Petrid voltou precipitadamente para bordo» (vol II, pag. 170).

Como vedes, senhores, esses tres testemunhos são, em suas linhas geraes perfeitamente accordes, e as pequenas differenças que, entre elles, se notam, ainda lhes dão mais credibilidade, porquanto demonstram que os seus autores hauriram o episodio historico em fontes diversas.

O facto dos dous primeiros historiadores dizerem que a intrepida heroína era portugueza, não exclue a hypothese tradicional de ter ella nascido na antiga donataria de Vasco Fernandes Coitinho. A distincção latente entre filhos da metropole, e da colonia era só de uso interno, e, sob o ponto de vista exterior, uns e outros eram igualmente portuguezes. Nada impede, pois que sigamos a tradição secular, que não somente guardou a naturalidade, sinão tambem o nome e até a residencia dessa mulher varonil cuja acção decisiva poz em debandada vergonhosa os invasores, até então, valentes e irrechassaveis.

Alguns historiographos espiritosantenses, entre os quaes Dæmon, apontavam como sendo a então habitada pela denodada patriota, a casa que jazia na encosta do morro, ás esquinas da antiga ladeira do Pelourinho, com a rua da Matriz, hoje denominadas Maria Ortiz e Domingos Martins, respectivamente. Conheci-a eu ainda. Era uma lidima representante da architectura colonial, portugueza: poucas e pequenas janellas rasgadas em grossas paredes de castellos medievaes verdadeiras muralhas como lhes chamaram S. Theresa e Beauchamp; dous pavimentos de escasso pé direito, encimados por um telhado acaçapado de largo beiral. Eis, em poucas palavras, o que era o edificio indigitado, que a picareta impeniente do Progresso demolio sem deixar o menor vestigio.

Já que este Instituto, guarda avançada das nossas tradições historicas, não pode obstar a profanação reformadora, cumpre-lhe agora promover a erecção de um monumento memorativo, que perpetue

o feito grandioso, e sirva de proveitosa lição aos futuros defensores da Pátria, contra a cobiça estrangeira. Basta uma simples lapide ou placa, com uma breve inscripção allusiva, para que o passante, lendo-a, aprenda que naquella sitio sagrado, em momento augustoso e de maneira imprevisita, já se havia decidido dos nossos destinos ethnicos: pois a sorte politica de um povo tanto pode depender de uma queixada asinina, vibrada pelo braço vigoroso de um Samsão, como de uma trivial vasilha d'agua fervendo, arremessada pelas mãos delicadas de uma mulher, desde que a acção bellica de ambos seja inspirada pela chamma luminosa do Patriotismo.

Aqui tendes, illustrados confrades, uma idéa perfeitamente exequivel uma vez que a tomeis sob o vosso patrocínio valioso, dando-lhe corpo e efficiencia pratica. E, caso não a julgueis digna da vossa preciosa attenção, perdoae ao seu desastrado autor cujo proposito unico é collaborar convosco na obra portentosa que está affecta ao Instituto Historico e Geographico Espiritosantense a que se ufana de pertencer, como um dos seus mais obscuros membros.

Egregios Confrades, eu vos saúdo !

Em nome dos srs. Congressistas falou o dr. Pedro Celso de Uchôa Cavalcanti.

Discurso do Dr. Pedro Celso de Uchôa Cavalcanti

Sr. presidente do Instituto Historico e mais membros presentes. Caros Confrades. Meus senhores.

E' sob o influxo de esperanças sempre renascentes, de uma Pátria feliz e gloriosa a desfructar as benções de uma era perenne de paz fecunda e creadora, que eu venho, animado pelo exito do Congresso, hoje tão auspiciosamente chegado a seu termo, dizer-vos do nosso reconhecimento á vossa gentileza e da impressão de indelevel jubilo que nos acompanha ao deixar esta preciosa terra brasileira, onde a natureza «esmerou-se em quanto tinha», para justo orgulho e gaudio do afortunado e digno povo que a habita, zela e, dia a dia, a engrandece.

Perante vós, fazer a apologia dos Congressos, e fallar-vos das novas directrizes dos estudos geographicos, depois de Humboldt e Reitzel seria tarefa escusada, quando não a mais impertinente das audacias.

Seja-me permittido, entretanto, iterar, em começando, o conceito de que a idéa dos Congressos, como o demonstra a progressão sempre crescente destes certamens, é positivamente e sem razoavel contradicta, uma idéa vencedora.

Balanceadores de progressos realizados, e norteadores de rumos a demandar ; coordenam esforços, robustecem propositos benemerentes, e facilitam, pelo estabelecimento de affectuosos vinculos de solidariedade, a prosecução dos seus almejados fins...

Bem se vê que aos Congressos fallece poder e competencia para converter em realidade as medidas que preconiza e aconselha.

Observam-n'os através de um prisma falso os que delles exigem resultados praticos, immediatos e tangiveis, quando na verdade a sua acção lenta talvez, mas segura, se traduz no simples condicionamento

das *realizações* propostas ; pelo estudo de suas vantagens e elementos de praticabilidade, além de valer por um acerado aguilhão de incitamento.

A isso junta-se o incalculavel beneficio da convergencia que os Congressos determinam, de forças dispersas, para a realização da mesma empreza, scientifica e patriótica, de melhoramento e progresso ; da approximação e intercambio de valores de escól no cultivo da sciencia, no serviço da Patria.

Representante de um nucleo de estudiosos da geographia e historia patrias, fundado ha mais de seis decennios e possuidor de um acervo de valiosas e estimadas contribuições que é a sua Revista, julgo-me obrigado a registrar aqui de passagem a inexcédível satisfação com que elle se promptificou a collaborar na obra meritoria e grandiosa que motivou a presente homenagem.

A' testa do 4º Congresso Brasileiro de Geographia que se reuniu sob o limpido céu azul da formosa Veneza Americana, esforçou-se o Instituto Archeologico, Historico e Geographico Pernambucano por corresponder a confiança nelle posta ; e os annaes desse certamen, em tempo publicados, attestam a fortuna do nosso exito, que mais completo fóra se mais ampla houvesse sido a collaboração dos Estados irmãos com a devida antecedencia convidados.

E', realmente, grande pena que a necessidade da collaboração unanime dos Estados da União na obra dos Congressos de Geographia, ainda se não tenha imposto aos governos locaes e á elite intellectual e moral do Brasil inteiro.

Não cessemos de conclamar, Senhores, que a sciencia e o patriotismo nelles se dão as mãos para a obra maxima de nossa cohesão politica e aperfeiçoamento, base sobre a qual deverá repousar indestrutível a grandeza do Brasil.

Ao despedir-me de vós, do glorioso Estado que tão generosa e cordial acolhida nos dispensou, concedei-me dizer-vos :

Senhores. Os laços de fraterna amizade que indissoluvelmente unem o meu Estado ao Espirito Santo, fazem que os corações de seus filhos, neste momento, isochronos palpitem.

Prezas igualmente cubiçadas pelos Hollandezes, como a Bahia, com o mesmo ardor pelejaram pela integridade da Patria, e innascível louvores conquistaram ; quando, mais tarde, Pernambuco hasteou o labaro republicano, a elle se uniu o Espirito Santo heroico, encarnado em Domingos José Martins, o paladino mais ardoroso dessa incomparavel jornada da liberdade, que foi a Revolução de 1817.

Viverão, pois, ainda e sempre assim irmanados na veneração do mesmo symbolo de heroismo patrio, e glorificados na mesma epopéa de liberdade.

Nessa communidade de culto de tradições de um mesmo passado heroico, na lembrança perenne de uma collaboração fervorosa e cruenta, na conquista do mesmo ideal republicano, tem natural razão de ser a sedução que este privilegiado tracto de terra brasileira, sobre os pernambucanos, em particular, os quaes aqui domiciliados não imaginam quasi haver deixado o domicilio de origem.

Assim se explica o esforçarem-se elles (tão bem representados

pelo nosso benemerito presidente, o desembargador Carlos Xavier) por competir com os mais devotados factores do progresso Espirito Santense.

Se deste modo me expresso como pernambucano, não tenho em mente pleitear qualquer de primazia no vosso affecto de irmão, mas simplesmente significar a nossa profunda solidariedade comvosco no sentimento de fraternidade patriótica que nos une á todos os outros Estados da União.

Fallando por todos quantos aqui se acham, para o fim de agradecer a carinhosa acolhida que ora nos dispensaes, não pude cohibir-me de lembrar os antecedentes historicos que deixaram tão acentuados os liames das duas unidades brasileiras.

Na obra do engrandecimento patrio, desaparecem, porém, as fronteiras inter-estaduaes, para predominar o sentimento unico e irrefragavel da nossa brasilidade.

Nas impressões que passo a descrever, procurarei representar toda a nossa admiração por esse bem fadado Estado e povo brasileiro, de cujas honrosas tradições sois os mais lidimos defensores e zeladores.

Ao penetrar pela vez primeira neste abençoado territorio experimentei um como sentimento de volta ao lar; parecia-me entrar numa nova patria dentro de uma mesma patria, se assim me posso exprimir.

Esta sensação foi gradualmente envolvendo-se na auréola de um deslumbramento. Afigurou-se-me que a Natureza a si mesma se excedera nos requintes da belleza scenographica.

No sinuoso percurso surgia de trecho em trecho a surpresa de uma nova maravilha.

A cada passo o contraste impressionante da grandeza e da humildade: as montanhas alterosas, valles profundissimos, florestas exuberantes de seiva onde o verde esplendia numa gamma de matizes incontaveis, associaram-se tenues fios d'agua que medrosos hesitavam em placidos remansos, sahidos não se sabe donde, e perdidos mais longe sobre uma alcatifa de verdura que tomada de zelos talvez os escondiam á nossa vista.

Não sei se ha região mais abundantemente irrigada. Ao divisar a primeira cachoeira a despenhar-se de vertiginosa altura, parecia á minha visão pantheistica que deusa ou fada dadivosa entornava do céu uma cornucopia de prata fluida sobre o dorso de um gigante de pedra. Depois, mais cachoeiras, represas, rios em corredeiras tumultuosas, — verdadeira orgia d'agua refulgente e irizada, a lambar e beijar o peito negro e insensível do rochedo, para em seguida escapar-se em celere corrida, casquinando e cabriolando.

A esse rythmo, as minhas idéas se puzeram a dansar, baralhando-se e confundindo-se, abandonando as acanhadas conchas das palavras.

Como sentinellas perdidas, destacadas da Serra do Mar, emergiam á distancia penedos e moles de granito, aflorados aqui e ali, na orla litoranea, e mais longe o monolitho do Itabira perfilava-se, como um ponto de exclamação diante da imponencia das maravilhas circumjacentes.

Dedo de Deus, denominou-o a boa alma contemplativa do nosso povo, a vê-lo erecto e silencioso apontando para o céu, numa imobilidade hieratica e magestosa!

Aquelle prisma de granito, pensei eu, tanto pode ser o symbolo de nossa fé e confiança no poder de Deus, a proteger a nossa Patria, como o promittente indicador de um céu de justiça e liberdade, mais claro, limpido e sereno na nossa vida republicana.

Quando chegar esse dia, que é bom não se retarde, o obelisco tornar-se-á o emblema da nossa inabalavel fortaleza na paz, e constancia no trabalho.

Altear-se-á dominante entre as chaminés das Usinas e o symbolico Dedo de Deus, guiará o Brasil aos destinos esplendrosos que o aguardam.

Senhores, ao deixarmos esta encantadora e bem fadada cidade da Victoria, chrysalida de uma civilisação esplendorosa, confiemos ao Instituto Historico Espirito Santense, para imperecedouro archivo de nosso affecto, a fervorosa saudação de despedida dos membros do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia.

A fluente joia brasileira engastada entre a montanha e o mar, que a cingem em caricioso amplexo, esplende aos olhos dos que a miram extasiados como um phanal. A montanha em sua inabalavel firmeza e o mar na agitação dos seus anceios e estos de paixão representam a paz e a liberdade ligados pelo vinculo da Victoria!

Paz, em Anchieta; liberdade, em Domingos Martins!

Tenho dito.

Antes e após a sessão a banda de musica do Regimento Policial Militar tocou no saguão do Instituto.

E assim, de maneira brilhante e com desusada solennidade encerrou-se o programma de festas em homenagem aos illustrados delegados ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, aqui reunido sob os auspícios do Governo do Estado e do Instituto Historico.

NOTA: As noticias que aqui publicamos referentes ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, em parte editadas nos jornaes da Capital, notadamente no «Diario da Manhã», não representam todos os factos que se desenvolveram durante a vigencia do scientifico certamen. Nada mais exprimem que uma reportagem das manifestações e solennidades civicas prestadas aos illustres delegados que concorreram ao Congresso, na quasi sua totalidade organisadas pelo Instituto Historico, tendo o apoio decisivo e patriotico do Governo do Estado.

Não diligenciamos em dar uma noticia completa do que foi e houve durante a reunião do Oitavo Congresso e das suas sabias conclusões, porquanto todas serão incluidas methodicamente nos annaes que estão sendo impressos.

Assim, pois, resalvamos algumas falhas, mórmente quanto ás moções que foram apresentadas, solicitando dos leitores da nossa «Revista» não verem nessa publicação, mais que uma reportagem desenvolvida e que buscamos illustrar com alguns «clichés» opportunos.

Pela «Commissão de Revista»

ADOLFO FRAGA

1º SECRETARIO DO INSTITUTO



A Imprensa no Espírito Santo

POR

AMANCIO FILHO

(Heraclito Amancio Pereira)

Terminamos no presente numero da «Revista» esse notavel trabalho da autoria do illustre professor Heraclito A. Pereira, socio effectivo e segundo secretario do Instituto Historico.

Esse trabalho a que o distincto autor cercou de todo o carinho demonstrando o acurado estudo que fez da imprensa, quanto e na evolução, aqui no nosso Estado, foi apresentado ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, aqui reunido em novembro passado.

Distribuido á Sexta Commissão logrou o seguinte e honroso parecer.

OITAVO CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAPHIA

Sexta Commissão.—Anthropologia, Ethnographia, Geographia Historica

PARECER

A Imprensa no Espírito Santo. — Heraclito A. Pereira

O trabalho apresentado pelo sr. Heraclito A. Pereira. — A Imprensa no Espírito Santo, de 1840 a 1926, ao 8º Congresso de Geographia, foi devidamente examinado pela Commissão. Revela um estudo cuidadoso de grande alcance para a vida social e politica do Espírito Santo e merece ser inserto nos annaes deste 8º Congresso.

Victoria, 29/11/926.

Nelson Monteiro, Relator; *Aristoteles da Silva Santos*, *Antonio Carlos Simoens da Silva*, *Octavio Alves Araujo*, *J. Barbosa Rodrigues Junior*.

1911

223. NOVO HORIZONTE.— Cariacica.— *Typ. Commercial de Nelson Costa*, Victoria; *Typ. do Novo Horizonte*; *Typ. Moderna*.— O primeiro numero appareceu aos 15 de janeiro de 1911.

Redactor Manoel de Carvalho; gerente Eliezer Duarte; impressor Francisco Severo de Assis. Em 1914, Alfredo Lemos assumiu a redacção e J. M. C. Mattos, a gerencia. Em 1917, era seu gerente Mario Miranda.

Propriedade de uma Sociedade Anonyma. Em 8 de setembro de 1912, passou a ser propriedade de Carvalho & Cia., sendo então impresso na Typographia Moderna.

Ao depois, orgam official da municipalidade.

Filiado ao P. R. Conservador.

Assignaturas:— anno 6\$000 rs., e semestre 3\$500 rs.; avulso 100 rs. Aos 8 de setembro de 1912, foram alteradas para 6\$000 rs. o anno, 3\$000 rs. o semestre e 2\$000 rs. o trimestre, para o municipio, augmentando 500 rs. quando para fóra do municipio. Em 1914 — anno 3\$000 rs. e semestre 1\$800 rs., para o municipio; anno 4\$000 rs. e semestre 2\$500 rs. para fóra. No anno de 1917, custavam 1\$500 rs. o anno e 1\$000 rs. o semestre.

Saia, a principio, aos domingos, e, depois, mensalmente.

Quatro paginas de 3 columnas e formato de 190 x 290^m/m, depois modificado para 180 x 285^m/m

224. O ALEGRENSE.—Alegre — *Typ. d'O Alengrense*. — Orgam do povo. O numero inaugural trouxe a data de 15 de janeiro de 1911.

Pertencia a uma associação, tornando-se, mais tarde, propriedade da municipalidade.

Era seu redactor-gerente Romualdo Nogueira da Gama.

Em 1916, era sua redacção composta de José Angelo, director, e Miguel Caldas, redactor.

Filiado ao P. R. Espirito-Santense.

Deixou de circular no periodo de 16 de abril a 4 de junho do mesmo anno, devido terem se refugiado os seus redactores durante a incursão e permanencia naquella localidade, dos elementos a serviço da opposição.

O professor José Dias da Cunha, que começou a dirigil-o em Janeiro de 1917, foi substituido, aos 18 de março, pelo sr. Vasconcellos Rosa, que assumiu a chefia da redacção, ficando a direcção politica a cargo do Directorio Politico local. Gerente — Jayme de Carvalho.

No anno de 1918, esteve sob a redacção do dr. Didimo de Moraes.

A 1º de janeiro de 1920, passou a nova direcção, retirando-se o pharmaceutico Annibal Cesar Pinheiro Guimarães, e assumindo-a o dr. Ernesto Martins Vieira. Tendo paralyzado a publicação nesse anno, em seguida á lucta da successão presidencial, reappareceu em 15 de agosto.

Em abril de 1925, o dr. Vicente Caetano, prefeito municipal, assumio a direcção e convidou o deputado dr. Henrique Wanderley, para director politico, e José Paulino Alves Junior, para redactor-chefe.

Gerente — José Mauricio de Almeida.

Publicação semanal.

Quatro paginas de cinco columnas e formato de 255X380^m/m, o qual foi modificado, em 1912, para 250X360^m/m, a quatro columnas; em 1914, para 280X360^m/m, a cinco columnas; e, finalmente, para 280X410^m/m.

As assignaturas custaram, successivamente:— 10\$000 rs. annuaes e 6\$000 rs. semestraes;— 8\$000 rs. annuaes, a partir de janeiro de 1913;— anno 5\$000 rs., semestre 3\$000 rs., e trimestre 2\$000 rs., em 1916;— anno 10\$000 rs., semestre 6\$000 rs., e trimestre 4\$000 rs., em 1917;— e, a contar de março do ullimo anno, 6\$000 rs. annuaes, 4\$000

rs., por seis meses e 3\$000 rs. por trimestre. Avulso 100 rs. Em 1925, custavam as assignaturas — 12\$000 rs., annuaes, ou 7\$000 rs. semestraes.

Tiragem, em 1917, 500 exemplares.

Collaboração do dr. Luiz Americo de Freitas, Cel. Julio Fonseca, João Guimarães, Pompeo Moura e outros.

225.— O CALÇADO.— S. José do Calçado.— *Typ. d'O Calçado*.— 1ª Phase. Orgam politico e literario, apparecido aos 19 de fevereiro de 1911, em substituição ao *Labaro da Paz*.

Propriedade do p^e. dr. Elias Tommasi.

Direcção — Carlos Thiebeaut, redactor, e Joaquim Ouropretano, gerente.

Quatro paginas de quatro columnas, e formato de 220X340 m/m. Assignava-se por 8\$000 rs. o anno, e 5\$000 rs. o semestre.

2ª Phase. Iniciada a 12 de janeiro de 1913, conservando a mesma redacção.

Propriedade de Sebastião Ribeiro.

Assignaturas : 10\$000 rs. o anno, e 6\$000 rs. o semestre. Dominical.

226.— O BRASIL.— Anchieta.— *Typ. d'O Brasil*.— Semanario republicano.

Sahiu pela primeira vez em 16 de abril de 1911.

Director-proprietario Arthur Soares de Souza.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 180X300 m/m.

Assignaturas : anno 5\$000 rs., para a cidade, e 6\$000 rs. para fóra. Avulso 200 rs.

Desappareceu no mesmo anno.

227.— O TRABALHO.— Vianna.— *Typ. d'O Trabalho*.— Orgam noticioso, commercial e literario.

O primeiro numero circulou a 12 de maio de 1911, sob a redacção do dr. José Vicente de Sá e J. Bandeira.

Depois de alguns mezes de paralyzação, reapareceu a 7 de julho de 1912, como orgam de uma sociedade anonyma, redigido por *diversos*.

Em fevereiro de 1913, começou a ser redactoriado pelo professor Ernesto Nascimento, voltando, em 2 de abril, a ser redigido por *diversos*.

Quatro paginas de 156X264 m/m, a tres columnas.

Assignaturas : anno 6\$000 rs., semestre 4\$000 rs. Avulso 200 rs. Em julho de 1912, teve o abate do semestre para 3\$000 rs.

Prof. Ernesto Nascimento, Alberico Vieira Pimentel e outros, os collaboradores.

228.— A NOTICIA.— Capital.— *Imprensa Estadoal*.— O primeiro numero impresso (nº 12 do 2º anno) circulou aos 17 de maio de 1911. Apparecera manuscripto em 3 de abril de 1910.

Redactores Jeronymo Monteiro Filho e Darcy Monteiro.

Publicação quinzenal.

Tiragem 300 exemplares.

Quatro paginas de duas columnas, e formato de 152X235 m/m, modificado, depois, para 167X260 m/m, a tres columnas.

229.— DIARIO DO POVO.— Capital.— *Typ. do Estado do E. Santo ; Typ. do Diario do Povo.*— Orgam politico e noticioso.

O primeiro numero circulou a 21 de julho de 1911.

Director politico cel. Joaquim Lyrio. Redactor-chefe dr. Affonso Lyrio, que assignara termo de responsabilidade para a sua publicação aos 17 do mesmo mês. Gerente dr. Orozimbo Lyrio.

Fazia opposição ao Governo do dr. Jeronymo Monteiro.

Ao principio, era impresso nas officinas do *Estado do Espirito Santo*, tendo sido porém, *empastellado* esse jornal, em agosto, o *Diario do Povo* suspendeu a publicação, reaparecendo aos 2 de setembro com officinas proprias.

Tornou a paralyzar a publicação em 4 de janeiro de 1912, por motivo dos conflictos havidos num *meeting*, realizado no dia anterior, em prol do candidato opposicionista á presidencia do Estado, dr. Getulio Florentino dos Santos, no qual foram feridos o director e diversos membros da redacção.

Reencetou a publicidade em 8 do mesmo mez.

Os adversarios chamavam-lhe — *O Rebóla*.

Publicou 214 numeros, dando o ultimo a 18 de maio de 1912 desaparecendo por motivo do triumpho da causa contraria.

Impressor, até janeiro de 1912, Henrique Almeida.

Quatro paginas de 335 x 505 m/m, e seis columnas.

Assignaturas: anno 18\$000 rs., semestre 9\$000, para a Capital; e anno 20\$000 rs. e semestre 10\$000 rs., para o interior. Avulso 100 rs.

Collaboradores: dr. José Horacio Costa, dr. Octavio Araujo, pharmaceutico Adolfo Fraga, monsenhor Euripedes Nogueira da Gama Pedrinha, dr. Cesar Velloso, dr. Olympio Lyrio, José Lyrio, dr. Philomeno Ribeiro, José Candido de Vasconcellos, Aristobulo Leão, Kosciuszko Leão e outros.

230. O TIRO.— Capital.— O numero decimo (primeiro) saiu aos 21 de Junho de 1911.

Os anteriores, de 1 a 9, foram publicados na segunda pagina do *Commercio do Espirito Santo*, a contar de 30 de abril de 1910, occupando o espaço de 170 x 265 m/m, a tres columnas.

Periodico consagrado aos interesses do «Tiro Brasileiro Victoria», nº. 43 da Confederação do Tiro Brasileiro.

Redactores dr. Americo Coelho e Cyrillo Tovar.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 180 x 270 m/m.

231.— O IDEAL.— Cachoeiro do Itapemirim.— Periodico literario e noticioso.

Deu o primeiro numero a 7 de setembro de 1911.

Redactores *diversos*. Agente geral na cidade, Gastão Marins.

Assignaturas: anno 5\$000 rs., 6 mezes 3\$000 rs., mez 500 rs.

Quatro paginas de duas columnas e formato de 120 x 168 m/m.

Collaborares — Antonio Sobreira, Neves Junior, Durval de Oliveira e outros.

232.— PHAROL.— Capital.— *Imprensa Estadoal.* — Orgam do «Centro Literario 8 de Setembro».

Deu o primeiro numero aos 22 de outubro de 1911, e o ultimo a 5 de dezembro do mesmo anno.

Redacção a directoria do *Centro*.

Responsavel Luiz Monteiro Lindenberg.

Exclusivamente literario.

Publicação semanal.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 170 X 265 ^m/m.

Collaboração dos socios do *Centro*, entre os quaes — Luiz Monteiro Lindenberg, Jair Tovar, Attilio Vivacqua, Audifax Borges de Aguiar, Solon de Castro, Heraclito Pereira, Oswaldo Espindula, Newton Ramos, Elpidio Pimentel, Jayme Muniz, Henrique Cerqueira Lima, Romulo Serano, Aurino Quintaes.

233.— O GATO.— Anchieta.— *Typ. d'O Brasil*.— O primeiro e unico numero saiu a 12 de novembro de 1911.

Hebdomadario critico.

Redactor Romario Costa.

Quatro paginas de 76 X 110 ^m/m, a duas columnas.

Assignaturas: 300 rs. por mez para a cidade, e 400 rs. para fóra; avulso 60 rs.

234.— O PALCO.— Capital.— Orgam dos interesses do Gremio «Aristides Freire».

Appareceu aos 27 de novembro de 1911.

Redactor Luiz Dinart (Aristoteles da Silva Santos). Director Emiliano dos Anjos.

Quatro paginas de duas columnas, e formato de 154 X 240 ^m/m.

Durou até o anno seguinte.

235.— A VICTORIA.— Capital.— *Typ. do Commercio do E. Santo*.— Orgam literario e noticioso.

O primeiro e unico numero surgiu a 3 de dezembro de 1911.

Estava sob a redacção de João Navarro Filho, director; Carlos Sá e Miguel Leão, redactores; Manoel Silveira, secretario; Alfredo Baracho, auxiliar, e Hostiano Nunes, gerente.

Publicação quinzenal.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 223 X 310 ^m/m.

236.— O CHALEIRA.— Capital.— *Typ. do Estado do E. Santo*.— Publicou sómente um numero, que pouca circulação teve. Em 1911.

1912

237.— O RAI0 ILLUSTRADO.— Capital.— Periodico humoristico, literario e noticioso.

Saiu em 1º de janeiro de 1912, sob a redacção de Assis Boyd, redactor e editor responsavel, Ubaldo Madeira e Eduardo Volloso, redactores, e Tyrteu Salomé, auxiliar da redacção.

Editava-se em dias indeterminados.

Numero avulso 100 rs.

Quatro paginas de quatro columnas e 223 X 315 ^m/m.

238.— COMMERCIO.— Capital.— *Typ. do Commercio*.— Circulou a 2 de janeiro de 1912.

«Obedecendo á consagração popular, resolvemos simplificar o cabeçalho desta folha, adoptando o nome pelo qual é conhecida e tra-

tada por seus presados collegas de imprensa. *O Commercio* é o mesmo *Commercio do Espirito Santo*, que com egual programma e sem esmorecimento continua a bater-se pelo progresso do bom povo espirito-santense, servindo com dedicação ás nobres causas».

A redacção a mesma do *C. do E. Santo*.

Tendo suspenso a publicação, reapareceu, em 1 de setembro do mesmo anno, como *orgam politico, noticioso e literario*, sob a redacção dos drs. João Manoel de Carvalho, Targino Neves e José Sette, e gerencia de Cyrillino Simões.

Filiado ao partido republicano constructor.

Em 1913, Cyrillino Simões deixou a gerencia, sendo substituido pelo dr. João Manoel de Carvalho.

Extinguiu-se aos 4 de janeiro do mesmo anno, publicando nesse dia o n° 3 e ultimo do anno XXIII.

Assignaturas : anno 12\$000 rs., para a capital, e 15\$000 rs., para o interior.

Quatro paginas de seis columnas e formato de 335X490 ^m/m.

239.— REVISTA MILITAR DA FORÇA PUBLICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.— Capital.— *Imprensa Estadual*.— Saiu o numero inicial no mês de janeiro de 1912.

Repositorio de tudo que se referisse á Policia Militar do Estado e do que lhe pudesse ser util.

Publicação mensal sob os auspicios do Presidente do Estado, dr. Jeronymo de Souza Monteiro, e do Director de Segurança Publica, dr. Lafayette Valle.

Fundada pelo mesmo director de Segurança Publica e tenente-coronel Pedro Bruzzi, commandante do Corpo Militar de Policia, major-fiscal Alfredo Pedro Rabayolli, cap^m. ajudante João de Barros, cap^m. Ramiro Martins, e dr. Archimimo M. de Mattos, director do Gabinete de Identificação e Estatistica.

Redacção : 1^o. cel. Pedro Bruzzi, director ; cap^m. João de Barros, redactor-chefe ; cap^m. Ramiro Martins e 1^o. Carlos Penna, redactores. Em abril, retira-se o 1^o. Carlos Penna, entrando como redactores, em maio, o cap^m. Abilio Martins e 1^o. 1^o. Gastão Franco Americano.

Tinha 16 paginas de texto, além da cap^a, com formato de 150X230 ^m/m, a duas columnas.

O numero 5, ultimo, publicado em maio, tem 18 paginas de texto, além de 2 supplementos com os retratos dos fundadores da Revista, e do presidente da Republica, Marechal Hermes da Fonseca, e dos presidentes Jeronymo Monteiro, que terminava o quadriennio 1908-1912, e Marcondes de Sousa, que iniciava o periodo de 1912-1916.

Assignaturas : anno 4\$000 rs. e semestre 2\$000 rs. Avulso 400 rs.

Collaboradores diversos, entre os quaes :— dr. Archimimo M. de Mattos, S. Aguiar, Alvaro Coutinho de Freitas, dr. José Francisco Monjardim, commandante José Jovino Marques Junior, cap^m. Alberto Carlos da Cunha, commandante Mauricio Pirajá, dr. José Tavares Bastos, Eugenio Francisco de Assis e Antonio Alício.

240.— O DIARIO.— Capital.— *Imprensa Estadual ; Sociedade de Artes Graphicas ; Empreza Jornalística de Victoria*.— Apareceu aos 24 de fevereiro de 1912 (n° 54).

«Apparece hoje, diz o numero daquelle dia, o *Diario da Manhã* completamente modificado, não só na feitura material, como também no seu proprio nome. Isto, porém, não significa que *O Diario* perca sua feição de *orgam official do Estado*. Continuará sendo o repositório de todos os actos emanados das autoridades governamentais e com a mesma orientação seguida até aqui».

Afim de festejar os grandes melhoramentos introduzidos nas suas officinas, foi collocada, a 25 do mesmo mês, com toda a solemnidade, a placa — «*Machina Alcino Guanabara*» — em a sua nova Marinoni.

Redactor-chefe dr. Alexandre de Macedo Soares, e gerente o major Victor de Moraes.

Pelo decreto nº 1052, de 27 do mesmo mês, foram nomeados os srs. dr. Targino Neves e Alcino Leal, respectivamente collaborador e revisor.

Aos 17 de junho, declarou-se — *orgam politico*, independente e noticioso.

Tornou-se, em virtude do contracto firmado em 15 de junho do mesmo anno, propriedade da «Sociedade de Artes Graphicas de Victoria», sob a redacção do dr. Josias Varella, redactor-chefe, e Alvaro de Castro Mattos, redactor-gerente, sendo extincta a *Imprensa Estadoal* e, pelo decreto nº. 1212, de 26 de julho, dispensados todos os seus empregados, em vista do mencionado contracto.

Representava o Governo do Estado junto á *Sociedade*, o dr. Alexandre de Macedo Soares, nomeado aos 15 de junho, o qual foi, ao depois, substituído pelo sr. José Gaudino de Faria. Com a remoção desse ultimo, aos 8 de janeiro de 1913, para a cargo de 1º. Official da Directoria de Segurança Publica, foi, pelo decreto 1332, da mesma data, esse logar supprimido.

O contracto das *Artes Graphicas* foi rescindido, aos 15 de março de 1913. Declara o *Diario* dessa data: — «Tendo sido feita a rescisão de seu contracto com o Governo do Estado, fica a «Sociedade de Artes Graphicas» de hoje em diante exonerada absolutamente da direcção desta folha, que volta á propriedade do Estado, com todas as officinas e accessorios da extincta *Imprensa Estadoal*. «O Diario» passará á direcção de grupo de jornalistas correligionarios dedicados da actual situação dominante e absolutamente não interromperá sua jornada, servindo aos ideaes do progresso espirito-santense, á defesa das boas causas, como *orgam* que é e continuará a ser do Partido Republicano Conservador».

Aos 18 do mesmo mez, voltou a usar o antigo nome — *Diario da Manhã*.

Quatro paginas de sete columnas e formato de 440 x 613^m/m.

Collaboradores — drs. Washington Pessôa, Arthur Torres Filho, Targino Neves, Julio Leite, Aristoteles da Silva Santos e Ubaldo Ramalheite Maia, Archimimo M. Mattos, Pedro Soares Guimarães; e Symphronio de Magalhães, Carlos Mattos, Benevides L. Barbosa, Paulo de Macedo Soares, Amalio Gama, Ernesto Nascimento, Andrade Pinheiro, Francisco Passos Costa, F. Mendes de Almeida Junior, Theodulo Prazeres, Julia Cesar, Oskar Araujo e outros.

241.— A VERDADE.— Capital.— *Imprensa Estadoal*. — «Polyan-

théa organizada por um grupo de amigos em honra á visita do exmo. sr. Marechal Hermes da Fonseca ao Estado do Espirito Santo, em 18 de maio de 1912».

Transcreve a *Mensagem* offerecida ao Presidente do Estado dr. Jeronymo Monteiro, pelo povo, em 23 de maio de 1911.

Fartamente illustrada, sendo a maior parte das gravuras referentes aos melhoramentos da Capital.

Formato de 187 X 265 ^m/m, com 46 paginas, além da capa de papel verde, onde se vêem o titulo em caracteres doirados e as datas:— 1908—1912.

242.— VICTORIA.— Capital.— *Imprensa Estadual*. — Polyanthéa commemorativa a data de 23 de maio de 1912.

Publicada em homenagem á administração do dr. Jeronymo Monteiro, que naquella data terminava.

Illustrada.

Quatro paginas de 181X308 ^m/m.

243.— JORNAL OFFICIAL.— Capital.— *Sociedade de Artes Graphicas*; *Empresa Jornalística de Victoria*; *Sociedade de Artes Graphicas*.— Iniciou a publicação aos 18 de junho de 1912, de accordo com o contracto firmado pelo Governo com a «Sociedade de Artes Graphicas».

Repositorio de todos os actos emanados do Governo.

Com a rescisão do contracto de arrendamento das officinas da extincta Imprensa Estadual, que o Governo mantinha com a *Artes Graphicas*, passou a ser impresso pela *Empresa Jornalística de Victoria*, em virtude da clausula quarta do contracto assignado aos 5 de maio de 1913, que a obrigava a editar um jornal de formato pequeno, contendo os actos officiaes.

Não podendo essa Empresa continuar com o seu encargo pelo prejuizo que estava tendo retirou-lhe o Governo a sua impressão e o auxilio de 300\$000 rs., que para isso dava, mensalmente.

Em virtude de haver a Lei nº 977, de 28 de novembro de 1914, autorizado o contracto de sua publicação com quem maiores vantagens offerecesse, a *Sociedade de Artes Graphicas* firmou novo contracto, mediante a importancia de 60\$000 rs. por tiragem de 800 exemplares, ficando o *Jornal* sob a immediata fiscalização da Directoria do Interior e Justiça.

Sendo rescindido o contracto da *Empresa Jornalística*, o Governo, por motivo de economia, supprimiu o *Jornal Official*, pelo decreto nº 2002, de 17 de fevereiro de 1915, passando os actos officiaes a serem estampados no *Diario da Manhã*.

Em setembro de 1914, começou a intercalar, entre a primeira e a segunda palavra de seu nome, as armas do Estado.

Pelo decreto nº 1203, de 19 de julho de 1912, fôra creado o logar de expeditor do *Jornal Official*.

A Lei nº 988, de 24 de dezembro de 1914, creou o cargo de dactylographo-expeditor, sendo, pelo decreto nº 1950, de 2 de janeiro do anno seguinte, nomeado para exercel-o o sr. Elpidio Pimentel.

Saía ás terças e quintas-feiras, e sabbados.

A venda avulsa era feita na gerencia do «Diario» ao preço de 200 rs. o numero.

Assignatura annual 18\$000 rs., descontados na razão de 1\$500 rs. mensaes dos vencimentos dos funcionarios publicos.

Comprehendia cada numero, no minimo, seis paginas de 187 X 270 ^m/m, a tres columnas, até 2 de janeiro de 1915, quando passou a ter duas columnas.

244. — O PAGODE. — Capital. — *Typ. Brasil, de Coutinho, Silva & Cia.* — Organ critico, humoristico e imparcial, cujo primeiro numero circulou em 21 de julho de 1912.

Redacção: J. Alves Mipibú, redactor-chefe; Ubaldo Madeira, redactor-secretario; e Raulino Silva, gerente.

Quatro paginas de 226 X 340 ^m/m, a quatro columnas.

Numero avulso 100 rs.

245. — A CRUZADA. — Capital. — *Sociedade de Artes Graphicas.* — Organ de defesa do catholicismo, noticioso e independente.

Surgiu a 11 de agosto de 1912.

Redactor-secretario dr. João Manoel de Carvalho. Redactor-gerente dr. João Francisco das Neves Paes Barreto, que assignou termo de responsabilidade para a sua publicação aos 18 de setembro.

Propriedade de uma Sociedade Anonyma.

A 1º de fevereiro de 1914, começou a trazer no cabeçalho, o lemma — «Por Deus, Pela Igreja, Pela Patria» — retirando-o aos 22 do mesmo mez.

Publicação semanal.

Quatro paginas de seis columnas, e formato de 375 X 555 ^m/m.

Assignatura: 5\$000 rs. o anno, e 3\$000 rs. o semestre. Avulso 100 rs.

Collaboradores — dr. Bernardes Sobrinho, Conego Cochard, lentes do Gymnasio Espirito-Santense, dr. Henrique O'Reilly de Souza, dr. Antonio Aguirre, dr. Targino Neves, dr. Luiz Jouffroy, dr. Diogo de Vasconcellos, dr. Bernardo Café, dr. José Sette, dr. Luiz Benedicto Ottoni, dr. Persio Goulart, dr. Oswaldo Poggi de Figueiredo, dr. Arthur Torres, dr. Alcides Junqueira, dr. Archimimo Mattos e J. Falcão Filho.

246. — O DIABO. — Capital. — Periodico esfusante, critico, literario, noticioso e pandego.

Circulou aos 18 de agosto de 1912.

Redacção de Assis Boyd e Ubaldo Madeira.

Quatro paginas de tres columnas.

Do n.º 3, passou a denominar-se — «O Raio».

247. — A TARDE. — Capital. — *Typ. Brasil, de Coutinho, Silva & Cia.* — O primeiro numero saiu aos 19 de agosto de 1912.

Organ independente.

Director dr. Affonso Lyrio.

No mez de março de 1913, suspendeu a publicação por motivo de terem sido na noite de 13, subtraidas diversas peças da sua machina, reaparecendo no dia 24 do mesmo mez.

Aos 14 de março de 1916, começou a obedecer á orientação do Directorio Central do Partido Opposicionista.

Desappareceu com o triumpho da candidatura Bernardino Monteiro á Presidencia do Estado.

Publicava-se diariamente, menos aos domingos.

Quatro paginas de 510X335 ^m/m, a seis columnas.

Assignaturas : anno 12\$000 rs., semestre 9\$000 rs., para a capital ; anno 15\$000 rs., semestre 10\$000 rs., para o interior. Avulso 100 rs.

Collaboradores — dr. José Tavares Bastos, dr. Pedro Martins da Rocha, dr. Cezar Vellozo, dr. Oswaldo Poggi, dr. Philomeno Ribeiro, dr. Horacio Costa, dr. Aristeu Aguiar, cel. Augusto Calmon, Marietta Carvalho, C. F. de Souza Fernandes, José Lyrio, Teixeira Leite, Saul de Navarro, Alves Mipibú, Therencio Rosa, Andrade Pinheiro, Adolpho Galvão, Annibal N. de Carvalho, Aristobulo Leão, Evandro Barroso, e outros.

248.— O OLHO.— Capital.— *Typ. do Diario*.— Semanario humoristico, propriedade de moços serios.

O primeiro numero appareceu a 1 de setembro de 1912, sob a responsabilidade de Aristoteles da Silva Santos e Luiz Fraga, que assignaram o respectivo termo a 4 do mesmo mês.

Desejava — «*contentar a tout le monde et son père* e mais os caricatos hypocritas de uma maneira gentil, como adiante se verá. A pilheria, graciosa como uma phalena multicolor, adejará sobre vós, leitoras, perturbando a confecção do vosso crochet, mas sem ao menos deixar cair no regaço de vossa paz a menor sombra do pó de suas azas...

Os leitores, marmanjos ou não, terão, lendo-nos, pontas de alfinetes que lhes tocarão de leve como um brinco de mulher amada...E só.»

Redactores — Aristoteles da Silva Santos (*Luiz Dinart*), Urbano Xavier (*Urquiza*), Oskar Araujo (*Meneslau, Paulo Beiró*) e Luiz da Fraga Santos; redactor-gerente, a contar de 16 de março de 1913, Aphrodisio Ribeiro Coelho.

Cabeçalho de phantazia e allusivo ao titulo.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 258 X 370 ^m/m.

Numero avulso 100 rs. Aos 20 de outubro augmentou o formato para 320 X 480 ^m/m, com cinco columnas.

Tomou a forma de revista em 5 de janeiro de 1913, passando a ter dezeseis paginas de texto, além das de annuncios, e da capa em papel de côr. As dimensões foram modificadas para 127 X 200 ^m/m., a duas columnas.

O numero avulso augmenta para 200 rs.

A 16 de fevereiro começa a ser illustrada ; e a ter a capa ornamentada com um desenho de H. Massena, e impressa a côres em papel branco.

Estabelece, em 16 de março, o preço de 5\$000 rs. para a assignatura semestral.

Deu o n° 30, ultimo, a 2 de agosto.

Collaboradores — Alfredo Seabra de Mello, Domicio Nascimento, Augusto Adnet, Eduardo Vellozo, Octavio Indio, Ranulpho Freire, Homero Massena, Marietta Carvalho, Antonio Moreno, Alberto de Azevedo, Francisco Barbosa de Sousa, Heraclito Pereira, Andrade Pinheiro, Benévdes L. Barbosa, Maria Leonidia Pereira, Irene Pinheiro, Marianalia de Lima, Elvira Fernandes Coelho, Antonietta Nicoletti, Branca Simões, Erzilia Nicoletti e outros.

249.— O RAIO.— Capital.— *Typ. Brasil*.— Periodico esfusiente, critico, literario, noticioso e pandego.

O primeiro numero (3º) appareceu a 1º de setembro de 1912. Denominara-se antes — «*O Diabo*».

Redactores — Oskar Araujo, Ubaldo Madeira, Antonio Nascimento e Eduardo Vellozo. Editor Assis Boyd.

Suspendeu a circulação aos 6 de outubro, reaparecendo, aos 20 do mesmo mez, sob a redacção exclusiva de Ubaldo Madeira e Assis Boyd, os quaes assignaram termo de responsabilidade para sua publicação, no dia 28.

Apresentou-se, aos 14 de dezembro, sob a redacção de Osório Sousa.

Paralyzou a publicação, novamente, tornando á luz em 9 de janeiro de 1913. Nesse anno, após longo tempo de ausencia, reapareceu em 9 de novembro, tendo como director responsavel — «*Dr. Sabe Tudo*», e como redactores — «*Rapazes Serios*».

Depois de nova suspensão de publicidade, resurgiu aos 3 de maio de 1914, sob a direcção de Therencio José da Rosa, que assignou novo termo de responsabilidade, aos 6 de junho.

Desappareceu em 1914, sendo substituido pelo — «*Bezouro*».

Circulava semanalmente.

Tinha quatro paginas de tres columnas e formato de 197X300 m/m. Sofreu as seguintes alterações:— para 225X306 m/m, com quatro columnas, aos 20 de outubro de 1912; para 168X265 m/m, a tres columnas, aos 9 de novembro de 1913; e para 181X247 m/m, a tres columnas, aos 3 de maio de 1914.

250.— RIO PARDO.— Villa do Rio Pardo.— *Typ. do Rio Pardo*.— O primeiro numero saiu a 8 de setembro de 1912.

Periodico imparcial e organ do Centro Amor e Trabalho, e tendo como programma a defesa dos interesses do municipio.

Dirigido pelo dr. Augusto Botelho, que, pouco depois, deixou a direcção por ter sido nomeado juiz de direito da comarca de Marechal Hermes, sendo substituido pelos drs. Altair Rios e Waldemar Pereira, que se retirou da redacção aos 24 de outubro de 1913.

Gerente Ernesto von Randow.

Publicava os actos officiaes do Governo Municipal, tornando-se, em 1914, propriedade da municipalidade.

Quatro paginas de 210X300 m/m, a quatro columnas.

Publicação dominical.

Assignatura annual 6\$000 rs., e semestral 4\$000 rs. Avulso 200 rs.

251.— O BOTÃO.— Capital — *Typ. Brasil*; *Typ. do Diario*.— Periodico humoristico e critico, propriedade de *dous ex-gymnasianos*.

Surgiu aos 29 de setembro de 1912, sob a responsabilidade de Francisco Vieira de Oliveira, tambem redactor-chefe, que assignou o respectivo termo aos 5 de outubro.

Saía aos domingos e deu poucos numeros.

Quatro paginas de 168X284 m/m, a tres columnas. O formato foi modificado no numero 2, para 168X260 m/m, e no numero 3, para 223X335 m/m, a quatro columnas.

252.— O TELEPHONE.— Capital.— 1ª Phase.— *Typ. Modelo*.— Appareceu aos 27 de outubro de 1912.

Apresentava-se como — «órgão de moços de família» — tendo como divisa — «bulir sem machucar» e «brincar sem offender».

Os seus redactores eram : Antéro Gonçalves, Edmundo Nascimento, Gastão Rouback, Jayme Dias e outros.

Cabeçalho allusivo ao título.

Saía aos domingos.

Quatro paginas de 280X425 m/m, a cinco columnas no primeiro numero, e quatro do segundo em diante.

O numero avulso custava 100 rs.

Illustrado e impresso com tinta de côr.

Deu o nº 24, ultimo, a 27 de abril de 1913.

2ª Phase.— *Typ. Samorini & Cia.*— Iniciou-a em 7 de novembro de 1920, sob a direcção de Epaminondas Martins.

Literario, humorístico, noticioso e esportivo.

Publicação dominical.

Preço 100 rs.

Quatro paginas de 282X420 m/m, a cinco columnas.

Devido á falta de papel, esse formato foi modificado, a 21 do mesmo mês, para 225X320 m/m, com quatro columnas.

Durou pouco.

253.— A ESTRELLA.— Cachoeiro do Itapemirim.— *Typ. da Estrella.*— Apareceu aos 10 de novembro de 1912, promettendo ser — «simples e unicamente uma modesta publicação de letras e de pequenas informações sociaes ou publicas de immediato interesse de nosso desenvolvimento».

Propriedade de Durval de Oliveira.

Collaboração de João Motta e outros.

Circulava semanalmente.

Tinha quatro paginas de 170 X 253 m/m, a tres columnas, a principio, e depois, a duas.

Assignatura mensal 500 rs.

254.— A RÉ-PUBLICA.— Cariacica.— Apareceu a 10 de novembro de 1912.

Orgam critico e homorístico, redigido por Manoel Carvalho e Emiliano dos Anjos.

Quatro paginas de 130 X 205 m/m, a duas columnas.

Pouca duração.

1913

255.— MUQUYENSE.— S. João do Muquy.— *Typ. do Muquyense.*— Orgam Republicano, filiado ao Partido Republicano Espirito Santense.

O primeiro numero surgiu aos 5 de janeiro de 1913, sob a direcção do cel. Geraldo Vianna, e gerencia de Luiz Siano.

Collaboradores *diversos*.

Gerencia commercial, em janeiro de 1918, estava a cargo do major Alexandre Alves Martins.

Em 1925, era gerente o sr. Alcides Vianna.

Publicação dominical.

Quatro paginas de cinco columnas e formato de 280 X 400^m/m.
Assignatura: 10\$000 rs. annuaes, para a villa; e 12\$000 rs., para o interior.

256.— DIARIO DA MANHÃ.— Capital.— *Empresa Jornalista de Victoria*; *Typ. do Diario da Manhã*; *Imprensa Estadual*; *Typ. do Diario da Manhã*.— O n.º 73 (primeiro) appareceu em 18 de março de 1913 e declara que a nova phase que iniciava — «não importa em solução de continuidade na orientação mantida pela folha que o precedeu e sim apenas uma alteração meramente administrativa, por encontrar-se pertencendo a novo proprietario».

Orgam do Partido Republicano Constructor do Estado; em 1921, passou a declarar-se «orgam official do Estado».

A redacção compunha-se dos drs Deoclecio Borges, director; Carlos Xavier Paes Barreto, redactor-chefe; José Sette, redactor-secretario; e Targino Neves, redactor-gerente.

Administrador das officinas Manoel Antunes de Oliveira.

Propriedade da *Empresa Jornalística de Victoria*, em virtude do contracto de arrendamento que firmara com o Governo Estadual, aos 5 de maio de 1913.

Aos 13 de março do mesmo anno, o dr. José Sette contractou com o Estado para a execução do art. 1º da lei n.º 879, de 27 de dezembro do anno anterior, que autorizara ao Governo do Estado — «a auxiliar com a quantia de doze contos de réis annuaes, ao jornal, que se obrigar a instituir o serviço de Expansão Economica, fazendo a propaganda dos productos do Estado, tratando dos interesses dos municipios, por meio da mais larga propaganda de seus elementos de vida e riqueza e cuidando dos interesses da lavoura, commercio e industria» — ficando o jornal, que contractasse este serviço, «obrigado a publicar os debates do Congresso, diariamente, durante os mezes das sessões e a publicar em volumes, os mesmos debates».

Iniciou, aos 25 do mesmo mez, uma serie de recepções.

Os dr. Targino Neves e José Sette retiraram-se da redacção em 19 de junho, sendo substituidos, aos 22 do mez seguinte, pelo cel. Francisco Barbosa de Sousa e dr. Washington Pessôa.

A 12 de dezembro, tendo o dr. Deoclecio Borges renunciado os cargos de director do jornal e presidente da Empresa, foram eleitos pelos accionistas, o cel. Manoel Pereira Borges, director, e dr. Carlos Xavier, presidente.

Aos 17 do mesmo mês, entrou para o seu corpo redactorial o dr. Ulysses Costa (redactor-secretario), que delle deixou de fazer parte ao se retirar para Florianopolis, em 19 de junho de 1914.

Começou a ter como redactor gerente, aos 26 de maio desse ultimo anno, o sr. Claudio Borges; e, em junho, entrou para sua redacção o dr. Luiz Americo de Freitas.

Em 1915, foram installados em suas officinas tres linotypos.

Em fevereiro desse anno, de mutuo accordo, o Governo rescindiu o contracto de arrendamento do *Diario*, assim como o da publicação dos actos officiaes, e debates e annuaes do Congresso, passando o Estado a mantel-o por sua conta, sendo, pelo decreto n.º 2002 de 17 de

fevereiro, reorganizados os seus serviços, os quaes ficaram sob a superintendencia da Directoria do Interior e Justiça.

Continuou o dr. Carlos Xavier a exercer a chefia da redacção, passando a direcção, a contar de 19 do citado mês, a estar a cargo do dr. Archimimo Mattos, que, em 1916, foi substituído pelo professor Elpidio Pimentel.

A 7 de janeiro de 1918, nomeou o governo, para o logar de gerente o sr. Christiano Dias Lopes. Era auxiliar da gerencia o sr. Eugenio Augusto Sousa.

Nesse anno estiveram a direcção e redacção entregues a Luiz da Fraga Santos, tendo como auxiliares — Manoel Ferreira, reporter; Adolpho Fraga, Aurino Quintaes, Francisco Escobar Filho, João Motta e Silva, João Bastos e Arabello Lellis Horta, revisores.

As diversas secções das officinas tinham como chefes — Olympio Passos, da de composição; Victor Cardoso, da de obras; Umberto Cavallini, da de machinas; e José Francisco de Souza, da de expedição.

Em abril, entrou para a redacção o dr. José Sette, e, em 15 de maio, della retirou-se o pharmaceutico Adolpho Fraga, por ter de assumir as funcções de Prefeito Municipal da cidade da Serra, para as quaes fora eleito.

Em 1919, a direcção foi exercida pelo dr. José Sette, auxiliado pelos srs. dr. Arabello Lellis, dr. Aurino Quintaes e Clovis Nunes, redactores; Escobar Filho, reporter.

Aos 13 de abril de 1920, é tornapo effectivo no cargo de gerente, o sr. Eugenio Augusto Sousa, que o vinha exercendo interinamente.

Suspendeu a publicação, aos 26 de maio, por motivo dos acontecimentos politicos occorridos com a successão presidencial, reaparecendo em 7 de junho do mesmo anno. Nesse mês, retiram-se da redacção os srs. dr. Aurino Quintaes, Sylvio Rocio e Romulo Serrano; assume a chefia da mesma o dr. Aristeu Borges de Aguiar; e para ella entra, em 28, como reporter o sr. João Bastos Vieira.

No dia 24 do mês seguinte, o sr. Sezefredo Rezende assume o logar de redactor-secretario.

Estava como gerente o sr. Hurano Séllos.

Em virtude do artº. 19, da lei nº. 1253, de 28 de dezembro, o decreto nº. 4440 regulamentou os serviços da Imprensa Estadoal, sendo creados os logares de Redactor-chefe e Director Commercial, encarregados da sua direcção.

O dr. Aristeu Borges de Aguiar despediu-se do *Diario* em 7 de julho de 1921, assumindo a chefia da redacção o dr. Raymundo José Guterres, que fôra nomeado redactor-chefe pelo decreto nº 4449, do dia primeiro. No mesmo dia 7, retirou-se tambem da redacção o dr. Kosciuszko Leão, que vinha exercendo as funcções de redactor-secretario. Para a direcção commercial, o citado decreto designou o sr. Hurano Séllos.

Em novembro de 1921, era a seguinte a sua redacção :— Sezefredo Rezende, redactor-chefe; Francisco Escobar Filho, redactor-secre-

tario ; dr. Aurino Quintaes e Romulo Serrano, redactores ; Octacilio Lomba, reporter. Havia se retirado da redacção o sr. Romeu Castello. Em 1922, apresenta, além dos mencionados, como redactores os srs. Arnaud Mello e dr. Adolpho Fraga.

No dia primeiro de janeiro de 1922, realizou-se a inauguração official das suas novas officinas, installadas no pavimento terreo do edificio em que funciona a Secretaria da Instrucção, no local da antiga Igreja de S. Thiago.

Nessa occasião foram baptisadas duas novas machinas lino-typos «Typograph», servindo de paranymphos os srs. cel. Augusto Calmon Nogueira da Gama e professor Aristides Freire.

Em sua nova installação, feita por iniciativa do exmo. sr. cel. Nestor Gomes, d. d. Presidente do Estado, grandemente auxiliado pelo exmo. Secretario da Agricultura, cel. Vicente Peixoto, que dirigiu todos os trabalhos necessarios, possui a Imprensa Estadoal — officinas de obras e do jornal perfeitamente aparelhadas e amplas ; secção de machinas, dotada com as mais aperfeiçoadas ; officinas de encadernação e pautaão ; além de sala de visitas, de espera, gabinetes do Redactor Chefe e do Director Commercial e sala de Redacção, luxuosamente mobilados.

Em 11 de janeiro de 1923, o sr. Sezefredo Garcia de Rezende foi removido, pelo decreto nº. 5155, para o cargo de Director da Secção do Expediente da Secretaria da Fazenda, sendo nomeado, para substituil-o, na chefia da redacção do *Diario*, o dr. Gumerindo de Souza Mendes.

Pelo decreto nº. 6372, de 1º de outubro de 1924, foi revogado o decreto nº. 4440, de 28 de junho de 1921, que regulamentou a Imprensa Estadoal, sendo o Governo autorizado a arrendar as officinas da extincta Imprensa Estadoal. No mesmo dia 1º de outubro, foi assignado o contracto de arrendamento das officinas aos srs. dr. Marcondes de Souza Junior e Heitor Santos, passando á direcção e administração dos arrendatarios, na mesma data, todos os serviços, officinas e mais dependencias da extincta repartição.

O arrendamento foi feito pelo praso de cinco annos, pelo preço de um conto de réis mensal, obrigando-se os arrendatarios, constituidos em sociedade commercial a publicar o jornal «Diario da Manhã» que «será vehiculo de publicação de todos os actos officiaes do Governo, mediante a contribuição mensal de seis contos de réis. . . . (6:000\$000) pagavel até o dia cinco (5) de cada mez seguinte ao vencido ; e a — «expedir o «Diario da Manhã» a todos os funcionarios publicos estadoaes, quer na Capital quer no interior, até a quantidade de mil (1000) exemplares, pagando o Governo a importancia de dois contos de réis (2:000\$000) mensaes, sendo que a respectiva cobrança das assignaturas continuará a cargo Secretaria da Fazenda, como o é actualmente.» De accordo com a clausula 6ª, «o Governo designará um redactor e um revisor para o «Diario da Manhã» os quaes se incubirão dos actos e noticias officiaes. Esses funcionarios serão pagos pelo Governo tendo o redactor a faculdade de impedir a publicação de qualquer materia inconveniente aos interesses do Estado.» Pela clausula 9ª «O Diario da Manhã» perderá o character de orgão

exclusivamente official, podendo ser editado como qualquer órgão de opinião publica, respeitadas as disposições da lei de Imprensa e ressalvado o estatuido na clausula sexta deste contracto».

Em virtude desse arrendamento, deixaram, a 1 de outubro, os cargos que occupavam na redacção os srs. drs. Ernesto da Silva Guimarães, Aurino Quintaes e Adolpho Fraga. Deixou, na mesma occasião, o logar de director commercial o sr. Hurano de Séllos.

O dr. Ernesto da Silva Guimarães foi nomeado redactor dos actos officiaes, interinamente, pelo decreto nº 6378, de 2 de outubro, sendo depois substituido pelo dr. Oswaldo Poggi, ao ser nomeado juiz de direito da comarca de Anchieta.

Foram convidados pelos arrendatarios, para a nova direcção do *Diario*, os srs. drs. Carlos Xavier Paes Barreto, redactor-chefe, José Sette e Ubaldo Ramalhete, redactores.

Aos 31 de janeiro de 1926, realizou-se a inauguração da nova machina de impressão roto-plana «Duplex Press», dos fabricantes Buhler Irmãos, de Unzwall, Suissa, especialmente fabricada para o *Diario*. Essa machina imprime, em uma hora, seis mil exemplares, dobrando, colando, numerando e cortando as paginas. Foi montada pelo mecânico José Sgai, vindo do Rio, especialmente, para esse fim. Tomou o nome do dr. Florentino Avidos, presidente do Estado.

Aos 3 de maio, o dr. Carlos Xavier Paes Barreto deixou a chefia da redacção, em virtude de considerar incompativeis as funcções de desembargador do Tribunal Superior de Justiça, para as quaes havia sido nomeado, com «a redacção effectiva de um jornal que por circumstancias de momento, pode tornar-se arma de combate».

Assumio a chefia da redacção o dr. José Sette.

Assignaturas : anno 18\$000 rs. para a capital e interior do Estado ; e 25\$000 rs. para o exterior. Avulso 100 rs. As assignaturas foram alteradas, aos 8 de março de 1914:— anno 18\$000 rs. e semestre 10\$000 rs , dentro do Estado ; anno 20\$000 rs. e semestre 12\$000 rs., para fóra do Estado. De accordo com a lei nº 1264, de 31 de dezembro de 1920, o preço das assignaturas foi modificado para 24\$000 rs annuaes, ou seja á rasão de 2\$ por mês, quando tomadas de menos de um anno.

Augmentadas, fina'mente, para 36\$000, o anno, e 20\$ o semestre ; avulso 200 rs.

Quatro paginas de 440X613 m/m, a sete columnas. Soffreu as seguintes modificações :— no dia 8 de março de 1914, principia a ser impresso em oito paginas de quatro columnas e formato de 278X430 m/m ; no mesmo anno, volta a ter quatro paginas de seis columnas e formato de 415X600 m/m ;— em 27 de agosto, por falta de papel no mercado do Rio de Janeiro, devido á Guerra, diminuiu para cinco columnas e formato de 342X496 ;— em 1915, formato de 417X595 m/m, a seis columnas ;— a 6 de fevereiro de 1918, por motivo de se achar em concerto a machina impressora, formato de 345X500 m/m, a cinco columnas ;— pouco depois, 335X500 m/m, a seis columnas ;— em abril do mesmo anno de 1918, passa a sete columnas e formato de 395X610

m/m ; finalmente em 21 de setembro de 1920, principia a circular com oito a doze paginas de cinco columnas e formato de 283X430 m/m. Em 31 de janeiro de 1926, — formato de 395X570 m/m, com 7 columnas.

Mantém amplo serviço telegraphico.

Collaboradores: — dr. Aristeu Aguiar, Manoel Ferreira, prof. Elpidio Pimentel, que nelle publicou parte de suas — *Postillas Pedagogicas*, posteriormente compaginadas em livro ; prof. Amancio Pereira, que nelle estampou varios capitulos dos volumes ineditos de seu livro *Homens e Cousas Espirito Santenses*, revivendo factos e tradições do passado ; dr. Adolpho Fraga, dr. Carlos Xavier Paes Barreto, que em suas columnas defendeu com documentação farta, o direito espirito-santense á margem sul do Mucury, estudo reunido já em volume ; dr. Aurino Quintaes, cel. Augusto Calmon, João Bastos Vieira, dr. Azevedo Pimentel, Hermano Brunner, dr. Affonso Claudio, dr. Affonso Lyrio, Plinio Andrade, Abilio de Siqueira, dr. J. J. Bernardes Sobrinho, dr. Henrique de Novaes, com excellentes artigos sobre *Viação Espirito-Santense* ; profr^a. Maria Stella de Novaes, dr. Abner Mourão, Escobar Filho, dr. Aristoteles da Silva Santos, dr. Alarico de Freitas, Audifax Aguiar, dr. Mirabeau Pimentel, Sezefredo Rezende, Antonio Tinoco, Aristobulo Leão, dr. Jair Tovar, dr. Climerio Borges, dr. Antonio Araujo Aguirre, que nelle publicou, em primeira mão, o seu livro — *Em Plena Floresta*, em que descreve os nossos indios, e as nossas mattas ; Alvaro Moreira de Sousa (Saul de Navarro), dr. Fernando Rabello, Clovis Nunes, dr. Kosciuszko Leão e outros.

257. — O ECHO. — Villa do Itapemirim. — *Typ. Martins*. — Organ independente, apparecido aos 20 de abril de 1913.

«Não pertencendo a nem um dos partidos politicos militantes», disse no primeiro numero», procuramos nos alistar entes os fieis e denodados combatentes em pról da causa publica, para o que contamos com o nucleo, embora pequeno, de homens que a troco de qualquer sacrificio tem sabido manter-se em justo equilibrio moral.»

Director: J. Pires.

Tinha quatro paginas de quatro columnas e formato de 205X290 m/m.

Publicação dominical.

Preço das assignaturas: 6\$000 rs. o anno, e 4\$000 rs. o trimestre. Numero avulso 200 rs.

258. — A SEMANA. — S. Pedro do Itabapoana. — *Typ. d' A Semana*. — Organ de propaganda da lavoura, politico e noticioso, e jornal official do municipio, filiado ao P. R. E. S.

Dêu o primeiro numero aos 3 de maio de 1913.

Publicação semanal (domingos).

Redactorado pelo dr. Licio Carneiro, auxiliado por Maximo Tebaldi

Em novembro de 1916, apresentou-se sob a redacção de diversos.

Gerente e chefe das officinas João Mauricio de Almeida.

Em 1920, assumiu a direcção politica e literaria o dr. Vicente Caetano.

Passou, ao depois (1925 ?), á direcção do dr. José Vieira Tatagiba, e gerencia de José Gonçalves Tiradentes, substituído (1926) pelo sr. Belisario Lima.

Interrompeu a publicação durante um mês, reaparecendo, em setembro de 1926, sob a gerencia da professora Maria Antonietta Tatagiba.

Propriedade da municipalidade.

Formato de 273X413 ^m/m, modificado, successivamente para 264X400 ^m/m, e 280X405 ^m/m. Quatro paginas de cinco columnas.

Tiragem, em 1920, 800 exemplares.

Assignatura annual 8\$000, augmentada, depois, para 10\$000, e, actualmente (1926) para 12\$000.

Collaboradores: Carlos Mattos, Grinalson Medina, dr. Francisco Climaco Feu Rosa, Octaviano Ramos, Maria Antonietta Tatagiba e outros.

259. — PROGREDIOR. — Capital. — *Typ. Brasil.* — Folha de propaganda commercial, literatura, esportes, critica e humorismo, cujo primeiro numero saiu aos 23 de maio de 1913.

Era seu proprietario o cel. Alfredo Mello e estava sob a direcção e gerencia de Julio Xavier.

Publicação quinzenal.

Distribuição gratuita.

Tiragem 10.000 exemplares.

Quatro paginas de 280 X 385 ^m/m., a cinco columnas.

A 1º de setembro passou a ser propriedade de Adolpho Borges Galvão, deixando então de ser gratuito e começando a sair semanalmente.

Avulso 100 rs.

Apresentou-se, aos 8 de dezembro, como jornal independente, literario e noticioso, assignando, a 23 do mesmo mez, o seu proprietario o termo de responsabilidade para a sua publicação.

Collaboradores: Americo Bithencourt, Andrade Pinheiro, Elpidio Pimentel, Heraclito Pereira, Oskar Araujo, Benevides L. Barbosa, dr. Oswaldo Poggi, Amancio Pereira e outros.

260. — O AFFONSO CLAUDIO. — Cidade de Affonso Claudio. — *Typ. d'O Affonso Claudio.* — O primeiro numero deste jornal literario, noticioso e politico, filiado ao P. R. C. Espirito-Santense, circulou em 25 de maio de 1913

Publicação semanal.

O corpo de redacção compunha-se: — dr. Samuel Chaves, redactor-chefe; cel. José Cupertino Figueira Leite, redactor-gerente; e cel. José Giestas, director.

Era propriedade do ultimo, porém, no anno seguinte, começou a pertencer ao cel. José Cupertino.

Occupava a chefia das officinas o sr. Carlos Campos Junior, que, em junho de 1914, passou a gerente, sendo substituído, no anno de 1915, pelo sr. Emygdio Xavier.

Suspendeu a publicação de 3 de outubro de 19 de dezembro do mesmo anno de 1915.

Em 1917, estava sob a direcção do dr. Mirabeau Pimentel, auxiliado pelos drs. Carlos de Freitas e Manoel Beiriz.

Em 1924, compunha-se a redacção dos srs. drs. Lourival de Almeida (red-chefe), Asdrubal Soares (secretario), e Alvaro Castello (gerente)

Tornou-se (1925?) de propriedade e redacção do dr. Alvaro Castello.

Em 1926, compunha-se a redacção dos srs. dr. Alvaro Castello (director e proprietário), Emygdio Xavier (red.-secretario), Moacyr Pazzini (red.-gerente).

Nesse anno a publicação esteve suspensa por falta absoluta de um typographo.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 200 X 320 m/m augmentado depois, para 222 X 320 m/m.

Assignaturas: 6\$000 rs. o anno, e 3\$000 rs. o semestre, para o municipio; 8\$000 rs. o anno, para fóra. Avulso 200 rs.

Em 1924, a assignatura annual era de 10\$000, o semestre 5\$500 e o numero avulso custava 100 rs. Em 1926, anno 12\$000 rs. semestre 6\$000 rs.

261.— ALVORADA.— Capital.— *Empresa Jornalística da Victoria*. — Periodico literario, recreativo e noticioso, apparecido a 8 de junho de 1913, sob a redacção de Maria Leonidia Pereira e Heraclito Pereira.

«O periodico que hoje publicamos», disse o nº inicial; «não alimenta senão o desejo de abrigar em suas columnas as produções literarias da mocidade de ambos os sexos, muitas das quaes serão, talvez, os prenuncios de uma radiosa mentalidade ainda na alvorada. «Não nos domina outra ambição que a de animar os que principiam a caminhar, assim como nós, na larga estrada das letras, pois que o amparo mutuo será um vinculo que, nos ligando, torne a mocidade de hoje unida, tendo por unico phanal a Patria. A «Alvorada» bane de seu seio as discussões sem utilidade, as referencias pessoas, não tem cõr politica, procurando ser, exclusivamente, literario, recreativo e noticioso. «Seguirá o roteiro traçado sem um ceítíl de desanimo que, agermanado á indifferença, vem sempre tolher a marcha das melhores tentativas».

A primeira pessoa que leu o numero inicial, antes de sua distribuição ao publico, foi o propecto professor Aristides Freire.

Publicação dominical illustrada.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 255X340 m/m.

As assignaturas obedeciam ás seguintes condicções :— trimestre 2\$000 rs.. para fora da capital; para a capital, o mês 500 rs. e o trimestre 1\$500 rs. Avulso 100 rs.

Tiragem 800 exemplares.

Collaboradores :— professor Aristides Freire, dr. Affonso Claudio, dr. Americo Ribeiro Coelho, prof. Amancio Pereira, Francisco Rufino (Jules Granval), Adolpho Borges Galvão, Benevides L. Barbosa, Jayme Moniz (Erik), Americo Bittencourt, Marietta Carvalho, dr. Alonso Oliveira (Hercilio Herrera), prof. Placidino Passos, dr. Horacio Nunes, prof. Elpidio Pimentel, José Carvalho, e outros.

Publicou o nº 6, ultimo, aos 14 de julho de 1913.

262.— O ESTUDANTE.— Capital.— *Typ. do Diario da Manhã*.— Veiu á publicidade aos 13 de julho de 1913.

Estava sob a redacção de Lafayette Valle, Francisco Escobar Junior, Carmine Gelio e Manoel Marcondes.

Possuia quatro paginas de duas columnas e formato de 125X205 ^m/m.

O numero avulso custava 100 rs.

Publicação quinzenal.

Circulou sómente duas vezes.

263.— O IMPARCIAL.— Villa de S. José do Calçado.— *Typ. Soares*.— Saiu o primeiro numero a 3 de agosto de 1913, sob a gerencia de Domingos Soares.

Publicação dominical.

Orgam official do Governo Municipal.

Collaboradores *diversos*.

Depois de pequena interrupção, reapareceu em abril de 1915, debaixo da gerencia de José da Costa Lisbôa, direcção de Mario Lopes de Rezende, e redacção do dr. Luciano Irêrê, substituído, mais tarde, pelo sr. Christiano Dias Lopes.

Retirando-se, em 17 de junho de 1916, da direcção o sr. Mario Rezende, foi substituído pelo dr. Astolpho Virgílio Lobo, ficando então a redacção composta do p^e Bianor E. Aranha e Christiano Dias Lopes, substituído, depois, pelo dr. Cassiano Cardoso Castello.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 228 X 315 ^m/m, augmentado, depois, para 260 X 370 ^m/m, a cinco columnas.

As assignaturas custavam 10\$000 rs. o anno, e 2\$500 rs. o trimestre ; em 1914, porém, passaram a ser 8\$000 rs. o anno e 5\$000 rs. o semestre. Avulso 200 rs.

Propriedade do cel. Theophilo Virgílio Lobo.

264.— A TRIBUNA. — Capital.— *Sociedade de Artes Graphicas*.— O primeiro numero é datado de 12 de setembro de 1913.

Publicação diaria vespertina.

Orgam politico filiado ao Partido Republicano Conservador.

«Absolutamente identificada com os mais caros interesses do Espirito Santo e com as suas justas e mais nobres aspirações de progresso e grandesa, consagrar-se-á decididamente á defesa dos seus direitos e abraçará as causas publicas, quando inspiradas nos legitimos direitos do povo. A serviço do Partido Republicano Conservador, apoiará o Governo do Estado, prestando-lhe todo o concurso de que fôr capaz, defendendo com intransigencia a ordem constituida e as liberdades publicas». (n^o 1^o).

Proprietario e director-responsavel dr. Ubaldo Ramallete Maia. Redactores : dr. Americo Ribeiro Coelho, José Francisco da Silva, dr. Aristoteles da Silva Santos e Alvaro de Castro Mattos, que tambem exercia a gerencia Em dezembro, entra como gerente o sr. Alcino Leal.

Quatro paginas de 337 X 514 ^m/m, a seis columnas.

Assignaturas — 12\$000 rs., o anno ; 6\$000 rs. o semestre.

Avulso 100 rs.

O ultimo numero saiu a 7 de março de 1914.

Entre seus colaboradores, achava-se o prof. Amancio Pereira, que nelle publicou, a partir de outubro, as ephemerides espirito-santenses, sem faltar um unico dia.

264.— A ENCRENCA.— Anchieta.— *Typ. d'A Encrenca*.— Periodico, noticiario, abelhudo e humoristico.

Surgiu aos 11 de novembro de 1913, sob a redacção de «Zé Innocente» e «Chico Choco».

Publicava-se aos domingos e assignava-se na rasão de 2\$000 rs. por semestre, e 1\$000 rs. o trimestre. Avulso 100 rs.

Quatro paginas de duas columnas e formato 125X180 m/m.

Deu sómente tres numeros, circulando, pela ultima vez, aos 14 de dezembro.

1914

265.— VICTORIA ILLUSTRADA.— Capital.— *Sociedade de Artes Graphicas*.— Sahiu o primeiro numero a 1 de janeiro de 1914.

Revista quinzenal, sem côr politica.

Redactor-proprietario Francisco Barbosa de Souza.

Tinha 22 paginas de texto, além das de annuncios e de capa, e formato de 188X255 m/m, a duas columnas.

Assignaturas : 15\$000 rs. o anno, 8\$000 rs. o semestre. Avulso 300 rs.

O nº 5, que foi distribuido a 3 de junho, com a data de 23 de maio, tem 42 paginas, além da capa, e formato de 149 X 225 m/m. Nesse numero, a assignatura é alterada para 10\$000 rs. annuaes, e o numero avulso para 400 rs.

Collaboradores : dr. Carlos Xavier Paes Barreto, dr. Manoel Xavier, dr. Washington, dr. Americo Ribeiro Coelho, dr. Ulysses Costa, Demosthenes Magalhães, prof. Amancio Pereira, Jayme Dias do Valle, dr. Xenocrates Calmon, Durval Moraes.

Deu sómente cinco numeros.

266.— CARNAVALESCOS ? — Capital.— *Sociedade de Artes Graphicas*.— Apareceu entre 22 e 24 de fevereiro de 1914, trazendo escriptos adequados ao carnaval.

Numero unico impresso a cores em quatro paginas de duas columnas, e formato de 187 X 285 m/m.

267.— O OPERARIO.— Capital.— *Typ. do D. da Manhã*.— Hebdomadario critico, literario e noticioso que circulou pela primeira vez aos 22 de março de 1914.

Esteve sob a direcção de Francisco Tagarro, até 28 do mesmo mez, quando passou a ser dirigido pelos srs. Conrado Vasconcellos e Antonio Baêta Filho, que assignaram, aos 10 de junho, o termo de responsabilidade para sua publicação.

Defendia «a causa popular e do operariado».

Quatro paginas de tres columnas e formato de 247 X 188 m/m.

Numero avulso 100 rs.

Durou quasi um anno.

268.— A INTEGRADORA.— S. Pedro de Itabapoana. — Organ de propaganda da «Sociedade Dotal Integradora» daquela cidade.

Surgiu aos 8 de abril de 1914.

Publicação mensal.

Tiragem 10.000 exemplares.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 163 X 274^m/m.

269.— RIO NOVENSE.— Rio Novo.— *Typ. do Rio Novense*.—

Periodico politico, literario e noticioso.

Appareceu aos 3 de maio de 1914.

Defendia o partido situacionista e estava sob a direcção politica do cel. Carlos Gentil Homem, e redacção do prof. Bráulio de Miranda Franco, red.-chefe, e major Francisco Lacerda, secretario.

Era propriedade de Joaquim Pires Martins, tambem seu gerente.

Publicava os actos do governo municipal.

Tinha quatro paginas de 205 X 290^m/m, a quatro columnas.

Assignatura annual 8\$000 rs.; semestral 5\$000 rs. Avulso 200 rs.

270.— O BINOCULO.— Rio Novo.— *Typ. do Rio Novense*.— Saiu aos 7 de maio de 1914, sob a redacção de João Francisco da Costa, Joaquim Belisario Drumond e Renato Gomes Alves.

Assignatura mensal 500 rs.

Quatro paginas de 103 X 185^m/m, a duas columnas.

271.— O ABELHUDDO.— Capital.— *Sociedade de Artes Graphiccas*.— Semanario, humoristico, literario e noticioso.

O numero inicial surgiu aos 23 de maio de 1914, e o ultimo, numero 6, saiu aos 28 de junho. Illustrado.

Redigido pelos typographos da *S. de Artes Graphiccas*.

Tinha quatro a seis paginas de 200 X 300^m/m, a tres columnas nos dois primeiros numeros, e duas nos ultimos.

Avulso 100 rs.

Substituido pelo «*O Berro*».

272.— O SANTA THEREZA.— Santa Thereza.— *Sociedade de Artes Graphiccas, de Victoria*.— Polyanthéa publicada em junho de 1914.

Quatro paginas de 296 X 440^m/m, a quatro columnas.

273.— O BERRO.— Capital.— *S. de A. Graphiccas*.— Semanario humoristico que succedeu ao «*O Abelhudo*».

O primeiro numero (setimo) circulou aos 5 de julho de 1914.

Publicação dominical.

Numero avulso 100 rs.

Quatro paginas de 270 X 364^m/m, com tres columnas.

274.— A CRISE.— Capital.— *Typ. «A Crise»*.— Revista semanal humoristica, cujo numero inaugural saiu aos 23 de agosto de 1914, tendo por programma «fazer rir sem fazer chorar a grammatica».

Estampava no cabeçalho:— «*Ridendo dicere vereem quid vetat?*»

Direcção e propriedade do dr. Aristoteles da Silva Santos e Sylvio Rocio.

Era composta em typographia propria e impressa nas officinas do *Diario da Manhã*.

Tinha 14 paginas de texto, além da capa de papel colorido.

Formato de 125 X 200^m/m, com duas columnas.

Numero avulso 200 rs.

Publicou seis numeros, dondo o ultimo aos 11 de outubro.

Collaboradores: Jesus Martins, Francisco Rufino, Alberto Guimarães, Mauricio Lorena, dr. Oswaldo Poggi, Oskar Araujo, Heraclito Pereira, e outros.

275.— O ATOMO.— Affonso Claudio.— *Typ. do A. Claudio.*— Hebdomadario bisbilhoteiro, critico, literario e recreativo.

Surgiu aos 29 de outubro de 1914, sendo publicado em dias indeterminados.

Suspendeu a publicação durante alguns dias, reaparecendo aos 8 de maio de 1915.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 183 X 257 ^m/m.

Avulso 100 rs. Assignatura da serie de dez numeros 1\$200.

276.— O BESOURO.— Capital.— *Typ. d'A Tarde.* — Periodico humoristico, noticioso e critico.

O primeiro numero tem a data de 8 de novembro de 1914.

Saiu em substituição ao *Raio*, sob a responsabilidade de The-rencio Rosa.

Quatro paginas de tres columnas e dimensões de 180 X 245 ^m/m.

Avulso 100 rs.

277.— A FITA.— Estação do Castello, municipio de Cachoeiro do Itapemirim.— *Typ. d'A Fita.* — Periodico literario, critico e noticioso.

Appareceu aos 22 (?) de novembro de 1914, sob a gerencia de José Sobreira.

Aos 11 de junho de 1915, declarou suspender, temporariamente, a publicação, em virtude de haver cedido o prélo para um grupo de moços que ia fundar um jornal em a cidade de Moniz Freire.

Promettia reaparecer breve.

Quatro paginas de 110X180 ^m/m, a duas columnas.

278.— ANNAES DO CONGRESSO DOS MUNICIPIOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.— Capital.— *Sociedade de Artes Graphicas.* — Publicação feita em 1914, dando conta dos trabalhos do Congresso dos municipios, reunido na capital do Estado, no periodo de 30 de maio a 2 de junho do mesmo anno.

Um volume de 100 paginas, formato de 90 X 165 ^m/m.

1915

279.— O PIMPÃO.— Capital.— Orgão critico, humoristico, pandego e noticioso, cujo primeiro e unico numero saiu aos 3 de janeiro de 1915.

Seria semanal. Preço 100 rs.

Quatro paginas de tres columnas, e dimensões de 167 X 265 ^m/m.

280.— A MOCIDADE.— Capital.— *Typ. d'A Tarde.* — Numero unico aos 6 de janeiro de 1915.

Folha literaria e illustrada do Gymnacio S. Vicente de Paulo,
em commemoração ao anno lectivo de 1914.

Epigraphes :—

«Vós, que buscaes a senda da esperança,
Entrae: aqui ha mundos luminosos
Num céo, que a mão, por mais pequena, alcança»,
Luiz Delfino

O Livro — esse audaz gueirreiro
Que conquista o mundo inteiro.

O livro caindo nalma
E' germen que faz a palma,
E' chuva que faz o mar.
Castro Alves

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.
Luiz Delfino

Variada collaboração firmada por Miguel Leão, Aristobulo Leão, dr. Kosciuszko B. Leão, dr. Affonso Lyrio, dr. João Lordello, lentes; e por diversos alumnos do estabelecimento.

Seis paginas de 335 X 507 ^m/m, a seis columnas.

281. — Os BOHEMIOS — Capital. — S. *Artes Graphics*. — Organ carnavalesco do Club Bohemios.

Circulou aos 14 de fevereiro de 1915.

Doze paginas, com duas columnas e formato de 150 X 275 ^m/m.
Papel de côr.

282. — O PIERROT. — Capital. — Organ do Pierrot Club.

Circula pelo Carnaval.

Distribuição gratuita.

Anno I. — N.º. 1. — Saiu em fevereiro de 1915.

Anno II. — N.º. 2. — Em março de 1916.

Anno III. — N.º. 3. — Em 1917.

Anno IV. — N.º. 4. — Em fevereiro de 1918.

Anno V. — N.º. unico (n.º. 5). — *Sociedade de Artes Graphics*. março de 1919. Quatro paginas de duas columnas e formato de 127 X 215 ^m/m.

Anno VI. — N.º. unico (n.º. 6). — Aos 15 de fevereiro de 1920.
Epigraphe: «Tudo nos une e nada nos espara». Quatro paginas de tres columnas, e formato de 167 X 275 ^m/m.

Anno VII — N.º. unico (n.º. 7). — Aos 6 de fevereiro de 1921.
Formato de 167 X 304 ^m/m, a tres columnas.

Anno VIII. — N.º. 1 (n.º. 8). — Em 28 de fevereiro de 1922.

Anno IX. — N.º. unico (n.º. 9) Em fevereiro de 1923.

283. — O SANTA IZABEL. — Santa Izabel. — (M. de Domingos

Martins). — *Typ. do Santa Izabel*. — O primeiro numero saiu aos 23 de maio de 1915, sob a gerencia de Clodoaldo Brandão.

Filiado em politica ao P. R. C. Espirito-Santense.

Quatro paginas de tres columnas, e formato de 200 X 265 ^m/m.

Assignaturas: anno 5\$000 rs., semestre 3\$000 rs., trimestre 2\$000 rs. Avulso 100 rs.

Propriedade de uma sociedade anonyma.

284. — POLYANTHÉA. — Capital — *S. Artes Graphicas*. — Publicada aos 23 de maio de 1915, em homenagem ao terceiro anniversario do Governo do cel Marcondes Alves de Souza.

Epigraphe: «Trabalha e Confia».

Na primeira pagina estampa o retrato do homenageado, tendo dos lados os dizeres. — «*Justum et tenacem*». — «*Impavidum ferient ruinæ*». — «*Vir bonus*». — «*Vir probres*».

Quatro paginas de tres columnas, e dimensões de 280 X 400 ^m/m.

Collaboração dos drs. Manoel Xavier Paes Barreto, Antonio Athayde, Washington Pessôz, Araujo Primo, Henrique O'Reilly de Sousa, José de Sá, Francisco de Cerqueira Lima, C. de Sá, A. M. de Oliveira e outros.

285. — A SOGRA. — Capital. — *Typ. d'A Tarde*. — Organ critico, pandego e noticioso.

Circulou pela primeira vez aos 23 de maio de 1915.

Saia aos domingos e datas nacionaes.

Gerencia de Benedicto Barbosa.

Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 165 X 235 ^m/m, com tres columnas.

Editou o n.º 10, aos 11 de junho, com o formato de 127 X 183 ^m/m, a duas columnas, e suspendeu a publicação. Reappareceu, a 26 do mesmo mez, tendo as dimensões de 152 X 210 ^m/m, com tres columnas.

286. — A NOTA. — Cachoeiro do Itapemirim. — Revista literaria, noticiosa e humoristica, sob a direcção de Manoel Ferreira e propriedade de *diversos*.

Circulou pela primeira vez em 1.º de junho de 1915.

287. — PAX. — Capital. — Polyanthéa publicada aos 11 de junho de 1915, em homenagem ás victimas do contestado, e distribuida á noite, no Theatro Melpomene, na festa de caridade, em beneficio das familias das mesmas.

Epigraphe: «*Charitas nunquam excidit*».

Quatro paginas de 230 X 320 ^m/m, a quatro columnas, em papel colorido.

Collaboração de Galba de Paiva, Collares Junior, Luiz Dinart, dr. Octavio Araujo, dr. Americo Ribeiro Coelho, Manoel Carvalho e dr. Antenor Coelho.

288. — PRO PATRIA. — Capital. — *Typ. Baldassari & Mora*; *Typ. Baldassari & Samorini*. — Organo del Comitato Pro Patria e della colonia italiana.

Surgiu em 17 de junho de 1915, sob a direcção de Giuseppe Baldassari.

Publicação bisemanal.

Distribuição gratuita.

Quatro paginas de 181 X 248^m/m, a tres columnas.

Em 1916, formato de 280 X 475^m/m, a tres columnas. Novas dimensões, em 1917, de 335 X 475^m/m, a quatro columnas.

Deu o n° 197, de 14 de junho de 1919, em formato especial e illustrado, em homenagem ao conde Alessandro Basdari, 1° embaixador da Italia no Brasil.

Trinta e duas paginas, além da capa, de 150 X 233^m/m, a duas columnas.

289. — ULTIMA DANÇA. — Capital. — *Typ. do Diario*. — Apareceu aos 19 de junho de 1915, para fazer o reclamo da fita cinematographica cujo nome lhe serviu de titulo.

Propriedade de uma sociedade anonyma.

Artes, letras, humorismo, etc.

Distribuição gratuita.

Quatro paginas de 214 X 325^m/m, a tres columnas.

290. — O PROGRESSO. — Capital. — *Typ. Baldassari & Mora*. — O primeiro numero datado de 4 de julho de 1915.

Semanario, literario, noticioso e critico.

Saia aos domingos.

Aos 18 do mesma mez, começou a circular quinsenalmente.

Em 25, tornou a ser hebdomadario.

Director proprietario Oscarlino Moraes, que assignara o termo de responsabilidade para a sua publicação, no dia 1° do mesmo mez.

Quatro paginas de 173 X 237^m/m, a tres columnas.

Numero avulso 100 rs.

Apareceu, pela ultima vez, aos 26 de setembro, (n° 13).

291. — A COLUMNNA. — Espírito Santo (Villa Velha). — *S. de Artes Graphicas, de Victoria* (n°s 1 a 4); *Typ. d'A Columnna*. — Semanario, literario e noticioso, editado, pela primeira vez, aos 8 de agosto de 1915, sob a direcção de Miguel Aguiar, e redacção de Arnaldo Barcellos, que foi substituido, aos 5 de outubro, pelo sr. Cleto Rodrigues, gerente Carino Duarte.

Não tinha política.

Deu o n° 3, aos 22 de agosto, e suspendeu a publicação, reapparecendo aos 7 de setembro (n° 4).

Assignatura trimestral 1\$000 rs. Numero avulso 100 rs.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 207 X 279^m/m, modificado, aos 7 de setembro, para 217 X 285^m/m. Aos 5 de outubro, começou a ser impresso em typographia propria, com o formato de 177 X 280^m/m.

292. — O TIMBUHY — Timbuhy, municipio de Fundão. — *Typ. Baldalssari & Mora*, de Victoria. — O primeiro numero foi publicado aos 8 de agosto de 1915, sob a direcção de Nelson Amorim.

Orgam literario, noticioso e humoristico.

Assignatura annual 12\$000 rs. e semestral 7\$000 rs. Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 140 X 210^m/m, a tres columnas.

293. — ESPÍRITO SANTO. — Moniz Freire. — *Typ. do Espírito Santo*. — O primeiro numero tem a data de 22 de agosto de 1915,

sob a direcção do dr. Vasco Andrade, redactor chefe, e Annibal Freire, redactor gerente, que passou, em 1916, a redactor secretario, sendo substituído na gerencia por Sebastião Rabello.

«O Municipio, o Estado, o Paiz — serão os tres marcos da nossa rota. Mostraremos sempre a imagem futura do municipio enriquecido pelo trabalho de seus filhos, do Estado forte e altivo no seio da Federação, de um Brasil de amanhã, glorioso, modelo de grandesa» (do 1º nº.).

Aos 3 de junho de 1917, deixou a redacção e direcção o dr. Vasco de Andrade, sendo substituído pelo dr. Augusto Lins, que teve como successor, no mesmo anno, o sr. Sebastião Rabello.

Propriedade da empresa *Andrade & Freire*, até maio de 1917, quando principiou a pertencer a Sebastião Rabello.

Publicação hebdomadario.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 240 X 310 m/m, modificado, em 1916, para 280 X 400 m/m, aumentando mais uma columna. Em 17 de junho de 1917, diminuiu para 240 X 345 m/m, a quatro columnas.

Assignaturas : 8\$000 rs. o anno, e 5\$000 rs. o semestre, augmentadas, respectivamente, em 1916, para 10\$000 rs. e 6\$000 rs.

Collaboradores : Arthur Guedes, Adelino Magalhães, Ivo d'Aquino, dr. Augusto Estellita Lins, Lamounier de Andrade, dr. Arthur Lustosa de Aragão, dr. Attilio Vivacqua, dr. Carlos Lomba, dr. Rodolpho Sá Aerp, dr. Arnaldo Medeiros, Rinaldo Sousa, Miguel Caldas, e outros.

294. — O CURIOSO. — Capital. — *S. de Artes Graphicas ; Typ. Coelho.* — (nº 8 em diante). — Organ critico, esportivo, humoristico e noticioso, redigido por *um grupo de senhoritas.*

Appareceu aos 12 de setembro de 1915.

Quatro paginas de 165 X 215 m/m, com tres columnas.

Assignatura semestral 2\$000 rs. Avulso 100 rs.

Circulava quinzenalmente.

Deu sete numeros e suspendeu a publicação, reaparecendo aos 25 de junho de 1916 (nº 8), com o formato de 145 X 220 m/m.

295. — A FLOR. — Capital. — *Typ. Baldassari & Mora* (1ª Phase) ; *Baldassari & Samorini.* — Periodico noticioso, humoristico e literario, cujo primeiro numero saiu aos 3 de outubro de 1915, sob a responsabilidade de Ornando Lyrio, que assignara, no dia anterior, o respectivo termo.

Redigido por Francisco Escobar Filho, Asdrubal Soares, Raulino Costa, Horacio Abreu e Lourival Almeida. A 16 de julho de 1916, começa a contar no seu corpo de redacção os srs. Edgard O'Reilly de Sousa e Durval Carvalho, que foi substituído, em 20 de agosto, pelo sr. Clovis Nunes.

Suspendeu a publicação em setembro de 1915, encetando a sua segunda phase aos 2 de julho do anno seguinte. Trouxe nessa occasião a divisa : — «*Labor omnia vincit.*»

Quatro paginas de tres columnas e formato de 173 X 242 m/m, augmentado, no comprimento, depois, para 250 m/m. Em 20 de agos-

o de 1916, o formato passa a 175 X 280 ^m/m, estabelecendo então o preço de 5\$000 rs. para a assignatura annual, 3\$000 rs. para a semestral, e 1\$500 rs. para o trimestre. Numero avulso 100 rs.

296. — O CORREIO. — Capital. — *Typ. do Novo Horizonte*, de Cariacica; *Typ. Baldassari & Samorini* (do nº 7 ao 10); *Typ. Coelho* (nº 11 em diante). — Orgam de assumptos postaes, literario e noticioso.

Viu a publicidade aos 15 de outubro de 1915, sob a direcção de Oscar Ribeiro Coelho e Manoel M. Aguiar, promettendo fazer — «com o maximo empenho, a defeza dos *interesses da classe e da collectividade*».

Editado quinzenalmente.

Quatro paginas de 180 X 270 ^m/m, com tres columnas.

Assignatura annual 3\$500 rs., semestral 2\$000 rs.

A 31 de março de 1916 (nº 10), começou a sair mensalmente, aumentando o formato para 253 X 370 ^m/m, a quatro columnas.

Nessa data, assumiu a gerencia o sr. Antenor Villas Boas.

Não circulou durante o mes de abril do mesmo anno, devido não ter a direcção acceitado a proposta de augmento do preço da impressão, feita pelos editores Baldassari & Samorini. Voltou á arena aos 23 de maio, sendo então editado pela *Typ. Coelho*. Principiou, então, nessa data, a publicar-se em forma de revista, com oito paginas de texto, além da capa, e dimensões de 154 X 237 ^m/m, a duas columnas. Pouco depois eram de 150 X 235 ^m/m.

Suspendeu a publicação com o nº 24, do mez de novembro de 1917, devido se achar doente um dos seus redactores.

297. — O SPORT. — Capital. — Periodico desportivo, noticioso e humoristico, orgam das sociedades desportivas da Victoria.

Circulou pela primeira vez aos 23 de outubro de 1915, sob a redacção dos srs. Antenor Coelho, Octavio Araujo e Americo Ribeiro Coelho.

Veu á arena para fazer — «a propaganda constante do desenvolvimento da cultura physica no Espirito Santo».

Saia aos sabbados.

Era illustrado.

Assignatura semestral importava em 5\$ rs. Numero avulso 100 rs.

Quatro paginas de 250 X 335 ^m/m, a quatro columnas.

Teve pouca duração.

298. — O MELPOMENE. — Capital. — *Typ. do D. da Manhã*. — Numero unico aos 24 de outubro de 1915.

Annuncios do theatro de igual nome.

Quatro paginas de tres columnas e dimensões de 214 X 287 ^m/m.

299. — O ACCIOLENSE. — Accioly de Vasconcellos, municipio de Pau Gigante. — *Typ. Baldassari & Samorini*. — Hebdomadario dedicado ao commercio e á lavoura.

Surgiu aos 24 de outubro de 1915, sob a direcção jornalística de Manoel A. E. Santo, e financeira de Felipe Raiser.

Redactores *diversos*.

Quatro paginas de 182 X 260 ^m/m com tres columnas.

Assignaturas: 6\$000 rs. o anno, 4\$000 rs. o semestre.

Avulso 100 rs.

300.— GYMNASIO ESPIRITO-SANTENSE. — Capital.— *Typ. Baldassari & Samorini* — Revista escolar ilustrada, cujo numero inicial (unico) appareceu a 1º de dezembro de 1915.

Tinha doze paginas de texto, uma especial com o retrato do cel. Marcondes Alves de Souza, então Presidente do Estado, além da capa, e formato de 185 X 275 ^m/m, a duas columnas.

Collaboração dos drs. Jonas Montenegro, Elias Tomasi, Luis Matteoli, pad. Camillo Loureiro Bento, Alcebiades Freire e de varios alumnos.

301.— O ESPIÃO.— Cachoeiro do Itapemirim.—Pequeno hebdomadario, redactorado pelo sr. Trophanes Ramos.

Appareceu no anno de 1915.

1916

302.— A LUZ.— São Pedro do Itabapoana.— Appareceu em janeiro de 1916.

Redactores dr. Argeu Coelho, pharmaceutico Antonio Coelho, Francisco Meira, e gerente Francisco Mauricio.

Estava em opposição á politica local e estadual.

303.— A ORDEM.— Capital.— *Typ. d'A Ordem*.— Jornal Republicano.

Appareceu aos 31 de janeiro de 1916, sob a direcção dos srs. dr. Ubaldo Ramallete Maia, redactor-chefe, dr. Aristoteles da Silva Santos, redactor-secretario, dr. Luiz Lindemberg, Luiz da Fraga Santos e José Francisco da Silva, redactores, e Sylvio Barreto Rocio, redactor-gerente.

«Jornal politico, a serviço do pujante Partido Republicano Espirito-Santense, este jornal estará sempre na estacada em defesa do programma desse partido, pugnando pelos direitos, pelo renome e pelo progresso do nosso Estado. Orgam republicano, defenderá com denodo todas as sãs iniciativas que tenham por objecto fazer a Republica querida e cada vez mais amada pelo povo brasileiro, profligando os erros e os maus processos politicos que nos aviltam, assim como estimulará a pratica dos verdadeiros principios do regimen e exaltará o patriotismo, a independencia do character, o civismo, unica força capaz de elevar o nosso amado paiz no conceito universal das nações civilizadas» (do 1º nº).

Epigraphes: Pelo Estado ! Pela Nação !

Em 6 de julho, retirou-se o dr. Ubaldo Ramallete da direcção, assumindo a propriedade e a responsabilidade o dr. Aristoteles da Silva Santos e Luiz da Fraga Santos.

Em 1917 era dirigido pelo dr. Aristoteles Santos, director-proprietario, Luiz da Fraga Santos, redactor-chefe, pharmaceutico Adolpho Fraga, redactor-secretario, Sylvio Rocio, redactor-gerente, e dr. Areobaldo Lellis Horta, redactor.

Publicação diaria vespertina.

Quatro paginas de 337 X 507 ^m/m., a seis columnas.

Assignaturas na razão de 15\$000 rs. annuaes e 8\$000 rs. semestraes. Em 1917, custavam : 20\$000 rs. o anno, e 11\$000 rs. o semestre, para o interior ; e 25\$000 rs o anno, e 13\$000 rs. o semestre,

para os Estados. Em janeiro de 1918:— 20\$000 rs. o anno, e 12\$000 rs. o semestre. Tiragem 2.000 exemplares.

Suspendeu a publicação em 1º de outubro de 1918.

304. — O CENTRO. — Cachoeiro de Santa Leopoldina. — *Typ. d'O Centro* — Periodico independente

Surgiu a 1º de fevereiro de 1916, sob a direcção dos drs. Paulo de Mello, redactor-chefe, Americo Gasparini, redactor-secretario; e gerente Aldano Paiva. Propriedade de uma empresa.

Estava em opposição ao Governo estadual.

Quatro paginas de 280 X 410^m/m, a cinco columnas.

Assignaturas: anno 10\$000 rs., e semestre 6\$000 rs., para o estado; e o anno 11\$000 rs., e semestre 6\$500 rs., para fóra.

Durou pouco.

305. — O ECHO. — Rio Novo. — Organ critico e noticioso. O primeiro numero circulou aos 12 de fevereiro de 1916.

Gerencia de Osorio Sousa.

Sympathico á candidatura do dr. Pinheiro Junior á presidencia do Estado, levantada pelo partido opposicionista, apesar de prometter no seu numero inicial — «*se esquivar de tocar em politica*».

Quatro paginas de 155 X 241^m/m, com tres columnas.

Assignatura trimestral 1\$500 rs., semestral 3\$ rs., e annual 6\$ rs.

306. — A DESORDEM. — Capital. — *Typ. d'A Tarde*. — Jornal critico e de combate.

Saiu o primeiro numero aos 13 de fevereiro de 1916, exclusivamente para combater o organ situacionista «*A Ordem*».

Apesar de ter a publicação prohibida pela policia, a 1 de maio tornou a circular em 7 do mesmo mez, sendo o numero daquelle dia apreendido.

Quatro paginas de 173 X 270^m/m, com tres columnas.

Avulso 100 rs.

307. — VICTORIA NUA. — Capital. — *Typ. do Diario da Manhã*. — O primeiro numero saiu aos 2 de abril de 1916, para se oppor á *Desordem*.

Epigraphes: — «*Castigar o vicio, respeitando as pessoas*» — «*Distribuição de carapuças*».

Quatro paginas de 225 X 345^m/m, com quatro columnas.

Numero avulso 100 rs.

308. — O LYRIO. — S. Pedro do Itabapoana. — Principiou a florescer aos 3 de maio de 1916.

Pequeno organ dedicado á mocidade feminina.

Publicação semanal, ás quarta-feiras.

309. — O ALPHA. — Cachoeiro do Itapemirim. — Organ da Associação Espirita Beneficiente e Instructiva.

Circulou pela primeira vez aos 3 de maio de 1916, sob a direcção do dr. Lamith de Azevedo e Jeronymo Ribeiro.

Epigraphes: — «*Ha muitas moradas na casa de meu Pae.* — O meu reino não é deste mundo.» — *Jesus Christo*. — «*Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sem cessar tal é a lei*». — *Allan Kardec*.

Publicação quinzenal.

Distribuição gratuita.

Quatro paginas de 212 X 330^m/m, a quatro columnas.

Paralyzada a publicação, reaparece em 1920.

Nova suspensão e reenceta a publicação em maio de 1923, sob a redacção de Luiz d'Oliveira e direcção de Jeronymo Ribeiro. Formato de revista. Orgam da Associação Espirita Beneficente Instructiva e do Asylo Deus, Christo e Caridade.

310.—A MOCIDADE.— Capital.— *Typ. Baldassari & Samorini*.— Deu o primeiro numero aos 6 de junho de 1916.

Orgam do corpo discente do Gymnasio S. Vicente de Paulo, sob a redacção dos alumnos :— Alvaro Castello. Asdrubal Soares, Francisco Escobar, Horacio Abreu, Raulino Costa, Edison Prado, Conrado Neves, Ornano Lyrio, Theocritas Siqueira, Dacilio Batalha, Jones Neves, Mario Neves, Antonio Plinio, Jacy Fontes e Arnaud Mello.

Epigraphe :—

«O livro esse audaz guerreiro,
«Que conquista o mundo inteiro».

Aos 2 de julho, apresentou-se como — folha literaria e illustrada do Gymnasio S. Vicente de Paulo, e começou a ser redigido pelos srs. Aristobulo Leão, director ; dr. Kosciusko Leão, redactor-chefe e Miguel Leão, secretario. «Deixou, ainda movel», disse o numero daquelle dia, «de ser orgam dos discentes para o ser dos docentes ; passou da responsabilidade dos educandos para a dos educadores. Consequentemente, devia tomar como toma hoje, no seu 5º numero, feitura compativel com uma folha redigida por adultos. Continúa, porém, a ser o mesmo o alvo desde o inicio collimado : a defeza a todo o transe dos interesses da mocidade, dos quaes o maior, aquelle em que se resumem tod s os mais, é incontestavelmente a sua educação, no triplice aspecto intellectual, moral e physico».

Nessa occasião, começou a estampar as epigraphes :—

«Vós que buscaes a senda da esperança,
Entrae : qui ha mundos luminusos,
Num céu, que a mão, por mais pequena alcança.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Luis Delfino

O livro esse audaz guerreiro,
Que conquista o mundo inteiro

O livro caindo n'alma,
E' germen que faz a palma,
E' chuva que faz o mar.

Castro Alves

Publicado o nº 19 do I anno, suspendeu a publicação, reaparecendo aos 23 de fevereiro de 1918.

Circulava aos domingos.

Quatro paginas de 173 X 245 m/m, a tres columnas.

Do nº 5, de 2 de julho, augmentou o formato para 252 X 370 m/m, a quatro columnas. Modificou-o novamente, aos 6 de agosto, para 335 X 497 m/m, a seis columnas, e, em dezembro, passou a editar-se mensalmente, em forma de revista de seis a quatorze paginas e dimensões de 178 X 260 m/m, a tres columnas. Em 1918, tinha finalmente, 172 X 260 m/m

Assignaturas, a partir de 2 de junho de 1916, 10\$000 rs. annuaes, 6\$000 rs. o semestre, e 4\$000 rs. o trimestre. Avulso 100 rs.

311. — O MYOSOTIS. — Capital. — *Typ. Balaassari & Samorini.* — Orgam critico, noticioso e humoristico.

Desabrochou aos 25 de junho de 1916.

Promettia combater os maus governantes.

Redactores Pedro e Edgard O'Reilly.

Quatro paginas de 174 X 245 m/m, com tres columnas.

Avulso 100 rs.

Publicou sómente um numero.

312. — A FIMENTA. — Capital. — *Typ. d'A Ordem.* — Circulou, pela primeira vez aos 9 de julho de 1916. promettendo *carapuças bem traçadas.*

Quatro paginas de 176 X 253 m/m, com tres columnas.

Avulso 100 rs.

313. — O PAPAGAIO. — Capital. — Saiu aos 9 de julho de 1916.

Quatro paginas de 150 X 180 m/m, a duas columnas.

Avulso 100 rs.

Deu o segundo numero (ultimo) aos 16 do mesmo mez.

314. — O INTERIOR. — Villa do Rio Pardo. — O primeiro numero teve a data de 15 de julho de 1916, sob a direcção de Oscar Bueno.

Pequeno formato.

315. — FOLHA OFFICIAL. — Collatina. — Orgam official do Governo revolucionario estabelecido em Collatina.

Saiu em julho de 1916.

Quatro paginas de tres columnas e dimensões de 200 X 290 m/m.

316. — A PENNA. — Capital. — *Typ. D. da Manhã.* — Hebdomadario literario e humoristico.

O primeiro numero surgiu aos 16 de julho de 1916, e o ultimo, nº 2, aos 23 do mesmo mes.

Epigraphe :— Pela Arte ! Pelo Riso !

Quatro paginas de quatro columnas e dimensões de 198 X 302 m/m

Avulso 100 rs.

318. — O FALLADOR. — Capital. — *Typ. Coelho.* — Orgam critico, esportivo, humoristico e noticioso.

Deu o primeiro numero aos 23 de julho de 1916, sendo redigido por *senhoritas.*

Quatro paginas de 145 X 214 m/m, a tres columnas.

Avulso 100 rs.

Circulou duas ou tres vezes.

319. — O ECHO. — Capital. — *Typ. do Echo.* — Diario vespertino do commercio, lavoura, industria, politica, letras e artes.

O primeiro numero teve a data de 21 de agosto de 1916.

Redigido pelo dr. Thiers Vellozo, director e proprietario, e João Milton Varejão, redactor gerente, que, aos 4 de janeiro de 1918, assumiu a direcção e chefia da redacção.

Sem compromissos partidarios, seria imparcial em politica, sendo o seu intuito — «fazer um jornal larga, profunda e essencialmente noticioso, sob todas as formas e em todos aspectos. Defenderia o operariado — «promovendo a união dos seus elementos activos para o fortalecimento gradual das classes operarias sob as bases fecundas e creadoras do cooperativismo».

Proprietario da typographia dr. Orozimbo Lyrio.

Quatro paginas de 335 X 505 ^m/m, a seis columnas.

Assignaturas : 15\$000 rs. o anno, e 10\$000 rs. o semestre.

Depois passaram a 18\$000 rs. o anno, e 12\$000 rs. o semestre.

O ultimo numero (443) saiu aos 11 de fevereiro de 1918.

320.— A THESOURA.— Capital.— *Typ. do D. da Manhã*.— Organismo critico, esportivo, humoristico e noticioso.

Appareceu o primeiro numero a 3 de setembro de 1916.

Propriedade de uma sociedade anonyma.

Assignatura : 2\$000 rs. o semestre ; 1\$000 rs. o trimestre, e 5\$00 rs. por mês. Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 175 X 285 ^m/m, a tres columnas.

Pouca duração.

321.— ATAÍDA.— Alfredo Chaves.— Órgão literario, noticioso e catholico.

Appareceu a 1º de novembro de 1916, sob a direcção de Braz Amigo.

322.— A CUIA.— Capital.— *Typ. d'A Ordem*.— Periodico humoristico.

Deu o primeiro numero a 26 de novembro de 1916.

Tendo paralyzado a publicação, reapareceu a 25 de fevereiro do anno seguinte (nº 5), trazendo como director responsavel Carlos Paranaçuá.

Quatro paginas de 177 X 260 ^m/m, a tres columnas.

Avulso 100 rs.

Saia aos domingos.

1917

323.— RESENHA JUDICIARIA.— Capital.— *Typ. do Diario da Manhã*.— (Volume I — 1917 — 435, XLIII pags., sem as de summario ; vol. II — 1918 — 335, LVII paginas, sem as de summario ; vol. III — 1919 — 378, LXX paginas, sem as de summario).— Publicação trimestral de Doutrina, jurisprudencia e legislação, apparecida em janeiro de 1917.

Tinha como programma : «publicar na integra, em primeira mão, os accordãos do Tribunal Superior de Justiça e os julgados com que a obsequiarem os magistrados com jurisdicção no Estado ; dar inserção a artigos doutrinaes, de critica ou em contribuição para o desenvolvimento do estudo do direito em qualquer dos seus ramos ; registrar as leis da União e do Estado, de maior interesse, que se edictem

no decurso da sua carreira, e as occurrencias mais notaveis que se desenrolarem no mundo das letras juridicas, no fôro e na administração, publicando pareceres, arrazoados e decisões administrativas».

Estava sob a direcção dos drs José Bernardino Alves Junior e Arthur Lourenço de Araujo Primo, com a collaboração de desembarcadores, juizes e advogados do Estado. Em 1918, foi o dr. José Bernardino substituido pelo dr. Americo Ribeiro Coelho.

Assignatura annual 10\$000 rs. Fasciculo avulso 3\$000 rs.

Formato de 108 X 174 ^m/m.

324. — NOVA SENDA. — Capital. — *Typ. da Nova Senda*. — Diario matutino, de feição moderna, publicado pela primeira vez aos 3 de fevereiro de 1917.

Tendo por lemma — ver, ouvir e contar — pretendia «aos interesses do publico, encarados sob seus multiplos aspectos, dedicar toda a sua actividade, sem se deixar arrastar pela politica partidaria, com quanto reserve o direito a livre apreciação dos actos dos governos e opposições».

Estava sob a direcção de seu proprietario e editor responsavel, Luiz da Fraga Santos.

O termo de responsabilidade foi assignado aos 12 do mesmo mez.

Fazia tambem parte da redacção o dr. Arnoldo Medeiros, que, ao retirar-se, em 14 do mesmo mez, foi substituido pelo pharmaceutico Adolpho Fraga.

Havendo paralyzado a publicação, reapareceu aos 24 de abril do mesmo anno.

Assignatura annual 24\$000 rs., e semestral 14\$000 rs. Numero avulso 100 rs..

Dava edições de quatro paginas nas segundas-feiras, e de 8 nos outros dias da semana.

Formato de 283 X 435 ^m/m, a cinco columnas. Durou pouco.

325. — O PARAFUSO. — Capital. — *Typ. d'A Ordem*. — Publicação humoristica, que circulou aos 18 de fevereiro de 1917, tratando de assumptos carnavalescos.

Quatro paginas de 178 X 260 ^m/m, a tres columnas.

Preço 100 rs.

326. — CORREIO DO INTERIOR. — Cachoeiro de Santa Leopoldina. — *Typ. do C. do Interior*. — Periodico independente e dedicado aos interesses geraes do municipio.

O primeiro numero foi publicado aos 14 de março de 1917.

Director proprietario dr. A. Pedro da Silveira. Gerente Conrado de Vasconcellos, que no anno seguinte assumiu a direcção, na qual foi substituido, ao depois, pelo dr. Luiz Holzmeister.

Batia se pela reforma da Constituição Federal e pelo ensino primario obrigatorio.

Quatro paginas de 280 X 400 ^m/m., a cinco columnas.

Assignaturas: 10\$000 rs. o anno, e 6\$000 rs. o semestre; modificadas depois para 9\$000 rs. o anno, e 5\$000 rs. o semestre. Avulso 200 rs.

Durou até 1919.

327. — O CAMPINHO. — Campinho de Santa Izabel. — *Typ. d'O Campinho*. — Semanario apparecido aos 18 de março de 1917, sob a direcção de Adolpho Mario de Oliveira, promettendo propugnar pelos interesses publicos e dar «auxilio immediato, aos que carecerem de justiça e protecção». Filiado ao P. R. E. S.

Aos 9 de setembro, passou a ser dirigido pelo sr. Mario de Oliveira.

Tinha quatro paginas de 200 X 280 ^m/m, a tres columnas.

Assignatura: 5\$000 rs. o anno, e 3\$000 rs. o semestre.

Tiragem — 800 exemplares, no primeiro anno, e 1000 no segundo.

328. — CORREIO DO VEADO. — S. Miguel do Veado, municipio do Alegre. — Publicou o primeiro numero em 1 de abril de 1917, sob a direcção de Sebastião Alexandre, e redacção de José Angelo.

Propriedade de uma associação anonyma, cuja primeira directoria, eleita aos 25 de março, compunha-se dos srs. cel. Virgilio de Aguiar, presidente; tenen'e-coronel Dulcino Pinheiro, vice-presidente; Aristides Costa, 1º secretario; Genuino de Magalhães Portilho, 2º dito; capm. José Felipe da Silva, thesoureiro.

Orgam do movimento separatista do districto do Veado, do municipio do Alegre, e sua elevação a categoria de municipio autonomo, em vista de haver alcançado as exigencias dos artºs. 22 e 23 da Constituição Estadual.

Em 1920, declarou-se «orgam dedicado aos interesses locais», sob a direcção e redacção exclusivas, de Sebastião Alexandre, substituido, depois, pelo sr. Apollinario Rattes Sobrinho.

Epigraphe: — *Pelo Veado e Pelo Municipio*.

Publicação semanal, aos domingos, ao principio, e depois ás quintas-feiras.

Quatro paginas de cinco columnas a 280 X 395 ^m/m.

Assignaturas: — anno 10\$000 rs., semestre 6\$000 rs., e trimestre 3\$000 rs.

Tiragem média 1000 exemplares, augmentada, em 1920, para 1500.

Nova Phase: Reappareceu em 1922.

Semanario dedicado aos interesses do municipio.

Directores: Aurelio Machado de Oliveira e Geraldo Gomes de Azevedo; gerente: Antonio Moniz Junior.

Proprietario — Apollinario Rattes Sobrinho.

Quatro paginas com o *formato* de 195 X 290 ^m/m a tres columnas.

329. — O MARTELLO. — Alegre. — *Jornalzinho critico e humoristico*.

Aos 13 de maio de 1917.

330. — POLYANTHÉA. — Cachoeiro de Santa Leopoldina. — *Typ. do Correio do Interior*. — Appareceu em 23 de maio de 1917.

Na primeira pagina o retrato do dr Bernardino de Souza Monteiro, então presidente do Estado, e dizeres allusivos á data.

Quatro paginas de 230 X 275 ^m/m, a quatro columnas.

331. — REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO

ESPIRITO SANTO.— Capital.— *S. Artes Graphica de Victoria* (anno I) ; *Imprensa Estadual* (anno II) ; *Typographia Coelho* (annos III e IV).— Saiu o primeiro numero em 12 de junho de 1917.

Epigraphe:—

O' Jovens Brasileiros,
Descendentes de heróis, heróis vós mesmos
Pois a raça de heróis não degenera ;
.....
Imitai-os, para que elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

Nactividade Saldanha

Na capa o escudo do Instituto.

Anno I.— Comissão de Revista : drs. Joaquim José Bernardes Sobrinho, Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Arthur Lourenço de Araujo Primo, Jonas Meira Bezerra Montenegro, e Carlos Xavier Paes Barreto.

Nesse anno deu sómente um numero com 42 paginas de texto, além do indice e da capa, com o formato de 150 X 218 ^m/m., a duas columnas.

Collaboradores : drs. Antonio Athayde, M. Teixeira de Lacerda, Jonas Montenegro, Carlos Xavier Paes Barreto e professor Amancio Pereira.

Anno II.— 1922. Comissão de Revista : drs. Lourenço M. de Freitas Barbosa, Alarico de Freitas, Adolfo Fraga, Ubaldio Ramalhete e Elpidio Pimentel.

Nesse anno deu o segundo numero, aos 12 de junho, com 18 paginas, além da capa, com as dimensões de 150 X 215 ^m/m, a duas columnas ; e o numero terceiro, em 7 de setembro, com 52 paginas, além da capa e 14 paginas de illustrações.

Collaboradores : dr. Araujo Aguirre, Eusebio de Souza, Francisco Rufino, Heraclito Amancio Pereira e Elpidio Pimentel.

Anno III.— 1925. Comissão de Revista : Desembargador Lourenço Barbosa, drs. Alarico de Freitas, Ubaldio Ramalhete, Adolfo Fraga e Elpidio Pimentel.

Nesse anno publicou o quarto numero, em dezembro, com 54 paginas, além da capa e 8 paginas de illustrações, com o formato de 118 X 200 ^m/m, a uma columna.

Collaboradores : pharmaceutico Adolfo Fraga, dr. Araujo Aguirre, Heraclito Amancio Pereira, dr. Carlos Xavier Paes Barreto, dr. Henrique O'Reilly de Souza.

Anno IV.— 1926. Comissão de Revista : Ainda a mesma de 1925.

Nesse anno publicou o quinto numero, em novembro, com 203 paginas, além da capa e 11 paginas de illustrações, e um mappa. Formato de 118 X 200 ^m/m, a uma columna.

Collaboradores : pharmaceutico Adolfo Fraga, dr. Antonio Araujo Aguirre, Heraclito Amancio Pereira, dr. Josias Soares, dr. João Lordello dos Santos Souza, dr. Thiers Vellozo.

332.— A NOTA. — Capital. — *Typ. Coelho ; Typ. Baldassari & Samorini.* — Periodico noticioso, critico, humoristico e esportivo.

Datado o primeiro numero de 24 de junho de 1917.

Redacção de José da Hora.

Epigraphe : —

«Guardarei nesta folha as regras boas,

«Que é dos vicios falar não das pessoas.

Publicação dominical.

Quatro paginas de tres columnas e dimensões de 180 X 210 ^m/m. Em setembro, augmentou-as para 225 X 310 ^m/m, a quatro columnas.

Tomou a forma de revista, aos 21 de outubro, com 10 paginas, além da capa colorida, e medindo 123 X 203 ^m/m, a duas columnas.

Suspendeu a publicação em dezembro.

334.— O PROGRESSO. — Villa de Boa Familia (depois denominada de Itaguassú). — *Imprensa Municipal.* — Apareceu 1º em julho de 1917.

Orgam filiado ao Partido R. E. S., e propriedade da Prefeitura Municipal.

Redactor-chefe, Alfredo Lemos ; redactor-secretario, Sezefredo Rezende e gerente A. Lessa.

Assignaturas : 5\$000 rs. annuaes e 3\$000 rs. o semestre.

Quatro paginas de cinco columnas e formato de 275 X 400 ^m/m, depois modificado para 255 X 390 ^m/m, com quatro columnas. Existiu até 1921.

335.— O COIÓ. — Capital. — *Typ. d'O Echo.* — Começou a publicar-se aos 29 de julho de 1917.

Directores *Mr. et. Mme. Flirt.*

Quatro paginas de 167X250 ^m/m, a tres columnas.

Avulso 100 rs.

Aos domingos.

336.— O SPORT. — Capital. — *Typ. d'A Ordem* — Periodico sportivo e humoristico.

Saiu aos 5 de agosto de 1917.

Orgam da Liga Sportiva Espirito Santense.

Aos domingos.

Avulso 100 rs.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 188X260 ^m/m, modificado, aos 18 do mesmo mês (nº 3), para 250X325 ^m/m.

337 — O FOLHETO. — Capital. — O primeiro numero é de 5 (?) de agosto de 1917.

Redactores *diversos.*

Quatro paginas de tres columnas e formato de 167X250 ^m/m.

338.— PICA-PÁU. — Santa Leopoldina. — *Typ. do Pica Páu.* — Apareceu a 26 de agosto de 1917.

Orgam humoristico, critico, noticioso e por desfastio . . . politico.

Propriedade de uma sociedade anonyma.

Aos domingos.

Assignaturas : 10\$000 rs. o anno, e 6\$000 rs. o semestre para o interior ; e 12\$000 rs. o anno, e 7\$000 rs. o semestre, para o exterior. Avulso 200 rs.

Quatro paginas de 225X305 m/m, com quatro columnas.

339.— O COLIBRI. — Capital. — Periodico literario, critico e humoristico.

Orgam de uma pleiade estudiosa.

Saiu pela primeira vez aos 7 de outubro de 1917.

Publicação dominical.

Quatro paginas de 153X225 m/m, a quatro columnas.

340.— POLYANTHÉA. — Capital. — Publicada, em dezembro de 1917, pela Missão Baptista, commemorando a volta do rev. Loren Reno, dos Estados Unidos.

341 — BEIJA-FLÔR. — Santa Leopoldina. — Saiu uo segundo semestre de 1917.

1918

342.— O ATIRADOR. — Santa Leopoldina. — Saiu aos 3 de fevereiro de 1918.

Orgam do Tiro de Guerra 390.

Director Heraclides Gonçalves.

Redactor — Conrado Vasconcellos.

Publicação quinzenal.

Quatro paginas de 225X270 m/m, a quatro columnas.

Assignaturas : anno 5\$000 rs., e semestre 3\$000 rs.

343 — O CARNAVAL. — Capital. — Numero unico publicado aos 10 de fevereiro de 1918, em homenagem ao Pierrot Club e aos seus directores.

Distribuição gratuita.

Quatro paginas de 183X265 m/m, com duas columnas nas duas primeiras, e tres nas duas ultimas paginas.

344. — POLYANTHÉA CARNAVALESCA DO PIERROT CLUB. — Capital. — Distribuida em 10 de fevereiro de 1918.

Uma só pagina de 190X460 m/m.

345.— A TARDE. — Capital. — *Typ. da Tarde.* — Orgam da opposição espirito-santense.

O primeiro numero teve a data de 16 de fevereiro de 1918.

Gerente Juvenal Carneiro.

Quatro paginas de seis columnas e formato de 335X510 m/m, modificado, depois, para 280X452 m/m, a cinco columnas.

Aos 18 de junho voltou ao primeiro formato.

346.— PRELUDIO. — V. do Itapemirim. — Apareceu o primeiro numero em março de 1918, sob a direcção de Atílio Pisa, Celino Loureiro, e, a partir do segundo numero, em abril, Alexandrino Paiva.

Publicação mensal, circulando na primeira semana do mês.

Tinha 16 a 32 paginas, além das de annuncios e da capa em papel colorido, com o formato de 120X193 m/m, no primeiro numero, e 127X205 m/m, do segundo em diante, dividido em duas columnas.

Assignaturas : anno 8\$000 rs., semestre 4\$000 rs.

Collaboradores : Narciso Araujo, Ernesto Nascimento, Alexandrino Paiva, Teixeira Leite, Costa Gama, Victorino Pacheco, Attilio Vivacqua.

347.— POLYANTHÉA.— Capital.— *Typ. Coelho*.— Publicada em 22 de maio de 1918, em homenagem ao dr. Philomeno José Ribeiro, administrador, em comissão, dos Correios deste Estado, no dia do seu anniversario natalicio.

Autores : Oscar Ribeiro Coelho e Miguel Manoel de Aguiar. Illustrada.

Quatro paginas de duas columnas e dimensões de 185X260 m/m.

348.— O FLIRT.— Capital.— Saiu o primeiro numero aos 28 de julho de 1918, sob redacção anonyma.

Publicação quinzenal.

Avulso 100 rs.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 150X200 m/m, modificado, em 4 de agosto, para 166X218 m/m, a tres columnas.

349.— O RISO.— Cachoeiro do Itapemirim.— Semanario alegre e trocista.

Appareceu em 2 de agosto (?) de 1918.

Formato de 103X170 m/m, com duas columnas.

350.— A PELLICULA.— Capitulo.— *Typ. do Diario da Manhã*.— Organ do Victoria Foot Ball Club.

Humorismo e sport.

Saiu aos 20 de outubro de 1918.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 178X265 m/m.

Publicação dominical.

Durou pouco.

351.— ALMANAK DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.— Capital.— *Typ. Coelho* (anno primeiro—1918—172 pags.; segundo anno—1919—VIII, 154 pags.).— Apareceu em 1918, e no anno seguinte, havendo paralyzado, temporariamente, a publicação.

Estava sob a redacção e direcção de seu fundador o professor Amancio Pereira, que, fallecendo aos 13 de agosto de 1918, foi substituido por seus filhos Maria Leonidia Pereira e Heracito Amancio Pereira.

Contém abundantes informações sobre o Estado, e bem cuidada parte literaria em prosa e verso, com a collaboração de — dr. Antonio Athayde, dr. Jair Tovar, dr. Octavio Araujo, dr. Jonas Montenegro, dr. Aurino Quintaes, dr. Carlos Xavier Paes Barreto, dr. Carlos Sá, dr. Narciso Araujo, dr. Manuel Xavier, prof. Aristides Freire, dr. Mario Freire, dr. Aristoteles da Silva Santos, Francisco Rufino, dr. Adolfo Fraga, dr. João Lordello, prof. Adolpho R. F. de Oliveira, dr. Kosciuszko Leão, Candido Costa, Edgard Daemon, dr. Feu Rosa, prof. Elpidio Pimentel, dr. Alonso Oliveira, H. Poyares, Urbano Xavier, Teixeira Leite, cel. Ramiro de Barros, p^e. Elias Tomasi, cel. Orlando Bomfim, dr. José de B. Wanderley.

Formato de 158X200 m/m, a duas columnas.

Preço do exemplar 2\$000 rs.

Tiragem 2000 exemplares.

1919

352.— PREITO DE AFEEIÇÃO.— Capital.— Polyanthéa distribuida no dia 25 de janeiro de 1919, em homenagem ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Benedicto Paulo Alves de Sousa.

Quatro paginas de 250X435 m/m, a quatro columnas.
Illustrada.

353.— RISCANDO.— Capital.— Edição carnavalesca. Quatro paginas de 244X445 m/m, a quatro columnas.

Em março de 1919.

354.— O OBREIRO.— Capital.— *Sociedade de Artes Graphicas*, de Victoria; *Typ. G. Baldassari*, de Cachoeiro do Itapemirim; *Typ. Samorini & Cia.*, de Victoria; *Imprensa Estadual*; *Off. rua Cons. Magalhães Castro, 99, Rio.*— Orgam da Missão Baptista Victoriense.

Surgiu em 22 de março de 1919.

Direcção e redacção do prof. Almir S. Gonçalves. Gerente Loren M. Reno.

Epigraphe :—«Ide por todo o mundo, prégae o Evangelho a toda a criatura; quem crêr e fôr baptizado será salvo: mas quem não crêr será condemnado». Palavras de Jesus, em Marcos, 16: 15 e 16». O n.º 3, de junho de 1919, não traz essa epigraphe, que volta a apparecer, do n.º 4 em diante.

Publicação eventual.

Não cobra assignaturas, mantendo-se com offertas voluntarias.
Quatro paginas de tres columnas e formato de 225X330 m/m.

355.— SANTUARIO DA PENHA.— Capital.— Polyanthéa illustrada. Publicada aos 28 de abril de 1919.

Oito paginas de 290X433 m/m. Dividida em tres columnas na primeira, sexta, setima e oitava paginas; em cinco na segunda e quarta; e em quatro na terceira e quinta.

356.— VICTORIA COMMERCIAL.— Capital.— *Typ. Coelho.*— Revista mensal apparecida em maio de 1919.

Editada pelo Centro Mercantil.

Distribuição gratuita.

Tinha 48 a 50 paginas inclusive a capa, e formato de 150X225 m/m, a duas columnas.

Capa illustrada.

357.— O SUCCO.— Capital.— Cachoeiro do Itapemirim — *Typ. Baldassari & Samorini*, de Victoria; *Typ. G. Baldassari*, de Cach. do Itapemirim.— Periodico literario, humoristico esportivo e critico.

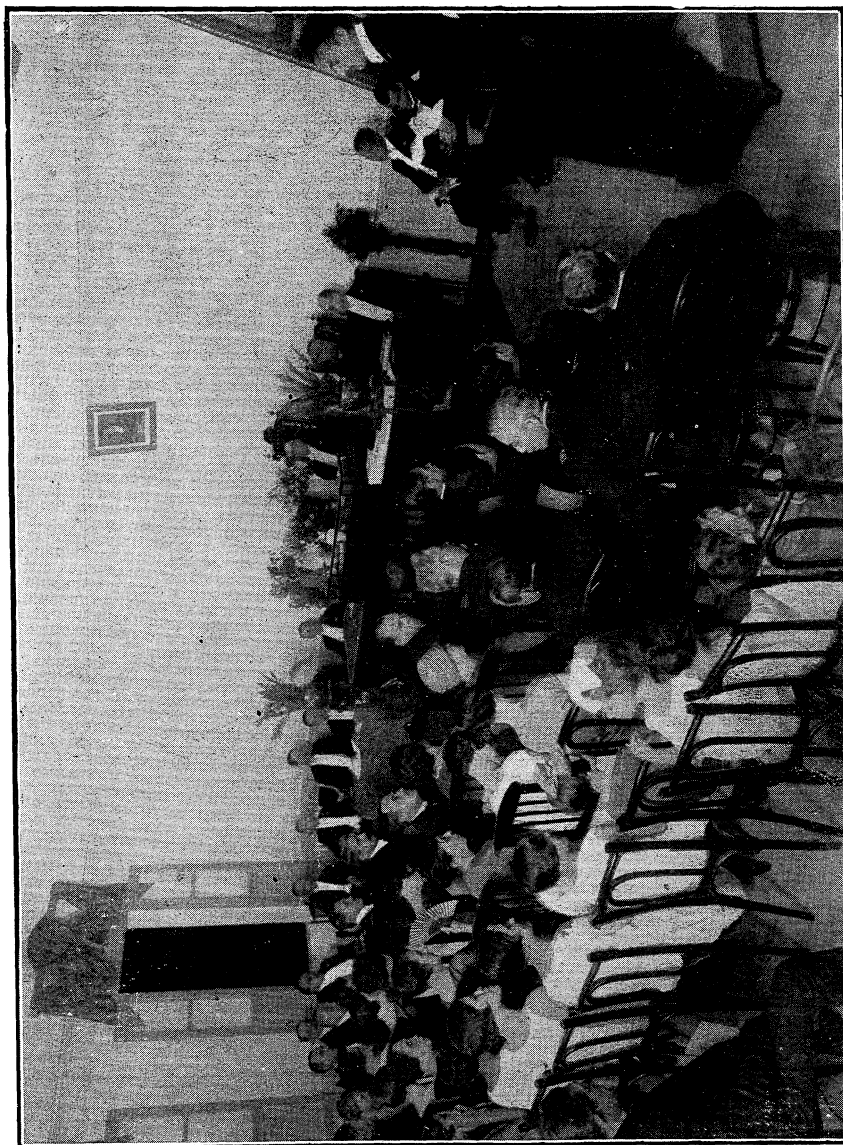
Surgiu aos 10 de agosto de 1919, sob a redacção de *diversos*.
Circulava aos domingos.

Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 167X245 m/m, a tres columnas. Augmentou, depois, para 185X295 m/m.

Havendo suspendido a publicação, encetou sua segunda phase, em Cachoeiro do Itapemirim, aos 23 de outubro de 1920, com o formato modificado para 178X262 m/m.

Na nova phase foram seus directores Juventino Faria e José C. Imperial.



**Sessão solenne do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, em homenagem
aos Delegados ao Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia**

358.— EDUCANDO.— Capital.— *Typ. Baldassari & Samorini* —
Orgam do Collegio Americano Baptista de Victoria e Escolas Annexas.
Appareceu em setembro de 1919.

Redigido pelo rev. dr. Loren M. Reno.

Quatro paginas de tres columnas e dimensões de 185 X 274 ^m/m.
Publicou sómente tres numeros, saindo o ultimo em novembro.

359.— MOCIDADE BAPTISTA.— Capital.— *Casa Publicadora Baptista Brasileira*. — Começou a publicar-se em novembro de 1919, sob os auspícios da Junta da Mocidade Baptista da Conv. Bapt Brasileira de Victoria, da qual era orgam official.

Epigraphe: — Lealdade a Christo a quem, não havendo visto, o amamos.

Editor — Loren M. Reno. Redactor — Almir S. Gonçalves.
Revista mensal.

Assignatura: 3\$000 rs. annuaes para o paiz, e 4\$000 rs. para fora. Avulso 300 rs.

Tinha 16 a 22 paginas, de 110 X 195 ^m/m, além da capa em papel de côr.

Existiu até 1921.

360. — A LUNETTA. — Alegre. — Periodico literario, trocista e noticioso, cujo primeiro numero é de 7 de dezembro 1919.

Director, Olivier Lima.

Publicação dominical.

Quatro paginas de duas columnas e formato de 103 X 170 ^m/m.

361.— ALMANAK HISTORICO DO CORPO MILITAR DE POLICIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.— Capital.— Appareceu em 1919.

Organizado pelo sr. Francisco Eugenio de Assis, official daquelle corpo.

Volume I, 1919; 142 paginas; *Artes Graphicas*. Formato de 90 X 160 ^m/m.

Volume II, 1922; 41 paginas impressas sómente no rosto; *Typ. da Imprensa Estadual*.— Formato de 110 X 175 ^m/m. Supprimio do titulo a palavra — *historico*.

1920

362.— BOLETIM OFFICIAL. — Moniz Freire.— Veiu á publicidade em 1º de fevereiro de 1920.

363.— O ALFINETE. — Cachoeiro de Santa Leopoldina.— Orgam do Club Carnavalesco «Alfinetes da Troça».

Anno I.— Numero unico. Saiu em fevereiro de 1920.

Anno II.— *Typ. Nascimento*, de Santa Leopoldina.— Numero unico. Aos 8 de fevereiro de 1921. Quatro paginas de 200 X 285 ^m/m, com tres columnas. Impresso a cores.

Anno III. — Numero unico. Em 1922.

Anno IV. — *Typ. Ribeiro*, de Santa Leopoldina. — Em fevereiro de 1923.

Anno V. — *Typ. Coelho*, da Victoria. — Numero unico. Em

março de 1924. Oito paginas, além da capa. Formato de 173 X 258 ^m/m., a tres columnas. Ha engano na numeração do anno, apparecendo o numero VI, em vez de V.

Anno VI.— *Typ. Ribeiro*, de Santa Leopoldina.— Em março de 1925. Oito paginas.

Anno VII.— *Typ. Coelho*, da Victoria.— Numero unico. Em fevereiro de 1926. Doze paginas. Formato de 173 X 250 ^m/m. a tres columnas.

364.— FOLIÕES.— Cachoeiro de Santa Leopoldina.— Organ do Club «Foliões Destemidos».

Anno I.— Numero unico. 1920?

Anno II.— Numero unico. 1921?

Anno III.— 1922?

Anno IV.— 1923?

Anno V.— 1924?

Anno VI.— *Typ. Ribeiro*, de Santa Leopoldina. Em 22, 23 e 24 de fevereiro de 1925. Dezeseis paginas, além da capa impressa a cores e illustrada. Formato de 150 X 235 ^m/m., com duas columnas.

365.— A TROMBETA.— Cachoeiro de Santa Leopoldina.— *Typ. Nascimento*.— Organ da Typographia Nascimento.

Numero unico aos 15 de fevereiro de 1920.

Humorismo e propaganda commercial.

Quatro paginas de 203 X 295 ^m/m., a tres columnas.

Impresso a cores.

366.— O MUNICIPIO.— Cachoeiro do Itapemirim.— *Typ. do Municipio*.— Organ do Partido Republicano do Estado do Espirito Santo.

Appareceu em 21 de fevereiro de 1920, sob a direcção e redacção do dr. Attilio Vivacqua, e gerencia de Carlos Medeiros.

Em janeiro de 1922, entrou para seu corpo de redacção o dr. Fernando de Abreu.

Em 12 de março de 1924, o dr. Attilio Vivacqua foi substituido pelo sr. Jarbas de Athayde, na chefia da redacção.

Em 1925, era gerente o sr. Ary Lima.

Publicação semanal.

Quatro paginas de cinco columnas e 303 X 480 ^m/m.

Assignatura: 10\$000 rs. annuaes, e 6\$000 rs. o semestre.

Avulso 200 rs.

Collaboradores: drs. Fernando de Abreu, Narciso Araujo, Newton Ramos, Rodolpho Sá Earp, Jarbas Athayde, etc.

367.— O Povo.— Santa Thereza.— *Typ. d'«O Povo»*.— Organ independente.

Appareceu em 7 de março de 1920.

Fundado e dirigido pelo cel. Carlos Justiniano de Mattos.

Gerente — Orlando Santos do Nascimento, até maio de 1921.

Em 18 de julho de 1920, cabeçalho novo, talhado em madeira pelo sr. Epiphanyo Zamprogno.

Em 29 de maio de 1921, entra para a redacção o sr. Frederico Müller, della se retirando no anno seguinte.

Depois de alguns meses de interrupção (15 de novembro de

1922 — nº 141), devida á falta de typographo, reapareceu em 7 de março de 1923 (nº 142), sob a gerencia de Ubaldo Madeira.

Publicação dominical.

Quatro a seis paginas de 167X265 m/m, a tres columnas.

368.— O COMMERCIO.— Santa Leopoldina Santa Thereza.— *Typ. Nascimento. Typ. d'«O Commercio»*.— Circulou pela primeira vez, em Santa Leopoldina, em 24 de abril de 1920, tendo como redactor-chefe o dr. Americo Gasparini, como redactor-secretario o cel. Orlando Bomfim e como proprietario o sr. Domicio Nascimento, passando, porém, a partir de 2 de maio (nº 3), á exclusiva propriedade e direcção de seu fundador o dr. Americo Gasparini.

Retirando-se o dr. Gasparini para Bello Horizonte, assumiu a chefia da redacção o dr. Paulo Julio de Mello, o qual, fallecendo em novembro de 1921, em Nictheroy, foi substituido pelo cel. Orlando Bomfim, passando a exercer as funcções de redactor-secretario o sr. Domicio Nascimento.

Com a retirada de Domicio Nascimento para o Rio de Janeiro, tornou-se o cel. Orlando Bomfim proprietario do *Commercio*, occupando o logar de redactor-secretario o dr. Romulo Finamore.

Actualmente (1926) sob a exclusiva direcção e redacção de Orlando Bomfim.

Deu o nº 192, de 18 de abril de 1925, em Santa Leopoldina, passando a circular, do nº 193, de 21 de junho do mesmo anno, em Santa Thereza.

Não acceta «collaboração sobre a politica do Estado ou dos municipios, nem abrigará em suas columnas, qualquer publicação sobre assumptos pessoaes».

Publicação semanal, aos domingos.

Tinha seis paginas de quatro columnas e pequeno formato, ao principio; depois passou a ter quatro paginas de cinco columnas e dimensões de 282X425 m/m, modificadas, finalmente para 335X495 m/m, com seis columnas.

Assignaturas: 10\$000 rs. o anno e 5\$000 rs. o semestre; modificadas actualmente para 12\$000 rs. annuaes, e 7\$000 rs. semestraes. Numero avulso 200 rs.

369.— GAZETA DE VICTORIA.— Capital.— *Typ. da G. de Victoria*.— Diario politico que appareceu aos 14 de maio de 1920.

Orgam da corrente que obedecia á orientação politica do senador Jeronymo Monteiro.

Consistia seu programma — «na defeza das liberdades publicas, suprema conquista da civilização e do progresso contra os abusos da autoridade ou contra os despotismos do poder». Applaudiria os bons actos do governo, porém criticaria os — «menos reflectidos, injustos ou prejudiciaes ao interesse publico, quando quer que elles attentem contra a evolução dos institutos, contra a prosperidade do commercio, contra o direito das classes laboriosas, contra a estabilidade e constitucional ou contra a economia». E franqueia as columnas — «á defesa do direito contra a violencia, da verdade contra o embuste, e a mentira, da liberdade contra os abusos do poder».

Redactor-chefe: dr. Joaquim Guimarães.

Quatro paginas de 335X510 ^m/m, a seis columnas.

Assignatura : anno 30\$000 rs., e semestre 18\$000 rs.

Collaboradores diversos.

Suspendeu a publicação em 24 de agosto, por motivo de reforma de suas officinas e mudança das mesmas para outro local, não reaparecendo mais.

370. — CORREIO DO SUL. — S. José do Calçado. — Apareceu em maio de 1920, sob a redacção de Vasconcellos Rosa.

Dedicado aos interesses do povo.

371. — O RISO. — Capital. — *Typ. da G. de Victoria.* — Periodico humoristico.

Surgiu em 11 de julho de 1920.

Orgam de uma sociedade anonyma.

Epigraphes: — Brincar sem offender. Respeitar á moral.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 167 X 244 ^m/m., a tres columnas. Do segundo numero, aos 18 do mesmo mez, em diante, modificado para 225 X 320 ^m/m., a quatro columnas.

Assignatura: anno 10\$000 rs., semestre 6\$000 rs. Avulso 100 rs.

Durou até o anno seguinte.

372. — A PRIMAVERA. — Capital. — Revista illustrada, mundana e literatura.

Saiu em 15 de julho de 1920 sob a direcção de Natalio Camboim, director proprietario ; Antonio Soares da Silva, redactor ; e João Feliciano Xavier, director-gerente.

Composta e impressa no Rio de Janeiro.

Tinha vinte e oito paginas além da capa, e formato de 150 X 234 ^m/m, a duas columnas.

Collaboradores diversos.

Assignaturas: anno 5\$000 rs., e 3\$000 rs., o semestre, para o Brasil ; anno 7\$000 rs., e 4\$000 rs. o semestre, para o exterior. Avulso 500 rs.

Publicou sómente um numero.

373. — DIARIO DA TARDE. — Capital. — *Typ. Samorini & Cia.* — O primeiro numero tem a data de 14 de outubro de 1920, sob a direcção do dr. Thiers Velloso.

«Jornal despejado das justas restricções do periodismo official, com liberdade de applaudir sem excessos, e creticar sem acrimonias, as diversas manifestações da actividade social, em todas as suas espheras de acção. Dentro do nosso programma, cabem, pois, todas as justas reivindicações da communhão espirito santense, em qualquer dos departamentos dessa actividade».

Gerente João Milton Varejão. Secretario A. Siqueira.

Quatro paginas de seis columnas e formato de 335 X 470 ^m/m.

Assignatura : anno 30\$000 rs., semestre 16\$000 rs. Avulso 100 rs.

Suspendeu a publicação em dezembro de 1922.

374. — A MARRETA. — Alegre. — *Typ. da Voz do Sul.* — Periodico apparecido em 14 de novembro de 1920, sob a redacção e responsabilidade de Lincoln Gouvêa.

Publicação dominical.

Quatro paginas de duas columnas e formato de 144 X 199 ^m/m.

Do numero segundo, 21 do mesmo mez, em diante, augmenta o cumprimento para 227^m/m, e mais uma columna.

1921

375.— O ALMOFADINHA. - Capital. — Semanario, critico e humoristico.

Saiu aos 17 de fevereiro de 1921.

Collaboração de *diversas senhorinhas*.

Quatro paginas de tres columnas e 168 X 242^m/m.

Deu só um numero.

376.— A DACTYLOGRAPHIA.— Cachoeiro do Itapemirim.— Revista illustrada de sciencias, artes, esportes, literatura, commercio, industria e propaganda, orgam official da Organização Remington Espirito-Santense.

Surgiu a 1º de maio de 1921, sob a direcção da senhorinha Lóla Marins.

Doze paginas, além da capa, e formato de 173 X 250^m/m.

Collaboradores: dr. Augusto Lins, Armando Mullulo, Prisco de Almeida, e outros.

377.— FOLHA DO DIA.— Moniz Freire.— Jornalzinho noticioso cujo primeiro numero circulou aos 12 de junho de 1921.

378.— A SENDA.— Capital.— *Typ. da Imprensa Estadool*; *Typ. da Folha do Povo*.— O primeiro numero saiu em junho de 1921.

Revista de vulgarização espirita, orgam official da Liga Espirita de Victoria (Federação do Estado do Espirito Santo)

Director — A. Guilherme de Darvalho; secretario — Euphrasio Ignació da Silva.

No cabeçalho: «Fóra da caridade não ha salvação». «Mostrame a tua fé pelas tuas obras».

Suspendeu a publicação em março de 1923, depois de dar o nº. 5, reaparecendo algum tempo depois, sob nova direcção: — Eugenio Valentim de Anchieta, director; Manoel Carlos de Oliveira Guimarães, redactor-chefe; Attilio Pisa, gerente; e Euphrasio Ignacio da Silva, secretario.

Não circulou em abril e maio de 1926.

Oito paginas de duas columnas e formato de 150 X 235^m/m.; passou a ter, em seguida, quatro paginas de tres columnas e formato de 170 X 260^m/m., modificado, depois, para 225 X 325^m/m, com quatro columnas, e mais tarde, para 220 X 320^m/m.

379 — O ECHO.— Veado, municipio do Alegre.— Saiu o primeiro numero aos 14 de julho de 1921.

Orgam politico, sob a redacção de Sebastião Alexandre.

Divisa:— «Pelo districto, pelo municipio, pelo Estado, pela Nação».

Partidario da chapa da *Reacção Republicana* (Nillo Peçanha — J. J. Seabra) á presidencia e vice-presidencia da Republica.

Publicação semanal (quintas-feiras).

Quatro paginas de 170X280^m/m, a tres columnas

Assinaturas: 10\$ o anno, 6\$ rs. o semestre, e 3\$ o trimestre. Avulso 200 rs.

380.— A VICTORIA.— Capital.— *Imprensa Estadoal*.— Jornal politico, independente e noticioso, cujo primeiro numero appareceu em 31 de julho de 1921, sob a direcção de Francisco Carlos Gomes, e redacção de João Bastos e Abilio Siqueira.

Epigraphe:— *Tudo pelo Espirito Santo*.

«Não tendo ligações ou compromissos partidarios quaesquer, sentimo-nos perfeitamente á vontade para exercer o nosso direito de critica livre e independente o que faremos com a maior isenção de animo e sem preocupações de caracter subalterno.

«Ao governo não nos preudem senão os laços impostos pelo respeito mutuo que entre si se devem as individualidades singulares e collectivas; sem embargos disto procuraremos manter com elle solidariedade perfeita, mas solidariedade que não traduza quebra da nossa dignidade nem dos principios basicos que nos norteiam, permitindo-nos, neste particular, a liberdade ampla de refugar-lhe os actos maus, inconciliaveis com o interesse da comunhão, assim como de applaudir-lhe sem reserva aquelles que merecerem as palmas, as demonstrações sinceras da imprensa bem orientada».

Publicação diaria matutina, não circulando ás segundas-feiras. A 9 de agosto passa a ser vespertina.

Quatro a seis paginas de cinco columnas e dimensões de 282 X 425 ^m/m. Assignatura: 28\$000 rs., o anno, e 15\$000 rs., o semestre. Avulso 100 rs. Tiragem 1000 exemplares.

Collaboradores: cel. Augusto Calmon, dr. Jonas Montenegro, Plinio Andrade, Hermano Brunner, e outros.

Durou pouco, cessando a 29 de setembro.

381.— O RADIUM.— Cachoeiro de Santa Leopoldina.— *Typ. Nascimento*.— Periodico critico, humoristico e literario.

Appareceu em 12 de agosto de 1921.

Quatro paginas de 167 X 246 ^m/m, com tres columnas.

Numero avulso 200 rs.

382 — O REBENQUE.— Capital.— *Typ. Samorini & Cia.*.— O primeiro tem a data de 2 de outubro de 1921.

Periodico literario, humoristico e esportivo.

Orgam de uma empresa anonyma.

Epigraphes: Gracejar sem molestar. — Moralidade e respeito.

Quatro paginas de 188 X 308 ^m/m, a tres columnas.

Numero avulso 100 rs. Durou pouco.

383. — O SABE-TUDO. - Capital.— *Typ. do Diario da Tarde*. — Periodico humoristico.

Appareceu aos 16 de outubro de 1921, sob a direcção de rapazes serios.

Epigraphes: — *Redendo dicere verum, quid vetat?*

Publicação dominical. Avulso 100 rs. Quatro paginas de tres columnas e formato de 177 X 283 ^m/m

Deu o numero 38, ultimo, aos 2 de julho de 1922.

384. — O ESTADO. - Capital.— *Typ. do Estado*. — Orgam da Reacção Republicana.

Circulou aos 3 de novembro de 1921, sob a direcção do dr. Americo Ribeiro Coelho.

As officinas foram inauguradas pelo dr. Nilo Peçanha no mesmo dia.

Publicação diaria vespertina.

Paralyzou a publicação em 4 de janeiro de 1922, reaparecendo a 7 do mesmo mez.

Quatro paginas de 280 X 427 ^m/m, com cinco columnas.

Assignaturas: anno 30\$000 rs., semestre 16\$000 rs. Soffreram, no mesmo anno, modificação para 20\$000 rs. annuaes, e 11\$000 rs. semestraes. Avulso 100 rs.

Aos 10 de julho de 1922, publicou o n°. 188, e suspendeu—, «a publicação até que se restabeleça a normalidade da vida no paiz perturbada, em virtude da suspensão de garantias constitucionaes em varios pontos do territorio nacional, mórmente na Capital da Republica».

1922

385.— O ITABAPOANA. — Ponte de Itabapoana.— Surgiu em 22 de janeiro de 1922, sob a direcção do dr. Octacilio Ramalho.

Quatro paginas de 270 X 425 ^m/m., a cinco columnas.

Assignatura annual 10\$000 rs.

386.— CORREIO DO GUANDÚ.— Affonso Claudio.— *Typ. do Correio do Guandú*.— Hebdomadario politico, apparecido em fevereiro de 1922, sob a direcção de Rozendo Serapião Filho. Gerente, Nelson Lessa Corrêa.

Publicação dominical.

Quatro paginas de 185 X 302 ^m/m., a quatro columnas.

Em 1923, formato de 240 X 270 ^m/m., a 5 columnas.

Assignatura: anno, 8\$000 rs., e semestre, 5\$000 rs. Em 1923, anno 10\$000 rs.; semestre, 6\$000 rs. Avulso 200 rs.

Viveu tres annos, sendo a typographia vendida ao Padre Jorge Steinbacher (*Boletim Parochial* — 1923).

387.— O RISO.— Alegre.— Periodico critico, literario e noticioso.

Circulou pela primeira vez em 9 de abril de 1922.

Director José Tiradentes; e gerente, a partir do n°. 6, de 14 de maio, Eugenio Lima.

Collaboradores diversos.

Publicação dominical.

Assignatura: 800 rs. mensaes para a cidade, e 900 rs. para fóra.

Quatro paginas de 114 X 187 ^m/m., a duas columnas.

388.— A NOTICIA.— Collatina.— *Typ. d'A Noticia*.— Orgam independente.

Saiu em 23 de abril de 1922.

Director-proprietario: Beluto Horta.

Suspendeu a publicação, por occasião do fallecimento de seu director-proprietario, em 1925, reaparecendo em 6 de dezembro do mesmo anno sob a direcção, provisoria, do dr. Xenocrates Calmon.

Em 25 de abril de 1926, passou a ser difinitivamente dirigida pelo dr. Xenocrates Calmon, e gerencia de Ulysses Martins Junior, tambem seu proprietario.

Publicação hebdomadaria domingos.

Assignaturas: anno 10\$000, semestre 7\$000, e trimestre 5\$000.
Avulso 200 rs.

A assignatura annual foi augmentada, depois, para 12\$000, voltando, em, 1926, a 10\$000 rs.

Quatro paginas de 280 X 390 ^m/m, a cinco columnas.

389.— O VAGALUME.— Ponte do Itabapoana.— Revista humorística, literaria, politica, commercial e noticiosa.

Orgam da mocidade espirito-santense.

Surgiu o primeiro numero em 30 de abril de 1922, sob a redacção de Justino F. de Mello.

Tinha como secretario Enéas Mazzini; como representante, Felismino Lobo; e como redactor da secção do Muquy, Abdallah Hanania.

Propriedade de Antonio da C. Freitas.

Doze paginas de 105X198 ^m/m, a duas columnas.

Assignatura annual 10\$000 rs. Numero avulso 300 rs.

390.— O EVANGELIZADOR.— Capital.— *Imprensa Estadoal*.— Orgam da Egreja Evangelica Baptista da Victoria.

Appareceu em maio de 1922, sob a redacção de Loren M. Reno.

Distribuição gratuita.

Epigraphes:— «A justiça exalta um povo mas o peccado é o opprobrio das nações (*Sabão Salomão*)».

«Bemaventurado é o povo cujo Deus é o Senhor. (*David*)».

Quatro paginas de tres columnas e formato de 173X260 ^m/m.

391.— O FILHOTE.— Santa Thereza.— Periodico humoristico.

O primeiro numero saiu aos 11 de junho de 1922.

Redacção de *diversos*.

Numero avulso 200 rs.

Quatro paginas de 130X172 ^m/m, a duas columnas.

Impresso em papel de côr.

392.— O EMBRULHO.— Capital.— *Typ. do Diario da Tarde*.— Periodico noticioso, critico e humoristico.

O primeiro numero circulou em 9 de julho de 1922.

Direcção de dois rapazes.

Epigraphe:— «Tudo dentro da ordem e da moral».

Publicação dominical.

Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 176X275 ^m/m, a tres columnas.

393.— O RENOVADOR.— Capital.— *Imprensa Estadoal*.— Orgam do Centro Operario de Victoria.

O primeiro numero tem a data de 14 de julho de 1922, sob a direcção de uma commissão de socios, e redacção de Amalio Gama.

Epigraphes:— «Um por todos e todos por um».— «Operarios! Uni-vos! Da união e solidariedade é que nasce a força coercitiva dos desmandos que imperam no caminho da vida e que vos atrapalham. O *Autor*».

Publicação quinzenal.

Assignaturas: anno 6\$000 rs., e mez 500 rs. Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 305X420 ^m/m, a quatro columnas.

Publicou somente um numero.

394.— CORREIO DO ALEGRE.— Cidade do Alegre.— Periodico politico, independente e noticioso.

Appareceu o primeiro numero em 30 de julho de 1922.

Director-politico : José Navega ; redactor-chefe, Sebastião Alexandre e collaboradores diversos.

Proprietarios e editores Alexandre & Navega.

Publicação aos domingos.

Quatro paginas de cinco columnas e formato de 280X425 m/m.

Assignaturas : anno, 10\$; semestre 6\$; e trimestre, 3\$. Numero avulso 200 rs.

395.— A VOZ DO TIMBUHY.— Timbuhy, (m. de Fundão).— *Typ. do Diario da Manhã*, Victoria.— O primeiro numero é de 30 de julho de 1922.

Redactor, Arnulpho Neves ; gerente commercial, Justiniano Loyola ; gerente secretario, Getulio Muniz.

Saiu nos dias 15 e ultimo de cada mês.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 173X268 m/m.

Anno 10\$000 rs. Avulso 100 rs.

396.— A VOZ DO POVO.— Demetrio Ribeiro (João Neiva), municipio de Pau Gigante.— *Typ. do Diario da Manhã*, Victoria.— Appareceu em 7 de setembro de 1922.

Periodico critico, literario e noticioso.

Propriedade de Sebastião Azevedo.

Collaboradores diversos.

Formato de 172X268, com tres columnas.

Quatro paginas.

397.— O ITAPEMIRIM.— Cachoeiro do Itapemirim.— *Typ. G. Baldassari*.— Saiu o primeiro numero em outubro de 1922.

Orgam official do Gremio «Domingos Martins», do Collegio Pedro Palacios.

Redacção ; Gil Goncalves (redactor-chefe), e Manoel Vivacqua (secretario), substituidos, depois por Dalton Penedo (red. chefe) e João A. de Azevedo (secretario).

Quatro paginas de 186X280 m/m, a tres columnas. Soffreu augmento para 295X425 m/m, a 4 columnas (1924).

Assignatura annual 2\$. Avulso 200 rs.

398.— O GAROTO.— Capital.— *Typ. — ? Typ. da Folha do Povo*.— O primeiro numero é de 12 de novembro de 1922.

Periodico critico, humorístico, esportivo e noticioso.

Divisa: — «*Brincar sem offender*» ; «*Respeitar a moral*».

Publicação dominical.

Quatro paginas de 174 X 260 m/m., a tres columnas.

Editou numero especial (15), em 1º de fevereiro de 1923, com quatro columnas e formato de 280 X 320 m/m.

Havendo paralyzado a publicação, reappareceu em 22 de novembro de 1925, sob a redacção de — B. Barbosa, director ; J. Carvalho, secretario ; N. Pinheiro, gerente ; F. Martins e A. Lemos, redactores.

Formato de 205 X 270 m/m., a quatro columnas.

Nova interrupção, reapparecendo a 16 de maio de 1926, publicando poucos numeros, suspendendo, diffinitivamente, a publicação.

1923

399.— A VERDADE.— Capital.— *Typ. Imprensa Estadual, Typ. Guttenberg*.— O primeiro numero é de 15 de janeiro de 1923.

Orgam do Centro Espirita «Henrique José de Mello.

Publicação quinzenal.

Do nº 25, 15 de janeiro do anno seguinte, em diante, appareceu cel. Ramiro de Barros, como redactor-chefe, Urbano Xavier, como secretario, e Francisco de Paula Pacheco, como gerente.

Reappareceu em 5 de abril de 1925 (nº. 46 do anno III), depois de tres mezes de suspensão na publicação, começando então a ser impresso em officinas proprias (Typ. Guttenberg).

Assignaturas: 5\$000, o anno, e 3\$000, o semestre, para a capital; 6\$000, o anno, e 4\$000, o semestre, para o interior.

Foram modificadas depois para 6\$000, o anno, na capital, e 8\$000, no interior.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 173 X 260 m/m. Em 28 de março de 1923 (nº. 6), augmentou para 225 X 325 m/m., com quatro columnas. Tiragem 1000 exemplares.

400.— O ESPIÃO.— Collatina.— *Jornalzinho critico*.

Em 21 de janeiro de 1923.

401.— O SORRISO.— Capital.— *Typ. Imprensa Estadual*.— O primeiro numero foi publicado em 28 de janeiro de 1923.

Propriedade de uma sociedade anonyma.

Numero avulso 100 rs.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 175 X 260 m/m.

402.— O BICUDO.— Capital.— Appareceu aos 11 de março de 1923.

Publicação dominical.

Propriedade de *Anatolio Crispim & Cia. Limitada*.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 174 X 255 m/m.

403.— BOLTIM PAROCHIAL.— Affonso Claudio.— *Typ. d'O Affonso Claudio; Typ. do Correio do Guandú; Typ «São Sebastião»*.— Appareceu a 11 de março de 1923, sob a redacção do Padre Jorge Stinbacher.

Com approvação diocesana.

Orgam official da Parochia de São Sebastião do Alto Guandú, tornando-se, em 15 de março de 1924, tambem orgam official da Parochia de Nossa Senhora Auxiliadora de Figueira de Santa Joanna, e, depois, da de Sagrada Familia, de Cachoeiro de Santa Leopoldina.

Publicação mensal, passando, em 1925, a quinzenal.

Tiragem: 500 exemplares, successivamente, augmentada para 700, em 1924;— 750;— 850, setembro de 1925;— 1000, em 1926.

Quatro a dezeseis paginas, de 145X210 m/m, a 3 columnas, diminuidas para 2 columnas, a partir do nº 3 (3 de junho), sendo o formato, em 20 de janeiro de 1924, modificado para 130X200 m/m. Nessa ultima data, começou a ter typographia propria, sob a denominação de «São Sebastião». Em 1 de janeiro de 1926, formato de 185X270 m/m.

Assignatura: anno, 2\$ rs., augmentada, em 1926, para 5\$ rs. Avulso, 200 rs.

404.— A PRIMAVERA.— São João do Muquy.— *Typ. Sandoval & Cia.*— Revista literaria illustrada publicada em 18 de março de 1923.

Redactor, Belisario Lima ; gerente, Edmundo Sandoval ; sub-gerente Olavo de Andrade. Do nº 2 (15 de abril), em diante, começa a figurar como director o dr. Carlos Sá.

Trinta paginas, além da capa e das de annuncios.

Formato de 153X255 ^m/m, com duas columnas.

Assignatura annual 20\$ semestral 12\$. Avulso 1\$000 rs.

Tiragem 2000 exemplares.

Substituida, em janeiro de 1924, pela *A Opinião*.

405.— O DEMOCRATA.— Capital.— *Imprensa Estadoal.*— Saiu o primeiro numero aos 31 de março de 1923.

Orgam official do Democrata Club.

Quatro paginas de 170 X 260 ^m/m., a tres columnas.

Em 21 de abril (nº. 2), augmentou o formato para 225 X 325 ^m/m, a quatro columnas.

406.— VIDA CAPICHABA. — Capital.— *Typ. Imprensa Estadoal, Typ. da Vida Capichaba.*— Apareceu em abril de 1923.

Revista quinzenal de illustrações, literatura e mundanismo.

Sob a direcção de Garcia de Rezende (director), Escobar Filho, (secretario) e Amadeu Cesar Machado (gerente).

Paralyzou a publicação, depois do nº. 3 (31 de maio), reaparecendo em agosto, sob a redacção do professor Elpidio Pimentel, dr. Manoel Lopes Pimenta e dr. Aurino Quintaes.

O ultimo retirou-se da redacção em outubro de 1924, tornando-se a revista de esclusiva propriedade dos srs. Elpidio Pimentel e Manoel L. Pimenta.

Em novembro desse mesmo anno, assume a gerencia o sr. Arnaldo Barcellos.

Trinta e duas a cento e cincoenta paginas, além da capa, de duas columnas e formato de 163 X 240 ^m/m.

Assignaturas: anno, 14\$000; semestre, 7\$000; trimestre, 5\$000.

Em agosto de 1923, passam a: 24\$000, o anno; 12\$000, o semestre e 6\$000, o trimestre. Anno a 22\$000, a partir de setembro de 1924. Numero avulso 1\$000, havendo sido o primeiro numero vendido a 500 rs.

Collaboradores: Saul de Navarro, Gilberto Carvalho, Escobar Filho, Jonas Montenegro, Ernesto Guimarães, Teixeira Leite, Silvino Olavo, João Bastos, Jair Tovar, Antonio Tavares Bastos, Mario Freire, Nilo Bruzzi, Narciso Araujo, Newton Ramos, Heraclito Amancio Pereira, Oswaldo Poggi, Climerio da Fonseca, Armando de Oliveira Santos, Durval Araujo, Paulo de Freitas, José Candido, A. Tabayá, Guilly Furtado Bandeira, e outros.

407.— EXCELSIOR.— Capital.— *Typ. Coelho. Escola Graphica do Orphanato «Coração de Jesus».*— Apareceu em maio de 1923.

Orgam de uma pleiade de collegiaes do Carmo (Collegio Mario Auxiliadora); com approvação eclesiastica.

Publicação mensal.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 265 X 390 ^m/m,

augmentado, depois, para 275 X 425 ^m/m. Em agosto de 1925, passou a ter o formato de 230 X 340 ^m/m.

Assignatura annual 3\$000.

408.— FOLHA DO SUL.— São José do Calçado. — Apareceu aos 13 de julho de 1923.

Redactor-chefe : dr. Astolpho Virgilio Lobo.

409. — REVISTA PEDAGOGICA. — Capital. — *Typ. das Escolas Normal e annexas.* — Publicou o primeiro numero em setembro de 1923, e o ultimo em dezembro do anno seguinte, sendo substituida pela revista «*Labor*»

Orgam do professorado espirito-santense. Redactor-chefe : dr. Arnulpho Mattos.

Circulava mensalmente, tendo vinte e oito a trinta e oito paginas, além da capa. Formato de 110X180 ^m/m.

Assignatura annual, 10\$; semestral, 6\$. Numero avulso 1\$000.

Collaboradores — professores Maria Stella de Novaes, p^e. Luiz Claudio, Suzette Cuindet, Aurino Quintaes, Placidino Passos, Fernando R. de Oliveira, José Quiroz, José Nunes, Olga Coitinho, Elpidio Pimentel, Thereza Calazans, Braulio Franco. Florisbello Neves, Ernesto Nascimento, Elpidio C. de Oliveira, Corina Salles, Jayme Abreu, Ernane Souza, Arthur C. de Souza Couceiro, Antonio Vello, e o sr. João Bastos.

410. — O TELEPHONE. — Collatina. — *Typ. d'A Noticia.* — O primeiro numero é de 21 de outubro de 1923.

Periodico humoristico, noticioso e critico, cuja divisa era : — «Brincar sem offender».

Director : Epaminondas Martins ; redactor-secretario Pery Bastos.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 173X260 ^m/m. Numero avulso 100 rs.

411. — O PENEDO. — Capital. — *Typ. Samorini & Cia.* — Semanario publicado em 25 de novembro de 1923.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 185X280 ^m/m.

Anno 10\$, semestre 6\$. Avulso 100 rs.

412. — O NORTE. — São Matheus. — *Officinas Graphicas da E. F. São Matheus.* — O primeiro numero circulou aos 4 de dezembro de 1923.

Director : Henrique Ayres. Redactor : p^e. Bianor Emilio Aranha. Gerente : Oscar Rodrigues de Oliveira.

Orgam dos interesses do municipio.

Quatro paginas de 225X340 ^m/m, a quatro columnas.

Assignatura annual : 10\$. Numero avulso 200 rs.

1924

413. — A OPINIÃO. — São João do Muquy. — *Artes Graphicas Sandoval & Cia.* Semanario independente, politico e noticioso.

Apareceu em 1 de janeiro de 1924.

Director, dr. Carlos Sá ; redactor, Belisario Lima ; gerente, José Tamara, substituido, pouco depois, por Edmundo Sandoval.

Saia ás quintas-feiras.

Quatro paginas de cinco columnas e formato de 280X410 ^m/m.
Assignaturas : 12\$ annuaes, e 7\$000 semestraes.

414.— CORREIO DO ALEGRE. - Alegre. - Saiu aos 3 de fevereiro de 1924, «sem neñhumas ligações com o passado».

Director : A. Furtado.

Publicação dominical.

Quatro paginas de cinco columnas e formato de 278X390 ^m/m.

Assignatura : 10\$ o anno ; 6\$, o semestre ; e 4\$, o trimestre.

Avulso 300 rs.

415.— O MOMENTO.— Cachoeiro de Itapemirim. — *Imprensa Commercial, de Manoel Antunes de Oliveira*.— Apareceu aos 23 de março de 1924.

Orgam da dissidencia dos partidarios do dr. Pinheiro Junior, nas eleições municipaes.

Director : Anacleto Ramos. Gerente : Milton Pinheiro Alves.

Quatro paginas de 270 X 360 ^m/m, a quatro columnas.

Assignaturas : 12\$000, o anno, e 7\$000, o semestre. Avulso 200 rs.

416.— FOLHA DO POVO.— Capital.— *Typ. da Folha do Povo*.— Circulou pela primeira vez em 2 de abril de 1924.

Fundado pelos drs. Affonso Lyrio e Luiz Antonino Filho.

«Jornal independente; afastado por completo, livre das aviltadoras peias do partidarismo enervante; isento de odios, sem paixões quaesquer e não tendo a preoccupal-o preferencias de ordem pessoal, a «Folha do Povo», como o seu proprio nome o indica, será exclusivamente votada ao amparo e protecção do corpo social, não terá outro norte senão a defesa dos interesses collectivos».

Dirigido pelo dr. Affonso Lyrio que, sendo removido para Santa Catharina, na qualidade de Procurador da Republica, em 1926, foi substituido na direcção, pelo dr. Jair Dessaune, tambem redactor, durante alguns mezes, até 18 de agosto do mesmo anno, data em que reasumio a direcção.

Gerente — E. Barros, até dezembro de 1925; Benedicto Barbosa, até 5 de julho de 1926; e J. Carvalho, da ultima data em diante.

Suspendeu a publicação em 1924, durante algum tempo, reapparecendo em 25 de julho, do mesmo anno; e, devido a avaria na machina de impressão, de 2 a 21 de junho de 1925.

Quatro paginas de 6 columnas e formato de 310 X 490 ^m/m.

Assignatura annual, 30\$000; semestral, 17\$000. Numero avulso 100 rs.

417.— O ANCHIETA. — Alegre. — Saiu aos 18 de abril de 1924.

Orgam do Externato Anchieta, dirigido pelo professor Bacellar e Silva.

Quatro paginas de 224 X 305 ^m/m. a quatro columnas.

Assignatura annual, 8\$000; semestral, 5\$000.

418.— O BINOCULO.— Collatina.— *Typ. d'A Noticia*.— Hebdomadario critico, humoristico, e literario. Saiu aos 27 de abril de 1924, sob a direcção de De Lande.

Publicação dominical.

Assignatura mensal, 1\$000. Avulso 200 rs.

Quatro paginas de 172 X 262 ^m/m., a tres columnas.

419. — A FOLIA. — São João do Muquy. — Publicada em abril de 1924

420. — A SEMANA. — João Neiva, município de Pau Gigante. — *Typ. d'A Semana*. — Publicada em 1924, sob a direcção de Arnulpho Neves (redactor) e Hilario Sonegheti (gerente).

Quatro paginas de 172 X 267 ^m/m, com tres columnas.
Assignatura annual, 12\$.

421. — O CENTRO. — Itaguassú. — Saiu em julho (?) de 1924.
Orgam official do municipio.

Redactor-chefe : dr. Luiz Moreira.

Quatro paginas de 220 X 307 ^m/m, com quatro columnas.

422. — A SETTA. — Cachoeiro do Itapemirim. — Hebdomadario critico, humoristico, literario e noticioso.

Appareceu aos 3 de agosto de 1924, sob a direcção de Mutt, Jeff & Cia. Ltda, passando, no mesmo mês, a apresentar como redactor Eugenio Lima, e gerente Armando Figliuzzi.

Supprimiu, depois, o artigo do cabeçalho.

Assignatura mensal, 1\$.

Numero avulso, 200 rs.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 150 X 230 ^m/m.

423. — O FUTURISTA. — Cachoeiro do Itapemirim. — Saiu em 17 de agosto de 1924.

Periodico critico, literario e noticioso, publicado aos domingos.

Directores : Osmar Resende e A. S. Mello.

Quatro paginas de 148 X 197 ^m/m, com duas columnas.

Numero avulso 200 rs.

Paralyzada a publicação, reapareceu, em 6 de junho de 1926, sob a direcção de Gabriel Côte Imperial e Osmar Resende.

424. — DON BENEDICTO ALVES DE SOUZA. — Capital. — *Imprensa Estadual*. — Polyanthéa commemorativa ao regresso do bispo diocesano, d. Benedicto Alves de Souza, ao Estado, de volta de sua viagem á Roma. Circulou com a data de 6 de setembro de 1924.

Collaboração dos srs.: dr. Alarico de Freitas, dr. Arnulpho Mattos, dr. Thiers Vellozo, prof. Elpidio Pimentel, p^e. José Pereira Gomes, João Martins, p^e. Luiz Claudio, dr. Manoel L. Pimenta, prof. Aristobulo Leão, Romulo Serrano, dr. F. Rabello, dr. Lopes Ribeiro, e outros.

Quatro paginas de 265 X 370 ^m/m, a quatro columnas.

425. — LUNETTA. — Capital. — Revista literaria, cujo primeiro numero saiu em setembro de 1924.

Redacção : Manoel Ribeiro (red.-chefe), Alberto d'Almeida (red.-secretario) e Sylvino Rodrigues (red.-gerente).

Doze paginas de duas columnas e formato de 115 X 170 ^m/m augmentado, no n^o 2 (outubro), para 135 X 215 ^m/m.

Numero avulso, 400 rs.

426. — I. DUE VESSILLI. — Cachoeiro do Itapemirim. — Appareceu em 15 de setembro de 1924.

Periodico quinzenal dos interesses italo-brasileiro.

Directora, professora Carolina Pichler.

Quatro paginas de 295 X 425 ^m/m, com quatro columnas.

Havendo suspenso a publicação, reapareceu, a 7 de junho de 1925, com formato de 325X510 ^m/m, a cinco columnas.

Assignatura : anno, 10\$; semestre, 6\$.

427. — O PHAROL.— Espirito Santo (Villa-Velha). — O primeiro numero é de 15 de novembro de 1924.

Jornal independente, sob a direcção de M. Aguiar, e gerencia de Alvino Simões.

Publicação quinzenal.

Quatro paginas de 185X280 ^m/m, a tres columnas.

Assignatura : 4\$, o semestre e 2\$, o trimestre.

428.— DOU XIQUOTE.— São Matheus.— Semanario critico, esportivo e noticioso.

Appareceu o primeiro numero a 7 de dezembro de 1924, sob a gerencia de A. Silva.

Publicação dominical. Quatro paginas de 173X280 ^m/m, com tres columnas.

Numero avulso 200 rs.

429.— O TRUC.— Affonso Claudio.— *Typ d'O Affonso Claudio*. Surgiu em fins de 1924.

Orgam de Sua Magestade o Riso.

Divisa :

«E' rir sem gargalhar,
Trucar sem matizada,
Brincar sem molestar,
Para evitar pancada».

Redactor-chefe : Calixto de Axevedo ; gerente, Moacyr Pazzini.

Quatro paginas, formato de 165X250 ^m/m, a tres columnas.

Numero avulso 400 rs.

Publicou dezoito numeros.

1925

430.— A GARGALHADA.— Capital.— *Typ. da Folha do Povo*.— Orgam critico, humoristico, esportivo e noticioso.

Saiu aos 18 de janeiro de 1925.

Director : T. Pessanha ; gerente, E. Nascimento.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 205X295 ^m/m.

Numero avulso, 200 rs.

Publicação dominical.

431.— O SANTUARIO DA PENHA.— Capital.— *Escola Graphica do Centro Espirito Santense de propaganda catholica* ; a partir de agosto, passou a denominar-se *Escola Graphica do Orphanato «Sagrado Co-oração de Jesus»* ; a 31 de outubro de 1926, tomou o orphanato o nome de «Orphanato Jesus Christo Rei». — Saiu aos 25 de janeiro de 1925, sob a direcção do Padre Leandro dell'Uomo, e redacção do Padre dr. Elias Tommasi, e gerencia de A. Ramos, que foi substituido, em 28 de junho do mesmo anno, por Italo Baldi.

A partir de 21 de março de 1926, gerente E. Gilaberte.

O Padre dr. Elias retirou-se da redacção em 18 de janeiro de 1926, sendo substituido por R. Serrano.

Orgam do Centro Espirito-Santense de propaganda catholica, até 24 de janeiro de 1926, quando passou a ser orgam do «Orphanato Sagrado Coração de Jesus».

Com aprovação ecclesiastica.

Quatro paginas de 285X425 ^m/m, com quatro columns.

Assignatura annual, 15\$; semestral, 10\$.

Collaboradoras — D. Benedicto Paulo Alves de Souza, Padre José Gomes, Padre José Ludwin, professor Adolpho Oliveira, professor Aristobulo Leão, Heraclito Amancio Pereira, Padre Ildefonso Penalba, dr. Antonio Athayde, professor Elpidio Pimentel, M. Aguiar, Padre Jeronymo P. de Castro e outros.

432. — O PROPAGANDISTA. — Cachoeiro do Itapemirim. — Indicador commercial, industrial e profissional.

Appareceu em fevereiro de 1925.

Organizado por Pedro de Oliveira.

Tiragem de 3000 exemplares.

Cem a cento e trinta paginas de 110X195 ^m/m.

433. — O GYMNASIO. — Alegre. — *Typ. do Alegrense*. — Apareceu aos 17 de fevereiro de 1925.

Orgam do Gymnasio do Alegre.

Em maio, assumiu a direcção o professor José Maria de Albuquerque, tendo como redactores auxiliares os alumnos Maria de Lourdes Pinheiro, Zenita Monteiro, Jader Rezende, Moacyr Rezende, Arthur Pimenta e Haley Pinheiro.

Publicação quinzenal. Quatro paginas de tres columns e formato de 180X270 ^m/m.

Assignaturas : anno, 10\$; semestre, 6\$.

434. — CARNAVANTHÉA. — Capital. — *Typ. Samorini*. — Circulou em 22 de fevereiro de 1925.

Numero unico.

Quatro paginas de tres columns e formato de 200X290 ^m/m.

Impresso a cores.

435. — PROGRESSO. — Cachoeiro do Itapemirim. — *Typ. do Progresso*. Apareceu em 19 de abril de 1925. Diario matutino, sob a direcção e propriedade de Vieira da Cunha.

Quatro paginas de 7 columns e formato de 330X525 ^m/m.

Assignatura annual, 45\$.

Numero avulso 200 rs.

436. — CREDITO POPULAR. — Capital. — Apareceu aos 25 de abril de 1925.

Orgam de propaganda e noticioso.

Propriedade de Gama & Comp.

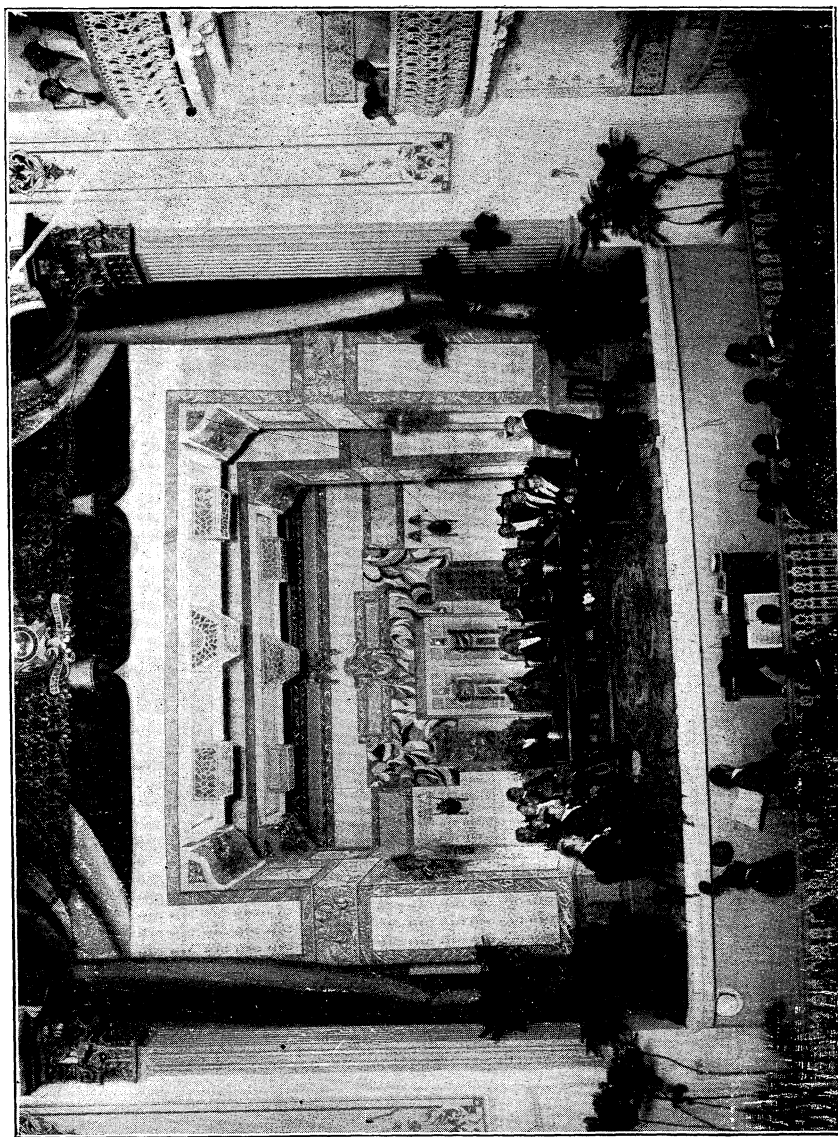
Quatro paginas de tres columns e formato de 200X285 ^m/m

437. — IDÉA NOVA. — Mimoso, municipio de São Pedro do Itabaipoana. — *Typ. Graphica Moderna*. — Apareceu em 18 de junho de 1925, sob a direcção de Plinio de Andrade, e gerencia de Santino de Oliveira.

Semanario independente.

Quatro paginas de cinco columns e formato de 290X425 ^m/m.

Assignaturas : anno, 10\$; semestre, 6\$.



**Aspecto da mesa que presidiu a sessão solenne da Instalação do
41º Congresso Brasileiro de Geographia**

438.—«LABOR».—Capital.—*Typ. das Escolas Normal e Annexas*. Saiu o primeiro numero em junho de 1925.

Director : dr. Mirabeau Pimentel ; redactor-chefe, dr. Arnulpho Mattos.

Publicação mensal. Quarenta e duas a cincoenta e seis paginas, alem da capa. Formato de 110X190 m/m.

Assignatura : annual 10\$. Numero avulso 1\$.

Collaboradores : d. Benedicto Paulo Alves de Souza, drs. Carlos Xavier Paes Barretto, José Sette, Aristeu Aguiar, Aurino Quintaes, Hugo Vianna Marques, Thiers Vellozo, Manoel L. Pimenta, Kosciuzsko Leão, Affonso Lyrio, Fernando Rabello, Ceciliano A. de Almeida, Jair Dessau-ne, Walter Siqueira, Ubaldo Ramallete, Alarico de Freitas, Oswaldo Poggi, Antonio Tavares Bastos, Josias Soares, Archimimo Mattos, e A. Portugal Neves, professores Heraclito Pereira, Elpidio Pimentel, Eduardo de A. e Silva, Aristobulo Leão, Maria Stella de Novaes, Salvador Tedesco Junior, Maria Jocelyna Corrêa, Adolpho Fernandes de Oliveira, Placidi-no Passos, Antonio A. Sierra, Paulino da Silveira, José Elias de Queiroz, José Nunes F. da Silva e Fernando Oliveira, padres dr. Elias Tommasi e Luiz Claudio, e o sr. Orlando Sette.

439.—A LUZ.—Affonso Claudio.—*Typ. do Affonso Claudio*.

Orgam do Grupo Espirita «Jesus, Espirito-Santo, Caridade», filiado á Federação do Estado do Espirito Santo.

O primeiro numero appareceu em 31 de agosto de 1925, sob a direcção dos srs. Donencio Epaminondas, redactor-chefe ; Antonio Candido Ferreira, secretario ; e Moacyr Pazzini, gerente.

No cabeçalho «Fóra da caridade não ha salvação, mostrame a tua fé pelas tuas obras». «Lede-o e passae aos vossos amigos».

Mensarios de distribuições gratuita.

Publicou 3 numeros.

Quatro paginas de 165X250 m/m, com tres columnas.

440.—VOZ DO POVO.—Moniz Freire.—Appareceu em novembro de 1925.

Director-proprietario, Sebastião Candido de Oliveira ; gerente, Alvaro Silva.

Publicação quinzenal. Pequeno formato.

441.—A GARRA.—Capital.—*Typ. da Vida Capichabu*.—Saiu aos 13 de dezembro de 1925.

Semanario critico, humoristico, noticioso e esportivo, sob a direcção de L. Roesch.

Oito paginas de 150X215 m/m, a duas columnas. Numero avulso 200 rs.

Publicação illustrada.

442.—O BINOCULO.—Alegre.—Em 1925.

443.—O ALMOFADINHA.—Calçado.—Em 1925.

444.—A S CENTELHA.—Collatina.—Em 1925.

1926

445.—O LABARO.—Patrimonio de Santo Antonio, municipio de Santa Thereza.—*Typ. d'O Labaro*.—Saiu em 1 de Janeiro de 1926.

Semanario independente sob a redacção de Liberalino Freire de Almeida, e gerencia de Modesto Silva.

Quatro paginas de 170X265 m/m., com tres columnas.

Assignaturas: anno, 12\$; semestre 7\$; para o interior— 14\$ o anno e 8\$ o semestre.

446. O CARNAVAL.— São Matheus.— Apareceu em 7 de janeiro de 1926.

Orgam official da folia.

Quatro paginas de tres columnas e formato de 215X320 m/m. Numera avulso 500 rs.

447.— A PLATÉA.— Cariacica.— Saiu em 17 de janeiro de 1926. Semanario independente, dedicado á defesa dos interesses do municipio.

Director — A. Soares da Silva; secretario, Escobar Filho: e gerente Alderico Ferraz.

Publicação aos domingos.

Quatro paginas de quatro columnas e formato de 280X425 m/m.

Assignaturas: anno, 20\$; semestre, 12\$; avulso 200 rs.

448.— CORREIO DO POVO.— Capital.— *Typ. do Correio do Povo*. — Apareceu em 7 de fevereiro de 1926.

Diario matutino.

Director-proprietario — E. de Barros; red.-chefe, Luiz da Fraga Santos; secretario, Sylvio Rocio; gerente, Gilberto Bruno; e sub-gerente, J. Moraes. Luiz Fraga deixou a redacção em 8 de maio.

A publicação esteve interrompida, durante alguns dias, devido a mudança de suas officinas, tornando a circular aos 30 de abril.

Desappareceu diffinitivamente em maio.

Oito paginas e formato de 323X500 m/m., com seis columnas.

Assignatura: anno, 40\$; semestre, 25\$; avulso, 200 rs.

449.— O MATHEENSE.— São Matheus.— *Typ. d'«O Matheense»*. — Surgiu aos 14 de fevereiro de 1926.

Orgam independente, sob a redacção de Aurelio Barroso (red-che) e José Mendonça (red-gerente).

Quatro paginas de 223X330 m/m., a quatro columnas.

450.— O ESTADO.— Cariacica.— *Typ. da Folha do Povo*, da Victoria.— Publicou o primeiro numero aos 20 de março de 1926.

Semanario independente, sob a direcção de Carlos Gomes da Cunha e gerancia de Clovis Barros.

Quatro paginas de 205X290 m/m., a quatro columnas.

Assignaturas: anno, 14\$; semestre 8\$; e avulso 200 rs.

451.— A NOITE.— Capital.— *Typ. d'A Noite*. — Apareceu em 19 de abril de 1926.

Director — Soares da Silva; director gerente — Gilberto Bruno.

Propriedade de Bruno, Soares & Cia.

Soares da Silva deixou a direcção em 2 de junho.

Diario vespertino independente.

Assignaturas: anno, 36\$000 rs.; semestre, 20\$000. Avulso 100 rs.

Quatro paginas de 345X525 m/m., a sete columnas.

Deixou de circular em junho.

- 452.— O ESPIÃO.— Capital.— *Typ. do Correio do Povo*.—O primeiro e unico numero saio a 9 de maio de 1926.
Director: Arsenio Cruz; redactor, G. Ribeiro.
Quatro paginas de 215X325 ^m/m, a quatro columnas.
Substituido pelo «O Alarme».
- 453.— O ALARME.— Capital.— *Typ. do Correio do Povo*.— Apareceu em 16 de maio de 1926.
Director: Asenio Cruz; redactor, J. Lopes.
Quatro paginas, formato de 215X315 ^m/m., a quatro columnas.
Avulso 200 rs.
- 454.— SIRENA.— Capital.— *Typ. do Correio do Povo*.— Orgam politico, critico e noticioso.
Surgiu em 31 de maio de 1926.
Redacção:— E. de Barros, director-proprietario; Walter E. Hehl, redactor-chefe; Carlos Barros, gerente.
Não tinha ligações partidarias.
Oito paginas, formato de 215X330 ^m/m, a quatro columnas.
Assignatura annual, 30\$; semestral 17 rs.
Publicou sómente um numero.
- 455.— JORNAL DO COMMERCIO — Capital. — *Typ. do Jornal do Commercio*.— Circulou o primeiro numero aos 2 de junho de 1926.
«Orgam dedicado aos interesses das classes conservadoras do Estado».
Redacção:— Rozendo Serapião Filho, director; Octavio Carvalho, secretario; e Osmar Dutra, gerente. Os dois ultimos foram, ao depois, substituidos, respectivamente, pelos srs. Barros Junior e Cesar Martins.
Publicação diaria.
Seis paginas de 320X510 ^m/m., a seis columnas.
Assignaturas: anno 40\$ e semestre, 25\$. Avulso, 200 rs.
A typographia pertencera ao «Correio do Povo».
- 456.— FOLHA OFFICIAL.— Affonso Claudio.— *Typ. São Sebastião*.— Orgam da Camara Municipal, publicado, pela primeira vez, aos 10 de julho de 1926.
«E, enquanto publicamos os actos officiaes da administração municipal bater-nos-emos, tambem, com todas as energias, em prol do engrandecimento desta ditosa terra».
Redacção a cargo do secretario da Camara Municipal. Gerente: Mathias Irlacher.
Publicação semanal (aos sabbados).
Quatro paginas, formato de 180X270 ^m/m., a duas columnas.
- 457.— CHARITAS.— Capital.— Polyanthéa dedicada á festa promovida em beneficio do Orphanato «Sagrado Coração de Jesus». Aos 14 de julho de 1926.
Quatro paginas de 230X300 ^m/m, com quatro columnas.
Collaboração de Lydia Besouchet, Lucy Ramalheté, Julia Lacourt Penna, Indá Soares, Ilza Etienne Dessaune, Geny Grijó e Juracy Machado.
- 458.— JORNAL DA SERRA.— Serra.— *Typ. Escola Graphica do Orphanato Coração Jesus*.— Apareceu aos 18 de julho de 1926.

- Orgam dos interesses do município ; sem côr politica.
 Redactor — Gerson Loureiro ; director, M. Loyola ; gerente, Alceu Nascimento.
- Publicação dominical.
 Quatro paginas. Formato de 275X430 ^m/m., a quatro columnas.
 Assignaturas : anno, 20 ; semestre, 15\$. Avulso 200 rs.
 Collaboradores : Romeu Castello, Durval Leão Borges, Odilon G. Borges, Jairo Leão, Jayme Abreu, José Cancio, etc.
- 459.— O SANTA CRUZ.— Santa Cruz.— Em 1 de agosto de 1926.
 Numero unico.
 Redacção de diversos.
 Quatro paginas, de tres columnas e formato de 180X280 ^m/m.
- 460.— A ALAVANCA.— Alegre.— Orgam da mocidade alegreense.
 Semanario noticioso, literario e humoristico.
 Apareceu aos 15 de agosto de 1926.
 Director-gerente, Elias Simão.
 Quatro paginas de 193X260 ^m/m., a tres columnas.
- 461.— A PATRIA.— Cachoeiro do Itapemirim.— Surgio aos 6 de setembro de 1926.
 Orgam de propaganda civica, dirigido pelos alumnos do Grupo Escolar «Bernardino Monteiro» :— Manuelito Carneiro, Lauro Freitas, João Azevedo, Elpidio Rettori, Alencar Freitas, Maria Izabel Werneck, Maria L. Medeiros, Maria de Lourdes Teixeira, Lady Vianna, Diana Fonseca, Maria de Lourdes Silva e Chaphia Dépes.
 Divisa : — «Tudo pelo Espirito Santo ; Tudo pelo Brasil».
 Seis paginas, de 145X245 ^m/m., a duas columnas.
- 462.— A ORDEM.— São José do Calçado.— *Typ. d'A Ordem*.
 — Aos 5 de setembro de 1926.
 Hebdomadario dedicado á defesa dos interesses do município.
 Director-proprietario, Luciano Ilerê ; gerente, S. Ribeiro.
 Quatro paginas de 270X390 ^m/m., a cinco columnas.
 Assignaturas : anno, 12\$; semestre, 7\$. Avulso 300 rs.
- 463.— HOMENAGEM A ELPIDIO BOAMORTE.— Capital.— Polyanthéa commemorativa á inauguração, na Alfandega da capital, do retrato de Elpidio Boamorte, conferente da Alfandega da Capital Federal, por iniciativa de seus collegas, amigos e admiradores.
 Aos 23 de outubro de 1926.
 Quatro paginas de 235X345 ^m/m., a tres columnas.
- 464.— A MARRETA.— Capital.— *Typ. Ribeiro, de Ribeiro & Irmão*.— Apareceu aos 7 de novembro de 1926.
 Hebdomadario critico, humoristico, literario e noticioso.
 Redactores diversos.
 Publicação dominical.
 Quatro paginas, de tres columnas e formato, de 200X300 ^m/m.
 Numero avulso 200 rs.
- 465.— A GAITA.— São Pedro do Itabapoana.— Em 1926.
 Redactor, Pedro Torres.
 Avulso, 200 rs.

PUBLICAÇÕES

CUJAS DATAS NÃO PUDEAM SER EXACTAMENTE ASSIGNALADAS

466.— ANNAES DA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA PROVINCIAL DO ESPIRITO SANTO.— Capital.— As assembleas provinciales foram creadas pelo *Acto Adicional* (Lei de 12 de agosto de 1834).

A primeira legislatura, de accordô com o artigo 4º, durou tres annos, 1835 a 1837.

A installação da Assembléa Legislativa da provincia do Espirito Santo realizou-se em 1 de fevereiro de 1835.

Não pudemos alcançar a collecção completa de seus annaes, nem saber quando iniciada a sua publicação.

— *Primeira á decima sexta legislatura.* — 1835 a 1867. — ?

— *Decima setima legislatura.* Sessão de 1868.— Volume de 406 (?) paginas, a 2 columnas e formato de 125X195 m/m.— *Typ. Liberal*, da extincta «Sentinella do Sul», villa do Itapemirim, 1870.

— *Idem.* Sessão de 1869.— Volume de 224 paginas, a 2 columnas e formato de 125X200 m/m.— *Typ. Liberal*, da extincta «Sentinella do Sul», villa do Itapemirim, 1870.

— *Decima oitava a vigesima primeira legislatura.* — 1870 a 1875. — ?

— *Vigesima segunda legislatura.* Primeira sessão, em 1876.— Volume de 209 paginas, a duas columnas e formato de 125X215 m/m.— *Typ. do Espirito Santense*, Victoria, 1876.

— *Idem.* Segunda sessão ordinaria e sessões extraordinarias, em 1877. Volume de 236 — 41 paginas, a duas columnas e formato de 125X215 m/m. *Typ. do Espirito Santense*, Victoria, 1877.

— *Vigesima terceira legislatura.* Primeira sessão, em 1878. Volume de 300 paginas, a duas columnas e formato de 125X215 m/m. *Typ. da Gazeta da Victoria*, 1878.

— *Idem.* Segunda sessão, em 1879. — ?

— *Idem.* Sessão extraordinaria, em 28 de outubro de 1879. Volume de 41 paginas a duas columnas e formato de 125X225 m/m. *Typ. da Gazeta de Victoria*, 1879.

— *24ª legislatura.* 1ª sessão ordinaria, em 9 de março de 1880. Organizados pelo tachygrapho Sebastião Mestrinho. Volume de 136 paginas, a duas columnas e formato de 125X230 m/m. *Typ. Gazeta da Victoria*, 1880.

— *Idem.* 2ª sessão ordinaria, em 8 de março de 1881. Organizados pelo mesmo. Volume de 262 paginas, a duas columnas e formato de 133X220 m/m. *Typ. do Horizonte*, Victoria, 1881.

— *25ª legislatura.* 1ª sessão ordinaria, em 1882. Volume de 325 paginas, a duas columnas e formato de 125X225 m/m. *Typ. da Provincia do Espirito Santo*, Victoria, 1882.

— *Idem.* 2ª sessão ordinaria, em março de 1883. Organizados pelo tachygrapho Sebastião Mestrinho. Volume de 232 paginas, a duas columnas e formato de 125X225 m/m. *Typ. da Provincia*, Victoria, 1883.

— *26ª legislatura.* 1ª sessão ordinaria, em 8 de março de 1884. Organizados pelo mesmo. Volume de 237 (?) paginas e formato de 125X225 m/m, a duas columnas. *Typ. da Provincia*, Victoria, 1884.

— *Idem.* 2ª sessão ordinaria, em 22 de outubro de 1885. Organizados sob a responsabilidade do tachygrapho Sebastião Mestrinho. Volume de 104 paginas e formato de 125X225 m/m, a duas columnas. *Typ. da Provincia*, Victoria, 1886.

— 27ª legislatura. 1ª sessão ordinaria, em 2 de outubro de 1886. Organizados sob a responsabilidade do mesmo. Volume de 187 paginas e formato de 127X220 m/m, a duas columnas. *Typ. da Falha de Victoria*, 1886.

— *Idem.* 2ª sessão ordinaria, em 6 de julho de 1887. Organizados sob a responsabilidade de Sebastião Mestrinho. Volume de 163 paginas e formato de 127X220 m/m, a duas columnas. *Typ. da Folha da Victoria*, 1887.

— 28ª legislatura. 1ª sessão ordinaria, em 9 de julho de 1888. Organizados sob a responsabilidade de Sebastião Mestrinho. Volume de 167 paginas e formato de 127X220 m/m, a duas columnas. *Typ. da Folha da Victoria*, 1888.

— *Idem.* 2ª sessão, em 1889.— ?

467.— O GUARDA NACIONAL.— Capital.

468.— O CONSTITUCIONAL.— Capital.

469.— UNIÃO LIBERAL.— Capital.

470.— O DEBATE.— Capital.

471.— A VIOLETA.— Capital.

Tivemos conhecimento desses jornaes (467, 468, 469, 470, e 471) por uma lista nominal publicada, ha annos, pelo *Commercio* do Espirito Santo.

Quanto á *União Liberal*, pensamos haver engano no titulo e ser ella, simplesmente,— A UNIÃO — orgam do partido *liberal*. N° do catalogo.

472.— O MARTELLO.— Villa do Itapemirim.— Jornalzinho critico. Redactor, Manoel Carvalho.

473.— A MARIPOSA.— Villa do Itapemirim.— Redigido por Francisco Dias da Cunha, Albino Pedreira de Magalhães Castro, e outros.

474.— ARGOS.— Villa do Itapemirim.— Redigido por Albino Pedreira de Magalhães Castro.

475.— LANCETA.— Cachoeiro do Itapemirim.

476.— FOLHA DO SUL (1ª).— São José do Calçado.— Periodico politico, redigido por *diversos*.

Propriedade e gerencia de Joaquim Ouropretano Mineiro do Brasil. Em 1913 ?

477.— O MONOCULO.— São José do Calçado.— Critico. Publicou sómente um numero.

478.— O ESPOLETA.— Cachoeiro do Itapemirim.— Em 1913 ?

479.— RIO PARDENSE.— Rio Pardo.

480.— O ESPELHO.— Alegre.— *Typ. do Alegrense* ; *Typ. do Correio do Veado*. — Propriedade e direcção de Benedicto Leão. Pequeno formato.

481.— VOZ DO SUL. — Alegre.— Em 1920 ? Redactor, Gilberto Bruno.

482.— O MIMOSENSE.— Mimoso, municipio de São Pedro de Itabapoana.— Director, Santino de Oliveira. Publicação semanal.

483.— ALMANAK DE SANTA THEREZA.— Santa Thereza.— Redigido pelo professor Carlos Justiniano de Mattos.

484.— ALMANAK.— Iconha.— Da Casa Duarte & Beiriz.

Sessão extraordinaria de 2 de novembro



Aos dois dias do mez de novembro de 1926, reuniu-se o Instituto Historico, em sessão extraordinaria, para receber o dr. José Boiteux.

Occupou a presidencia o sr. Presidente do Estado, presidente de honra do Instituto, que ficou ladeado pelo desembargador Carlos Xavier, presidente do Instituto e d. Benedicto Alves de Souza, bispo diocesano; secretariando os trabalhos os srs. Adolfo Fraga e Heraclito A. Pereira, respectivamente, primeiro e segundo secretarios do Instituto.

Aberta a sessão o dr. Carlos Xavier convidou o sr. desembargador José Arthur Boiteux a prestar o compromisso na forma do paragrapho 2º do artigo 12 dos Estatutos, tendo depois, sob vibrante salva de palmas, o sr. Presidente do Estado feito a entrega do diploma ao socio recipiendario.

Occupou a tribuna o desembargador Boiteux que leu interessante trabalho sobre as personalidades do glorioso Estado de Santa Catharina.

Exmo. sr. dr. Presidente do Estado. Exmo. e revdmo. sr. Bispo Diocesano — Srs. secretarios de Estado — Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico — Srs. Consocios — Exmas. Senhoras — Meus Senhores.

Da expedição que do porto de San Lucar, na Espanha, partira, no meiado do seculo XVI, para o Paraguay, sob a direcção geral de d. João de Spinoza, fazia parte d. Fernando Trejo, «caballero noble de Trolijo», recentemente casado com d^a. Mencia Calderon y Canabria, que o acompanhára na longa e, por vezes, tormentosa travessia.

Após terem tocado em S. Vicente, rumaram os diversos navios para o sul, quando, assaltados por violento temporal, se espalharam, refugiando-se, então, o que seguia Trejo nas aguas placidas da espaçosa bahia de Batitonga.

E ali desembarcaram os tripulantes da avariada nau, estendendo-se pelas margens daquela linda e acolhedora paragem. Levantou-se, assim, uma povoação, que foi o primordio da, após, villa de S. Francisco. hoje cidade e emporio commercial importante da ponta da Cruz partindo a ferro-via que liga aquelle futuroso trecho do territorio catharinense, ao planalto norte, onde já se contam municipios de

prosperidade incontestada, como sejam S. Bento, Campo Alegre, Mafra, Itayopolis, Ouro Verde, antigo Canoinhas e Porto União.

Pouco depois do estabelecimento do referido casal naquella paragem tão bellamente dotada pela natureza, abençoou-lhe Deus o enlace com o nascimento do primogenito a quem, com as aguas do baptismo, dado foi o nome paterno, accrescido, como de praxe, ao tempo, do sobrenome materno.

Contava dois annos o gentil e robusto menino, quando os paes resolveram proseguir viagem para o Paraguay, onde, chegada a época de receber instrucção, foi matriculado no collegio ali fundado pelos padres da Companhia de Jesus.

Terminado que foi o seu curso secundario, resolveu o joven Fernando Trejo y Sanabria seguir a carreira ecclesiastica, ingressando na Ordem de S. Francisco de Assis. E, assim, partiu para Lima, onde, alimentado por vigorosa fé, serviu alguns annos, tendo sido guardião do convento da capital peruana e, posteriormente, provincial das onze Províncias que tantas eram as que se estendiam até as lindes que cercavam as vastas terras então denominadas — Alto Perú.

Os relevantes serviços que prestára no desempenho de cargos de tão manifesta responsabilidade, collimando nelles a fé e a dedicação, indicaram-no ao Summo Pontifice para a séde vacante da vastíssima diocese de Tucuman. E o sacerdote catharinense, egregio pastor em que se transformou, dedicou-se, desde logo, ao receber as insignias episcopaes, a dois nobilissimos postulados: a disseminação da instrucção e a intensificação da catechese dos indios que, por centenas de milhares, povoavam aquelle trecho do continente sul-americano.

Em continuas visitas pastoraes approximava-se do seu grande e disseminado rebanho, levando-lhe ao espirito e ao coração os sagrados princípios que se enquadram nesse livro da sabedoria que é o Evangelho; e, quando na sua residencia, dia a dia, lançava os fundamentos dessa notabilissima instituição — a Universidade de Cordoba, monumento grandioso que, no perpassar dos seculos, recordará sempre o nome do seu benemerito fundador — o catharinense d. Fernando Trejo y Sanabria.

Victor Meirelles, o grande mestre da pintura nacional, o mais brasileiro dos nossos pintores, nasceu na então cidade do Desterro, estando assignalada a casa em que se lhe abriram os olhos por uma placa de marmore que, por iniciativa nossa, ali se collocou.

A primeira missa do Brasil, a Batalha do Riachuelo, a Batalha dos Guararapes, o Juramento da Princesa Imperial, quando, pela vez primeira, ascendeu ao throno, como Regente do Império, são obras que, por si só immortalizam um artista.

Vivendo sempre no Brasil e para a sua arte, ao grande pintor devem-se numerosas telas, ora conquistadas pelas pinacothecas officiaes e pelos amadores, que assim devidamente homenageam o filho illustre de Santa Catharina, cuja herma, á sombra de arvores lindas, como são as da sua terra natal, se levanta no recanto que a arte mara-

vilhosa de Mestre Valentim transformou, na cidade do Rio de Janeiro, num dos mais encantadores pontos de recreio da grande e formosa Capital da Republica.

Tambem nasceu na villa que o bandeirante Francisco Dias Velho fundou o philantropo inegualavel nos fastos brasileiros, que se chamou Joaquim Francisco da Costa, passando á Historia com a denominação de — Irmão Joaquim — que a si mesmo elle deu, desligando-se, assim, da familia rica e prestigiosa a que pertencia, para dedicar-se inteiramente aos pobres, aos enfermos e á infancia desamparada.

Vestindo um burel, que cingia com um cordão de Terceiro Franciscano, calçando alpercatas, a cabeça sempre descoberta, palmilhou longinquas terras, esmolando dia a dia. E, attendendo, desde logo, ás dôres e aos soffrimentos de quantos d'elle se approximavam com os recursos que ia obtendo, nessa constante peregrinação, levantou o hospital de caridade de Desterro, ao lado da capella do Menino Deus, que a irmã do padre Bartholomeu de Gusmão, o Voador, — a beata Joanna de Gusmão, fundára naquella colina verdejante, de onde, annualmente, em commovente traslação e, na tarde seguinte, em não menos solenne procissão, percorre as ruas de Florianopolis, genuflexo o povo á sua passagem, a milagrosa imagem do Senhor dos Passos, a cujos pés sobem as preces e as supplicas dos catharinenses, fieis aos santos principios da religião, sob cuja égide nasceram, cresceram e se desenvolveram.

E o irmão Joaquim fundou mais o hospital de caridade de Porto Alegre, em cujo vestibulo se levanta, em bronze, a estatua do S. Vicente de Paulo brasileiro; e na antiga provincia de S. Paulo, em Sant'Anna e em Itú deixou tambem, dois estabelecimentos de educação: e em Jacuecanga, fundou, igualmente, o seminario de que foi reitor esse santo bispo d. Viçoso, antistite de Marianna; e no Rio de Janeiro, a instancias de d. João VI, então principe-regente, creou um internato para creanças desamparadas; e na capital da Bahia, fundou uma casa de educação para os orphãos, em S. José de Baixo, hoje transformada no Collegio Pio S. Joaquim, grande e modelar estabelecimento de ensino profissional.

Já tendo estado em Lisboa, onde bem o acolhera a munificencia real, para Roma partira o irmão Joaquim quando, em transito para Marselha, falleceu nessa cidade, em 1829, abeirando 70 annos.

Certo considerar se-á falha a lista dos estadistas do 1º Imperio e da Regencia, si nella não incluído fôr o nome do Conselheiro Manoel José de Souza França, figura de destaque entre quantos, nos sombrios e tumultuosos dias que precederam o 7 de Setembro de 1822, propugnaram, com decidida vontade, pela nossa independencia.

Portador da pasta do Imperio do penultimo gabinete ministerial de D. Pedro I e da Justiça quando, regente, a nobre figura liberal do padre Diogo Feijó enfeixou, em suas mãos energicas, a suprema direcção dos negocios publicos, amparando o throno vacillante em

que se sentava uma creança, bastante fraca para segurar o sceptro do supremo mando, o conselheiro Souza França, que já se havia sentado como secretario, na mesa da Assembléa Constituinte dissolvida pela prepotencia do filho de d. João VI, o *estafermo*, na phrase pejorativa da propria esposa, a dissoluta d^a. Carlota Joaquina — foi, por vezes outras, eleito deputado geral, sempre pela provincia do Rio de Janeiro, que presidiu posteriormente, recebendo as rédeas da administração das honradas mãos do Visconde de Uruguay, cujo prestigio incontrastavel no partido conservador collocou-lhe nos hombros as dragonas de marechal, nobremente transmittidas ao seu illustre filho, o conselheiro Paulino Soares de Souza.

E é também Santa Catharina o berço natal de outro estadista — o conselheiro Joaquim Francisco Coelho, «a expressão liberal do gabinete 2 de fevereiro de 1844», ao occupar a pasta da guerra, orlando-lhe os punhos os galões de tenente-coronel.

Engenheiro militar, alumno premiado nos diversos annos de um curso brilhante, aos 25 annos já havia alcançado o posto de capitão, quando fundou, na capital catharinense o primeiro jornal, para o que adquirira, na Côrte, um pequeno prelo, para isso aprendendo a arte typographica, que, de outra forma, não possivel lhe seria realizar o nobre e patriotico intento. O *Catharinense*, chamou-se o primeiro jornal, pequeno hebdomadario, cujo primeiro numero foi redigido, composto e revisado por elle proprio, conforme se lê na edição inicial.

Director da Escola de Applicação do Exercito, da Fabrica de Polvora da Estrella e do Arsenal de Guerra da Côrte, elle foi o dedicado e competente administrador, cujos relatorios bem manifestam os dotes que o enalteciam.

Deputado provincial, em 1835, na primeira legislatura e nas immediatas e deputado á Assembléa Geral Legislativa em tres quadriennios foi sempre esforçado defensor dos interesses da sua terra.

Presidente das provincias do Pará e Rio Grande do Sul, deixou, nas duas administrações, impresso indelevelmente o seu nome nas obras que ainda hoje o recommendam como administrador operoso e honesto.

E, em 1859, sentou-se, pela segunda vez nos conselhos da Corôa, sobraçando a pasta da Guerra.

Do brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho, que nascêra, como o conselheiro Souza França, na então villa da Laguna, diremos o que, em memoria apresentada ao Congresso Nacional de Historia, escrevemos :

«Devotado, em extremo, aos interesses da terra que lhe fôra o berço, elle, desde 1831, ao subscrever o artigo programma d'O *Catharinense*, que havia fundado nos dias tormentosos que se seguiram á abdicção de d. Pedro I, assignalára-se como um tenaz combatente pelo que julgava fosse o progresso, o bem, a garantia de um melhor futuro para a Provincia estremecida. A sinceridade das suas manifestações, alliada á acção constante em prol de tão alevantados ideaes, cercou-lhe o nome da auéola que só conquistam os capazes de conduzir uma bandeira, em cujas dobras se envolvam nobres principios, brilhantes iniciativas, admiraveis realizações.

Deputado provincial desde 1825, elle completava na tribuna da assembléa catharinense a campanha iniciada na outra não menos nobre, não menos elevada tribuna que fôra o jornal, que fundára ; deputado geral em tres legislaturas, a sua acção parlamentar se revestiu, desde logo, de forte destaque ; pouco depois Ministro da Guerra, coube-lhe pacificar S. Paulo e Minas Geraes, enviando, pelas mãos de Caxias, o ramo de oliveira ás hostes combatentes do Rio Grande do Sul. Afastado do parlamento, transcorreu-lhe o decennio de 1847 a 1857, em longa serie de serviços, cada qual mais relevante, prestados em comissões da maior responsabilidade, umas de natureza scientifica, de character politico outras, como fossem as presidencias do Paraná e Rio Grande do Sul, ainda hoje recordadas como exemplares. Restituido ao parlamento, viu-se logo que o seu prestigio não se modificára com tão prolongada ausencia da tribuna que — gloriosa espada pensante e fallante, como era qualificado, — enfrentára notaveis oradores ; pelo contrario, como que se avolumaram todas as qualidades que, antes, já o haviam elevado aos conselhos da Corôa, e eil-o, de novo, Ministro da Guerra, desta vez sentando-se com os bordados de Brigadeiro, com a mesma lucida intelligencia, com a mesma capacidade de trabalho com que, pela vez primeira, occupara a referida pasta, trazendo aos punhos os galões de tenente-coronel».

Bravos marinheiros pode Santa Catharina apresentar aos demais Estados da Federação como verdadeiras glorias nacionaes, que, sem orgulho o dizemos, alliados aos militares de terra, formam uma constellação refulgente, digna de brilhar entre as mais adiantadas nações.

São elles o almirante Jesuino Lamego Costa, Barão da Laguna, senador que foi do Imperio ; o almirante Barão de Iguatemy, que, si não teve o seu baptismo de sangue na campanha contra as Provincias Unidas do Rio da Prata, como esse glorioso barriga-verde, cujo nome acabo de citar, expoz a sua vida em toda a campanha contra o governo do Paraguay ; o almirante José Marques Guimarães, um dos poucos sobreviventes do naufragio da fragata *D. Izabel*, nas costas marroquinas e que ascendeu ao mais elevado posto na marinha de guerra, orientando sempre os seus actos pelos dictames traçados pelos seus eminentes antecessores ; o almirante João Justino de Proença, o scintillante homem de letras alliado ao militar brioso e digno, autor de monographias que são bem a prova da sua grande capacidade intellectual ; o almirante José Pinto da Luz, vergonteia de um tronco illustre em Santa Catharina, filho do prestigioso chefe do partido conservador, commendador João Pinto da Luz que, em opposição, derrotou o candidato liberal que acabava de deixar o ministerio a 2 de fevereiro de 1844 ; o almirante Miguel Antonio Pestana, um dos bravos na campanha contra o dictador do Paraguay, para só falarmos dos mortos.

E ainda na terra de que Dias Velho disse, ao povoal-a : «é mais que bôa, quem disser o contrariamente» ; e ainda nessa terra, tres vezes santa, na synthese admiravel do notavel orador dr. Edmundo da Luz Pinto, nasceram o marechal Francisco Carlos da Luz, conselheiro

porque cathedratico da Escola Militar, director da Fabrica de Polvora da Estrella, deputado geral em diversas legislaturas, tendo feito parte de duas listas triplicas senatoriaes ; o marechal Julio Anacleto Falcão da Frota, com destacados serviços na campanha contra Solano Lopez, senador, na Republica, pelo Estado do Rio Grande do Sul ; o marechal Antonio Nicolau Falcão da Frota, irmão do precedente e ministro da guerra do governo constitucional de Deodoro da Fonseca ; o marechal João Pedro Xavier da Camara, veterano do Paraguay, chefe do Estado maior do Exercito e ministro interino da Guerra ; o marechal Roberto Trompowsky Leitão de Almeida, o grande mathematico dos maiores valores mentaes do nosso Exercito.

E para encerrarmos esta relação só dos officiaes generaes que já resvalaram pelas brumas cerradas do tumulo, vos citaremos o marechal Guilherme Xavier de Souza, commandante de um dos corpos do nosso Exercito em operações no Paraguay, e, por ultimo, commandante em chefe, recebendo o bastão do supremo mando das mãos do Duque de Caxias, quando da retirada deste inclyto marechal, de Assumpção, abatido então, por insidiosa enfermidade.

E nessà campanha contra o governo paraguay, revelaram-se tres heroes catharinenses, para só falarmos nos de maior gradação ; brigadeiro Jacintho Machado de Bittencourt e coroneis Fernando Machado de Souza e Manoel José Machado da Costa ; o primeiro, commandante de um dos corpos de Exercito, o bravo dos bravos em Lomas-Valentinas, de quem Caxias, em ordem do dia assignada em Assumpção, dissera sentir não ter a attribuição de conferir o bastão do marechalato ; o segundo, o heroico commandante da quinta brigada do segundo corpo de Exercito, morto gloriosamente em Itororó, quando á frente dos seus soldados, investia contra o inimigo, num segundo e violento ataque ; o terceiro, abatido pela morte no combate de Boqueron, depois de ter conduzido á victoria, em prelios anteriores, o batalhão cujo commando lhe havia sido confiado, desde o Rio de Janeiro, onde chefiára a força policial que para o campo de batalha seguira, com a segurança da derrota do inimigo que a esperava.

Personalizando a bravura do barriga-verde que, na defeza do pavilhão nacional não pede meças a quem quer que seja, lemos nas paginas dessa guerra dos cinco annos, iniciada no Passo da Patria, no momento em que o legendario Osorio pisava aquelle sólo, empunhando a lança do guerreiro gaúcho, e terminada nas margens do Aquidaban, onde nos ultimos estertores, amaldiçoado pela propria genitora, Francisco Solano Lopez cerrou para sempre os olhos, deixando pender a espada que fôra glaudio maldito, conductor de um povo ao sacrificio supremo da vida ; lemos nas paginas dessa historia, diziamos, os nomes de dois jovens officiaes, primeiros tenentes ambos : José Ignacio da Silveira e Alvaro Augusto de Carvalho, o primeiro morto no Itapirú, ao lado do bravo Mariz e Barros, seu commandante ; o segundo, o heroico commandante da corveta *Ypiranga* na batalha do Riachuelo, aos 11 de junho de 1865, e, após, nas passagens de Cue-

vas e Mercedes, já alquebrado por violenta febre, sentado na torre de commando, resistindo aos conselhos do medico e ás solicitações reitadas do seu immediato.

«Não ! não arredarei um passo daqui ; só sinto que, em vez de sentado, não possa estar bem erecto, para, assim, melhor cumprir o meu dever». E essas palavras do bravo catharinense são, senhores, uma constante lição que aprendemos e aos nossos filhos transmittimos para sermos dignos de hombrear, quando a Patria o exigir, com os não menos bravos capichabas, irmãos de Maria Ortiz !

Nas letras, culminaram tres grandes poetas : Luiz Delfino o Victor Hugo brasileiro, no dizer de Luiz Murat ; Cruz e Souza, o torturado poeta do *Acrobata da Dôr* ; Lacerda Coitinho, que, no poema *Greenhalgh*, cantou a epopéa sublime do sacrificio da vida de um promissor ornamento da Marinha de Guerra Brasileira, morto gloriosamente no convez da *Parnahyba*, na mesma hora em que Marcílio Dias, o marinheiro heroico, exhalava o ultimo suspiro defendendo o pavilhão nacional.

Patronos da Academia Catharinense de Letras, os vates catharinenses, cujos nomes acabamos de citar, são mais que glorias da terra natal, são glorias do paiz, que os conta como estrellas de primeira grandeza no firmamento literario patrio.

Além de d. Fernando Trejo y Sanabria, enumera Santa Catharina mais tres bispos, dos quaes dois já fallecidos, e são elles d. Jacintho Vera, filho de um exilado platino, que na então cidade do Desterro se estabelecera, fugindo á perseguição de sanguinario dictador e ali deixando descendencia, hoje representada no chefe da estação telegraphica do palacio presidencial da Republica ; e d. Eduardo Duarte Silva, bispo diocesano de Goyaz e, posteriormente, antistite de Uberaba, quando da creação da diocese respectiva no Triangulo Mineiro.

Ao tempo em que, chefe espiritual da vasta circumscripção ecclesiastica que o Araguaya magestoso banha, o bispo d. Eduardo Duarte Silva, numa visita pastoral que á ilha do Bananal fez, tentou catechisar os indomaveis amerindios que ali se espalham em malocas mil, escapando de ser por elles sacrificado, o que impediu a opportuna intervenção de um *tuchana* já um tanto familiarisado com a gente ali em continuo transito.

Como d. Jacintho Vera, tambem é já fallecido d. Eduardo Duarte Silva, restando-nos, neste momento, como unico representante de Santa Catharina no episcopado brasileiro, o illustre bispo-auxiliar da diocese de Campanha, no Estado de Minas-Geraes.

Nos cinco lustros que decorreram de 1865 a 1885, sentaram-se nos Conselhos da Corôa, sobraçando, respectivamente, as pastas dos Estrangeiros e da Justiça, dois illustres catharinenses dignos successores, em tão elevados cargos, dos conselheiros Souza França e Jeronymo Coelho. Queremo-nos referir aos conselheiros dr. João Silveira de Souza, lente cathedratice da Faculdade de Direito de Recife, presidente das provincias do Maranhão, do Pará, do Ceará e de Pernambuco.

deputado geral em diversas legislaturas e ministro da citada pasta no gabinete presidido pelo eminente chefe liberal conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos.

Convém additar que o conselheiro Silveira de Souza, em situação politica hostil, porque conservadora, alcançara o terceiro logar na lista triplice ao Imperador apresentada para o preenchimento da vaga aberta no ramo vitalicio do parlamento, por motivo do decesso do nobre almirante Jesuino Lamego Costa, Barão da Laguna, successor que fôra, em 1872, do senador José da Silva Mafra, uma gloriosa reliquia desse Regimento da Ilha de Santa Catharina, o celebre regimento «barriga-verde», cuja alcunha vale pela mais nobre condecoração a um catharinense conferida.

E tambem citaremos o conselheiro Manoel da Silva Mafra, que, promotor publico do Desterro, juiz municipal de S. Miguel, juiz de direito de Paranaguá e Leopoldina, chefe de policia do Paraná, presidente desta antiga provincia do Espirito Santo, em 1878, desembargador e presidente da Côrte de appellação do Rio de Janeiro, foi o typo modelar do magistrado integro e do administrador consciencioso, dentro dos limites que o partidatismo de então traçava.

Jurisconsulto de primeira plana, autor de mais de uma obra enquadrada com fulgor, na sciencia do Direito, Silva Mafra legou á terra natal que elle estremecidamente amou, um monumento imperecivel : essa *Exposição Historico-Juridica*, que foi a clamyde victoriosa de que Santa Catharina se revestiu ao debater, perante o Supremo Tribunal Federal, a quasi secular questão de limites com o visinho Estado do Paraná.

E o velhinho illustre que, ao morrer, poudo dizer, como tambem queremos repetir : «a minha terra ameí e a minha gente», já quasi abeirava 16 lustros de existencia quando redigiu aquella obra que o immortalizou na nossa querida terra natal.

E' tambem um outro Silva Mafra, não menos illustre conterraneo, uma figura de destaque no Panteon Catharinense.

Nascido num pittoresco recanto da ilha que nós, barrigas-verdes, embevecidos diante de suas bellezas naturaes, chamamos, como laureado poeta, de «verde Erim Brasileira», José da Silva Mafra, seguindo a carreira militar, foi tenente-secretario do general Marques de Souza, quando da expedição de Cayenna.

Chegando ao posto de tenente-coronel, reformou-se e foi secretario da presidencia, deputado á Assembléa Legislativa Provincial e eleito senador do Imperio quando ossinos da matriz da risonha freguezia de Santo Antonio, dobrando plangentemente, annunciaram haver evolado aos Ceos a alma do velho senador Padre Lourenço Rodrigues de Andrada, o patriota que representára o berço natal nas Côrtes de Portugal, com as vestes fiadas e tecidas nos teares da ilha, aliás mandadas queimar pelo governo da Metropole, obediente ao plano que se traçara de impedir o surto progressivo das nossas industrias, mas feliz-

mente mantido pelo governador tenente-coronel José Pereira Pinto que, em boa hora, fizera ouvidos de mercador á exdruçula ordem da mentecapta rainha Maria I.

Um dia houve que do norte ao sul do paiz corra a noticia, procedente de Londres, de haver o almirantado inglez resolvido introduzir na construcção dos seus navios de combate novo systema, invenção de um brasileiro : o constructor naval Trajano de Carvalho. E o typo «Trajano» foi, por isso mesmo que devidamente apreciado pelas altas autoridades da marinha de guerra britannica, classificado como o mais efficiente systema de construcção naval.

Trajano Augusto de Carvalho tambem nascera em Santa Catharina, na capital, na rua a que foi dado o seu nome, Irmão de Alvaro Augusto de Carvalho que já citamos, Trajano inventou tambem um systema de diques fluctuantes, a cuja efficiencia as revistas technicas fizeram as mais elogiosas referencias.

O grande constructor, nos ultimos annos da vida, perdeu dois filhos — primeiros tenentes da Armada ambos — fuzilados na fortaleza de Santa Cruz, em abril de 1894. O grande coração que tantas vezes pulsou servindo a Patria por meio de tão notaveis invenções, estalou um dia de dôr, que só pôde medil-a quem ferido por tão rude golpe.

Oradores sacros, entre quantos sacerdotes catharinenses já desceram á terra fria das necropoles, tivemos tres : o arcypreste Oliveira Paiva e os conegos F. Pedro da Cunha e Eloy de Medeiros.

Lêr-lhes as orações solennes que da magestade da tribuna sagrada proferiram ; examinar-lhes os discursos gratulatorios, que foram justificado motivo para tão retumbantes triumphos, é bem avaliar do alto merecimento desses expoentes da oratoria no Brasil meridional. Ha nessas orações, emocionantes umas, vibrantes outras, todas obedecendo ás regras que aconselham os mestres no bem dizer, trechos que, enfileados numa Anthologia religiosa, conduziram os seus autores á linha em que se enfileiraram os Montalverne e os Sampaio, os Esberard e os Luiz Raymundo de Brito, saudosas sombras do passado, e em que, ainda, mercê de Deus se enfileiram os Sebastião Leme, os Benedicto de Souza, os Manfredo Leite...

Longa já vae esta narração e tão longo é ainda o elenco dos Catharinenses já fallecidos, dignos de menção ! Mas força é não abusarmos da paciencia do auditorio illustre que nos dá a honra de ouvir a leitura destas tiras.

Para finalizarmos, permitti que vos lembremos mais dois nomes : um o de um heróe, o outro o de uma heroína.

O heróe foi o coronel Fernando Lobo d'Eça, cuja estirpe vem de um ramo bastardo dos Braganças que governaram Portugal, segurando o sceptro que a bravura de Nun'Alvares fundiu no crysol do seu amor á terra lusa, terra mater da brasilica gente.

Em 1777 era a ilha de Santa Catharina invadida pelas forças hespanholas sob o commando em chefe de d. Pedro Cevallos y Calderon, e o commandante das tropas luso-brasileiras covardemente rendeu-se, sem disparar um tiro ! Para honra de quantos ali defendiam a

bandeira das cinco chagas, só elle, o marechal Antonio Carlos Furtado de Mendonça, assim procedeu !

A officialidade dos regimentos, revoltada, não assignou a capitulação imposta pelo general castelhano, e os soldados, humilhados, escaparam-se, um a um, escondendo a vergonha que lhes ia nalma, nas freguezias que se estendem pela ilha á fora.

E foi então que o coronel Fernando Lobo d'Eu, fremente o coração de desespero, quebrou, uma a uma, as hastes das bandeiras do seu regimento queimou-as todas para que ás mãos do invasor não servissem de trophéos essas mesmas bandeiras que o conduziram a tantas victorias, que se contavam pelo numero de combates em que se havia empenhado.

E o soldado pernambucano Antonio Pereira da Silva — ó figura immortal de soldado brasileiro, paradygma da honra e do brio dos filhos dessa terra que conta na sua gloriosa historia os feitos de Guararapes! — e esse soldado, enrolando no corpo a bandeira do seu regimento, abandonou a ilha e passou ao continente.

Vencendo mil obices, mil entraves, mil difficuldades, atravessou as serras, vadeou os rios, venceu as distancias interminas que separam Desterro do Recife e, na terra natal, foi depositar, nas mãos do governador da Capitania, symbolo da patria que elle conduzira sobre o coração, forrando com essa bandeira, que lhe fôra guieiro sublime nos dias batidos de sol e nas noites illuminadas pelo Cruzeiro do Sul.

E a heroína foi Anna Maria de Jesus, que passou á historia com o titulo de «Heroína dos Dois Mundos», — Annita Garibaldi —, a mulher extraordinaria que se desdobrou na mãe amantissima, na esposa exemplar e na guerreira de uma coragem indomita.

E a destemerosa lagunense combateu, no Brasil, pela implantação da fórmula republicana, e tambem pela liberdade terçou armas na Italia, a amada patria do seu esposo.

Na cidade Juliana, coube-lhe, a bordo do lanchão «Seival» disparar o primeiro tiro de canhão contra os legalistas.

Farroupilha invita, por vezes desembainhou a espada em mais de um combate, na precipitada fuga de Laguna para Lages, atravessando os campos de Coritibanos, até chegar a S. Simão, no districto rio grande de Mostardas, onde nasceu o seu primeiro filho: Menotti Garibaldi.

Na Italia, por vezes, bateu-se ao lado do *condottiere*, a que se ligara na Laguna, santificando a união, em 1842, na cidade de Montevideo, na egreja de S. Francisco.

A casinha rustica onde a heroína cerrou para sempre os olhos abatida pela malária, quando perseguida pelas forças inimigas concentradas nas cercanias de Ravenna, formando quatro divisões que operavam no nordeste da Italia, adquiriu-a o governo que a transformou num monumento nacional.

Bem haja esse governo da gloriosa Italia que soube honrar as cinzas da co-patricia de Maria Ortiz, a egregia heroína capichaba, de ante de cuja memoria nos erguemos saudando cordialmente este formoso trecho do territorio brasileiro, em nome do Estado de Santa Catharina.

Encerrou a sessão o desembargador Carlos Xavier saudando o novo socio correspondente do Instituto.



Aspecto do banquete offerecido pelo Governo do Estado aos membros do Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia, Instituto Historico e altas autoridades.

Sessão ordinária de 11 de novembro

Presidencia do desembargador Carlos Xavier, secretariado pelos srs. Adolfo Fraga, primeiro secretario e professor Andrade e Silva, na ausencia do segundo secretario professor Heraclito A. Pereira.

O expediente constou de um officio do dr. Clovis Cortes, offerecendo diversos exemplares do relatorio que o director da Comissão de Melhoramentos, dr. Moacyr Avidos, apresentou ao sr. Presidente do Estado e de mais publicações feitas pela mesma Comissão; volume de mappotheca offerta do dr. Raphael Mayrink; diversos volumes ao *Oitavo Congresso B. de Geographia*, mappas offerecidos pelo general Rondon e Ataliba Lepage.

O desembargador O'Reilly de Souza apresentou em fundamentada proposta, para socio effectivo do Instituto, o dr. José Meira Quadros.

Essa proposta era assignada pelo proponente e mais os srs. Almir Gonçalves, Araujo Primo e Andrade e Silva. Foi á commissão de Admissão de Socios.

O dr. Carlos Xavier expoz os fins da presente sessão, pronunciando referencias ao *Oitavo Congresso de Geographia*.

Disse que se desobrigava do dever de dar contas da organização, do mesmo *Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia*.

Confessara que na epoca da organização tomara attitude que talvez parecesse arbitraria. Resolvera tudo por si e não fizera nenhuma reunião das commissões. Confiava na solidariedade dos companheiros e agia em bem de todos. Fez referencias a todos que o auxiliaram.

Com a palavra o sr. Adolfo Fraga, agradece muito penhorado as referencias que lhe são pessoalmente feitas accrescentando que todo o carinho e dedicação que vota ao Instituto é por, em plena consciencia, julgar de sua obrigação, não só como socio fundador da aggremação, como na qualidade de seu primeiro secretario.

Referindo-se ao certamen scientifico constituido pela reunião do *Oitavo Congresso B. de Geographia*, propõe seja designada uma commissão afim de, em nome do Instituto, congratular-se com o sr. Presidente do Estado pelo brilhante exito do mesmo e pelo apoio moral que s. excia. deu ao Instituto para perfeito desempenho de sua actuação.

Foi proposta ainda a inserção em acta de um voto de louvor ao titular da pasta da Agricultura, dr. Bemvindo Novaes, pelo esforço patentado na exposição estadual, que veio sobremodo con-

correr para maior realce das festas organisadas em homenagem aos delegados ao *Oitavo Congresso*, e que disto se dê conta a s. excia. por officio.

Esses projectos são approvados unanimemente.

O dr. Carlos Xavier designou a comissão composta da mesa do Instituto, para apresentar congratulação ao sr. Presidente do Estado.

Ao dr. secretario da Agricultura, officie-se.

Com a palavra o dr. Araujo Primo lembra o bello discurso pronunciado na sessão solenne de encerramento do *Oitavo Congresso*, pelo sr. terceiro vice-presidente do Instituto, dr. Aristoteles da Silva Santos e pede constar da acta as justas referencias que o orador fez aos srs. presidentes das comissões Organisadora e Technica.

Solicita o dr. Carlos Xavier, que esses elogios se estendam aos membros das mesmas comissões.

E por nada mais haver o sr. presidente Carlos Xavier, encerra a sessão, congratulando-se com todos os socios do Instituto pelo brilho do *Oitavo Congresso Brasileiro de Geographia*.



Sessão solenne de 1º de maio

Effectuou-se a 1º. de maio ultimo a sessão com que o Instituto Historico commemorou a data consagrada ás classes trabalhadoras.

O sr. desembargador Carlos Xavier ao abrir a sessão convidou o sr. major João Barbetta representante do sr. Presidente do Estado, a occupar um logar na mesa.

Em seguida produziu brilhante discurso allusivo a data, demonstrando-se em considerações historicas e sociaes.

Disse a data pertencer a todos nós porquanto operarios não são somente os humildes, e sim todos que labutam em pról do engrandecimento economico do paiz.

Terminou fazendo entusiastica peroração, merecendo suas ultimas palavras prolongadas palmas.

Tendo justificado a sua auzencia por motivo superior o illustrado orador official dr. Alarico de Freitas, o presidente do Instituto deu a palavra ao orador inscripto, dr. Aristoteles da Silva Santos, terceiro vicepresidente da aggremação, que pronunciou o seguinte discurso :

O operariado de todo mundo hoje se congrega para comemorar o dia do Trabalho.

A genesi dessa data, foi a scena sanguinolenta e selvatica desenrolada em Chicago, enchendo de colera e constrangimento a classe proletaria.

Em recordação a esse facto apavorante, creou-se o 1º de maio, dia do Trabalho, dia do grande protesto.

Nós aqui, porém, não nos encontramos nessa attitude, mas na de quem vê no operario a força vital do paiz e commemoramos essa data como de festa, de harmonia, da confraternização.

O 1º de maio, transportado para o Brasil, perdeu as suas tintas rubras e se vestiu do verde de nossos campos e do azul do nosso céu—campos, celleiros eternos ; céu de sempiterna blandicia !

Não se justificaria que na data de hoje nesta Chanaan abençoada de Deus, viesse o operariado á rua blazonar e hostilizar o capital, quando não conhecemos os rigores do frio, quando não sentimos os horrores da fome, quando, ainda, explorámos siquer as riquezas que nosso sólo esconde ; as terras que as florestas infindas ensombram ; o curso dos rios gigantescos que zig-zagueam pelos sertões despovoados.

O mesmo se não dá nas velhas terras pisadas e repisadas, demarcadas em todas as suas direções e povoadas em todos os seus recantos ; terras que se cobrem inteiramente de neve, que cáe do céu como

punhados de algodão batidos pelos ventos, trazendo aos lares pobres o desconforto, a tristeza e a morte.

O nosso céu é um verdadeiro tecto em todas as estações do anno — cheio do azul das nossas esperanças, das estrellas da nossa fé, e dos românticos luars de nossas cogitações.

Tão disparatado seria um movimento subversivo das classes proletarias das terras de Santa Cruz, quanto irrisorio seria voltassemos ao imperio. Tudo em o nosso amado Brasil fala de liberdade e, as altas palmeiras nativas que se erguem do coração dos mattagaes impervios, parecem ao serem baloiçadas pela viração da tarde, na desabrida manifestação de agradecimentos ao inimitavel Architecto do mundo, pela quantidade de bellesas com que se esmerou dotar esse pedaço da America do Sul, tão invejado e onde só ha lagrimas porque são ellas indispensaveis á purificação da alma.

Ainda ha dias, o sr. Brown Scott, delegado dos Estados Unidos á Junta de Jurisconsultos, ora reunida na Capital da Republica, assim se manifestou relativamente ao nosso futuro e á nossa grandeza :

«Nenhum povo póde escapar ao seu destino geographico. E' a geographia quem lhe determina a finalidade politica, no contacto das outras nações.

O Brasil, mais do que qualquer outro povo continental, está fadado pela natureza da sua posição na America do Sul a se deixar penetrar do espirito internacional e de conciliação. Mais do que em nenhuma origem, o espirito internacional resulta do contacto com differentes nações. Excepção do Chile, o Brasil está limitado com todo o hemispherio sul-americano, inclusive com trez paizes europeus, por meio do territorio das Guaynas Ingleza, Franceza e Hollandeza. A norte, sul e oeste, para qualquer lado que se volva, elle se encontra em contacto com povos cujos territorios confinam com o seu. Se ha Estados que têm de pagar á historia o peso das suas tradições, outros lhe trazem a sua contribuição esmagados pela força do seu destino geographico. O Brasileiro deve ter e tem que ter uma formação mental para comprehensão das outras nações, mais larga, mais completa do que, por exemplo, o mesmo povo americano do norte».

Vê-se pelas palavras do eminente internacionalista americano perfeitamente delineadas a nossa vida presente e a nossa vida futura ; claramente esteriotypada a obrigação que temos de nos collocar em altura tal que possamos ser a sentinella insomne dos direitos e das liberdades sul-americanas.

Um paiz como o nosso, que por sua finalidade geographica, está fadado a futuro tão magestoso, não pode nem deve acolher em seu seio idéas extremistas nascidas em outras terras, cujas condições economicas e possibilidades financeiras são inteiramente diversas, não tendo mesmo nenhum ponto de parecença.

As reformas sociaes se não fazem pelo espirito de imitação, ninguém as organiza. Ellas surgem expontaneamente e tomam forma de accordo com o ambiente que se respira.

Acalentar-se principios em meios onde elles se não enquadram é o mesmo que se prescrever medicamentos erroneos ao organismo humano. Envenena-o, entoxica-no.

Os problemas sociais precisam ser cuidados com o mesmo acurado exame que se procede no corpo humano.

Foi depois de bem estudar, pesquisar, esmerilhar o avanço do christianismo, que Constantino, em 313, teve a iniciativa do edito de Milão, de equiparar christãos e polytheistas partidários das velhas crenças. E' que o christianismo, apesar de todas as perseguições, caminhava ovante, vencedor e caminhava vencedor porque vinha curar não pequenos males sociais.

Com o seu progredir começou o operário no imperio romano a ser considerado, pois, até, então, á guiza do que acontecia na Grecia, era desprezado e esquecido.

«Uma das recommendações da Igreja, escreve Ernesto Renan, em seu livro «Marco-Aurelio e o fim do mundo antigo» é de aconselhar o artista á dedicação pelo seu officio, com gosto e applicação. Nobilita-se o operário; elogiam-se nos epitaphios os operários e operárias que foram bons trabalhadores.

O operário, ganhando honradamente o pão quotidiano, realisa o ideal christão.

Vemos, pois, que ao christianismo devemos a primeira semente desse grande ideal de solidariedade humana — elle se esforçou para egualar o rico ao pobre e é Santo Ambrosio quem diz: «A terra foi dada em commum aos ricos e aos pobres».

O christianismo foi, diz Renan, antes de mais nada uma revolução economica. Os primeiros serão os ultimos, e os ultimos serão os primeiros. Realizou-se o reino de Deus, segundo os judeus. Um dia Rab José, filho de Rab Josué, cahindo em lethargo, o pae perguntou-lhe quando recuperou os sentidos: «Que viste no céu? — Eu vi, respondeu José, o mundo invertido; os poderosos estão no ultimo lugar; os humildes no primeiro. — Viste o mundo normal, meu filho».

Esse exemplo nos basta para sustentarmos a asserção de que as bases do socialismo estão no christianismo, apoiado dentre outros doutos da igreja, por S. Jeronymo, S. Clemente, S. Basilio e S. Chrisostomo.

Enorme oppressão naquelle tempo soffriam as classes pobres — operários e aldeões — e era indispensavel que uma reforma se fizesse, um novo sol brilhasse.

O christianismo nasceu no momento opportuno, num ambiente proprio ao seu desenvolvimento, no lugar propicio á sua irradiação. Se estudarmos a revolução francesa que trouxe em consequencia o fomento das idéas modernas, nós vemos que o socialismo pregado primeiramente por Baboeut, Saint-Simon e Tonrier e depois por Luiz Blanc, Pecquer, Cabet, Prondhon, Leroux e outros não teve essa preponderancia que registamos na Russia com a invenção do *inhilismo* pelo romanista Turguénew.

A razão se explica: enquanto a França se debatia em uma luta cruenta, e seus filhos, os philosophos e os theóricos, os políticos e os operários concebiam e estudavam remedio para o grande mal; o povo russo, soffredor e escravizado por uma autocracia impenitente, clandestinamente lia o que se escrevia na Europa occidental e ia adaptando as novas idéas ás suas necessidades, e escrevendo com o sangue de seus adeptos o necrologio dantesco.

E a Russia não desanimou até nossos dias na lucta de ver em realidade estabelecida em suas terras uma nova organização social, facto que se vae consumando, devido, sobretudo, á monstruosidade da autocracia que a asphixiava.

O que a Russia realizou, aconselhada pela necessidade, quiz a França fazer por decretos.

As grandes mudanças sociaes, diz Gustavo Le Bon, em seu livro «A revolução franceza e a psychologia das revoluções» fazem-se como as transformações geologicas, graças á addição quotidiana de cousas minimas,

Conforme procurei demonstrar, bastante diversas são as condições sociaes dos demais paizes com o nosso privilegiado sob todos os pontos de vista por que o encaremos.

Não quero dizer que o nosso operario seja indifferente ás extorsões do capital manejado por exploradores desalmados, mas que faça valer seus direitos dentro da lei, provando por esse modo seu respeito á Patria e á Justiça.

Não avançarei a dizer que o operariado brasileiro seja bem pago, mas não poderei negar que elle desconhece os principios de economia, não levando por isso melhor conforto a seu lar...

O que é indispensavel ao nosso operario é que elle se instrúa e tenha a preoçupação maxima de instruir seus filhos, para que de futuro não tenhamos mais a monstruosa vergonha de uma Republica com um coeficiente lastimavel de analphabetos.

Nunca é tarde para se aprender: Jorge Stephenson começou seus ensaios de leitura aos 19 annos; foi trabalhando como encadernador que Miguel Faraday, filho de um pobre ferreiro, descobriu que o iman é capaz de electrizar um fio pelo qual não passe corrente electrica alguma, estabelecendo assim a intima relação entre o magnitismo e a electricidade; o pae da cirurgia da guerra foi o barbeiro Ambrosio Paré; pobres e humildes foram os paes de Copernico, que 13 seculos depois, corrigiu o erro de Ptolomeu e Benevenuto Collini, o autor da estatua de Persen, que ainda hoje se vê em uma das ruas de Florença, começou sua vida como simples ourives.

Vêde, operarios de minha terra, columnas do nosso progresso, que só ha uma hierarchia e essa hierarchia é a do trabalho honrado, perseverante, intelligente. O Brasil precisa de vós e convosco conta nos dias de paz e nos dias de guerra; nos dias de risos e nos dias de lagrimas — fazei-o grande pelo vosso suor; prospero pelo vosso amor ao trabalho; e digno pela vossa comprehensão exata dos deveres para com a familia, sobre a qual se assentam as bases da religião, da virtude e da moral.

Não deveis, ó operarios de minha terra, vos escravisar pelo desanimo quando elle vos invadir o cerebro, tangido pelos insuccessos e desilluções; olhae sempre para frente— fortes e impavidos com a soberberia com que os rochedos recebem os embates das espumeferas ondas, recurvas, rumorosas.

Lembraí-vos de que sois filhos de uma Patria grande, feita por

Deus para gerar titans; baptizada pelo symbolo augusto da Cruz Redemptora, e engrandecida pelo patriotismo nobilitante dos Camarões, Negreiros e Henrique Dias.

Prolongada salva de palmas coroou as ultimas palavras do illustre orador.

Ninguem mais querendo usar da palavra o illustre presidente do Instituto encerrou a sessão agradecendo ao sr. Presidente do Estado ter-se feito representar e aos demais presentes á sessão e designou para a ordem do dia da sessão de assembléa geral a se realizar no dia 4, ás 19 horas — eleição de directoria.

— O sumptuoso salão de sessões achava-se caprichosamente decorado á flores maturaes, offertadas pelo distincto presidente honorario do Instituto dr. Archimimo Mattos.

— A banda de musica da Força Publica tocou até o inicio da sessão, cedida por nimia gentileza do sr. commandante dr. Octavio Araujo.

— Entre os presentes notava-se uma delegação da sociedade União dos Estivadores composta dos srs. Alcebides Romão Garrido, José Pereira de Souza, Arthur José da Silva, Elpidio Pinto de Freitas e Juvenal Netto.



Sessão de Assembléa Geral

ELEIÇÃO DA DIRECTORIA

Sob a presidencia do sr. desembargador Carlos Xavier, realizou-se a 12 de maio ultimo a sessão de assembléa geral, segunda convocação, tendo se procedido a eleição para a directoria que regerá o Instituto Historico no biennio de 12 de junho do corrente a igual data de 1929.

Presentes os srs socios : desembargadores José Batalha, Carlos Xavier e Cassiano Castello ; drs. Archimimo Mattos, Ceciliano Abel de Almeida, Araujo Primo, Aristoteles da Silva Santos e Arnulpho Mattos ; professores, Loren Reno, Heraclito Amancio Pereira e Aunon Sierra e pharmaceutico Adolfo Fraga ; fazendo-se representar, por procuração, os srs. desembargador O'Reilly de Souza e dr. Octavio Araujo, pelo sr. Adolfo Fraga ; professores padre Elias Tomasi e Adolfo Oliveira, pelo sr. Heraclito A Pereira ; professor Eduardo de Andrade e Silva, pelo dr. Arnulpho Mattos e professor Almir Gonçalves, pelo sr. Loren Reno, o presidente do Instituto iniciou os trabalhos dizendo dos fins daquella reunião de assembléa geral.

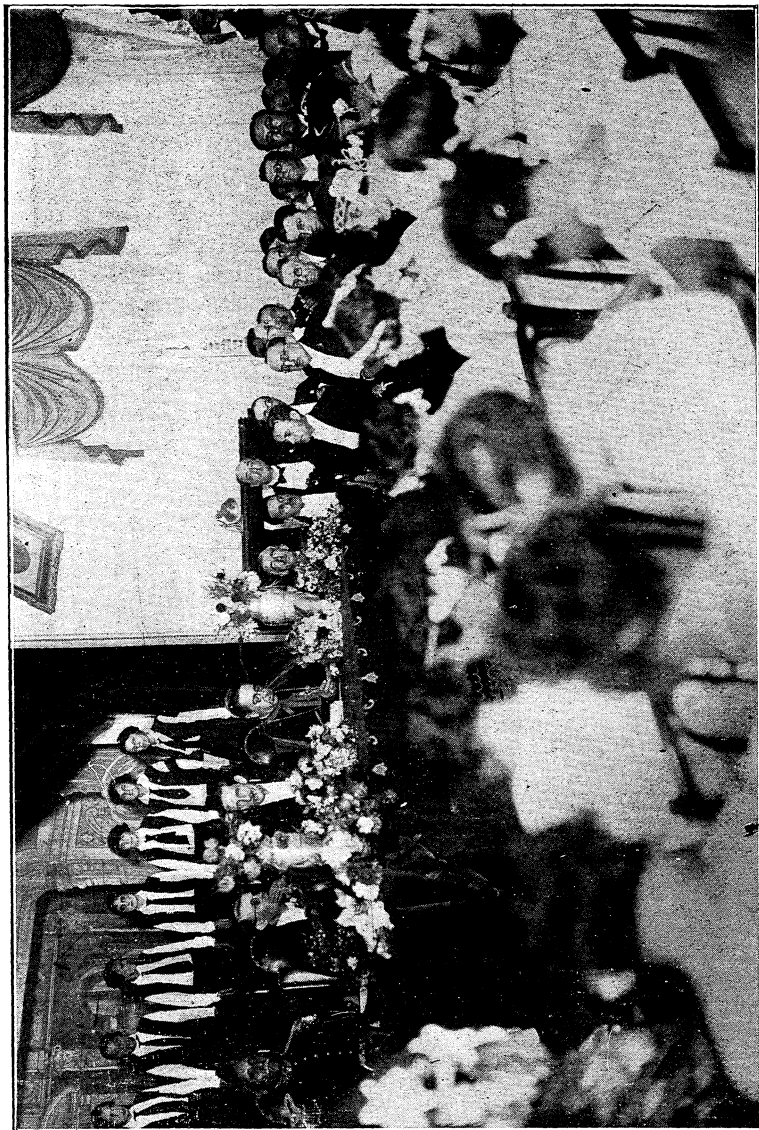
Com a palavra o dr. Archimimo Mattos, propõe que, uma vez que o Instituto é uma associação conservadora, siga-se, na presente sessão o mesmo criterio que nas que se tem reunido em identicas occasiões. Diz que todos os presidentes têm gerido os destinos do Instituto por dois biennios seguidos, assim é de parecer que o mesmo succeda desta vez, fazendo-se a reeleição do actual presidente desembargador Carlos Xavier.

O desembargador Carlos Xavier põe objecções a esse criterio, com a modestia que o caracteriza e passa a presidencia ao desembargador José Batalha, primeiro vice-presidente.

Com a palavra o dr. Aristoteles da Silva Santos, terceiro vice-presidente, propõe que se faça a aclamação de toda a directoria com exclusão do seu nome.

Essa proposta é recebida por uma vibrante salva de palmas, resalvando cada um dos actuaes membros da directoria o seu nome quando procedida a votação nominal.

Occupa, novamente a presidencia o sr. desembargador Carlos Xavier, sob entusiasticas palmas. Agradece muito reconhecido a prova de apreço e confiança que a assembléa vinha de demonstrar com a aclamação de seu nome e reeleição de toda a directoria.



**Aspecto da solenne collação de grão ás professorandas da «Escola Normal Pedro II»,
effectivada na vigencia da reunião do Oitavo Congresso Brasileiro de
Geographia, como uma homenagem aos srs. Congressistas.**

Diz que, como nos demais Institutos, propõe que o cargo de primeiro secretario seja perpetuo, como uma homenagem que considera justissima ao detentor do mesmo cargo, sr. Adolfo Fraga, que com estremo zelo e carinho vem servindo ao Instituto durante tres biennios seguidos, como seu primeiro secretario.

A assembléa recebe essa proposta sob palmas e o sr. Adolfo Fraga, em breves palavras, agradece essa subida distincção. Ficou, então, assim constituida a directoria do Instituto:

Desembargador Carlos Xavier, presidente; *Pharmaceutico Adolfo Fraga*, secretario perpetuo; *Professor Heraclito A. Pereira*, segundo secretario; *Doutor Alarico de Freitas*, orador official; *Doutor Arnulpho Mattos*, thesoureiro; *Desembargador José Batalha*, primeiro vice-presidente; *Desembargador Henrique O'Reilly de Souza*, segundo vice-presidente; *Doutor Aristoteles da Silva Santos*, terceiro vice-presidente.

Novamente, o desembargador Carlos Xavier propõe, de accordo com os Estatutos, os seguintes nomes para as commissões permanentes:

Admissão de socios: — Desembargador Henrique O'Reilly de Souza, drs. Antonio F. de Athayde, Alarico de Freitas, Oswaldo Poggi.

Fundos e Orçamento: — Drs. Argeu Monjardim, Jair Dessau-ne, Marcondes Junior e professor Adolfo Oliveira.

Historia: — Desembargador Cassiano Castello, drs. Archimimo Mattos, Araujo Primo e Thiers Vellozo.

Geographia: — Drs. Arnulpho Mattos, Aurino Quintaes, e professores Eduardo Andrade e Silva e Heraclito A. Pereira.

Ethnologia: — Desembargador José Batalha, drs. Ceciliano Abel de Almeida, Thomé Bezerra e professor Aunon Sierra.

Estatutos e Revista: — Drs. Ubaldo Ramallete, Archimimo Mattos, Arabello Lellis, pharmaceutico Adolfo Fraga e professor Elpidio Pimentel.

Essas propostas foram unanimemente approvadas.

O dr. Aristoteles Santos diz que embora em se tratando de uma assembléa para fim especial, julga não ser de mais propor seja lançado em acta um voto de profunda e sentida homenagem aos bravos aviadores Saint Roman e Nungesser.

Essa proposta foi unanimemente approvada.

O dr. Ceciliano de Almeida, justifica entusiasticamente a proposta que faz de ser lançado em acta um voto de louvor em homenagem aos bravos tripulantes do *Jahú*.

O desembargador José Batalha faz um addendo pelo qual fica o Instituto obrigado a telegraphar ao commandante do *Jahú* dando sciencia dessa deliberação da assembléa.

O sr. professor Aunon Sierra amplia as propostas para, dando-se a hypothese da chegada do *Jahú* a nossa capital o Instituto designar uma commissão para recebê-los.

O professor Heraclito Pereira completa essa ampliação da proposta dizendo dever o Instituto conferir ao commandante do *Jahú* o diploma de socio honorario, como se fez com os aviadores Gago Coutinho e Saccadura.

Todas as propostas com ampliações e addendos, foram approvadas.

O desembargador José Batalha communica a assembléa o fallecimento do socio effectivo professor Théophilo Paulino, pedindo seja inserto em acta um voto de profundo pezar pelo seu passamento. A proposta é unanimemente acceita.

O dr. Aristoteles Santos pede seja lançado em acta um voto de lembrança é memoria do grande jornalista Evaristo Ferreira da Veiga, por esta data lembrar a de 1837, quando elle desapareceu dentre os vivos.

O dr. Archimimo Mattos amplia essa proposta solicitando a assembléa permanecer de pé durante um minuto, em respeito a memoria do eminente homem de letras. A proposta e addendo são acceitos.

Dizendo o desembargador Carlos Xavier dos motivos porque o Instituto não podia, como de seu dever, commemorar a data de 13, dava a palavra ao sr. terceiro vice-presidente, dr. Aristoteles da Silva Santos, para falar sobre a mesma.

O dr. Aristoteles Santos, subindo á tribuna, discorre com proficiencia sobre os factos historicos que antecederam á aurora redemptora de 13 de maio.

Faz um estudo, em parallelo, entre os regimens monarchico e republicano.

Em arroubos de enthusiasmo refere-se ao momento politico economico actual.

Tece em torno á figura da princeza Izabel uma commovedora aureola de justissimas referencias, assim como em torno á figura gloriosa de Benjamin Constant.

O ardoroso orador termina em enthusiastica peroração á abolição.



PAGINA DE SAUDADE

Aos sete dias do mez de abril do corrente anno, perdeu o Instituto um dos seus distinctos associados, o provecto professor Theophilo Paulino da Silveira.

O distincto socio effectivo do Instituto, era filho do desembargador Henrique Jorge da Silveira e natural da capital bahiana, onde nasceu aos vinte e oito dias do mez de dezembro de mil oitocentos e cincoenta e oito.

Foi alumno da Escola Militar de Realengo, contando entre os seus contemporaneos o Marechal Hermes da Fonseca, General Argollo e Sezerdello Corrêa.

Sua vida publica no nosso Estado começou em 17 de outubro de 1888, quando foi nomeado professor de S. Pedro de Alcantara de Itabapoana. Successivamente occupou cadeiras no magisterio de Benevente e S. Matheus.

Como chefe de medições de terras serviu, durante algum tempo no Estado do Paraná.

Como tabellião esteve no municipio do Espirito Santo do Rio Pardo.

Advogou nos fóros das comarcas de Rio Pardo, Itapemirim e Rio Novo.

Tornou, novamente, ao magisterio em 15 de agosto de 1908, sendo nomeado professor em Itapemirim. Em 23 de agosto de 1912, occupou o cargo de Inspector Escolar, sendo nomeado professor do Grupo Escolar «Gomes Cardim», a 22 de Junho de 1913, donde foi removido para o cargo de director do Grupo Escolar «Bernardino Monteiro», em 12 de abril de 1915.

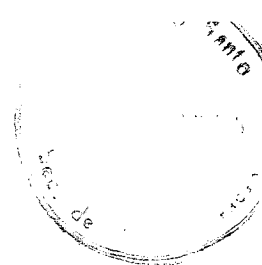
Em 31 de janeiro de 1920 foi nomeado lente de mathematica da Escola Normal «Pedro II», cargo em que se aposentou aos 6 de abril de 1922.

Em todos esses cargos o nosso saudoso consocio demonstrou proficiencia e illibado criterio.

A «Revista», pranteando o passamento desse distincto socio do Instituto, aqui consigna um preito de homenagem á sua memoria.

Pela «Commissão de Revista»,

ADOLFO FRAGA.



O sr. primeiro secretario do Instituto
e membro da «Commissão de
Estatuto e Revista, o pharmaceutico
Adolfo Fraga a quem foi
confiada, ainda uma vez, a organi-
sação e revisão da Revista.»

INSTITUTO HISTORICO

O Instituto está constituído, presentemente, dos seguintes socios :

SOCIOS FUNDADORES: Dr. Manoel dos Santos Neves, dr. Bernardino de Souza Monteiro, dr. Affonso Claudio de Freitas Rosa, dr. Marcondes Alves de Souza Junior, dr. Arthur Lourenço de Araujo, Primo, dr. J. J. Bernardes Sobrinho, dr. José Espindula Batalha Ribeiro, dr. Henrique O'Reilly de Sousa, dr. Padre Elias Tommasi, Luiz da Fraga Santos, prof. Adolpho Fernandes de Oliveira, dr. Lourenço Freitas Barbosa, dr. Marcilio de Lacerda, prof. Eduardo de Andrade e Silva, dr. Arnulpho Matto, dr. João Lordello dos Santos Souza, dr. Antonio Gomes Aguirre, phco. Adolfo Fraga, dr. Aristoteles da Silva Santos, dr. Archimimo Martins de Mattos, dr. Antonio Francisco de Athayde, dr. Carlos Xavier Paes Barretto, João Calmon Adnet, dr. Levino de Hollanda Chacon, prof. Elpidio Pimentel, dr. Carlos Sá, dr. Americo Coelho, General Andrade e Silva, dr. Manoel Monjardim, phco. Wlademiro da Silveira, dr. Argeu Monjardim, dr. Eurico Aguiar, dr. Arabello Lellis, dr. Ubaldo Ramalhetes Maia, dr. capitão Octavio Araujo, dr. Aurino Quintaes, prof. Aunon Sierra, dr. Aristeu Aguiar.

SOCIOS HONORARIOS: Dr. Florentino Avidos, Genoral Candido Mariano da Silva Rondon, Barão de Ramiz Galvão, Conde de Affonso Celso, dr. Clovis Bevilacqua, dr. Max Fleiss, Comte. Thiers Thierming, dr. Pedro Celso, dr. Rocha Pombo, Conde de Jeronymo Monteiro, dr. Bruno Lobo, dr. Sá Vianna, dr. Mario Mello, dr. Oliveira Lima.

SOCIOS EFFECTIVOS: Dr. Cassiano Cardoso Castello, D. Benedicto Alves de Souza, dr. Alarico de Freitas, prof. Heraclito Amancio Pereira, dr. Moacyr Monteiro Avidos, dr. Luiz Adolpho Thiers Vellozo, dr. José Antonio Lopes Ribeiro, dr. Manoel Pimenta, dr. Attilio Vivaqua, dr. Francisco Gonçalves, dr. Josias Soares, dr. Christiano de Andrade, dr. Jair Dessaune, dr. Thomé Bezerra, dr. Fernando Rabello, dr. Oswaldo Poggi, dr. Ceciliano Abel de Almeida, dr. Jair Tovar, dr. Walter Siqueira, dr. Oscar Faria Santos, cel. Alziro Vianna, dr. Henrique Wanderley, dr. Paulo Americo Silvado, dr. Mario Imperial, prof. José Dias da Cunha, dr. Aristeu Portugal, Padre Luiz Claudio de Freitas Rosa, dr. Augusto Lins, phco. Nilo Amancio Pereira.

SOCIOS CORRESPONDENTES: Dr. Eusebio de Souza, dr. Antonio de Araujo Aguirre, dr. Carlos Gonçalves, dr. Mario da Veiga Cabral, sr. Elpidio Boamorte, sr. Levino Fanzeres, dr. Bernardino de Souza,

dr. Coriolano de Medeiros, dr. Sebastião Barroso Nunes, dr. Honório de Souza Silvestre, dr. Afranio Peixoto, dr. Virgílio A. Corrêa Filho, D. Helvecio Gomes de Oliveira, D. Manoel Gomes de Oliveira, dr. Elysio de Carvalho, dr. Adhemar Grijó, dr. Mario Freire, Comd. Candido Costa, dr. José de Freitas Bastos, dr. Theodoro Sampaio, dr. Flavio Maroja, dr. Matheus Oliveira, desembargador José Arthur Boiteux.

SOCIOS FALLECIDOS : Dr. Moniz Freire, desembargador Francisco de Paulo Mendes Wanderley, dr. Deocleciano de Oliveira, prof. Amancio Pereira, dr. Jonas Montenegro, dr. Luiz Jouffroy, prof. Aristides Brasiliano de Barcellos Freire, publicista Francisco da Silva Rufino e professor Theophilo Paulino da Silveira.

ADOLFO FRAGA

1º SECRETARIO

